**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**
**DEPARTAMENTO DE PÓS GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

RICARDO ANTONIO FIDELIS DE LIMA

# ***DE IRA* DE SÊNECA**
# TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS

SÃO PAULO
2015

RICARDO ANTONIO FIDELIS DE LIMA

# *DE IRA* DE SÊNECA
TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Filosofia.**

**Orientador: Prof. Dr. Mário Miranda Filho.**

SÃO PAULO
2015

*Matri*
*patrique*

FOLHA DE APROVAÇAO

LIMA, R. A. F. *De Ira* de Sêneca: Tradução, Introdução e Notas. 2015. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

São Paulo, __ de _____ de 2015

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Mário Miranda Filho
Orientador

_____

Prof. Dr. José Eduardo S. Lohner
Examinador

_____

Prof. Dr. Luizir de Oliveira
Examinador

## AGRADECIMENTOS

A realização dessa dissertação não teria sido possível sem o apoio de muitas pessoas às quais devo sinceros agradecimentos.

Gostaria de agradecer primeiramente ao Prof. Dr. Mário Miranda Filho que, ao tomar conhecimento do projeto apresentado, aceitou o desafio que seria trabalhar a obra de Sêneca, dando as orientações cabíveis e necessárias.

Agradeço ao Prof. Dr. Luizir de Oliveira grande incentivador e doador da obra de Fillion-Lahille, que serviu de inspiração para este difícil certame.

Ao Prof. Dr. José Eduardo pelas enormes contribuições bibliográficas, como também pelas dicas trocadas por e-mail e pessoalmente quando possíveis.

Às Profs. Dras. Rachel Gazolla e Marly Matos pelas observações pertinentes na qualificação.

Aos amigos (as) Ana Maria, Augusto Matias, Camilo Cassoli, Luan Linhares, Paulo Sérgio, Flávio Braçarroto, Rafael Mattoso pelo incentivo, encorajamento e força quando necessários.

Agradeço também a Maria Helena, Geni, Mariê e Luciana, da Secretaria do Departamento de Filosofia, pelo eficiente apoio nas questões burocráticas da USP.

Ao meu Pai Oxalá.

# RESUMO

LIMA, Ricardo. *De Ira* de Sêneca: Tradução, Introdução e Notas. 2015. 238 folhas. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Filosofia. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.

**Resumo**: O nosso trabalho consiste na tradução e no estudo do *De Ira* do filósofo estoico e político romano Lucio Anêu Sêneca. A obra é endereçada ao seu irmão Novato que, supostamente, o indaga como conter essa paixão. Assim, nos 3 livros, o filósofo apresenta a gênese dessa paixão e os males causados por ela para, por fim, apresentar meios para extirpa-la da alma. A defesa dos ensinamentos do Estoicismo ecoa explicitamente nos diversos exemplos dados pelo filósofo quando contraposta com as demais escolas filosóficas da época. Assim, a ira é tratada como a paixão mais danosa dentre todas as paixões do homem.

**Palavras-chave**: ira, Estoicismo, paixões, alma, Sêneca.

**ABSTRACT**

LIMA, Ricardo. *On Seneca's wrath: Translation, Introduction and Notes*. 2015. 238 pages. Dissertation (Master's Degree) - School of Philosophy, Languages and Literature and Human Sciences. University of São Paulo. São Paulo, SP, Brazil.

**ABSTRACT**: Our dissertation consists in the translation and study of De Ira from the Stoic philosopher and Roman politician Lucious Annaeus Seneca. The book is addressed to his brother Novato who supposedly inquires him how to restrain this passion. Thus, in three books, the philosopher presents the genesis of that passion and the evils caused by it to finally introduce ways to extirpate it from the soul. The defense of the Stoicism's teachings explicitly echoes in several examples given by the philosopher when contrasted with other philosophical schools of the time. So wrath is treated as the most damaging passion among all human passions.

**Keywords**: wrath, Stoicism, passions, soul, Seneca.

## OBSERVAÇÕES SOBRE O TEXTO LATINO E A TRADUÇÃO

Utilizamos o texto latino da coleção Loeb Classical Library, Moral Essays, V.1, pela edição inglesa de J. W. Basore, da Harvard University Press, edição de 1979. Cotejamos a nossa tradução com diferentes traduções, a saber, Les Belles Lettres, edição francesa de 1942, tradução de A. Bourgery; Seneca Tutte le Opere, edição italiana de 1999, tradução de Roberto Radice;

Na tradução mantivemos a palavra "ira", por ela ser tradicionalmente utilizada como termo técnico denominador dessa afecção da alma e não ódio, raiva ou cólera, paixões específicas que derivam da ira, segundo a tradição estoica.

Valeu-nos o trabalho de Giovanni Cupaiuolo, *Introduzione al De Ira di Seneca*, de 1979, onde ele realizou pertinentes análises da obra recorrendo aos mais diversos respeitados especialistas do estoicismo; de Fillion-Lahille utilizamos o *De Ire de Sènéque et la philosophie stoicien de la passion* onde ela percorre por diversos pensamentos dos estoicos antigos e dos comentadores da Stoá a fim de realizar uma análise bem acurada do *De Ira*. Estudiosos consagrados do estoicismo como Pohlenz, Goldschmidt e Hadot foram fontes de pesquisa quando as dúvidas pareciam insolúveis.

**SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO..... 09

A QUESTAO DO DESTINATÁRIO.....14

REFERENCIAIS HISTÓRICOS: DESTINATÁRIO DO TRATADO..... 14

PERÍODO DE COMPOSIÇÃO DO *DE IRA*..... 17

ESTRUTURA DA OBRA: AS DIVISÕES DO LIVRO..... 20

TÓPICOS RELEVANTES À FILOSOFIA ESTOICA ANTIGA..... 23
I - A DIVISÃO DA FILOSOFIA..... 25
II - AS PAIXÕES..... 27
III – A ALMA..... 30

AS POSSÍVEIS FONTES DE INSPIRAÇÃO DO DE IRA DE SÊNECA:
INSPIRAÇÃO ESTOICA..... 31

INSPIRAÇÕES DE OUTRAS ESCOLAS: PERIPATÉTICOS E EPICURISTAS

PERIPATÉTICOS..... 35

EPICURISTAS..... 37

TEXTO LATINO E TRADUÇÃO..... 39

LIVRO I ..... 39

LIVRO II..... 84

LIVRO III..... 152

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 223

# INTRODUÇÃO

Lucius Anaeus Sêneca nasceu no ano 4 de Augustus, na cidade de Córdoba, na Espanha, cidade que pertencia à província de Bética que fora conquistada pelos romanos, dando a cidadania a todos que lá habitavam. Seu pai dá-lhe o próprio nome, mesmo sendo segundogênito, e se muda para Roma com a família com o propósito de oferecer uma boa educação ao filho. Sêneca teve como primeiro formador o filósofo pitagórico Sócion. Com ele aprendeu sobre o destino do homem e a purificação pelo regime vegetariano, preceitos *mui caro* ao Pitagorismo, como Sêneca relembra na Carta a Lucílio 108, 17-22. Seguidamente o cínico Demétrio, a quem os estoicos concordavam, como noticia Gazolla[1], "com a leitura que tinham da physis-nómos, sem deslocamento um do outro". Por fim, os últimos formadores que o nosso filósofo teve na juventude foram os estoicos Papírio Fabiano e Átalo. De Papírio o nosso filósofo pegou um certo gosto pelos fenômenos naturais[2]: de Átalo, o mais importante, como ele relembra, sempre que possível, em suas obras, aprendeu os ensinamentos da Stoá em relação à liberdade moral, como também aprendeu a distinguir entre erudição vazia e o conhecimento que pode ser aplicado na vida moral do indivíduo.

Aos vinte anos de idade, Sêneca começa a desempenhar algumas funções que preparam aquele que deseja a vida senatorial, como ele relata a Lucílio na Carta 108, 15. A sua saúde não era muito boa, forçando-o a se retirar para o Egito em busca de tratamento, indo morar com a tia materna. Em Alexandria, capital cultural do Império, ele tem contato com diversos mitos religiosos e políticos e com a ciência peculiar daquele povo, como também vivencia a tentativa de compreender os mitos egípcios à luz das filosofias helenísticas; também nesse período ele tem contato com a filosofia de Fílo, o hebreu, que tentava estreitar a relação razão e fé, - antecedendo a Patrística -, a relação entre o *logos* humano que impulsiona o homem à busca de Deus, e o *Logos* divino que se comunica com o homem. Fílo utiliza bastante da filosofia estoica para embasar muitas de suas ideias.

Em 31 d.C., Sêneca retorna a Roma[3], onde tem início sua vida pública, ele

---

[1] OLIVEIRA, L. *Sêneca: uma vida dedicada à filosofia.* Sao Paulo: PAULUS, 2010. P. 10.
[2] Inspirando Sêneca a escrever *Naturalis Quaestiones*.
[3] Em *Ad Helviam Matrem De Consolatione* 19, 4 Sêneca relata quão foi difícil o retorno por causa de uma tempestade que acabou por matar o seu tio.

desenvolve atividades no campo da política e forense até 41 d.C., ano do início do exílio. Em 33 d.C., ocupa o cargo de questor, primeiro degrau na política da Roma antiga, alcançando outras funções naquele decênio. Os ensinamentos estoicos apreendidos de seus últimos mestres não são deixados de lado nesse período, permeando discretamente no seu agir. A sua primeira obra dessa fase é *Ad Marciam De Consolatione*, onde ele escreve à Márcia, filha do senador Aulo Cremuzio, para tentar confortá-la pela morte prematura de seu filho Metílio. Os passos percorridos pelo senado possibilitaram-no acumular muito dinheiro, honra e sucesso, como ele relata na referida Consolação 5, 4. Conquistou muitos amigos e admiradores, mas também invejosos em decorrência de sua eloquência. Essa *Consolatio* foi escrita na época de Calígula, não representando uma escrita de cunho político direto, mas fazendo ecoar a reprovação à tirania, à falta de liberdade e de expressão no império, resultados do caráter esquizóide do imperador. A mudança que se deu no seu comportamento, levando, todos a um estado constante de medo e incerteza, foi fruto do desprezo que Calígula cultivava pela política. Sêneca escapou da morte graças à intervenção de uma favorita do imperador que notou a saúde frágil do filósofo, não lhe dando muito mais tempo de vida[4].

No ano de 41 d.C., Messalina, esposa do imperador Cláudio, prevendo que Sêneca poderia atrapalhar suas ambições, tratou de conspirar contra ele, armando uma falsa acusação de adultério com Livilla, sobrinha de Cláudio que ele chamou do exílio imposto por Calígula. O clã de Messalina temia a influência de Sêneca no Senado por causa das constantes críticas desferida à concentração de poder da *domus* imperial. Messalina conseguiu convencer Cláudio acerca do adultério e o influenciou na decisão do exílio dos acusados. O filósofo contava com quarenta anos de idade e fazia apenas dez anos que havia retornado à vida pública romana. Na Córsega, Sêneca passou 8 anos em uma terra inóspita, selvagem e de clima insuportável, como ele relata na sua primeira obra durante o exílio, *Ad Helviam Matrem De Consolatione,*[5] onde ele escreve a fim de consolar sua mãe diante do sofrimento do exílio. Durante esse tempo, poderemos dizer, que a filosofia, que ele tanto pregou para o serviço do bem comum e do Estado, lhe serviu para suportar a desventura sofrida, reavivando as ideias da juventude que tanto o entusiasmou.

*Ad Polybium De Consolatione* é a segunda obra durante o exílio. Escrita

---

[4] Cf. Dione Cassio 59, 19, 7; Cartas a Lucílio 78, 6.
[5] Helvia 2, 5.

em 43 d.C., Sêneca exorta ao liberto de origem grega e que bastante influência tinha sobre Cláudio, - porque ele era o encarregado das cartas suplicantes endereçadas ao imperador, exprimindo o seu parecer que, na maioria das vezes, era determinante - a aceitar a morte do irmão. Mas a consolação também foi escrita com o intento de suplicar clemência junto ao imperador, pois o exílio já estava cansando o filósofo, como ele mesmo relata a Políbio: "Escrevi estas coisas como pude, com a alma já gasta e enfraquecida por uma longa ociosidade".[6] Sêneca também, com o intuito de voltar a Roma, tece elogios à administração de Cláudio e sua benevolência junto ao povo,[7] diferentemente de seu antecessor, recordando na carta, diversos feitos de crueldade de Calígula. Tal intuito falhou e as súplicas de Sêneca não foram ouvidas. A reviravolta acontece quando Messalina faz assassinar Políbio insurgindo os libertos da *domus* imperial que dão fim à sua vida. Tal situação beneficia Sêneca, uma vez que Cláudio esposa sua sobrinha Agripina e esta intercede pelo filósofo.

Ainda no exílio, uma vez que falhou a tentativa de súplica, Sêneca escreve o *De Ira*. A obra, que suscitaremos algumas questões mais adiante, é a mais peculiar do período do exílio. Escrita inicialmente para responder a uma indagação de seu irmão, Sêneca dá ao mundo latino algo que os primeiros estoicos não o fizeram: tratar diretamente das paixões, principalmente a ira. Os dez anos de vida pública forneceram muitos substratos para sua confecção, pois, nos três livros, vemos exemplos de tiranias dos imperadores movidos pela ira, acusações infundadas motivadas pelo poder, destruições de cidades inteiras, como também dos fatos históricos que ele se utiliza para embasar suas ideias. É inegável que estar exilado sem ter culpa influenciou bastante na redação de *De Ira*, uma vez que ele próprio foi vítima de conspiração e pagou um alto preço no auge de sua carreira política. Pariforme a isso, Sêneca trata da ira à luz da ética estoica, onde não reside nada de natural nas paixões e tampouco de útil. No caso da ira, referenciando personagens iradas que grande mal fizeram a si, ele demonstra que a ira desequilibra totalmente o homem, e consequentemente os demais.

Na primavera de 49 d.C., Cláudio casa-se com Agripina. No ano seguinte, Agripina convence o imperador a adotar seu filho do primeiro casamento, Domizio Enobarbo, futuro Nero, mais velho do que Britânico, filho legítimo de Cláudio, tornando-se o primeiro na linha sucessória. Agripina encarrega Sêneca de ser o

---

[6] A Políbio XVIII, 9.

[7] Após à morte de Cláudio, Sêneca publica uma sátira, *Apocolocintose do Divino Cláudio*, onde trata o imperador de tolo e sanguinário, criticando a sua administração.

preceptor de seu filho, mas o proíbe de ensinar filosofia.[8] Por cinco anos, o filósofo se empenhou em fazer nascer uma consciência da importância da função que o jovem desempenharia no futuro. Com a morte de Cláudio em 54 d.C., Nero assume o império. O discurso de coroação proferido no Senado foi tido como um excelente 'plano de governo', visto tamanha lealdade e serviço ao Estado e ao povo romano. Naquela ocasião, todos os presentes sabiam que as palavras proferidas eram do filósofo. Os senadores presente, como noticia Díon Cássio,[9] decretaram que o "discurso deveria ser cunhado em prata para ser lido por todos os futuros coroados". O chamado *Quinquennium Neronis*, de 54 a 59 d.C., é lembrado como os cinco anos mais felizes do império, uma vez que o discurso de coroação foi posto em prática de maneira orgânica. Tácito[10] lembra que Sêneca, na investidura do imperador pelo senado, ratificou que ele "não seria o juiz único de todos os negócios, e que a *domus* não é a sede do governo", contrariando as intenções de Agripina[11] de ter tudo sobre controle.

Entre 55 e 56 d.C., Sêneca escreve o *De Clementia*, tido como um manual ético-político dos novos tempos e o dedica a Nero. A obra é um aprofundamento do discurso proferido na coroação diante do Senado, ressaltando que, dentre as virtudes que o imperador deveria ter, a mais importante seria a clemência, a fim de que ela inspirasse medida e força nas ações de governo. Ele mostra, dentre vários exemplos, atitudes de príncipes bons e tiranos, como discorre sobre os seus nomes. Dentre os tiranos, Sêneca relembra Tibério, Calígula e Cláudio; dentre os bons, o primeiro é Augusto. Um ponto importante que exige que se ressalte é a conciliação do imperativo da consciência com as reais necessidades que frequentemente abatem o império e o imperador. Porque, até que ponto Nero foi fiel ao seu juramento, e até que ponto fez-se necessária a morte de Agripina para salvaguardar o império? Não foi tarefa fácil para Sêneca a acusação de que ele haveria instigado o imperador para eliminar a sua mãe e, diante disso, manter-se calado e ir tentando, aos poucos, restabelecer a ordem.

A mudança de governo que Nero empreendeu de 59 a 62 d.C., preocupou profundamente o filósofo, pois o imperador estava obcecado em duas coisas: dar muitas festas e donativos com o intuito de apagar da memória dos romanos o matricídio,

---

[8] Tacito, *Annales* 13, 2; Sventonio, *Nero* 52.
[9] Díon Cassio, Roma história. 61, 3.
[10] Annales, 13, 4.
[11] Tácito lembra que o caráter de Agripina era de quem 'ardia de todas as ambições de um mal em potência'. (Annales, 13, 2). Ela, desejosa de agradecimentos infinitos da parte do filho por ter lhe dado o império, reclamava maior participação na decisões, coisa que, se houvesse acontecido, as mudanças significativas não teriam surtido efeitos. Vingativa, insinuou que espalharia pelo império que a morte de Britânico teria sido obra de Nero. A fim de salvaguardar o seu trono, decide matar a mãe, ocasionando um problema maior: como não ser destituído pelo crime de matricídio?

onerando assim o erário do Estado, e a sacralização de sua pessoa, ideia fixa que, como noticia Tácito,[12] ele se encontrava "agitado das imaginações oriental e egípcia". A preocupação do filósofo era que, uma vez que ele vivenciou a cultura egípcia por seis anos, a sacralização de Nero perpetuasse o nepotismo. As práticas e decisões contrárias ao estado de direito tornaram-se frequentes, minando o tempo do bom governo. Em 62 d.C., Sêneca decide se retirar da vida pública até que Nero voltasse à razão, começando um momento profícuo de sua vida filosófica, pois escreve algumas obras, tendo como destaque a *Epistulae ad Lucilium*.

Em 65 d.C., foi descoberta a conjuração contra Nero orquestrada por Pisão. Sêneca, que no momento estava numa vila distante de Roma, foi acusado de participar da conspiração juntamente com o seu sobrinho Lucano. Nero ordenou a sua morte e um centurião foi enviado para anunciar a decisão do imperador. Sêneca pede ao centurião para inserir em seu testamento os dois amigos que permaneceram junto a ele naquele momento. Diante da negativa o filósofo, como noticia Tácito,[13] voltando-se a eles apenas diz: "vos deixo somente o que me resta, e que é a mais bela: vos deixo a imagem da minha vida". Assim, Sêneca pôs termo à sua vida.

[12] Annales, 15, 36.
[13] Ibid. 15, 62, 1.

# A QUESTÃO DO DESTINATÁRIO

A proposta inicial em tentar refletir acerca do destinatário do *De Ira* de Sêneca exige que façamos digressões dentre as mais diversas hipóteses a fim de chegar a certa clareza. O campo das hipóteses é terreno duvidoso, e permite que sejam considerados, às vezes, argumentos não tão válidos à maioria, mas tão somente para aquele autor que proponha debater a partir de um fio condutor de um determinado dado, de uma hipótese qualquer. Sempre há um interesse em saber por qual motivo esse ou aquele filósofo escolheu um tema sobre o qual refletir. Não estando explícito, surgem dúvidas e hipóteses que suscitam infinitas questões sobre a sua intenção. No caso da obra escolhida neste trabalho, não chega a ser um problema filosófico saber se o destinatário realmente foi Novato, não alterando em nada o intuito da obra. Por se tratar de um autor antigo, deve-se ter em mente o contexto no qual ele estava inserido a fim de entender determinadas reticências que abarcam o seu *De Ira*. Se Novato foi ou não o verdadeiro destinatário, poderemos esclarecer essa questão suscitando hipóteses, baseadas em alusões e fatos contidos na obra, a fim de saber o por que de Sêneca escrever uma de suas primeiras obras filosóficas a tratar das paixões, principalmente da ira. Para tanto, trabalharemos com alguns argumentos que defendem as teses sobre ser ou não Novato o verdadeiro destinatário.

## 1. REFERENCIAIS HISTÓRICOS

### 1.1. DESTINATÁRIO DO TRATADO

Não é de comum acordo entre os estudiosos a questão acerca do destinatário real do *De Ira* de Sêneca.[14] O *De Librorum quos scripsit Seneca De Ira compositione et origine*, de Richard Pfenning, passagem obrigatória no início do século XX a todos que pretendessem estudar as obras de Sêneca, não faz referência nem ao destinatário nem a data de composição, dando maior atenção às possíveis fontes de inspiração para ele compor sua obra.[15] Gustav Allers,[16] respeitado estudioso do século XIX, debruçou-se também mais na questão das possíveis inspirações do que no

[14] Tais como: A. Bourgery, *Introduction au De ira*. Belles Lettres, 1940; G. Cupaiuolo, *Introduzione al De ira di Seneca*. Napoli, 1975; M. Giusta, *I Dossografi di ética*, Turin, 1964.
[15] Não nos aprofundamos na leitura de Pfennig por ter obras mais recentes na atualidade com dados mais precisos.
[16] *De L. A. Senecae Librorum De Ira Fontibus*, 1881.

interesse de Sêneca em tratar da ira, uma vez que os antecessores da escola estoica o fizeram sobre as paixões de um modo geral,[17] não se limitando particularmente à ira.[18]

No exórdio[19] '*Exegiste, a me, Novate, ut scriberem quemadmodum posset ira leniri'* há uma indicação de que *De Ira* foi escrito a fim de responder à indagação feita a Sêneca por seu irmão mais velho, Novato.[20] Assim, torna-se clara a intenção da obra: em primeiro plano, de responder ao desejo do irmão em saber como conter, aplacar ou dominar a ira; em segundo plano, de tornar pública uma terapêutica para conter essa paixão. Poderíamos, então, dar por solucionada a questão que envolve tanto o destinatário da obra, quanto o motivo de Sêneca tê-la escrito. Porém, diferentemente de outras obras de sua autoria, *De Ira* não tem subtítulo, o que dificulta entender o real motivo de sua composição.

A seguir, analisemos, brevemente, alguns pontos: de fato a obra foi destinada a Novato? Essa indagação existiu ou foi apenas um pretexto que Sêneca encontrou para tratar de um tema tão caro aos antigos[21] e enviar um recado ao verdadeiro destinatário? - a dúvida acerca do destinatário, se dá, visto Novato ter a fama de possuidor de um temperamento calmo, doce, decidido, tranquilo, afável, amante da arte e da poesia, como nos atestam Columella e Stazio.[22] Apesar das poucas informações que possuímos sobre sua vida, Sêneca dedica-lhe também o *De Vita Beata* e *Remediis Fortuitorum,*[23] citando-o, ainda, no *Ad Helviam,*[24] *Naturales Quaestionem*[25]

---

[17] Para saber mais sobre o que trataram os antigos estoicos, vide o *Stoicorum Veterum Fragmenta* de von Armin, onde estão reunidos os poucos fragmentos e várias doxografias dos antigos estoicos, uma vez que, a maioria dos seus escritos se perderam no tempo.

[18] Essa é a primeira obra de Sêneca que trata diretamente das paixões, principalmente a ira. Gazolla noticia alguns exemplos de paixões que dao origem a partir do desejo: Andrônico de Rodes, comentando o *Peri Pathos* de Crisipo, diz existir 25 espécies de desejo: 1. *Orge* (cólera) é desejo de vingar-se contrariamente ao que convém, daquele que parece ter sido ingrato; 2. *Thymos* é uma cólera em seu início; 3. *Cholos* é uma cólera que entumesce; 4. *Pikria* é uma cólera de súbito irrompida; 5. *Menis* é uma cólera inveterada e ressentida; 6. *Kotos* é uma cólera à espera de uma vingança; 7. *Eros* é o desejo de união corpórea; a) Outros *Eros*: o desejo de amizade; b) Outros *Eros*: (serviço aos deuses na ordenação dos templos e dos belos objetos) ao qual chamam impulso de fazer amizade devido à beleza aparecida; 8. *Hímeros* é o desejo de ter relações com o amigo ausente; 9. *Pothos* é o desejo do amado ausente; 10. *Dysmeneia* é a má intenção perseguidora e malfeitora; 11. *Dysnoia* é o desejo de ser mal a alguém por causa dele mesmo; 12. *Hapsikoria* é o desejo que logo se satisfaz; 13. *Rhipsophtalmia* é a rapidez em ver a coisa desejada; 14. *Spanis* é o desejo inacabado; 15. *Trachytes* é o desejo caprichoso (anômalos); 16. *Eris* é o desejo de afrontamento maléfico; 17. *Prospatheia* é o desejo escravizado; 18. *Philedonia* é o desejo desmesurado de prazeres; 19. *Philochrematia* é o desejo desmedido de dinheiro; 20. *Philotimia* é o desejo desmedido de honras; 21. *Philozoia* é o desejo ilógico de vida; 22. *Philosomatia* é o desejo, além do conveniente, da boa disposição do corpo; 23. *Gastrimargia* é o desejo desmedido de alimentos; 24. *Oinophlygia* é o desejo insaciável de vinho; 25. *Lagneia* é o desejo desmedido de copulação. R. GAZOLLA, O Ofício do filósofo estoico. PAULUS, 1994, p 65.

[19] *De Ira* I 1,1.

[20] Mais tarde, adotará o nome de Júnio Galião. Também não possuímos informações precisas sobre sua vida.

[21] A ira é, desde os tempos antigos, o tema mais recorrente das literaturas. Basta ver a Ilíada de Homero, a guerra do Olimpos, a fúria de Medeia, a Guerra de Tróia e tantos outros personagens que a história imortalizou-os pelos seus feitos sob o julgo desta paixão.

[22] Lúcio Júnio Moderato, de alcunha Columella, foi escritor agrônomo romano, tribuno na Sîria e soldado do exército romano por algum tempo. Amigo de Sêneca solicitou que Novato escrevesse o verso X do livro *De re rustica*. Públio Papinio Stazio poeta romano.

[23] Ao período que Sêneca dedica-lhe tais obras, Novato já adotara o nome de Júnio Galião. Mais adiante esta informação servirá para datar o período ou ano de composição do *De Ira*.

[24] *Ad Helviam* 18, 2-3.

[25] *Naturales Quaestionem* IV Praef. 10-12.

e *Epistulae Morales ad Lucilium.*[26] Com isso, percebemos que o filósofo tinha grande estima e admiração por ele,[27] sendo impossível concebê-lo como um homem iracundo e volúvel às paixões. Sabe-se também que Novato teve como mestre Júnio Galião,[28] que o fizera ocupar diversos cargos na carreira política, chegando a ser procônsul em Corinto na época do processo contra o apóstolo Paulo de Tarso. Não se pode compreender precisamente a razão pela qual Sêneca dedicaria uma obra que trata da ira e de sua terapia, uma vez que havia dedicado-lhe duas obras com temas tão diferentes. Cupaiuolo[29] se questiona acerca de um possível nexo entre a obra e o destinatário.[30] Levando-se em consideração o temperamento de Novato descrito anteriormente, como seria possível dedicar-lhe uma obra sobre um vício tão danoso? Será mesmo que a indagação que Novato faz a Sêneca é real, ou foi o meio que o filósofo encontrou para não enviar direto ao verdadeiro destinatário? Ou Novato queria conhecer um meio para conter a ira, não sendo ele mesmo inclinado a essa paixão, mas um apaixonado por conhecer as coisas? Ou simplesmente, com essa indagação, Novato quisesse uma resposta de Sêneca a fim de oferecer ajuda àqueles que sofrem dessa paixão.

Não sendo Novato o verdadeiro destinatário, há de se pensar na figura de Calígula,[31] de quem, sempre que possível, em suas obras, Sêneca evocava o seu caráter inclinado à ira.[32] No entanto, por questões cronológicas, a partir de certos indícios, percebe-se que a obra foi escrita *post mortem* do imperador.[33] Um outro indício aponta para o imperador Cláudio,[34] tio de Calígula, que também era inclinado à ira,[35] chegando a acusar-se publicamente com um édito nos anos iniciais de seu governo. Não poderemos afirmar o que motivou o imperador Cláudio a promulgar o édito, mas questionamos a possibilidade do *De Ira* ter-lhe causado um grande incômodo, uma vez

---

[26] *Epistulae* 104, 1.
[27] Para se aprofundar no assunto, recomendamos a obra de L. Castiglioni. *De ira*. (Lezioni nell'anno accademico 1959-1960). Milano, 1960.
[28] Pouco se sabe sobre sua vida. Também é natural da Espanha como a família Aneo. Foi reitor, declamador e orador célebre. Amigo de Sêneca pai e Ovídio, entra no senado durante o reinado de Augusto, tendo sido exilado por Tibério na ilha de Lesbo. (cfr. R. Syme, La rivoluzione romana. Trad. Ital. de M. Torino, 1962).
[29] CUPAIUOLO, op. cit., p.8.
[30] É de recordar que, para um estoico, tratar sobre as paixões é coisa completamente normal, uma vez que a Escola ensinava que para alcançar a virtude é preciso que o espírito se liberte delas. Assim, poderemos inferir que Sêneca se sentia livre para discorrer sobre qualquer assunto com o seu irmão, sempre à luz do Estoicismo.
[31] Caio Júlio César Augusto Germânico, também conhecido como Calígula, foi imperador romano de 37 d.C. a 41 d.C. Ele não nutria admiração pelo filósofo. Dizia que suas obras eram *harenam sine calce* ou apenas *commissiones*.
[32] Cf. Sobre o vício de Calígula e sua crueldade no *De ira* I 20, 8-9; II 33, 3-6; III 18, 3-4; 19, 1-5, 21, 5; *Ad Helviam*. 10, 4; *Ad Polibium* 13, 4; 17, 3; 36; *De Tranquilitate animi* 14, 4-10; *De brevitate vitae* 18, 5-6; *De constatia sapientia* 18, 1-4; *Naturales quaestionem* IV pref. 17.
[33] Abordaremos no próximo tópico.
[34] Tibério Cláudio César Augusto Germânico, foi imperador de 41 d.C. a 54 d.C. após o assassinato de seu sobrinho Calígula.
[35] Apocolosyntosis. 6, 2.

que Sêneca, implicitamente, demonstra atitudes iradas de soberanos no uso de seus poderes, e Cláudio era um joguete nas mãos das paixões.[36]

Diante do exposto, poderemos inferir que *De Ira* teve Novato unicamente como dedicatário, uma vez que ele não era possuidor daquela afecção, mas foi a forma que Sêneca encontrou para que a obra chegasse ao real destinatário que, ao nosso ver, se tratava do imperador Cláudio, quando este foi o causador de seu exílio, como também a imagem tirânica em oposição ao do bom príncipe que Sêneca evoca na obra,[37] demonstrando a ação típica dos imperadores da época, possuidores de toda a sorte de privilégios soberanos, não respeitando nenhuma vida humana, deixando-se levar pelas paixões. Sêneca não escreve para acusar tão somente a postura tirânica de Cláudio, mas para oferecer, ao imperador e a tantas outras pessoas, uma terapêutica[38] que possibilitasse o domínio de si diante da ira, ao tornar público o mal que essa paixão causa no gênero humano e na sociedade como consequência. Portanto, ao dedicar o seu *De ira* a Novato, o filósofo encontrou o meio mais eficaz de não sofrer as consequências da ira daquele a quem a obra realmente se destinava, como também oferecer um manual para que o imperador seguisse, evitando as explosões da ira,[39] a fim de governar sabiamente.

## 1.2. PERÍODO DE COMPOSIÇÃO DO *DE IRA*

Como já mencionamos, não se tem o ano exato de composição e publicação do *De Ira*. Tal qual a questão que envolve o destinatário, o ano de composição também é bastante controverso, tendo apenas alguns fatos que permitem aludir uma data ou período aproximativos.[40] Não poderemos inferir se Sêneca reuniu as obras que leu para ter substrato antes, durante ou depois do exílio. O momento psicológico pelo qual ele passava e o posto que ocupava no império são fundamentais para inspirar o instante em que resolveu abordar o assunto. Não possuímos os dados fundamentais em mãos, o que nos faz recorrer às hipóteses suscitadas pelos estudiosos

---

[36] Recomendamos a obra de I. Lana. Lucio Aneo Seneca, Torino: 1955. Ele trata sobre quão fraco era o imperador no controle das paixões, principalmente a ira.
[37] *De Ira* I 1; 19, 1-3; 20, 1-2.
[38] Cf. *De Ira* I 1,2-3; 2,4; 3,2; 3, 3; 4, 1; 6, 1; 7, 1; 8, 1; 9, 1; 10, 1; 11, 1-2; 12, 1; 12, 6; 13, 1; 20, 1-2; 21, 1; II 1, 1; 2, 1; 5, 1; 6, 1; 10, 1-2; 12, 1; 13, 1-2; 14, 1; 15, 1; 17, 1; 18, 1; 21, 1; 22, 1; 27, 1; 32, 1; 33, 1; III 1, 1; 3, 1-2; 5, 1; 13, 6; 15, 1; 22, 1; 23, 1; 30, 1; 39, 1; 40, 1. 41, 1-2.
[39] TACITO. *Annales*. p. 298.
[40] Aqui não analisaremos a evolução ideológica e estilística do filósofo, mostrando as diferenças de escrita e assuntos abordados por ele, por entendermos ser irrelevante ao nosso trabalho.

do estoicismo a partir das personagens históricas presentes na obra, tomadas como exemplos pelos mais diferentes feitos da ira. Assim, é inegável a aceitação de que *De Ira* surgiu de um determinado contexto histórico no qual o autor viveu ou estava vivendo.[41] Os ecos existentes na obra são frutos do que Sêneca presenciou ou do que lhe foi transmitido pela tradição.

O primeiro dado que temos é o nome do destinatário já no exórdio, Novato. Sabemos que ele assumiu o nome do seu pai adotivo na fase adulta, Júnio Galião. Sêneca, como já dissemos, dedica-lhe outras obras e não mais o chama de Novato, e sim de Galião. Então, supomos, ao escrever *De Ira*, Novato ainda não tivesse adotado o novo nome ou Sêneca simplesmente o quis chamá-lo como antes.[42] Cupaioulo[43] recorda a dedicatória do *De Vita Beata*, escrita em 58 d.C. chamando-lhe por Galião, o que nos permite inferir que o ano de adoção do novo nome deu-se após a dedicatória de *De Ira*. Isso valerá como dado importante a fim de determinar os anos 52/53 d.C. quando Novato provavelmente ascende ao posto de procônsul na Acaia, já de posse do novo nome.[44] Mas, tanto o ano de ascensão ao posto de procônsul, como o ano de adoção do novo nome são incertos. Uma epístola do imperador Cláudio, datada de 52 d.C., faz menção a Novato de posse do novo nome já no posto em Acaia. Diante disso, é provável que Sêneca compôs a obra antes do proconsulado de Novato e, assim, *De Ira* foi publicado antes desse período.

O segundo dado que nos valerá é a alusão que Sêneca faz ao imperador Calígula, mas precisamente à personalidade irascível e violenta do soberano.[45] A conduta do imperador é tida pelo filósofo como a mais miserável e bestial. Portador de todos os vícios humanos, Calígula é inclinado principalmente à ira, sendo conduzido por ela em todos os momentos de sua vida. Durante o período em que esteve à frente do império, a sociedade vivia momentos constantes de terror e censura a qualquer crítica à sua pessoa. Assim, é provável que *De Ira* foi publicado *post mortem* de Calígula,[46] ou

---

[41] Fillion-Lahille sustenta a tese de que Sêneca sofreu influência do seu pai em seu *De Ira*. Sêneca pai saiu da Espanha rumo a Roma com toda a família a fim de conceder uma boa educação aos filhos. Foi escritor e compôs, dentre outras, a obra intitulada *Controversum*, de conteúdo histórico/filosófico. Uma referência que Sêneca faz no seu *De Ira* sobre o ditador Silas (II 2, 3; II 34, 3) como exemplo de tirano, o Sêneca pai também o faz em sua obra.

[42] O estudioso alemão Gercke foi o primeiro a suscitar essa questão da adoção do nome de Júnio Galião por Novato e se Sêneca realmente continuo a chama-lo pelo nome original, uma vez que outras personagens assim o fizeram (cfr. Seneca-Studien. Pág. 287); o estudioso italiano Giancotti defende a tese de que o *De Ira* foi composto antes da adoção do novo nome por Novato e por isso Sêneca assim o chama (cfr. Cronologia. Págs. 101-102).

[43] Op. cit. p. 29.

[44] Cf. L. Coccolo. *L'anno Del proconsolato di Gallione e data della prima missione di S. Paolo a Corinto*. Roma: 1912.

[45] Vide nota 18.

[46] Em *De Ira* I 20, 9 Sêneca chama o imperador de imbecil ao insultar o deus Júpiter ameaçando-o feri-lo por atrapalhar, com um raio, sua pantomima. Acreditamos que o filósofo não escreveria tal coisa, tendo em vista o ódio de Calígula e a vontade de extirpa-lo do império, se aquele estivesse vivo.

seja, depois de Janeiro de 41 d.C.[47] Alguns fatos e eventos históricos que ocorreram antes da morte do imperador ou pouco tempo depois em Roma e que constam na obra, não servem para atestar que Sêneca se encontrava na cidade quando a escreveu.[48] Albertini pensa que as críticas que ele tece à sociedade romana e ao *modus vivendi* da época, demonstram que mesmo no exílio, ele era bem relacionado e tinha conhecimento de quase todos os acontecimentos da cidade,[49] não precisando estar presente fisicamente, sendo informado constantemente pelos seus acerca dos problemas que os cidadãos de Roma enfrentavam, dada à truculência do imperador. Essas referências são importantes, ainda que genéricas, pois as utilizaremos para tentar situar a influência que a *persona* de Calígula teve na elaboração da obra.[50] Essas referências não demonstram quanto tempo transcorreram entre os acontecimentos e a confecção do *De Ira* por Sêneca, levando o leitor à ambiguidade dos fatos.

Não descartando nenhuma das hipóteses suscitadas, mas tentando encontrar a mais plausível, temos a figura do imperador Cláudio, homem inclinado à ira e às demais paixões.[51] O ponto de conexão se dá no édito que ele promulgou acusando publicamente o seu caráter irascível.[52] Acreditamos que *De Ira* foi escrito tendo-o como exemplo, mesmo não havendo referências explícitas ao seu nome na obra. O que nos faz sustentar essa ideia, é a publicação do édito como auto defesa diante dos ataques do *De Ira*. O nexo se dá no que nos informa Suetónio[53] ao comentar acerca da atitude do imperador, onde ele não apenas se acusa, mas define as atitudes do indivíduo irado e iracundo; iguais definições Sêneca as dá em *De Ira,*[54] o que comprova que Cláudio entendeu, provavelmente, que a obra foi escrita para ele, sentindo a necessidade moral (tendo em vista que Sêneca, pela primeira vez, estava tratando sobres as paixões, principalmente a ira, aquela que mais o afetava, não havendo outra publicação do filósofo, naquele ano/período que o abalasse tanto), diante do que ele compreendeu

---

[47] Cupaiuolo (op.cit.p.29), Fillion-Lahille (op.cit.p.106), Pohlenz (op.cit.p.649) aceitam essa tese.
[48] Podemos tomar como exemplo as passagens I 16, 4; II 7, 2-8, 3; III 37.
[49] Albertini. op.cit.p.17.
[50] Eis as passagens que evocam diversos acontecimentos em tempos e personagens diferentes: I 1, 4; I 16, 5; I 16, 3; I 16, 4-5; I 17, 7; I 18, 1; I 21, 3; II 14, 4; II 20; II 21; II 30, 1; II 36, 6; III 3, 6; III 8, 6; III 31, 2; III 15, 1; III 36, 4; III 43, 2; III 43, 4.
[51] Fillion-Lahille defende a tese de que Sêneca compôs a obra pensando no imperador, uma vez que em I, 1, o filósofo diz que 'a ira é ávida de sangue e de súplicas', ações essas típicas dos imperadores que possuam uma sorte de privilégios soberanos. Assim, há uma nítida oposição entre a imagem de um bom príncipe com aquela do tirano, que certamente era Claudio no período que Sêneca escreve seu *De Ira (op.cit.p.279-280)*. Acreditamos também nessa tese pelo fato de Sêneca escrever *post mortem Apocolocintose do Divino Cláudio*, onde se percebe a confluência de diversos aspectos, principalmente o ressentimento pelo exílio forçado à Córsega
[52] TACITO. ANNALES, II, XXVI.
[53] Suet. Claudio 38. *Consciente da ira e ressentimento que possuía, desculpou-se de ambos numa publicação, prometendo extirpa-las e mudar de vida.* (op.cit.p.--)
[54] I 4, 1. *Já está suficientemente explícito o que é a ira. Vejamos como se distingue da irascibilidade, assim como o ébrio do alcoólatra e o assustado ao tímido. O homem encolerizado pode não ser irascível, como o irascível pode, algumas vezes, não está irado;* encontramos na IV *Tusculanae* XII, 27; XXIV 54, definiçoes semelhantes, como também em Aristóteles na Ética a Nicômaco ao distinguir o justo do injusto, e a ação sob a paixão ou não (E. N. II 7; IV 5).

sobre a relação direta do *De Ira* e o seu caráter intempestivo. Não haveria motivo Cláudio publicar um édito a fim de se acusar escravo da ira se, ao nosso entender, não houvesse uma obra anterior que o fizesse praticar uma certa remissão diante dos súditos. Ninguém se acusa senão por algum motivo. Portanto, colocamos a publicação do *De Ira* após a morte de Calígula, antes do édito de Claudio e da adoção, por Novato, do novo nome, ficando os anos de 41 d.C. a 49 d.C., durante o exílio, sem precisar, por falta de dados que não induzam ao erro, as datas das publicações do *De Ira* e do édito de Cláudio.

## 2. ESTRUTURA DA OBRA

### 2.1. AS DIVISÕES DO LIVRO

*De Ira* é dividido em três livros, sendo o primeiro composto por vinte e um capítulos, o segundo por trinta e seis e o terceiro por quarenta e três.[55] No 1º livro o filósofo traça a gênese, ferocidade e quão disforme é a ira, fazendo uma análise de sua origem e natureza e combatendo os peripatéticos,[56] defensores de uma ira moderada a fim de utilizá-la no momento de guerra ou oportuno; ainda ilustra os efeitos da ira a fim de fortalecer seu pensamento consoante à tradição estoica,[57] segundo a qual a ira não contém nada de bom e útil;[58] no 2º livro,[59] vemos a demonstração da manifestação da vontade na desorganização emocional que a ira provoca no indivíduo tomado por ela, sempre refutando a ideia de haver generosidade e necessidade da ira, oferecendo a profilaxia para o combate de sua gênese e efeitos, ao analisar teoricamente, segundo Ramondetti,[60] o processo pelo qual a ira nasce, desenvolve-se e se manifesta; aqui também Sêneca demonstra o que ele chama de primeiras manifestações e que elas são involuntárias, não sendo possível extirpa-las, mas refreá-las a fim de não permitir que se dê abertura para adentrar todas as paixões que advêm dessas manifestações, sendo voluntária, porque senão, tomará conta de toda a alma; no 3º livro, há uma repetição de

---

[55] Essa divisão não é atribuída a Sêneca, sendo que ela apareceu, pela primeira vez, na edição da metade do ano de 1500 em Paris (cfr. GERCKE, op.cit.p.158).
[56] *De Ira* I 5, 1.
[57] SVF 412, 1-2.
[58] Não sendo nosso objeto de estudos a comparação entre o *De Ira* de Sêneca e a IV *Tusculanae* de Cícero, não iremos aprofundar no que concerne a relação e semelhanças, em alguns aspectos, entre as obras. O livro I do *De Ira* tem traços da IV *Tusculanae*, principalmente os capítulos 11-58, quando Cícero faz, no primeiro momento, a exposição do que é a ira à luz dos ensinamentos da Stoá contrapondo e discordando com os peripatéticos acerca da utilidade da ira em alguns momentos da vida. A quem quiser aprofundar no tema, recomendamos as seguintes passagens: *Tusculanae* 4, 41; *De Ira* I 8, 4-7 – sobre o controle da ira pelos peripatéticos; *Tusculanae* 4, 43; *De Ira* I 9, 2; 10, 4 – sobre a coragem na ira.
[59] Ele é subdividido em duas partes, do 1 ao 17 e do 18 ao 32. Do 1 ao 17, Sêneca evoca a racionalidade da ira que não age pelo consentimento do homem dominado por ela, concluindo com uma nova refutação da tese peripatética, já tratada no livro I; do 18 ao 32 é tido como a parte metodológica da obra.
[60] RAMONDETTI, P. Struttura di Seneca. Bologna: Pàtron Editore, 1996. p. 11.

argumentos discutidos nos dois primeiro livros, o acréscimo de uma terapêutica, inspirada em preceitos estoicos que sugerem meios para evitar e conter a ira em si e nos outros, ilustrando o perigo social que essa paixão representa, quando é típico dela espalhar ódio, ofensa, rivalidade e não suporta ser controlada. O filósofo conclui expondo seu ponto de vista.[61]

Para alguns estudiosos de Sêneca, o que se observa nos três livros é uma falta de organização argumentativa, uma vez que Sêneca começa a defender uma ideia em um capítulo, não concluindo-o, retomando a ideia brevemente e encerrando em outro; para outros, parece que ele não tinha a maturidade suficiente para escrever um tratado filosófico moral e de psicologia da paixão tão vasto para preencher a carência que os estoicos antigos deixaram, ou também não se encontrava bem a vontade por estar no exílio e por tratar de uma paixão que afetava diretamente o destinatário, no caso, o imperador Cláudio. Pode-se supor uma falta de atenção rigorosa, porque ele discorrera sobre o assunto em diferentes momentos sem se preocupar em saber se tal argumento já foi tratado ou não.[62] Cupaiuolo[63] é da opinião de que Sêneca não segue uma linha de raciocínio, o que resulta numa correspondência não muito clara do que

---

[61] Giovanni Reale oferece uma concisa indicação dos temas abordados por Sêneca em cada livro: Livro I: O que é a ira? É paixão de toda nociva, porque é incompatível com o principado da razão; livro II, motivações fisiológicas, psicológicas e morais que tornam possíveis e proficuas a luta contra a ira; e no livro III a fenomenologia da ira e surgimento prático para combater ou prevenir as manifestações da ira (Seneca, Tutte le opere. Bompiani, 2004).

[62] Exemplos de algumas repetições estritamente ligadas ao tema da ira: A ira é a mais horrenda e violenta de todas as paixões (I 1, 1-7; II 35, 3-6; 36, 1-3; 36, 6; III 1, 3-5; 4, 1-3; 5, 4-5); o homem irado é arrastado para o perigo que ele próprio criou (I 1, 1; II 34, 6); efeitos mortais da ira (I 2, 1-3; 5, 3; II 35, 3; 36, 4-5; III 3, 2-6; 5, 4-6; 16, 1; 25, 4; 28, 2-3; 30, 3; 41, 3); semelhança da ira com a loucura (I 1, 2-4; 18, 6; II 25, 1; 36, 5-6; III 1, 5; 2, 5; 3, 6; 16, 2; 21, 5; 28, 1; 39, 4); sinais do homem dominado pela ira (I 1, 3-4; 19, 1-2; II 35, 3-6; 36, 1-3; III 4, 1-3; 13, 2); as paixões são difíceis de ocultar (I 1, 7; III 10, 2); a ira é o desejo de aplicar punição (I 3, 1-3; 5, 3); a ira se apresenta sob aspectos diferentes (I 4, 2-3; II 12, 6); a ira não é de acordo com a natureza (I 5, 1-3; 6, 1-5; III 5, 6); a punição deve ser aplicada com julgamento, não pela ira (I 6, 1; 6, 3-4; 15, 1-3; 16, 1-7; 17, 7; 18, 1-6; 19, 1-8; II 27, 3-4); a ira não tem nada de útil (I 7, 1-4; 8, 1-7; 9, 1-4; 10, 1-4; 11, 1-8; 12, 1-6; 13, 1-5; 14, 1-3; 15, 1-3; 16, 1-7; 17, 1-7; 18, 1-6; 19, 1-8; 20, 1-9; 21, 1-4; II 11, 1-6; II 3, 6; 16, 2; 41, 3); é mais fácil prevenir o surgimento da paixão que vencê-la uma fez manifestada ( (I 7, 2-4; 8, 1-2); os vícios levam ao abismo (I 7, 4; II 1, 1); a ira não existe no homem virtuoso (I 12, 1-3; 14, 1; 16, 6); o perdão da injúria é o remédio contra a ira (I 14, 1-3; II 10, 2-3; 28, 1-8; 30, 1-2; 32, 1-3; 33, 1-2; 34, 2-3; III 5, 7-8; 24, 1-4; 25, 1-4; 26, 1-5; 27, 1-3; 38, 1-2); pensar nos seus erros ao ver os dos outros é útil para vencer a ira (I 14, 2; II 28, 1-8; 34, 4; III 12, 2; 25, 2; 26, 5); o mal existe em todas as épocas e habita em cada homem (I 14, 3; II 8, 9; 28, 1-3; 31, 8; III 26, 4); comparação entre o médico e o magistrado (I 6, 2; 16, 4); não estar irado com aquele que se vai punir (I 16, 5; II 31, 8); o sábio não prova propriamente as paixões (I 16, 7; II 6, 3; 7, 1-2; 10, 6-7); a razão é contrastante com a ira (I 17, 3-7; 18, 1-2; 19, 1-2); a ira não possui nada de nobre (I 21, 1; II 15, 1-5; 16, 1-3; 17, 1-2); a ira nasce de uma faculdade intelectiva (II 1, 1-5; 2, 1-6; 3, 1-5; 4, 1-2); há algumas paixões que fogem do controle (II 2, 1-3; 3, 2-3; 4, 2); recordação e participação são os elementos preliminares às paixões (II 2, 5; III 10, 2-3) a ira é fonte de crueldade (II 5, 1-5; III 5, 1-3; 19, 5); a ira não deve ser estimulada pelo pecado e pela culpa (II 6, 1-5; 7, 1-4; 8, 1-7; 9, 1-4; 10, 1-4); presença do vício na multidão de homens (II 7, 1-3; 8, 1-3; 9, 1-4; 10, 1-5; 31, 8; III 26, 3-4) exercício disciplinar dos animais (II 8, 3; 31, 6; III 8, 3); o remédio à ira é pensar que ninguém é sem culpa (II 10, 2-3; 28, 1-8; III 24, 4; 25, 2; 26, 3-4; 31, 1-3); remédios contra a ira no período de educação (II 18, 1-2; 20, 4; 21, 1-2); causa da ira (II 19, 1-5; 20, 1-2; 22, 2-4; 26, 1; 29, 2; 31, 1-4; III 12, 1; 30, 2-3; 35, 1-5); para educar as crianças (II 20, 3; 21, 6); influência dos exemplos na educação (II 21, 9; III 8, 1-8); remédio contra a ira é não abandonar-se (II 22, 2-4; 26, 1-2; III 12, 1; 30, 2; 34, 1); evitar a ira com coisas frívolas (II 25, 1-4; III 12, 1; 29, 2; 30, 1; 32, 3; 34, 1-3); alma pronta ao sofrimento (II 25, 4; III 36, 1; 37, 3); o há ofensa nos objetos inanimados, nos animais e nos deuses (II 26, 1-6; 27, 1-4; 28, 4; 30, 2); as causas da ira ofendem mais que propriamente a morte (II 28, 4-6; III 30, 2; 37, 4-5); o tempo é o melhor remédio para os primeiros sinais da ira ( II 29, 1-4; III 1, 2-3; 12, 4-7; 27, 5; 32, 2); a primeira e maior punição é ser culpado (II 30, 2; III 26, 2); exercitar a mente para afrontar as circunstancias é o melhor remédio à ira (II 31, 1-6; III 37, 3); exemplos de homens que demonstraram a crueldade( II 32, 3-6; III 14, 1-6;15, 1-3; 16, 3-4; 17, 1-4; 18, 1-4; 19, 1-5; 20, 1-4; 23, 1); é mais conveniente e proficuo evitar a ira (II 33, 1-6; 34, 1-5; 35, 1-6; 36, 1-6); exemplos de homens que venceram a ira (II 33 3-4; III 14, 1-6; 15, 1-3; 22, 1-5; 33, 2-8); a ira e outros vícios (II 36, 6; III 5, 4-5); a ira se manifesta em qualquer idade e classe social (III 2, 1; 4, 5); os poderosos consideram a ira sinal e prova de potência ( III 4, 4; 29, 2) conhecer os erros antes de começarem a surgir evita a ira (III 5, 3-6; 6, 2-3); exemplos de homens irados (III 16, 3-4; 17, 1-4; 18, 1-4; 19, 1-5; 20, 1-4; 21, 1-5); punições aos escravos (III 24, 2; 32, 1; 35, 2; 40, 2); remédio para acalmar a ira nos outros (III 39, 1-4; 40, 1-5); pensar na própria morte é útil para não ser dominado pela ira (III 42, 2-4; 43, 1-5). (CUPAIUOLO. Op.cit.p. 68).

[63] Op.cit.p. 69.

ele realmente estava querendo tratar. É necessário frisar que *De Ira* é a primeira obra dele em larga escala, bem no início de sua carreira filosófica, levando-nos a sustentar que ele realizava repetições de ideias com o propósito de seus leitores apreenderem o que ele estava tentando transmitir, visto não ter muitas obras sobre o tema, como também uma forma de fixar tais ideias nos mesmos leitores.[64] Esse *modus scribendi* pensamos ser adotado por ele por tal fato ocorrer em outras obras de sua autoria; um problema que encontramos na obra é a lacuna no livro I 2, 3, gerando as mais diferentes dúvidas sobre o ocorrido. A fim de tentar preencher essa lacuna, usa-se um comentário do *De Ira Dei,*[65] do cristão Lactâncio que comenta o *De Ira* de Sêneca: o filósofo define a ira como o 'desejo de vingar uma ofensa'.[66] Mais adiante, precisamente no I 3, 3, Sêneca diz que a definição de Aristóteles não é muito diferente da que ele possui, sendo a ira 'o desejo de recompensar o mal'.[67] Assim, possivelmente é esta a definição que Sêneca tem da ira. Lactâncio a reproduz no seu *De Ira Dei* por ter tido contato com a obra, ajudando-nos a tentar solucionar esse problema, ainda que incompleto, oferecendo-nos uma noção de como provavelmente Sêneca definia a ira. No SVF III 395, sobre a Ética de Crisipo, temos a definição da ira como 'o desejo de vingar-se por uma suposta injustiça sofrida', fortalecendo ainda mais a tese do alinhamento de Sêneca com o pensamento da escola. Segundo Fillion-Lahille,[68] Sêneca não precisou recorrer de início - quando não havia obras dos estoicos sobre a ira em si, apenas algumas definições -, às demais escolas helênicas para compor *De Ira.*[69] Então, é de supor que a definição da ira por Lactâncio atribuída a Sêneca, seja, de fato, verdadeira.

Por fim, Sêneca não seguiu uma rígida estrutura da tradição das obras dialógicas por não apresentar o interlocutor, e também não faz uma exposição

---

[64] Como já dissemos anteriormente, os estoicos antigos não trataram diretamente da ira, mas das paixões como um todo. Para um aprofundamento melhor no que envolve as possíveis contradições no *De Ira*, recomendamos a obra de Albertini (La composition du *De Ira*).

[65] *A Ira, diz Posidônio, é o desejo de vingar um insulto.*(Cap. XVII). A passagem inteira é: - "Mas os estoicos não percebem há diferença entre o certo e o errado, o justo e o injusto. À ira, eles não poderiam encontrar nenhum remédio se quisessem extirpa-la. Os peripatéticos, por outro lado, declararam-na útil e que não deveria ser destruída, mas contida. A estes tenho suficientemente respondidos no sexto livro da minha *Institutiones.* Está claro que os filósofos não compreenderam o motivo da ira, a partir das definições da mesma, que Sêneca enumerou nos livros "*De Ira*", onde ele escreveu "a ira", diz ele,"é o desejo de vingar uma injúria. Outros, como Posidonius, chama-a de "um desejo de punir a pessoa por quem acha ter sido ferido injustamente". Alguns defininiram assim: "A ira é um impulso da alma para punir quem tenha injuriado ou tentou ferir-te". A definição de Aristóteles difere um pouco da nossa. Ele diz: " a ira é um desejo de retribuir o sofrimento".

[66] Cupaioulo (op.cit.p 70) e Fillion-Lahille (op.cit.p. 284) são uníssonos ao analisarem que no livro II 31, 1, Sêneca faz uma referência ao que seria uma definição da ira, levando a supor estar na lacuna do livro I, visto não estar em nenhuma outra parte da obra.

[67] *De anima*, 403a 30. Na *Tusculanae* IV 2, Cícero oferece uma definição homônima: a ira é o desejo de castigar a quem parece nos ter infligido uma injúria.

[68] Op.cit.p 10.

[69] No *De Ira* I 1, 2, Sêneca parece mencionar Epicuro, quando diz que 'sábios varões definiram a ira como breve loucura'. Tal definição '*ira breuem insaniam est*', consta no *De Ira* de Filodemo (XVI – XXXVIII 28; XX 2). Ele menciona e faz elogios a Epicuro no *Ad Lucilium* 18, 14.

detalhada e extensa do seu pensamento, obedecendo ao seu desejo de expor o tema livremente sem se prender aos pormenores exigidos de um verdadeiro diálogo antigo. Havendo ou não carência estilística no modo como ele escreveu o *De Ira*, não muda em nada o entendimento do conteúdo.

# CAPÍTULO I

## TÓPICOS RELEVANTES À FILOSOFIA ESTOICA ANTIGA

Ao se propor a estudar o Estoicismo, o pesquisador deparar-se-á com poucas obras que restaram do pensamento dos estoicos antigos, tendo que trabalhar com doxografias e fragmentos que remontam tal época.[70] As doxografias chegaram até nós graças aos mais diversos comentários de filósofos e escritores da época ou posteriores, tais como Plutarco,[71] Lactâncio, Galeno, Orígenes, Cícero, Tácito e Diógenes Laércio, a principal fonte a testificar os feitos dos estoicos antigos. Hans von Armin, no início do século XX, publicou o *Stoicorum Veterum Fragmenta*, uma coleção em três volumes dos fragmentos e doxografias do primeiro período da escola. A maior parte é dedicada a Crisipo, uma vez que suas obras se preservaram quase completas. A perda dos escritos de Zenão deixou uma lacuna na história do Estoicismo Antigo ocasionando muitas hipóteses a partir dos poucos elementos existentes.

Como o próprio nome sugere, o estoicismo surgiu no Pórtico das Pinturas (Stoá Poikilé) da ágora ateniense,[72] no século III a.C., onde o seu fundador, Zenão de Cítio, começou a ensinar filosofia, contando com pouco mais de 30 anos de idade. Eram os jovens que ele atraía para ouvir suas lições, tal qual Sócrates, ensinando como viver virtuosamente. Pariforme às demais escolas helenísticas, as questões que o Estoicismo suscitou coadunavam com o desejo do homem grego da época, motivado pela decadência da pólis que deu lugar aos impérios e de como bem viver através do melhor modo de vida. Em outras palavras, os ensinamentos versavam sobre questões éticas, e como ter, a partir da filosofia, a formação da identidade e guia para transformar a si e

[70] A maior parte das obras que temos é do período Imperial da escola.
[71] Ressaltar que ele é um crítico ferrenho do Estoicismo, assim o faz por viver à margem dos ensinamentos da escola. Mas não deixa de ser um fonte para consulta.
[72] D.L. VII 5.

aos demais. Pensando assim, o Estoicismo ofereceu aos gregos, órfãos do modelo anterior da pólis, uma redescoberta a partir de seu interior, de como viver, mesmo que não ativamente na vida política, pois não é o único meio para influenciar a vida social, mas o desdobramento pela preocupação com o caráter do homem e a reflexão de qual o melhor modo de vida, tendo a filosofia à frente. Ao nosso entender, demonstra que o papel que a escola teve foi de influenciar pela mudança de vida. Em outras palavras, pela vida de virtude.

A escola alcançou tamanha importância, que dominou por quase 500 anos o cenário filosófico de Atenas a Roma, levando quase ao esquecimento os movimentos socráticos menores, megáricos e dialéticos que, por um tempo, serviram de inspiração para Zenão moldar o pensamento do movimento que estava fundando.[73] Para Sedley,[74] o Estoicismo suplantou essas escolas, tal qual o epicurismo fez com os cirenaicos, outra escola de inspiração socrática, abstraindo apenas o que lhes interessavam. Tais absorções, um tanto superlativas, culminaram na idealização do sábio estoico que, pela rigidez condutora de sua vida para se chegar à perfeição, nem o próprio Sócrates estaria completamente habilitado para sê-lo. Zenão morreu provavelmente no ano de 262-1 a.C. aos 72 anos de idade, sendo substituído por Cleantes e posteriormente por Crisipo,[75] o responsável por sistematizar o Estoicismo e imprimir, no tempo, a importância que a escola adquiriu.[76]

Para entendermos os ensinamentos do estoicismo é preciso ter em mente que o cosmos é racional. O *logos*, a faculdade humana do pensamento, está intimamente ligado ao *Logos Universal* ou *Natureza Cósmica* ou simplesmente Deus,[77] compartilhando com ele a sua existência individual. Quer dizer, cada homem tem em si o *logos* individual e o universal ao mesmo tempo, sendo necessário que estejam conectados sempre em busca do bem (καλός). Havendo uma unidade entre o homem e o *Logos Universal*, implicará viver, voluntariamente, segundo a *physis*. Daí, o resultado é viver uma vida em sabedoria, harmonizada em suas ações diárias, consoante àquilo que

---

[73] Não podemos esquecer que Sócrates é uma figura inspiradora para a Stoá. O sistema ético adotado por Zenao é socrático no que tange ao abandono dos bens morais convencionais - riquezas, prestígios, boa saúde -, tendo-os como algo indiferentes.

[74] Os Estoicos op.cit.p.11.

[75] Dos setecentos e cinco tratados dele, chegou até à nossa era uma pequena parte graças a Diógenes Laércio. Por isso a grande dificuldade em reconstruir seus ensinamentos, pois as fontes principais são secundárias.

[76] Não discorreremos em muitos dados biográfico-históricos. A quem interessar, recomendamos as obras: LONG, A. A. La filosofia helenística: estoicos, epicúreos, escépticos. Madrid, 1975; HADOT, P. O que é a filosofia antiga. Trad. Dion Davi Macedo. Edições Loyola: São Paulo, 1999; ALGRA. The Cambriadge History of Hellenistic Philosophy., além das obras de autores como Max Pohlenz, Émile Bréhier e os demais constantes na bibliografia.

[77] Aqui não se trata do ser divino e pessoal como no cristianismo, mas do princípio de racionalidade que se encontra em todas as coisas e especialmente no homem.

a *physis* deseja. De acordo com Long,[78] a coerência do estoicismo está embasada na crença de que os sucessos naturais estão tão causalmente relacionados uns com os outros que é possível estabelecer entre eles uma série de proposições que habilitarão ao homem projetar uma vida em unidade com a *physis*.[79] Mas, como é o papel da filosofia dirigir o homem à virtude e, por virtude, os estoicos entendiam o 'viver de acordo com a *physis'*,[80] é necessário compreender que a ordem física dos acontecimentos e o conhecimento de si se coadunam.

Por ordem física, diz White,[81] o homem deve compreender que tudo sucede por necessidade racional; ou seja, a ordem física é a perfeição do *Logos Divino*, e o homem, aceitando o seu destino, uma vez que provém daquilo que é perfeito, adapte sua vontade a tal desígnio, a fim de entender o seu lugar no cosmos, pois tomando consciência de suas ações, uma vida pautada na ética tornar-se-á mais fácil de alcançar. Em outras palavras: é a condição inicial para agir virtuosamente. Por conhecimento de si, a máxima 'viver de acordo com a *physis'* nada mais é senão 'viver de acordo com o *logos'*. Isto porque, dado que a essência do homem é racional, ela participa da *physis*. Assim, viver pela reta razão é um viver harmoniosamente com o *Logos Divino*. Posto isto, compreendemos que não há espaço para uma vida vivida pelos desígnios da paixão (*pathos*), quando ela não é natural, segundo a Stoá,[82] impedindo o homem de participar inteiramente do *Logos Universal*. Portanto, o ensinamento estoico acerca do 'viver de acordo com a *physis'* tem um significado estritamente ético.

Após este pequeno preâmbulo, partiremos aos temas que entendemos ser fundamentais para a compreensão do *De Ira*, delimitando-os em alguns tópicos tais ensinamentos dos estoicos antigos.[83]

## I - A DIVISÃO DA FILOSOFIA

Segundo Diógenes Laércio,[84] os estoicos dividiam a filosofia em física, lógica e ética,[85] não havendo hierarquia nessa divisão, na qual as três partes formavam

---

[78] Op.cit.p.112.
[79] A vontade de agir de acordo com a Natureza é o que resta ao homem para poder fazer o bem.
[80] SVF III 1055 (*homologouménos tê phýsei zên*). Segundo Diógenes Laércio, foi Zenão, no seu *De natura hominis*, quem disse que o viver de acordo com a physis é viver de acordo com a virtude, pois ela é a physis.
[81] Os Estoicos, op.cit.p.140.
[82] Para Platao e Aristóteles há, na divisão da alma, uma parte irracional correspondente às paixões.
[83] Queremos frisar que tais ensinamentos perpassam o campo da divisão da filosofia. Um bom exemplo disso são as doxografias que certificam o interesse dos estoicos na questão da saúde. Muito provavelmente, eles discorreram sobre o assunto, recebendo influência de Aristóteles e influenciando tantos outros, como atesta Galeno ao dizer que uma escola médica, a Metódica, recebeu influência dos escritos de Zenão e Crisipo em relação ao que eles falaram sobre as doenças.

um todo.[86] A Filosofia é constantemente comparada a um ser vivo, cujo ossos e nervos correspondem à Lógica, as partes carnosas à Ética e a alma à Física; ou então, mostram-na semelhante a um ovo, cuja casca é a Lógica, a clara a Ética e a gema, a Física; ou ainda, a um campo fértil, onde a cerca externa é a Lógica, o solo ou as árvores, a Física, e os frutos são a Ética[87]. A física estoica tem por finalidade a ética, não se desenvolvendo por si só, mas àquela sendo indispensável, pois ensina o homem a compreender que há coisas que fogem ao seu poder. Os estoicos antigos não desenvolveram pormenorizadamente a sua física, deixando para Arquimedes, principalmente, esta tarefa. Mas, o que eles pensaram é que a função ética da física está quando ela faz com que a racionalidade do homem esteja em sintonia com a racionalidade da *physis*. Isto se dá pela não dissociação que ambas as partes da Filosofia têm entre si:[88] a lógica abarca tanto a teoria do conhecimento como a gramática e a lógica formal. São todas elas intrínsecas porque fazem parte do *logos*, tendo ele como tema principal. De acordo com Long,[89] *logos* significa ambas as coisas, linguagem e razão; e a linguagem pode ser considerada desde o aspecto fonético até o semântico. O estoico assim estuda porque compreende que as partes da oração, ou seja, os elementos que são utilizados para a argumentação e pensamento são lógicos; por fim, a ética é, para eles e outros filósofos gregos como Epicuro, de ordem prática e não teórica, oferecendo análises acuradas dos conceitos morais existentes na cultura da época. No entanto é importante salientar o porquê dessa divisão que abarca apenas questões metodológicas, não separando a filosofia em três partes imiscíveis, mas completamente coadunadas pelo fim último da filosofia que é 'a prática da ciência apropriada'.[90] Ou seja, na filosofia estoica, a ética, a física e a lógica estão intrinsecamente associadas, o que nos possibilita evidenciar e enxergar esta armonia ordenada de modo perfeito. Em outras palavras, a ação do *Logos Divino* na *physis*. Por isso, um estoico antigo jamais

---

[84] DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Tradução de grego, introdução e notas de Mário da Gama Cury, Brasília, Editora UnB, 1988, Livro VII 40. As citações atribuídas a Diógenes Laércio são dessa tradução.

[85] Apolodoro chamava-as de ´tópicos', de 'espécies' Crisipo e Eudromo.

[86] Esta divisão da Filosofia é atribuída ao platônico Xenócrates.

87 D.L., VII, 40.

[88] Para aprofundamento sobre a física e a lógica estoicas, recomendamos: BOBZIEN, S. Stoic Logic: The Cambridge Companion to the Stoics. Cambridge University Press: 2003, Cambridge; WHITE, M. J. The Continuous and the Discrete: Ancient Physical Theories from a Contemporary Perspective. Oxford University Press: 1992, London.

[89] Op.cit.p.121.

[90] SVF II, 35, 36. Émile Bréhier expressa de modo brilhante esta relação entre a divisão da filosofia: 'Estão indissoluvelmente enlaçadas, dado que é uma e a mesma razão (*logos*) a que na dialética liga as proporções conseguintes com os antecedentes, as que a natureza estabelece um feito causal, e aquela que na conduta proporciona a base para uma perfeita harmonia entre as ações... Resulta impossível atuar racionalmente de modo independente nessas três esferas' (BRÉHIER, E. Historia de la Filosofía. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1956. P 75.

tratará separadamente cada parte da filosofia,[91] mas terá o trabalho de uni-las, em suas análises e preleções, demonstrando a unicidade que ambas as partes possuem, complementando e direcionando para o mesmo fim: a virtude.

## II - AS PAIXÕES

A paixão (*pathos*) é tema comum entre todos os estoicos, pois é ensinamento *mui caro* à escola em todas as suas fases, suscitando questões sobre sua natureza que, por conseguinte, levam às indagações sobre a conduta da vida moral. O que nos noticia Galeno, é que Crisipo escrevera dois tratados, um *Sobre as Paixões* (*Peri Pathos*) e o outro *Sobre a Alma* (*Peri Psikes*), ambos teorizando o pensamento da Stoá no tocante à sede comum do *lógos* e do *pathos* (na alma humana). Tais obras se perderam no tempo.[92] Segundo Zenão, '*pathos* é um movimento da alma contrário à *physis* que se desvia do *logos'*.[93] No que o ensinamento do estoicismo se difere da concepção de *pathos* dos gregos arcaicos, está no fato de que não mais os deuses põem no coração do homem essa perturbação - a tão temível *hybris* capaz de desequilibrar a alma e lançá-la em estados doentios -, donde não há possibilidades de escolha e decisão, estando aquele, condenado ao destino traçado pelas divindades.[94] Outra diferenciação se dá, nos lembra Oliveira,[95] 'que o Estoicismo oferece uma concepção absolutamente oposta, visto ser ela (*pathos*) um desequilíbrio, uma loucura, possui sua origem em um erro de julgamento'. Tal erro se dá pelo homem por tomar as coisas boas por más e as más por boas, por emitir uma opinião falsa, segundo a filosofia do Pórtico, pela ignorância sobre a natureza das coisas do mundo, cedendo, paulatinamente ao *pathos*.[96] Por não existir na alma um lugar próprio ao irracional, como defendem Platão e Aristóteles, não há uma volição independente do todo. Assim 'não são as coisas que nos perturbam', diz Epicteto, 'senão os juízos que emitimos sobre elas'[97] gerando imagens sucessivamente errôneas acerca da realidade. Dessa maneira, o homem não vive a realidade das coisas, mas a representação que as dá, cambiando seu estado

---

[91] No Estoicismo Imperial, a física e a lógica não sao muito trabalhadas, apenas a ética que faz parte dos escritos de todos os filósofos desse período.
[92] Cf. SVF II 120.
[93] SVF III 377.
[94] Um adágio latino, atribuído a Eurípides, assim define: 'Aquele a quem os deuses querem destruir, primeiro deixam-no louco'.
[95] OLIVEIRA, L. Sêneca: uma vida dedicada à Filosofia. Paulus: 2010, São Paulo. P. 50.
[96] SVF II 823.
[97] EPICTETO. Manual 5.

passional, segundo Cícero,[98] em dor, temor, prazer e desejo conforme dá assentimento.[99]

Segundo Crisipo, '*pathos* é um impulso (*hormé*)'. Todo impulso, afirma Estobeu, 'é um assentimento'[100] que impele ou repele a uma ação desejada pelo *logos* ou pelo *pathos*. Os estoicos têm como condição precípua à ação o assentimento, seja racional ou irracional. Racional: quando o agente é um ser adulto e o faz deliberadamente; irracional: quando os agentes são as crianças e os animais, agindo pelo instinto. Só no homem há o assentimento, sendo este um movimento da alma.[101] Por isso, o que caracteriza o *pathos* é o falso juízo que se tem daquilo que se apresenta ao homem, tomado por bem ou por mal.[102] Isto acontece por não viver em conformidade com a ordem racional do mundo, (segundo Diógenes Laercio,[103] há no homem uma certa inclinação à virtude, visto a sua participação no *Logos Universal*, e porque a sua natureza participa da *physis*) a responsável por influenciar o homem a distinguir e agir sobre as coisas que dependem de si, que seriam, em outras palavras, o impulso, o assentimento e o juízo, todas elas voluntárias.[104]

Como *pathos* apenas se manifesta no ser dotado de *logos*, Bréhier lembra que a 'inclinação não é possível se ele não dá assentimento ou adesão',[105] uma vez que o assentimento só se manifesta no ser racional. O erro está em consentir que a inclinação mais desmesurada, que é a paixão, tenha espaço a partir do mau julgamento das coisas, como já parafraseamos Epicteto, não podendo ele delegar a culpa dos seus males aos elementos exteriores, mas tão somente às suas decisões. Por isso, eis a necessidade em controlar os impulsos para não dar lugar às paixões, pois uma vez que ela adentra a alma, desequilibra o homem e torna-se difícil livrar-se dela.

Há uma contradição no que concerne à teoria das paixões ensinadas pelos estoicos. Se o princípio humano é o *logos* e esse só admite disposições racionais, como é possível que o *pathos* se manifeste? Crisipo ensina que toda ação humana é racional.[106] Ele distingue a reta razão e a razão viciada[107] a fim de diferenciar o homem

---

[98] IV Tusculanae 5.
[99] O sábio estoico vive apenas o presente, um presente contínuo, por entender que só através dele poderá alcançar uma vida virtuosa, pois o passado pode causar sofrimento e o futuro temor.
[100] SVF III 171
[101] SVF III 169.
[102] D.L. VII 116; SVF III 431; III 466, 480. A paixão é um falso juízo que possui como predicado um grande bem ou um grande mal.
[103] D.L. VII 87.
[104] Os peripatéticos criam que a paixão é involuntária e segundo a natureza humana. Toda ação humana deve ser motivada pela razão, visto ser o homem possuidor desse princípio reitor. Assim, o desejo que ele tem sobre as coisas é o que o motiva a consentir esta ou aquela atitude, podendo, a todo instante, decidir sobre suas escolhas.
[105] Op.cit.p.57.
[106] SVF III 560.

que mantem-se firme na reta razão,[108] homem virtuoso, daquele que não se mantem, homem vicioso, sendo débil. Assim, a perfeição da racionalidade, em poucas palavras, depende de como o homem faz uso dela, escolhendo entre uma vida regida pelo *logos* ou pelo *pathos*. O juízo deve estar firme no propósito de seguir uma vida virtuosa a fim de não ser arrastado pelas paixões para os mais diferentes caminhos tortuosos e desmesurados que ela propõe. Dessa forma, o *logos* é capaz de separar aquilo que é bom ou ruim ao homem mediante o uso apropriado. Segundo Cícero, 'o fim é viver escolhendo as coisas de forma reflexiva e voluntária conforme a *Natureza Universal'*;[109] ou seja, a plenitude do desenvolvimento do ser racional está ligada ao conhecimento do que é verdadeiramente bom e as consequentes ações virtuosas. Nisso consiste o ensinamento de Zenão e de toda a escola.

## III – A ALMA

A originalidade dos estoicos está na teoria da alma, por não distinguirem um lugar separado para o *logos* e o *pathos*, mas habitando, ambos, o mesmo lugar: o coração. Diferentemente da concepção platônica que dividia a alma em três partes,[110] faculdades ou qualidades, (Platão explicita a essência da sua tese da seguinte forma: a primeira parte é a racional, responsável pela contemplação, aprendizagem e o raciocínio; a segunda parte, a irascível, encerra as vontades imperfeitas, prazeres, vícios, representando a ira, a violência, a discórdia, o rancor; a terceira parte é a do apetite, compreendendo as necessidades vegetativas, fisiológicas e das paixões), no Estoicismo a alma é una, havendo oito potências (a parte central que é o hegemônico, os cinco sentidos e a parte que preside a geração) que em nada alteram a unicidade da alma. A parte dominante é o 'Princípio Reitor' (*hêgemonikon*),[111] que desempenha a função que hoje é atribuída ao cérebro, de receber todos os impulsos.[112] Segundo Fillion-Lahille, 'impulso é um movimento que pode iniciar a alma a receber alguma impressão' (*phantasia*),[113] mas para isso, é preciso que o impulso e a impressão dirijam a um fim os movimentos que recebem. O fim de todo ser vivo é para aquilo que ele nasce. O

---

[107] SVF I, 202.
[108] O sábio estoico é aquele impassível à qualquer paixão, é aquele homem que mantem a serenidade diante dos acontecimentos da vida. Há nele a anulação de tudo que não seja racional, não comovendo-o excessivamente as dores alheias, não sentindo além daquilo que é para sentir. Daí a alcunha de 'sem sentimentos' atribuída aos estoicos.
[109] *De Finibus* II, 34; III, 14.
[110] Cf. República IV 436; IX 580; Timeu 69 d; 89 e.

[111] SVF II, 714-16. Antes dos estoicos transformarem essa palavra em um componente importante da alma, ela era usada como adjetivo para designar o' poder de comando' sobre algo.
[112] Para entender a importância do *hêgemonikon*, Crisipo o compara a uma aranha que sente todos os movimentos em sua teia, possuído o controle total sobre tudo que acontece em toda a extensão. (Cf. SVF II 879).
[113] Op.cit.p. 52.

homem, ser racional, nasce para a racionalidade, mas precisa que o *hegemônico* o guie para alcançar esse fim, uma vez que ele pode se desviar da sua constituição natural.[114] Diógenes Laércio[115] relata que Zenão ensinava que para alcançar essa consonância, era preciso uma boa disposição, a que ele chamava de *oikeios*, que significa a relação que se tem com o seu redor.[116] É essa relação que o impulsiona a reconhecer as coisas às quais ele pertence; o impulso é que o leva a escolher e a buscar aquilo que, digamos, o completa consoante a sua natureza.

A todo momento, nos diz Long, 'os nossos sentidos estão transmitindo inúmeras mensagens (...), apenas atendemos a uma fração, àquelas que assentimos'.[117] O assentimento é a condição para o impulso, como vimos anteriormente e nos atesta Crisipo,[118] sendo o fator determinante para a entrada do *pathos* na alma. É o ato de consentir que leva o homem a querer aquilo que está vendo, sentindo ou simplesmente sendo chamado a experienciar. Segundo Gazolla, 'ao compreender a afecção, a alma tem, pela força do *hegemônico*, a possibilidade de dar seu assentimento a essa presença julgando-a verdadeira'.[119] Por isso o papel do *hegemônico* é de sempre levar o homem a não seguir determinadas impressões, mas sim aquelas que estejam de acordo com a sua natureza, à medida em que é ele a sede de toda consciência. Sua função é evitar que o homem faça escolhas errôneas e sempre guia-lo às escolhas certas.[120] É importante salientar que a ação depende voluntariamente da alma, uma vez que não há lugares diferentes para o *lógos* e o *pathos*. Portanto, o *hegemônico* não opera por si só, mas é o homem quem assente às virtudes ou vícios.

Para tanto, segundo o Estoicismo, o homem quando nasce tem o impulso, tal qual o animal, como a primeira faculdade que tem por objetivo sua preservação.[121] Não é propriamente o *logos*, visto que este só se desenvolve no homem maduro,[122] ocupando o lugar do impulso, mas não o extirpando, apenas cambiando a faculdade responsável pelas escolhas. Eis a importância da educação da criança a fim de desenvolver o *logos* para discernir as representações verdadeiras das falsas e sempre ceder àquelas conforme sua natureza.

---

[114] SVF III 178-88.
[115] VII 85.
[116] Palavra grega que significa relacionado a, pertencente a, que Zenão a utiliza conceitualmente.
[117] Op.cit.p. 171.
[118] SVF III, 171.
[119] Op.cit.p. 146
[120] O impulso, segundo Crisipo, é um movimento da alma para algo ou afastando dele. (cf. SVF III 377).
[121] SVF II, 979-991.
[122] Por volta dos quatorze anos. Sên. Ep. 124, 9.

# CAPÍTULO 2
# AS POSSÍVEIS FONTES DE INSPIRAÇÃO DO *DE IRA* DE SÊNECA

## 2.1. INSPIRAÇÃO ESTOICA

É um trabalho exaustivo tentar reconstruir as fontes que inspiraram Sêneca a escrever *De Ira*, pois muitas das obras referenciadas se perderam no tempo. A francesa Fillion-Lahille[123] dedica o capítulo III de sua obra onde suscita indagações pertinentes após percorrer a leitura de diversos estudiosos do Estoicismo, principalmente especialistas sobre Sêneca. O que ela nota é que há uma divergência, quase na totalidade, sobre quem de fato inspirou o filósofo na composição de *De Ira*. Para ela, os franceses do início do século XX, Bourgery e Albertini, não se preocuparam em buscar as fontes de algumas obras senequianas por acharem inúteis; os alemães produziram trabalhos vastos, porém fragmentados e contraditórios entre si. Para Allers, Crisipo é o modelo principal de inspiração, acompanhado, em seguida, por Teofrasto, Hierônimo, Antípatro e Sótio; a obra de R. Pfennig, *De librorum quos scripsit Seneca de ira compositione et origine*, de 1887, passagem obrigatória para todos os estudiosos de Sêneca no início do século XX, não aborda nenhum parágrafo sobre as fontes, buscando destacar apenas as inconsistências e repetições que, a seu ver, enchem *De Ira*, para em seguida examinar a relação entre o terceiro e os dois primeiros livros; o SVF de von Arnim é, sem dúvida, um precioso e valioso instrumento, mas ressalta apenas o Estoicismo Antigo, consagrando principalmente a Crisipo a maior parte da obra; os italianos da metade do século XX, Cupaiuolo e Giusta, ofereceram bons trabalhos para o enriquecimento das pesquisas sobre as fontes de Sêneca no seu *De Ira*, apesar de que, para ela, Giusta foi mais original que convincente, incorrendo em erros abissais e oferecendo relações do *De Ira* com outras obras de Sêneca, atribuindo as mesmas fontes de inspiração, quando a maioria dos estudiosos não aceitavam; o professor Pierre Grimal foi o responsável por ressuscitar, na França, trabalhos voltados à filosofia senequiana, mas não se aprofundando nos filósofos que inspiraram Sêneca na composição de *De Ira*; C. Buresh indica uma certa relação do livro II com alguns fragmentos de Sótio; M. Pohlenz e K. Reinhardt pensam numa influência de Posidônio no livro II; Rabbow relacionou o livro I do *De Ira* ao IV das *Tusculanae* de Cícero e atribuiu a Crisipo, por meio de Antíoco, a influência deste. O livro II é apenas uma

[123] Op. cit., p. 29.

substituiçao do I e o III segue a mesma ideia de Pfennig. Ela encerra o capítulo afirmando que foi Crisipo quem mais inspirou Seneca em seu *De Ira*.

Alguns filósofos antigos de diferentes tradições filosófico-literárias trataram das paixões, ainda que não especificamente sobre a ira, mas dos aspectos teóricos, como é o caso dos primeiros pensadores da Stoá, os quais não estavam interessados por esta ou aquela afecção, mas pelo problema da paixão em si. Nas doxografias e fragmentos reunidos por Armin, fica clara a preocupação de Zenão, de ordem teórica e não prática, de não enfatizar a ira ou qualquer outra paixão. Isto será criticado por Cícero nas *Tusculanae,* pois ele esperava que o fundador da Stoá tivesse abordado amplamente o tema. Outros estoicos também seguiram o seu fundador ao abordar o tema de forma geral. Um dos sucessores de Zenão, Aristone, se limitou apenas a dizer que 'a ira é a mãe da injúria'.[124] As obras que tratavam das paixões de autoria dos estoicos antigos, estavam escritas em grego, e Sêneca não era profundo conhecedor do idioma.[125] De outras escolas filosóficas,[126] têm-se já abordando especificamente a ira, várias obras sob o mesmo título *περί πάθος* (Sobre as Paixões);[127] em latim apenas existia o tratado *Tusculanae Disputatione,*[128] de Cícero, sobre as paixões em geral, especificando a ira apenas no livro IV, utilizando-se declaradamente a matriz estoica e polemizando com os peripatéticos sobre o tema. É bem provável que Sêneca conheceu esta obra, apesar de não mencioná-la em *De ira* em nenhum momento, nem para refutar nem concordar.[129] Como o próprio Sêneca recomenda a Lucílio ler os textos na íntegra e não seleções (excerpta)[130] a fim de compreender um assunto, podemos inferir que ele teve contato com essas obras que trataram das paixões. Quando Sêneca se refere a algum filósofo de outra escola, frequentemente o faz para refutar aquilo que não concorda[131] e não se aprofunda deveras na confrontação: apenas usa tais citações para conferir importância àquilo que está afirmando.

Indubitavelmente é o alinhamento de Sêneca ao pensamento ortodoxo estoico, principalmente ao de Crisipo, o responsável por sistematizar o pensamento da

---

[124] Estobeo, III, XX 69. P. 554, 68.

[125] Cupaiuolo op. cit. P. 88. Ele nos recorda das obras de Zenão de Cítio, Aristone de Chios, Hérilo, Crisipo, Ésfero, Hecatone, Posidônio de Rodes, Sósio e Ário Dídimo, todas tratando das paixões sem delimitar uma específica.

[126] Acadêmicos, Peripatéticos e epicuristas, por exemplos. Trataremos mais profundamente no ponto 2.2.

[127] Tudo indica que Aristóteles escreveu uma obra sob o título *περί πάθος*, dedicando um capítulo sobre a ira (οργή). Fica claro quando Sêneca confronta seu pensamento ao do estagirita logo no início do seu *De ira* no I 3, 3.

[128] Cícero, no livro IV, utiliza declaradamente a matriz estoica e polemiza com os peripatéticos sobre o tema.

[129] *De Ira* II 2, 3; III 37, 5. Sêneca utiliza-se mais da tradição grega do que os elementos de Cícero sobre a ira nas *Tusculanae*. Podemos inferir apenas que ele, tal qual Cícero, usa o mesmo esquema de expor o assunto a ser tratado, afrontar com a teoria de outras escolas para, por fim, expor a sua. Como não faz parte do nosso interesse relacionar o *De Ira* com as *Tusculanae* IV, a fim de encontrar uma semelhança mais profunda, não iremos aprofundar no assunto por delimitação do tema.

[130] Ad Lucilium 33, 3.

[131] Sêneca cita Teofrasto em I 12, 3; 19, 3 e Aristóteles em I 9, 2; 17, 1; III 3, 1. Estas citações comprovam a refutação do pensamento de ambos e, fazendo-nos crer na existência das obras tratando sobre as paixões.

Stoá. Todos os estudiosos são unânimes ao enfatizarem a inspiração crisipiana em *De Ira*, principalmente o livro I, ainda que o nome dele não apareça no solilóquio.[132] Isto se dá pelo fato de alguns fragmentos e doxografias remontarem ao pensamento dele sobre as paixões contidas no seu *περί πάθος,* no qual *De Ira* se assemelha. Concordamos com Cupaiuolo[133] ao demonstrar que este alinhamento tem o seu ápice no I 13, 3[134] quando Sêneca defende a posição tomada por Crisipo[135] de que tanto a embriaguez como a demência são empecilhos à virtude[136]. Estes estados de espíritos estão longe de uma vida virtuosa: a primeira por provocar uma perda do senso crítico, e a segunda por não possibilitar o controle racional dos atos humanos.

Ainda para demonstrar que o tratado é uma obra que enaltece e defende os ensinamentos do Estoicismo Antigo por Sêneca, basta observar no livro I 3, 3 quando ele fala que a '*nossa*' definição não é muito diferente da aristotélica ao dizer que a '*ira é o desejo de retribuir um mal*'. Ao usar o pronome possessivo, fica claro o pano de fundo do pensamento senequiano: a tradição estoica. Ainda que ele se utilize, às vezes, de pensamentos de outras escolas, se apropriando apenas daquilo que vai ao encontro dos ensinamentos da Stoá, o faz também para corroborar a supremacia do estoicismo diante das demais. Para Fillion-Lahille,[137] '*De ira* é uma defesa dos princípios mais caros e tradicionais do Estoicismo no que concerne às paixões'. Isto porque, sendo a paixão este desalinhamento com a ordem racional, não pode haver nela nada de útil, nobre e natural. No tocante à ira, é a paixão mais perigosa e execrável. Concordamos ainda com ela quando afirma que 'a obra perpassa esta defesa da tradição, refletindo a sua riqueza nas demonstrações das realidades político-sociais do mundo de sua época, abarcando todos os legados deixados pelos antigos, nos campos literário, histórico e filosófico'.[138] O filósofo sempre evoca acontecimentos do passado para reafirmar a sua visão presente e demonstrar a ferocidade da ira. Era esta a principal razão de tantas idas e vindas, tanto ao passado como em argumentos explicitados anteriormente no livro. Podemos dizer que este era o *modus scribendi et philosophandi* de Sêneca.

---

[132] As obras de Sêneca não são verdadeiros diálogos como os de Platão e de Cícero, o termo solilóquio é mais conveniente, uma vez que o interlocutor faz alguma breve objeção, não tanto polêmica, quase de improviso, passando a um exemplo ou elucidação. Sêneca é o principal personagem, quando usa a sua consciência, perpassando o cotidiano e as lógicas antinomias. Em suas obras, o leitor não encontra a dramaticidade dos diálogos platônicos, como também não encontra a esperteza eloquente de Cícero. Pode-se dizer que, com Sêneca, escrever em Latim toma um ar menos rebuscado e austero, muito caros a Cícero, passando a uma prosa mais leve, atingível e compreensível a todos.

[133] Op. cit., p. 90.

[134] "*Útil', ele diz, 'é a ira porque torna-se mais combatível'. Pensando assim, o mesmo deve ser dito da embriaguez, porque faz o indivíduo mais insolente e audaz no manuseio de armas, após uma discreta dose; e mais uma vez o frenesi e a demência são necessários à força, porque frequentemente a loucura as aumenta'*

[135] Crisipo trata um pouco sobre os males provocados pela ira. SVF III .

[136] Para um melhor aprofundamento da visão crisipiana, ver SVF III 237.

[137] Op. cit., p. 12.

[138] Op. cit., p. 12.

Ele transcreve em sua obra alguns conceitos fundamentais do Estoicismo,[139] enaltecendo logo de início, o *hegemonikon*,[140] a faculdade diretriz e guia da alma humana e que nos diferencia dos animais irracionais. Procede assim como um fiel seguidor e continuador da doutrina filosófica apreendida.[141] Desse modo, sendo a ira contrária à natureza humana, quando enaltece o *lógos*, está validando a máxima estoica, tornando evidentes os ensinamentos da escola à qual pertence e cuja obra, por ora escrita, primeiramente vem em defesa para em seguida demonstrar a preocupação em como extirpar ou moderar a ira. Oliveira[142] chama atenção para o fato de que 'Sêneca parece não estar bem à vontade para tratar do tema' mais caro aos antigos estoicos. A ira deve ser extirpada ou moderada? Se o 'viver de acordo com a *physis*' predispõe viver segundo o *logos*, Sêneca se alinha ao Pórtico ao recomendar a Novato, livrar-se dos primeiros sinais do advento da ira. A orientação é justamente não experienciar nenhuma excitação da paixão, pois uma vez que ela adentra à alma toma o corpo todo, e ninguém é mais capaz de controlar seus impulsos, principalmente a ira.

É provável, como demonstra Fillion-Lahille,[143] que Zenão não tenha inspirado Sêneca no seu *De Ira*, pois este faz referência ao nome daquele apenas uma vez, a fim de referendar o que concorda com o mestre: "o sábio fica com cicatriz na alma após a ferida ser curada".[144] Ademais, o importante é o fato de o sábio não permitir que o *pathos* tome o lugar do *lógos*, mesmo quando ele sinta os sintomas se aproximando. Mais uma vez é evidente este alinhamento, ainda que os estoicos antigos, à exceção de Crisipo, não trataram das paixões de modo prático, apenas teórico.[145] Entendemos que outro propósito de Sêneca ao escrever *De Ira* era preencher a lacuna deixada pelos estoicos que não tratarem, a fundo, do problema da ira e o meio para dominá-la.[146] De tudo isso, uma coisa é certa: Sêneca escreveu *De Ira* para servir de ajuda ao gênero humano, pois esta é a preocupação primeira do estoicismo: realinhar a humanidade com o cosmos.[147]

---

[139] Para uma compreensão da adesão de Sêneca ao pensamento estoico, conferir: I 3, 7; I 7; I 12, 1; I 12, 5; I 14, 2; II 11, 3; II 31, 7; *De Ira* III 5, 8; III 15, 4.
[140] Tratamos no capítulo 1.
[141] Como bem frisou Grimal: 'Sénèque est un penseur d'obedience stoïcienne'. Op. cit., p. 40.
[142] Op. cit. p. 69.
[143] Op. cit., p. 33.
[144] *De Ira* I XVI, 7.
[145] Cícero tece críticas a Zenão e Cleantes, no livro IV das *Disputationes Tusculanae*, por ambos não terem tratados da ira oferecendo meios para combatê-la.
[146] SVF III encontramos uma pequena seção oferecida por Crisipo tratando da ira.
[147] *De Ira* III 43, 1.

## 2.2. PERIPATÉTICOS

Por ser o *De Ira* de Sêneca de inspiração estoica e para defesa dela nos seus dogmas mais fundamentais, além de também oferecer uma terapêutica da ira, é indispensável ressaltar a importância que outros endereços filosóficos tiveram na composição da obra.[148] Para Fillion-Lahille,[149] Sêneca não precisou recorrer, logo de início, às outras escolas, indo primeiro buscar a doutrina da sua sobre o assunto que se comprometera a discorrer. Isto denota que ele teve acesso, primeiramente, a todas as obras que estavam ao seu alcance tratando das paixões[150] e, consequentemente, da ira, tema ao qual Novato indagou.

No *De Ira* I 9, 2,[151] Sêneca cita Aristóteles[152] novamente a fim de refutar seu argumento sobre a utilidade da ira no campo de batalha, não sendo possível, na visão de Sêneca, que esta paixão pudesse comandar racionalmente o homem, visto ser uma característica da ira a rebelião, o não aceitar ordens e o agir por impulso. Porém, em nenhuma obra aristotélica que se tem conhecimento aparece tal máxima, levando-nos a supor ser de Teofrasto tudo que se atribui ao estagirita.[153] A presença de refutação da utilização da ira em circunstâncias diversas da vida, encontramos no livro I, precisamente a partir do capítulo 5 ao 21.[154] Agora, ainda que Sêneca não aluda tanto a Teofrasto quanto a Aristóteles, há uma crítica intrínseca ao pensamento Peripatético.[155] Isto se dá pela diferença de conceitos fundamentais para ambas escolas. O pano de fundo principal é: os estoicos defendem a apatia (*απάθεια*), a imperturbabilidade diante dos acontecimentos, e os peripatéticos a metriopatia (*μετριοπάθεια*), a moderação; os estoicos defendem que a paixão opera e age por nossa vontade, os peripatéticos defendem que ela surge independente da vontade; enfim, para os estoicos a paixão não é

---

[148] A Sêneca o mais importante é o pensamento e não a escola filosófica. Ele explicita isto no *Ad Lucilium* 14, 17, onde é mais importante o pensamento e não a escola que ele pertença, pois o conhecimento erudito não tem finalidade alguma e tampouco contribui à perfeição moral.

[149] Op. cit., p. 39.

[150] Cabe ressaltar que, mesmo com tantas pesquisas, equivocadas ou não, sobre *De Ira* de Sêneca, sempre resta uma lacuna ocasionada pela falta de material dos primeiros estoicos, obrigando-nos a fazer suposições, a partir de cotejamento com fragmentos ou doxografias, ou simplesmente não começarmos essa empreitada vastíssima e exaustiva que é tentar encontrar a ou as fontes senequianas para o seu tratado.

[151] A ira', diz Aristóteles, 'é necessária e, sem ela, não se pode lidar com qualquer coisa, deve inflar o espírito e inflamar o nervo. Mas não devemos usá-la como um mestre, mas como um soldado'. Isso é falso. Na verdade, se ela ouve a razão e segue o caminho que ela trilha, não há raiva, porque a característica da raiva é a rebelião, não parar quando recebe a ordem, mas se deixar levar por sua selvageria indomável como um soldado que não leva em conta o sinal de recuo".

[152] Recomendamos alguns textos de Aristóteles que tratam do tema: E.N. I 13, 1102 b 26; 1103 a 4; II 6, 1106 b; II 5, 1106 a 2; III 8, 1116 b 1117; III 8, 1117 a 8; E.Eud. II 2, 1220 b 15; II 2, 1220 b 15-20; III 1, 1229 a 28. Pol. I 3, 1260 a 5; III 15, 1286 a 19.

[153] Mesmo tais atribuições são confusas por não se saber que obra de Teofrasto Sêneca está refutando ao citar argumentos que são contrários ao que ele pensa. CUPAIUOLO, op. cit., p. 95. Traz exemplos de citações a Teofrasto que são impossíveis saber a quais obras Sêneca está se referindo.

[154] Nestes capítulos sucessivos, Sêneca se refere às passagens que, com um pouco de esforço, vemos uma semelhança com o que pensa Aristóteles. Assim, o *De Ira* I 3, 2 faz referência a Aristóteles na Retórica II 2, no que concerne não se irritar contra pessoa que não se pode vingar-se mais; em I 5, 2, sobre a utilidade da ira, Sêneca refuta Aristóteles em EN. III 8.

[155] Sempre ter em mente que é quase impossível saber a que obra Sêneca alude quando cita ou faz ecoar o pensamento peripatético.

natural, ao passo que para os peripatéticos ela é inerente à natureza humana. Assim, fica claro que no *De Ira*, Sêneca não está apenas discordando deste ou daquele filósofo 'adversário', mas colocando em evidência a supremacia de sua escola ao defender tais princípios.

O propósito de Sêneca é exaltar, a despeito de outras escolas filosóficas que defendem a utilidade da ira em diversos momentos da vida, aquilo que não é de acordo: a ira não possui nada de útil e mantê-la sob controle é o mesmo que tentar domesticar uma fera selvagem. Toda a problemática se resume à questão de quais doutrinas são opostas umas às outras. Isto se vê facilmente nas confrontações senequianas às obras de Aristóteles no seu *De Ira*. Há passagens nas quais Sêneca alude diretamente ao estagirita. Quando não o faz, talvez por dúvida se tal máxima pertença a ele ou por esquecimento, deixa nas entrelinhas.[156] Um exemplo disso, encontramos no *De Ira* I 13, 3 - *Utilis, inquit, ira quia pugnaciores facit* - onde o 'diz ele' faz referência ao que Aristóteles defende no EN III 8, 1117 a 8; em outra passagem, I 17, 1 - *Aristoteles ait adfectus quosdam, si quis illis bene utatur, pro armis esse* - Sêneca já se refere nominalmente posicionando-se contra a argumentação aristotélica de que certas paixões, se bem usadas, convertem-se em armas; podemos encontrar tal recomendação no EN II 6, 1106 b.

Enfim, é impossível negar uma influência Peripatética no *De Ira*, quando Sêneca, mesmo que seja para discordar, mostra conhecer os argumentos da escola contrários à sua. No entanto, ainda que Sêneca enalteça o Estoicismo, é inegável a utilização de outras vertentes gregas, pois ele deixa claro no I, 4, 2 que as terminologias para diferentes casos de ira dadas pelos gregos antigos[157] que subdividiram esta paixão.[158] Portanto, como ressalta Fillion-Lahille,[159] como a ira possui um importante lugar na vida e na imaginação dos antigos, muitos pensadores e poetas a descreveram de modos diferentes, avolumando a quantidade de adjetivos para uma mesma paixão.

---

[156] Daí outra dificuldade em tentar descobrir as fontes de Sêneca, dar margem à contradição e cria dúvida acerca da exatidão da obra consultada.
[157] Pois não se tinha vocábulos correspondentes em latim
[158] Podem-se encontrar umas definições de ira que se assemelham com as que Sêneca utiliza, no EN IV 5, 1126 a 15.
[159] Op. cit., p. 8.

## 2.3. EPICURISTAS

Partindo da premissa de que a Sêneca não importava a escola,[160] mas o pensamento, é inevitável supor o conhecimento das obras de Epicuro, se não na totalidade, ao menos naquilo que fosse de seu interesse.[161] As ideias da Stoá e do Jardim são dessemelhantes, apesar de que a ira não encontra lugar na filosofia epicurista, ao contrário da peripatética - que vê a utilidade da ira em alguns momentos da vida -, por perturbar a serenidade da alma e ser um grande obstáculo à vida do sumo bem que Epicuro conclama.[162] O *De Ira* não possui semelhança alguma com as obras de Epicuro e as de Sêneca,[163] tornando o cotejamento entre elas apenas em suposições. Sêneca no livro I 1, 2, utiliza uma definição de ira- *sapientibus uiris iram dixerunt breuem insaniam* – atribuindo a sábios varões do passado, como sendo uma breve loucura, um momento de insanidade, constando também no *Ad Luc*. 18, 14. Esta definição da ira está na obra de Filodemo de Gadara,[164] levando-nos a crer que seja de Epicuro, pois Filodemo foi o único discípulo do Jardim a discorrer sobre o assunto.

Sêneca não adentra nos pormenores do epicurismo como fez com os peripatéticos, porque é comum a não utilidade da ira para ambas as escolas. O que apenas difere, e Sêneca refuta, é a aceitação da paixão como um fenômeno natural da alma.[165] Cupaiuolo[166] observa que para Epicuro a ira é legítima e inelutável por ser uma paixão, podendo ser controlada e não extirpada, pois o gênero humano não comportaria viver sem ela.[167] Diante disto, Sêneca refuta, por alusões, as teses epicuristas na primeira parte do livro II.[168] Esta forma de confrontar ideias opostas sem mencionar o nome do refutado, que percebemos em algumas de suas obras, repete-se como um meio de afirmar seu pensamento, e para não ser apenas um historiador da filosofia, e sim filósofo. Logo, as refutações senequianas na primeira parte do livro II, são basicamente

---

[160] Cabe ressaltar que Sêneca defende os ensinamentos da Stoá antes de qualquer utilização de pensamentos de outras vertentes filosóficas. Cupaiuolo lembra que ele faz uso de teorias de outras escolas expondo como se fossem suas e com o propósito de tornar mais branda a dureza com que o estoicismo trata de alguns assuntos, principalmente sobre as paixões. Op. cit., p. 102.

[161] No *Ad Lucilium*, encontramos várias citações que Sêneca faz a Epicuro, provando que ele conhecia a filosofia do Jardim. Ex:. 2, 5-6; 4, 10; 7, 11; 8, 7; 9, 1 e 11, 8 etc.

[162] É necessário explicitar que a busca pelo prazer não é o da pura satisfação física imediata, em outras palavras, o 'prazer do movimento', mas o prazer do repouso, aquele em vistas com a dimensão ética e não apenas natural, constituídos pela ataraxia e aponia, quando conquistados pelo auto domínio que por seu turno conduz à autarquia.

[163] Ideias estas da filosofia estoica.

[164] O *περί οργής* tratava da ira. Tal obra se perdeu no tempo.

[165] Na máxima 71, Epicuro aconselha aquilo que é a sua moral prática que, em outras palavras é outra coisa senão de controlar os impulsos com rigor e que apenas os desejos naturais e necessários deveriam ser satisfeitos; àqueles que procuram mais a dor que o prazer, o desprezo; por fim, o conselho final era de analisar o desejo antes de satisfazê-lo, a fim de encontrar as desvantagens e inconveniências oriundas desses mesmos desejos.

[166] Op. cit., p. 98.

[167] Sêneca critica esse posicionamento epicurista no *Ad Luc*. 22, 15 e no *De Ira* II 12, 3, quando, para ele, não há nada que a razão não possa suportar. A mesma crítica o faz Cícero na Tusculanae II 46: *Fieri non potest, natura non patitur*. Op. cit., p. 60.

[168] A diferença no tratamento que Sêneca dá à crítica Peripatética e Epicurista se difere pelo fato dos peripatéticos aceitarem a ira em alguns momentos da vida, ao passo que, para os epicuristas, ela é natural, mas não útil. Cfr. FILLION-LAHILLE, op. cit., p. 223.

contra o pensamento do Jardim acerca de a paixão ser um fenômeno natural da alma. Isso permite que o filósofo estoico demonstre não só o contrário, como enalteça a postura de que não existe a possibilidade de ser bom e manter a ira na alma para poder utilizá-la em momentos oportunos, pois não existe ira boa ou pouco má. O ponto que liga Sêneca a Filodemo, tanto na obra de um quanto na de outro, é justamente a crítica ao pensamento peripatético da possibilidade de usar tal paixão. Assim, no *De Ira* encontramos passagens que se assemelham ao *περί οργής* de Filodemo, que atestam o contato e, de certa forma, uma concordância de Sêneca com o seu pensamento.[169] Este é o ponto central em que Sêneca rebate o epicurismo, como também vai delineando a figura do sábio estoico em detrimento do sábio epicurista.

[169] Cupaiuolo demonstra essas conexões nas seguintes passagens: a ira é um mal e tem-se que curar a pessoa tomada por ela (*περί οργής* III 20-25; V-VII e *De Ira* I 1, 1; II 36, 4; III 28, 3); representam as alterações visíveis do irado (*περί οργής* 1, 3-21; col. VIII 8-28, IX; X e *De Ira* I 1, 4; II 35, 1,5; III 4, 1,2); descrevem o mal que a ira faz à humanidade (*περί οργής* col. XI-XXIX e *De Ira* I 2, 1,2); enfatizam que a ira não salva ninguém (*περί οργής* co. XXX 35-36 e *De Ira* III 2, 1,3); negam que necessita punir sob a ira (*περί οργής* col. XLII 18-24; XXXIV 1-5; XLIV 15-21. 27-31 e *De Ira* I 5,3; 15, 1; 15, 2-16, 1; 16, 3; 18, 1-6; 19,7; sobre a utilidade da ira na guerra (*περί οργής* XXXII 35-39; XXXIII 2-7 e *De Ira* I 5-17; III 3, 2-5. Op. cit., p. 98. (não há nem no *περί οργής* nem no De Ira, a definição sobre ela. P. 98).

# TEXTO LATINO E TRADUÇÃO

## L. ANNAEI SENECAE
## AD NOVATVM DE IRA

### LIBER I

### I

1. Exegisti a me, Nouate, ut scriberem quemadmodum posset ira leniri, nec inmerito mihi uideris hunc praecipue adfectum pertimuisse maxime ex omnibus taetrum ac rabidum. Ceteris enim aliquid quieti placidique inest, hic totus concitatus et in impetu est, doloris armorum, sanguinis suppliciorum minime humana furens cupiditate, dum alteri noceat sui neglegens, in ipsa inruens tela et ultionis secum ultorem tracturae auidus.

**Lúcio Anêo Sêneca**

**A Novato, Sobre a Ira**

**Livro I**

**I**

1. Exigiste de mim, Novato, que escrevesse como moderar[170] a ira.[171] E me parece que você teme particularmente a esta paixão, que é a mais tenebrosa e desenfreada dentre todas.[172] Nas outras, com efeito, há um tanto de calma e placidez;[173] essa é repleta de agitação e impetuosa, frenética no desejo desumano pela dor, por combates, sangue e suplícios. Esquece de si, obstinada por ferir aos outros, lançando-se em meio às suas espadas, é ávida por vingança que por sua vez leva consigo o vingador.

---

[170] *Leniri* tem como sinônimos abrandar, acalmar, consolar, apaziguar. Algumas versões optam por dominar, curar, aplacar, dissipar. Achamos por bem abrandar tendo como base o pedido de Novato.

[171] Mantivemos a palavra ira por ela ser utilizada tradicionalmente como termo denominador dessa afecção e não ódio ou raiva, como algumas versões.

[172] A ira tinha um lugar importante na vida dos antigos, pois eles a temiam (cf. Fillion-Lahille, p. 9).

[173] Os sinais precursores anunciam sua chegada dando, ainda, o controle sobre a paixão.

2. Quidam itaque e sapientibus uiris iram dixerunt breuem insaniam; aeque enim inpotens sui est, decoris oblita, necessitudinum immemor, in quod coepit pertinax et intenta, rationi consiliisque praeclusa, uanis agitata causis, ad dispectum aequi uerique inhabilis, ruinis simillima quae super id quod oppressere franguntur.

2. Por isso, alguns sábios disseram que ela, a ira, é 'uma breve loucura'.[174] Porque, igualmente impotente, esquece o decoro, os laços afetivos, teimosa e obstinada no objetivo, fechada aos conselhos e a razão, inquietada por motivos vãos, incapaz de distinguir entre o verdadeiro e o errado, semelhante às coisas que desabam e se desfaz sobre aquele que as esmagou.

3. Vt scias autem non esse sanos quos ira possedit, ipsum illorum habitum intuere; nam ut furentium certa indicia sunt audax et minax uultus, tristis frons, torua facies, citatus gradus, inquietae manus, color uersus, crebra et uehementius acta suspiria, ita irascentium eadem signa sunt:

3. Para que saibas que não há sanidade naquele possuído pela ira, observa suas aparências,[175] pois como o louco tem sinais evidentes o rosto audaz e ameaçador, o aspecto triste, a face sombria, os passos incitados, as mãos inquietas, a cor alterada, a respiração frequente e ofegante, assim são os sinais do enraivecido:

---

[174] *Ira furor brevis est*. (Horácio, *Epistulae* 1,ii,62. Canto Maior).
[175] Aquelas atitudes que denotam o indivíduo fora de si: palavras embaraçadas, olhos cintilantes, vontades exarcebadas por cometer algo etc.

4. Flagrant ac micant oculi, multus ore toto rubor exaestuante ab imis praecordiis sanguine, labra quatiuntur, dentes comprimuntur, horrent ac surriguntur capilli, spiritus coactus ac stridens, articulorum se ipsos torquentium sonus, gemitus mugitusque et parum explanatis uocibus sermo praeruptus et conplosae saepius manus et pulsata humus pedibus et totum concitum corpus magnasque irae minas agens, foeda uisu et horrenda facies deprauantium se atque intumescentium -- nescias utrum magis detestabile uitium sit an deforme.

4. seus olhos inflamam e brilham, rubor intenso toma conta de sua face, por causa do sangue pressionado do coração com violência, os lábios tremem, os dentes cerram-se, os cabelos arrepiam-se e encrespam-se, a respiração é intensa e ruidosa, os dedos se contorcem e se estalam, os gemidos e urros, o falar faz-se com palavras abruptas e embaraçadas, permanentemente suas mãos se colidem e seus pés golpeiam o solo, com todo o seu corpo agitado revelando a ameaça da ira, o rosto disforme e horrível daqueles que desfiguram entumescem.[176] Impossível saber se é um vício mais detestável ou deforme.

5. Cetera licet abscondere et in abdito alere: ira se profert et in faciem exit, quantoque maior, hoc efferuescit manifestius. Non uides ut omnium animalium, simul ad nocendum insurrexerunt, praecurrant notae ac tota corpora solitum quietumque egrediantur habitum et feritatem suam exasperent?

5. Embora as outras[177] podem-se escondidas e nutrí-las secretamente:[178] a ira se demonstra pela face e, quanto for maior, mais evidentemente se manifesta. Não percebes, como em todos os animais, os sinais do combate iminente, agitam todo o corpo, deixando a calma ordinária para exaltar sua ferocidade?

---

[176] A ira mexe com a fisiologia de todo o corpo, denotando a ferocidade da pessoa dominada por ela. A pessoa tomada por essa afecção, demonstra, primeiramente, com algum gesto, o iniciar dela. Todos esses sinais são momentâneos, intensificando-se conforme cresce a ira ou os insultos recebidos.
[177] As outras paixões.
[178] O ódio é uma paixão que se oculta por muito tempo, dado a sua natureza de esperar o momento certo para cometer a vingança.

6. Spumant apris ora, dentes acuuntur adtritu, taurorum cornua iactantur in uacuum et harena pulsu pedum spargitur, leones fremunt, inflantur inritatis colla serpentibus, rabidarum canum tristis aspectus est: nullum est animal tam horrendum tam perniciosumque natura ut non appareat in illo, simul ira inuasit, nouae feritatis accessio.

6. Os javalis espumam pela boca, seus dentes afiam-se com os atritos, os chifres dos touros golpeiam o vácuo e a areia espalham-se sob seus pés, tremem os leões, infla-se o pescoço das serpentes irritadas, os cachorros raivosos tem aspecto ameaçador. Não há animal mais terrível e perigoso por natureza que não demonstre, quando tomado pela ira, uma ferocidade maior.

7. Nec ignoro ceteros quoque adfectus uix occultari, libidinem metumque et audaciam dare sui signa et posse praenosci; neque enim ulla uehementior intrat agitatio quae nihil moueat in uultu. Quid ergo interest? Quod alii adfectus apparent, hic eminet.

7. Não ignoro que as outras paixões sejam difíceis de esconder. A libido, o medo e a audácia[179] anunciam seus sinais podendo pressenti-los. Assim, nenhuma agitação nos adentra sem que mude o semblante. Então, qual a diferença? As outras paixões são aparentes; esta[180] destaca-se.

[179] O filósofo se utiliza do Catálogo das Paixões onde os antigos estoicos subescreveram as diferentes paixões e males (SVF III)
[180] A ira.

**II**

1. Iam uero si effectus eius damnaque intueri uelis, nulla pestis humano generi pluris stetit. Videbis caedes ac uenena et reorum mutuas sordes et urbium clades et totarum exitia gentium et principum sub ciuili hasta capita uenalia et subiectas tectis faces nec intra moenia coercitos ignes sed ingentia spatia regionum hostili flamma relucentia.

II

1. Se tens interesse em ver seus efeitos e danos, nenhuma peste custou tanto para o gênero humano. Verás assassinatos e envenenamentos, acusações mútuas entre os réus, cidades desoladas,[181] povos destruídos, os chefes tendo suas cabeças vendidas em leilão, pira incendiária lançadas às casas. O fogo destruidor não é mais restrito aquém dos muros, mas vastas extensões reluzindo pelas fogueiras do inimigo.

2. Aspice nobilissimarum ciuitatum fundamenta uix notabilia: has ira deiecit. Aspice solitudines per multa milia sine habitatore desertas: has ira exhausit. Aspice tot memoriae proditos duces mali exempla fati: alium ira in cubili suo confodit, alium intra sacra mensae iura percussit, alium intra leges celebrisque spectaculum fori lancinauit, alium filii parricidio dare sanguinem iussit, alium seruili manu regalem aperire iugulum, alium in cruce membra diffindere.

2. Veja as fundações de cidades notáveis no passado, não podendo distingui-las: a ira as destruiu. Veja os desertos desabitados por quilômetros: a ira os desvastou. Veja muitos chefes históricos, exemplos de um destino fatal: a ira golpeou a um em sua cama; outro, no sagrado banquete à mesa;[182] a outro, fez em pedaços diante da sede das leis e do foro abarrotado; a outro, forçou a entregar o seu sangue a um filho, cometendo parricídio; um outro, a oferecer a garganta a um escravo; a outro, estender os membros numa cruz.

[181] Exemplo as três Guerras Púnicas que culminaram na destruição de Cartago pela inveja e ira dos romanos.
[182] Ver livro III 17,1, onde Sêneca relata o assassinato de Clito por Alexandre, porque aquele não o bajulava suficientemente.

3. Et adhuc singulorum supplicia narro: quid si tibi libuerit, relictis in quos ira uiritim exarsit, aspicere caesas gladio contiones et plebem inmisso milite contrucidatam et in perniciem promiscuam totos populos capitis damnatos * * *

3. E até agora comentei suplícios singulares. Isto é, se omitidos os casos cujo a ira inflamou restritamente, e sendo a tua vontade em observar às assembleias destruídas pela espada, e o povo chacinado pelos soldados invasores, nações inteiras entregues à pena capital...[183] [**lacuna**]

4. ... tamquam aut curam nostram deserentibus aut auctoritatem contemnentibus. Quid? gladiatoribus quare populus irascitur, et tam inique ut iniuriam putet quod non libenter pereunt? contemni se iudicat et uultu gestu ardore ex spectatore in aduersarium uertitur.

4. ... Como se abandonassem de nós o cuidado e desprezassem a nossa autoridade. Como? Por que se irrita tão injustamente o povo contra os gladiadores quando não morrem de boa vontade, considerando isso uma ofensa? Julga desprezado, e pela expressão, pelo gesto e entusiasmo, de espectador converte-se em inimigo.

5. Quidquid est tale, non est ira, sed quasi ira, sicut puerorum qui, si ceciderunt, terram uerberari uolunt et saepe ne sciunt quidem cur irascantur, sed tantum irascuntur, sine causa et sine iniuria, non tamen sine aliqua iniuriae specie nec sine aliqua poenae cupiditate. Deluduntur itaque imitatione plagarum et simulatis deprecantium lacrimis placantur et falsa ultione falsus dolor tollitur.

5. O que quer que seja, não é ira, mas quase ira, tal como a das crianças que, ao caírem, querem bater o chão, e frequentemente, nem sabem por que se irritam, mas se irritaram, sem ofensa e sem motivo, porém, não sem causa aparente e sem o desejo de castigo. Assim iludidos por fingidos golpes, lágrimas simuladas e um pedido de perdão, acalmam-nas, e a falsa vingança elimina a falsa raiva.

[183] A lacuna já foi devidamente explicitada no tópico 2. 1.

**III**

1. 'Irascimur' inquit 'saepe non illis qui laeserunt, sed iis qui laesuri sunt; ut scias iram non ex iniuria nasci.' Verum est irasci nos laesuris, sed ipsa cogitatione nos laedunt, et iniuriam qui facturus est iam facit.

III

1. "Frequentemente nos enfurecemos", argumenta-se,[184] "não contra os que nos ofenderam, senão com aqueles que intencionam ofender, o que demonstra que a ira não nasce da injúria." É verdade que nos irritamos com aqueles que desejam nos ultrajar, porém pensamos que já nos ultrajaram, e quem medita uma ofensa, já começou a ofender.

2. 'Vt scias' inquit 'non esse iram poenae cupiditatem, infirmissimi saepe potentissimis irascuntur nec poenam concupiscunt quam non sperant.' Primum diximus cupiditatem esse poenae exigendae, non facultatem; concupiscunt autem homines et quae non possunt. Deinde nemo tam humilis est qui poenam uel summi hominis sperare non possit: ad nocendum <omnes> potentes sumus.

2. "Para que saibas", dizem, "que a ira não é um desejo de castigar, quando, frequentemente, os mais fracos se irritam com os poderosos, sendo que estes não desejam um castigo que não esperam". Em primeiro lugar, dissemos que há o desejo de reclamar e não possibilidade de penalizar; o homem deseja também aquilo que não pode alcançar. Além disso, ninguém é tão humilde que não possa esperar o castigo do homem mais forte. Para fazer o mal, somos potentes.

[184] Aqui Sêneca começa a rebater argumentos de outros pensadores ou ditos populares.

3. Aristotelis finitio non multum a nostra abest; ait enim iram esse cupiditatem doloris reponendi. Quid inter nostram et hanc finitionem intersit, exequi longum est. Contra utramque dicitur feras irasci nec iniuria inritatas nec poenae dolorisue alieni causa; nam etiam si haec efficiunt, non haec petunt.

3. A definição de Aristóteles não difere muito da nossa. Ele diz que a ira é o desejo de retribuir uma dor.[185] Seria longo examinar do que essa definição difere da nossa. Objeta-se de que as feras se irritam sem o estímulo de uma injúria nem causar danos ou sem pretensão de castigar. Mesmo que os causem, não buscam fazer o mal.[186]

4. Sed dicendum est feras ira carere et omnia praeter hominem; nam cum sit inimica rationi, nusquam tamen nascitur nisi ubi rationi locus est. Impetus habent ferae, rabiem feritatem incursum, iram quidem non magis quam luxuriam, et in quasdam uoluptates intemperantiores homine sunt.

4. Porém devemos dizer que as feras careçam de ira, como todo aquele que não é homem. Isto, posto, sendo incompatível com a razão, somente se desenvolve onde há razão. As feras têm impulsos, raiva, ferocidade e agressividade; não conhecem mais a ira do que a luxuria, mesmo que para algumas voluptuosidades sejam mais intemperantes que os homens.

5. Non est quod credas illi qui dicit: non aper irasci meminit, non fidere cursu cerua nec armentis incurrere fortibus ursi. Irasci dicit incitari, inpingi; irasci quidem non magis sciunt quam ignoscere.

5. Não deves crer naquele que diz: o javali esqueceu-se de sua ira, o cervo, de confiar na sua corrida, os ursos não atacam mais as manadas".[187] Ele chama ira o estimular-se, o lançar-se, pois não sabem mais irritar-se do que perdoar.

---

[185] No tratado Sobre a Alma, Aristóteles fala de dois modos de definir as paixões, dando o exemplo da cólera (orgé), que pode ser vista pelo lado físico como um fenômeno corporal, uma efervescência do sangue no coração, ou pelo dialético como um desejo ressentindo de reação. cf. De Anima, 403a 29ss. Cf. Fillion-Lahille 1984, p.204.

[186] Apenas o ser dotado de razão é capaz de articular e causar um dano ao outro. Os animais o fazem por instinto natural de preservação de sua espécie ou habitat.

[187] Ovídio, Metamorfose Liv.VII, 20.

6. Muta animalia humanis adfectibus carent, habent autem similes illis quosdam inpulsus; alioqui, si amor in illis esset et odium, esset amicitia et simultas, dissensio et concordia; quorum aliqua in illis quoque extant uestigia, ceterum humanorum pectorum propria bona malaque sunt.

6. Os animais não possuem as paixões humanas, têm apenas alguns impulsos semelhantes. Caso contrário, se houvesse neles amor e ódio, haveriam também amizade e inimizade as dissensões e a concórdia. Todas essas encontram neles alguns vestígios; mas o bem e o mal são próprios do coração humano.[188]

7. Nulli nisi homini concessa prudentia est, prouidentia diligentia cogitatio, nec tantum uirtutibus humanis animalia sed etiam uitiis prohibita sunt. Tota illorum ut extra ita intra forma humanae dissimilis est; regium est illud et principale aliter ductum.Vt uox est quidem, sed non explanabilis et perturbata et uerborum inefficax, ut lingua, sed deuincta nec in motus uarios soluta, ita ipsum principale parum subtile, parum exactum. Capit ergo uisus speciesque rerum quibus ad impetus euocetur, sed turbidas et confusas.

7. Somente ao homem foi dada a prudência, o discernimento, a diligência, a reflexão. Por isso é proibido aos animais as virtudes e vícios humanos. A compleição interna e externa, diferem absolutamente da compleição humana. A faculdade diretora[189] e principal tem outra configuração. Possuem uma voz, mas inarticulada, incompreensível, incapaz de formar palavras; tem uma língua, mas presa e inábil às inflexões variadas; do mesmo modo, o princípio diretor é pouco ágil, não exato. Ela percebe as aparências e imagens das coisas que excitam seus movimentos, mas são turvas e confusas.[190]

---

[188] Aqui o filósofo explicita a diferença entre os instintos e a razão, dando ao homem o entendimento das coisas que lhes apresentam e são apreendidas.
[189] *Tó Hegemonikón.*
[190] Aqui o filósofo denota a diferença entre o homem e os animais naquilo que compreende a fisiologia. Ou seja, não adianta-lhes possuírem as mesmas coisas que o homem, pois nunca conseguirão desenvolve-las por não ter o *lógos* humano.

8. Ex eo procursus illorum tumultusque uehementes sunt, metus autem sollicitudinesque et tristitia et ira non sunt, sed his quaedam similia; ideo cito cadunt et mutantur in contrarium et, cum acerrime saeuierunt expaueruntque, pascuntur, et ex fremitu discursuque uesano statim quies soporque sequitur.

8. Por isso, seus impulsos e perturbações são veementes. O temor, ansiedade, tristeza e ira não os perturbam, mas coisas similares. Assim, tão logo cessando e voltando-se ao seu contrário, os animais, após momentos de raiva ou violência, alimentam-se. Aos abalos, sucedem o descanso e o sono.

**IV**

1. Quid esset ira satis explicitum est. Quo distet ab iracundia apparet: quo ebrius ab ebrioso et timens a timido. Iratus potest non esse iracundus: iracundus potest aliquando iratus non esse.

IV

1. Está suficientemente explícito o que é a ira. Está bem claro como se diferencia da irascibilidade:[191] como o ébrio do alcoólatra e o assustado do tímido. O irado pode não ser iracundo, como o iracundo pode, algumas vezes, não está irado.

2. Cetera quae pluribus apud Graecos nominibus in species iram distinguunt, quia apud nos uocabula sua non habent, praeteribo, etiam si amarum nos acerbumque dicimus, nec minus stomachosum rabiosum clamosum difficilem asperum, quae omnia irarum differentiae sunt; inter hos morosum ponas licet, delicatum iracundiae genus.

2. As outras distinções com as quais os gregos designam as diferentes espécies de ira, omitirei por não possuirmos vocábulos próprios, pois, se chamarmos a um de irritadiço ou carrancudo, como também irado, raivoso, gritalhão, desagradável, áspero, exprimem apenas diferentes ira, havendo a possibilidade de inserir o moroso, um tipo refinado de irascibilidade.[192]

---

[191] O irascível tende a se irritar facilmente, já é um estado quase que intrínseco, ao passo que o indivíduo não irascível tem explosão de ânimo repentino.
[192] Cícero foi o responsável por criar alguns vocábulos latinos transliterados do grego.

3. Quaedam enim sunt irae quae intra clamorem considant, quaedam non minus pertinaces quam frequentes, quaedam saeuae manu uerbis parciores, quaedam in uerborum maledictorumque amaritudinem effusae; quaedam ultra querellas et auersationes non exeunt, quaedam altae grauesque sunt et introrsus uersae: mille aliae species sunt mali multiplicis.

3. Há algumas iras que se encerram com gritos; algumas são mais persistentes que frequentes; algumas outras, tem a mão violenta e são frugais nas palavras; outras, prorrompem-se nas injúrias e palavras amargas; algumas não vão além de queixas e aversões; outras são graves, profundas e introvertidas. Há, portanto mil espécies desse mal múltiplo.

**V**

1. Quid esset ira quaesitum est, an in ullum aliud animal quam in hominem caderet, quo ab iracundia distaret, quot eius species essent: nunc quaeramus an ira secundum naturam sit et an utilis atque ex aliqua parte retinenda.

V

1. Até aqui questionamos o que é a ira, se ela acontece em outro animal que não no homem, no que se diferencia da irascibilidade e em quantas são suas espécies. Indaguemos agora se a ira é segundo a natureza, se é útil e se deve mantê-la em partes.

2. An secundum naturam sit manifestum erit, si hominem inspexerimus. Quo quid est mitius, dum in recto animi habitus est? quid autem ira crudelius est? Quid homine aliorum amantius? quid ira infestius? Homo in adiutorium mutuum genitus est, ira in exitium; hic congregari uult, illa discedere, hic prodesse, illa nocere, hic etiam ignotis succurrere, illa etiam carissimos petere; hic aliorum commodis uel inpendere se paratus est, illa in periculum, dummodo deducat, descendere.

2. Se ela é segundo a natureza,[193] manifestará após uma inspeção ao homem. O que é mais suave quando a sua alma é equlibrada? Mas, o que é mais cruel que a ira? Quem é mais dócil com os outros do que o homem? O que é mais hostil do que a ira? O homem é para a reciprocidade; a ira para a destrutição. Ele quer unir-se, ela separar; o homem quer ser útil, a ira ser prejudicial; aquele socorrer até os desconhecidos, ela, ferir até aos mais íntimos; o homem se doa até ao sacrifício pelo outro, ela, no perigo, deseja abater aos demais.

---

193 Como defendem os peripatéticos.

3. Quis ergo magis naturam rerum ignorat quam qui optimo eius operi et emendatissimo hoc ferum ac perniciosum uitium adsignat? Ira, ut diximus, auida poenae est, cuius cupidinem inesse pacatissimo hominis pectori minime secundum eius naturam est. Beneficiis enim humana uita constat et concordia, nec terrore sed mutuo amore in foedus auxiliumque commune constringitur.

3. Portanto, quem ignora mais a natureza do que quem doou um vício tão feroz e pernicioso ao melhor e mais perfeito dentre suas obras? Como já dissemos, a ira é ávida de castigo, é um desejo que não pode estar, segundo a natureza, no coração pacato do homem. A vida humana é pautada nas ações boas e na concórdia, não no terror, mas no amor mútuo e é voltada à aliança e ao comum auxílio.

**VI**

1. 'Quid ergo? non aliquando castigatio necessaria est?' Quidni? sed haec sine ira, cum ratione; non enim nocet sed medetur specie nocendi. Quemadmodum quaedam hastilia detorta ut corrigamus adurimus et adactis cuneis, non ut frangamus sed ut explicemus, elidimus, sic ingenia uitio praua dolore corporis animique corrigimus.

**VI**

1. "O quê, então? O castigo às vezes não é necessário?" Por que não? Porém, sem ira, com razão, não danoso, mas curar parecendo ser danoso.[194] Da mesma forma que, lançados ao fogo algumas estacas tortas, tendo por finalidade de endireitá-las, após talhar o excesso, assim também corrigimos os caráteres viciosos, pela dor física e da alma.

[194] O papel pedagógico aprendido pelos antigos estoicos.

2. Nempe medicus primo in leuibus uitiis temptat non multum ex cotidiana consuetudine inflectere et cibis potionibus exercitationibus ordinem inponere ac ualetudinem tantum mutata uitae dispositione firmare. Proximum est ut modus proficiat. Si modus et ordo non proficit, subducit aliqua et circumcidit; si ne adhoc quidem respondet, interdicit cibis et abstinentia corpus exonerat; si frustra molliora cesserunt, ferit uenam membrisque, si adhaerentia nocent et morbum diffundunt, manus adfert; nec ulla dura uidetur curatio cuius salutaris effectus est.

2. Naturalmente o médico, nas enfermidades leves, primeiramente tenta não modificar damasiado os hábitos costumeiros, tratando, a partir da alimentação, das poções e dos exercícios, dispor de um balanceamento e, disso, passar a melhorar a saúde pelo padrão de vida. Próxima ação é dispor de uma dieta. Mas, se a dieta e o balanceamento não surtirem efeitos, tolhe ou reduz algumas coisas. Se mesmo assim não obtem resultado, indica o jejum e a abstinência para o alívio do corpo. Se tais ações resultam frustradas, fura uma veia, pondo as mãos nos órgãos, prevenindo a propagação da doença. Nenhum tratamento parece duro se o efeito é salutar.

3. Ita legum praesidem ciuitatisque rectorem decet, quam diu potest, uerbis et his mollioribus ingenia curare, ut facienda suadeat cupiditatemque honesti et aequi conciliet animis faciatque uitiorum odium, pretium uirtutium; transeat deinde ad tristiorem orationem, qua moneat adhuc et exprobret; nouissime ad poenas et has adhuc leues, reuocabiles decurrat; ultima supplicia sceleribus ultimis ponat, ut nemo pereat nisi quem perire etiam pereuntis intersit.

3. Assim, aquele que legisla e governa uma cidade, o quanto puder, deverá tratar os caráteres com palavras e medidas brandas, e assim induzir neles a fazer surgirem nas almas o desejo do honesto e do que é justo, provocar o ódio aos vícios e a estima pelas virtudes. Prosseguidamente, deverá passar a um discurso mais severo, que seja de advertência e censura. Porfim, passe aos castigos, mas leves e revogáveis. Aplique penas severas aos delitos extremos, tendo por objetivo que ninguém morra se não aquele que, morrendo, tenha interesse em morrer.[195]

[195] Em vários momentos da obra, vemos a ortodoxia de Sêneca no que se refere ao modo de admoestar. Para o Estoicismo, a educação do jovem é fator primordial para não se deixar dominar pelas paixões. Todo estoico é um pedagogo.

4. Hoc uno medentibus erit dissimilis, quod illi quibus uitam non potuerunt largiri facilem exitum praestant, hic damnatos cum dedecore et traductione uita exigit, non quia delectetur ullius poena -- procul est enim a sapiente tam inhumana feritas -- sed ut documentum omnium sint, et quia uiui noluerunt prodesse, morte certe eorum res publica utatur. Non est ergo natura hominis poenae adpetens; ideo ne ira quidem secundum naturam hominis, quia poenae adpetens est.

4. Ele[196] diferenciará dos médicos, pois se não podem conceder a vida, tentam uma saída mais branda à morte, e aquele tira a vida aos condenados com desonra e aversão, não por prazer – o sábio não sente tamanha crueldade -, mas para que sirva como ensinamentos a todos, porque não quiseram ser úteis vivos, seja útil a todos por sua morte. A natureza humana não se compraz com o castigo; por esse motivo a ira não está de acordo com a natureza do homem, porque ela compraz com o castigo.

5. Et Platonis argumentum adferam -- quid enim nocet alienis uti ea parte qua nostra sunt? 'Vir bonus' inquit 'non laedit.' Poena laedit; bono ergo poena non conuenit, ob hoc nec ira, quia poena irae conuenit. Si uir bonus poena non gaudet, non gaudebit ne eo quidem adfectu cui poena uoluptati est; ergo non est naturalis ira.

5. Trarei um argumento de Platão[197] - qual o mal em citar dos outros aquilo que está conforme com o nosso? -, “O homem virtuoso”, diz ele, “não causa o mal”. Castigar é causar um mal. O castigar, portanto, não está de acordo com o homem virtuoso, como também a ira, porque o castigo se adapta a ela. Se o homem virtuoso não se alegra com o castigo, não se comprazerá com uma paixão cuja alegria está no castigo. Portanto, a ira não é natural.

[196] Que governa a cidade.
[197] A primeira de três citações na obra. As demais: I 19, 7; 20, 2.

**VII**

1. Numquid, quamuis non sit naturalis ira, adsumenda est, quia utilis saepe fuit? Extollit animos et incitat, nec quicquam sine illa magnificum in bello fortitudo gerit, nisi hinc flamma subdita est et hic stimulus peragitauit misitque in pericula audaces. Optimum itaque quidam putant temperare iram, non tollere, eoque detracto quod exundat ad salutarem modum cogere, id uero retinere sine quo languebit actio et uis ac uigor animi resoluetur.

VII

1. Mesmo a ira não sendo natural, não deve ser admitida, porque algumas vezes foi útil? Exalta e instiga os ânimos, nada de grandioso e magnifico na guerra se faz sem ela, se em seu fogo não foi acendido o ânimo, aqui e alí, que repele os audazes a lançar-se em meio aos perigos. Portanto, alguns pensam que é melhor moderar a ira, mas não extingui-la totalmente,[198] tolhendo o excesso a fim de possuí-la numa proporção saudável, preservando um resto que doa a energia e vigor à alma para a ação não ser lânguida e dispensada.

2. Primum facilius est excludere perniciosa quam regere et non admittere quam admissa moderari; nam cum se in possessione posuerunt, potentiora rectore sunt nec recidi se minuiue patiuntur.

2. Primeiramente, é mais fácil eliminar do que controlar os impulsos perniciosos, não permiti-los do que moderá-los uma vez admitidos. De fato, a partir do momento que tomam posse, sao mais fortes do que aquele que os controlam, não conhecendo cortes nem limites.[199]

[198] Aristóteles, peripatéticos.
[199] Por isso que os estoicos sao contrários à manutenção de qualquer paixão não alma porque não se tem controle sobre suas ações.

3. Deinde ratio ipsa, cui freni traduntur, tam diu potens est quam diu diducta est ab adfectibus; si miscuit se illis et inquinauit, non potest continere quos summouere potuisset. Commota enim semel et excussa mens ei seruit quo inpellitur.

3. Depois, a própria razão, que controla os freios, detém o poder pelo tempo que se mantiver longe das paixões. Mas, se misturou a elas e se contaminou, não conseguirá deter aquilo que seria possível. A mente, uma vez perturbada e abatida, é escrava de tudo que a impele.

4. Quarundam rerum initia in nostra potestate sunt, ulteriora nos ui sua rapiunt nec regressum relinquunt. Vt in praeceps datis corporibus nullum sui arbitrium est nec resistere morariue deiecta potuerunt, sed consilium omne et paenitentiam inreuocabilis praecipitatio abscidit et non licet eo non peruenire quo non ire licuisset, ita animus, si in iram amorem aliosque se proiecit adfectus, non permittitur reprimere impetum; rapiat illum oportet et ad imum agat pondus suum et uitiorum natura procliuis.

4. Certas coisas estão sob nosso poder no início,[200] com sua própria força, nos arrastam e não permitem regresso. Da mesma forma que os corpos que são atirados num abismo não dispõem sobre si e também não podem, ao precipitar-se, deter-se ou desacelerar, pois a queda é irrevogável e exclui toda reflexão e arrependimento, não sendo mais possível voltar onde, primeiro, não deveria ter ido. Da mesma forma a alma, se mirou na ira, no amor ou quaisquer outras paixões, não tem o direito em reprimir os impulsos; é inelutável o arrastamento ao fundo por si, dado o peso e a natureza dos vícios.

[200] Para ele, sentir os primeiros impulsos da paixão não é um mal. Torna-se quando consentido, porque aí não tem volta.

## VIII

1. Optimum est primum inritamentum irae protinus spernere ipsisque repugnare seminibus et dare operam ne incidamus in iram. Nam si coepit ferre transuersos, difficilis ad salutem recursus est, quoniam nihil rationis est ubi semel adfectus inductus est iusque illi aliquod uoluntate nostra datum est: faciet de cetero quantum uolet, non quantum permiseris.

## VIII

1. O melhor é refutar imediatamente o primeiro irritamento da ira,[201] combater contra suas sementes e não permitir incidir na ira. Com efeito, se ela começou a nos modificar, fica difícil voltar a ser saudável, pois não existe razão onde foi permitida a entrada da paixão, dando-lhe algum direito pela nossa própria vontade. Ela fará tudo quanto queira, não quanto lhe for permitido.

2. In primis, inquam, finibus hostis arcendus est; nam cum intrauit et portis se intulit, modum a captiuis non accipit. Neque enim sepositus est animus et extrinsecus speculatur adfectus, ut illos non patiatur ultra quam oportet procedere, sed in adfectum ipse mutatur ideoque non potest utilem illam uim et salutarem proditam iam infirmatamque reuocare.

2. Primeiramente, digo, deve-se afugentar do território o inimigo. Com efeito, depois que adentrou e escancarou as portas, não aceita ordens dos prisioneiros. No entando, a alma não está isolada, como se observando as paixões do lado de fora, a fim de impedí-las avançarem além do aceitável, mas ela transmuta-se na paixão, ficando impedida de invocar aquela força útil e salutar, restando sem forças.

[201] Explicitamos acerca do consentimento na introdução.

3. Non enim, ut dixi, separatas ista sedes suas diductasque habent, sed adfectus et ratio in melius peiusque mutatio animi est. Quomodo ergo ratio occupata et oppressa uitiis resurget, quae irae cessit? Aut quemadmodum ex confusione se liberabit in qua peiorum mixtura praeualuit?

3. Com efeito, como eu disse, não há sede própria, distintas e separadas,[202] mas que a paixão e a razão são modificações da alma para melhor ou para o pior. De que modo a razão, ocupada e oprimida pelos vícios, poderá ressurgir depois de ceder à ira? Ou, de que modo libertar-se-á da confusão da qual a pior parte prevaleceu na mistura?

4. 'Sed quidam' inquit 'in ira se continent.' Vtrum ergo ita ut nihil faciant eorum quae ira dictat an ut aliquid? Si nihil faciunt, apparet non esse ad actiones rerum necessariam iram, quam uos, quasi fortius aliquid ratione haberet, aduocabatis.

4. ‘Mas alguns’, dizem, 'na ira se contem.” Estão agindo diferente daquilo ditado pela ira ou apenas uma parte? Se nada fazem, fica claro a não necessidade da ira em ser invocada para agir diante das coisas, como se houvesse qualquer coisa mais forte que a razão.

5. Denique interrogo: ualentior est quam ratio an infirmior? Si ualentior, quomodo illi modum ratio poterit inponere, cum parere nisi inbecilliora non soleant? Si infirmior est, sine hac per se ad rerum effectus sufficit ratio nec desiderat inbecillioris auxilium.

5. Enfim, questiono: ela é mais forte que a razão ou mais fraca? Se mais forte, de que modo a razão poderá impor limite, quando o impotente costuma obedecer? Se é mais fraca, a razão por si basta, não precisando do auxílio do mais fraco para realizar suas ações.

[202] Como defende Platão.

6. 'At irati quidam constant sibi et se continent.' Quando? cum iam ira euanescit et sua sponte decedit, non cum in ipso feruore est; tunc enim potentior est.

6. “Mas há irados que se controlam e se contêm”. Quando? Quando a ira dissipa-se e esvai-se por si mesma, não enquanto está em seu furor, porque então ela é mais poderosa.

7. 'Quid ergo? non aliquando in ira quoque et dimittunt incolumes intactosque quos oderunt et a nocendo abstinent?' Faciunt: quando? cum adfectus repercussit adfectum et aut metus aut cupiditas aliquid inpetrauit. Non rationis tunc beneficio quieuit, sed adfectuum infida et mala pace.

7. Como, então? Algumas vezes, em estado de ira, os iracundos deixam ir incólumes e intactos aqueles que odeiam, abstendo-se de causar-lhes o mal? O fazem. Quando? No momento que uma paixão anula outra paixão, ou o temor ou desejo conseguiu algo. Não foi pelo benefício da razão porque se aquietou, porém pela paz desonesta e má entre as paixões.

**IX**

1. Deinde nihil habet in se utile nec acuit animum ad res bellicas; numquam enim uirtus uitio adiuuanda est se contenta. Quotiens impetu opus est, non irascitur sed exsurgit et in quantum putauit opus esse concitatur remittiturque, non aliter quam quae tormentis exprimuntur tela in potestate mittentis sunt in quantum torqueantur.

IX

1. Então, nada ela tem em si de útil nem estimula a alma às coisas bélicas. Nunca a virtude deve ser ajudada pelo vício, bastando-se a si. Toda vez que o ímpeto se faz necessário, não se ira, mas insurge-se, excitando-se no quanto achar necessário, depois acalma-se. Tal qual os dardos projetados que estão à disposição de quem manuseia as catapultas, dependendo dele para serem lançados mediante a intensidade.

2. 'Ira' inquit Aristoteles 'necessaria est, nec quicquam sine illa expugnari potest, nisi illa inplet animum et spiritum accendit; utendum autem illa est non ut duce sed ut milite.' Quod est falsum; nam si exaudit rationem sequiturque qua ducitur, iam non est ira, cuius proprium est contumacia; si uero repugnat et non ubi iussa est quiescit sed libidine ferociaque prouehitur, tam inutilis animi minister est quam miles qui signum receptui neglegit.

2. “A ira”, diz Aristóteles,[203] “é necessária, e sem ela nada pode ser realizado se não encher a alma e inflamar o espírito. Não utilizá-la como um general, mas como um soldado”. Isso é falso. Se ela dá ouvido à razão e segue o caminho que ela trilha, não é ira, cuja contumácia é própria dela. Ela cria resistência e permanece inquieta à ordem proferida, deixa-se levar por sue capricho e ferocidade, sendo um unútil auxiliar da alma, tal qual um soldado que não leva em conta o sinal de retirada.

3. Itaque si modum adhiberi sibi patitur, alio nomine appellanda est, desit ira esse, quam effrenatam indomitamque intellego; si non patitur, perniciosa est nec inter auxilia numeranda.

3. Portanto, se aceita a imposição de um limite, deverá ser chamada por outro nome, deixou de ser ira, que considero como desenfreada e indomável; se não permite, é perniciosa e não poderá ser enumerada dentre as coisas que auxiliam.

4. Ita aut ira non est aut inutilis est. Nam si quis poenam exigit non ipsius poenae auidus sed quia oportet, non est adnumerandus iratis. Hic erit utilis miles qui scit parere consilio; adfectus quidem tam mali ministri quam duces sunt.

4. Portanto, ou não é ira ou é inútil. Assim, se alguém exige um castigo, não por avidez de castigar, mas por necessidade, não pode ser contado entre os irados. O soldado útil é aquele que sabe obedecer a decisão. As paixões são tão más escravas quanto más guias.

[203] Muitas afirmações no *De Ira* atribuídas a Aristóteles não são encontradas em suas obras. Cf. Fillion-Lahille 1984, pag. 203.

**X**

1. Ideo numquam adsumet ratio in adiutorium inprouidos et uiolentos impetus apud quos nihil ipsa auctoritatis habeat, quos numquam comprimere possit nisi pares illis similisque opposuerit, ut irae metum, inertiae iram, timori cupiditatem.

X

1. Assim, a razão nunca terá como auxílio os impulsos imprudentes e violentos, sobre os quais não teria alguma autoridade e nunca poderia reprimir, apenas se opusesse equivalentes e similares, como contra a ira, o medo; a inércia, a ira; o temor, a avidez.

2. Absit hoc a uirtute malum, ut umquam ratio ad uitia confugiat! Non potest hic animus fidele otium capere, quatiatur necesse est fluctueturque, qui malis suis tutus est, qui fortis esse nisi irascitur non potest, industrius nisi cupit, quietus nisi timet: in tyrannide illi uiuendum est in alicuius adfectus uenienti seruitutem. Non pudet uirtutes in clientelam uitiorum demittere?

2. Que a virtude permaneça longe deste mal, e a razão não refugie-se jamais no vício! Uma alma assim não pode alcançar tranquilidade duradoura; é inevitável o ataque e o tormento quando tem por segurança próprios males, que não sabe ser forte sem a ira, trabalhador sem a cobiça, sereno sem o temor. Vive-se sob a tirania aquele que se faz escravo de alguma paixão. E não é vergonhoso humilhar a virtude sujeitando-a à égide dos vícios?

3. Deinde desinit quicquam posse ratio, si nihil potest sine adfectu, et incipit par illi similisque esse. Quid enim interest, si aeque adfectus inconsulta res est sine ratione quam ratio sine adfectu inefficax? Par utrumque est, ubi esse alterum sine altero non potest. Quis autem sustineat adfectum exaequare rationi?

3. Além disso, a razão não terá poder se nada pode sem a paixão, começando a ser igual e semelhante a ela. Qual é a diferença se a paixão, sem a razão, não age além da razão, sem a paixão, restando ineficaz? Duas coisas se equivalem quando uma não pode existir sem a outra. Mas quem seria capaz de sustentar que razão e paixão são iguais?

4. 'Ita' inquit 'utilis adfectus est, si modicus est.' Immo si natura utilis est. Sed si inpatiens imperii rationisque est, hoc dumtaxat moderatione consequetur, ut quo minor fuerit minus noceat; ergo modicus adfectus nihil aliud quam malum modicum est.

4. “Então”, dizem, “a paixão é útil, se moderada”. Na verdade, seria se fosse útil por natureza. Mas sendo impaciente ao controle e a razão, com o controle, acontecerá que prejudique menos ao passo que menor for. Assim, uma paixão moderada, nada mais é do que um mal moderado.

**XI**

1. 'Sed aduersus hostes' inquit 'necessaria est ira.' Nusquam minus: ubi non effusos esse oportet impetus sed temperatos et oboedientes. Quid enim est aliud quod barbaros tanto robustiores corporibus, tanto patientiores laborum comminuat nisi ira infestissima sibi? Gladiatores quoque ars tuetur, ira denudat.

XI

1. “Mas contra um inimigo”, replica-se “a ira é necessária”. Em nenhuma situação o é. Justamente onde os impulsos não devem ser desordenados, mas controlados e obedientes. Qual outro fator que enfraquece os bárbaros, fisicamente mais robustos e resistentes à fadiga, senão a ira extremamente nociva a si mesmo? Aos gladiadores a arte os protege, mas a ira os desnuda.

2. Deinde quid opus est ira, cum idem proficiat ratio? An tu putas uenatorem irasci feris? Atqui et uenientis excipit et fugientis persequitur, et omnia illa sine ira facit ratio. Quid Cimbrorum Teutonorumque tot milia superfusa Alpibus ita sustulit ut tantae cladis notitiam ad suos non nuntius sed fama pertulerit, nisi quod erat illis ira pro uirtute? Quae ut aliquando propulit strauitque obuia, ita saepius sibi exitio est.

2. Então, para que serve a ira quando a razão consegue o mesmo proveito? Pensas que o caçador está irado com a fera? Ele captura as que chegam-lhe e persegue as que fogem, a razão faz tudo isso sem ira. Por que tantos milhares de cimbros e teutões[204] sucumbiram espalhados pelos Alpes, não havendo nenhum mensageiro, mas a notícia do desastre levada a todos, senão pelo fato de que neles a ira tomou o lugar da virtude? Às vezes, serviu para afungentar e derrubar obstáculos, porém, com certa frequência, serviu de destruição para si.

[204] Povos germânicos.

3. Germanis quid est animosius? Quid ad incursum acrius? Quid armorum cupidius, quibus innascuntur innutriunturque, quorum unica illis cura est in alia neglegentibus? Quid induratius ad omnem patientiam, ut quibus magna ex parte non tegimenta corporum prouisa sint, non suffugia aduersus perpetuum caeli rigorem?

3. Quem mais animoso que os Germânicos? Quem mais temerário no ataque? Quem mais desejoso por armas, nascidos e criados para elas, dedicando-se exclusivamente a isso, negligenciando as outras coisas? Quem mais resistente a suportar todo sofrimento, não providenciando nada para cobrir grande parte do seu corpo, como também abrigo contra o rigor perpétuo do clima?

4. Hos tamen Hispani Gallique et Asiae Syriaeque molles bello uiri, antequam legio uisatur, caedunt ob nullam aliam rem opportunos quam iracundiam. Agedum illis corporibus, illis animis delicias luxum opes ignorantibus da rationem, da disciplinam: ut nil amplius dicam, necesse erit certe nobis mores Romanos repetere.

4. Antes que avistem uma legião, os hispanos e os gauleses, como também da Ásia e da Síria, soldados fracos em guerra, massacram-no em razão de outra coisa senão de sua iracúndia. Assim, àqueles corpos e almas alheio a prezeres, luxo, riquezas. Faz-se necessários método e disciplina. Em outras palavras: é preciso retornar aos antigos costumes romanos.

5. Quo alio Fabius adfectas imperii uires recreauit quam quod cunctari et trahere et morari sciit, quae omnia irati nesciunt? Perierat imperium, quod tunc in extremo stabat, si Fabius tantum ausus esset quantum ira suadebat: habuit in consilio fortunam publicam et aestimatis uiribus, ex quibus iam perire nihil sine uniuerso poterat, dolorem ultionemque seposuit, in unam utilitatem et occasiones intentus; iram ante uicit quam Hannibalem.

5. Por qual outro meio Fábio reanimou as forças enfraquecidas do nosso império, senão saber contemporizar, dilatar e retardar, aquilo que os irados não conhecem? Pereceria o império, que se encontrava numa extrema situaçao, se Fábio ousase empreender tudo quanto a ira persuadia. Ele teve por consideração a sorte dos concidadãos, reavaliando suas forças, quando qualquer erro custaria a perda do todo, deixou de lado a dor e a vingança, sando atenção à eficácia às oportunidades. Ele venceu primeiro a ira antes de vencer Aníbal.

6. Quid Scipio? non relicto Hannibale et Punico exercitu omnibusque quibus irascendum erat bellum in Africam transtulit, tam lentus ut opinionem luxuriae segnitiaeque malignis daret?

6. O que falar de Cipião? Deixando para trás Aníbal e o exército púnico e tudo quanto deveria causar sua ira, transferiu para a África a guerra lentamente que suscitou nos malévolos a acusação de indolência e sem regras?

7. Quid alter Scipio? non circa Numantiam multum diuque sedit et hunc suum publicumque dolorem aequo animo tulit, diutius Numantiam quam Carthaginem uinci? Dum circumuallat et includit hostem, eo conpulit ut ferro ipsi suo caderent.

7. O que falar do outro Cipião? Não manteve sitiada por muito tempo Numância e suportou firmemente a sua dor e a do seu povo, precisando de mais tempo para vencer Numância que Cartago? Ao manter o cerco e bloqueio aos inimigos, levou-os a atirar-sem às suas espadas.

8. Non est itaque utilis ne in proeliis quidem aut bellis ira; in temeritatem enim prona est et pericula, dum inferre uult, non cauet. Illa certissima est uirtus quae se diu multumque circumspexit et rexit et ex lento ac destinato prouexit.

8. A ira não é útil nem em batalhas nem em guerras, porque é propensa à temeridade; não se previne do perigo, enquanto obstinada em impô-lo. É certíssima aquela virtude que fez em torno de si uma inspeção, teve autocontrole e avançou lento e certeiro.

XII

1. 'Quid ergo?' inquit 'uir bonus non irascitur, si caedi patrem suum uiderit, si rapi matrem?' Non irascetur, sed uindicabit, sed tuebitur. Quid autem times ne parum magnus illi stimulus etiam sine ira pietas sit? Aut dic eodem modo: 'quid ergo? cum uideat secari patrem suum filiumue, uir bonus non flebit nec linquetur animo?' Quae accidere feminis uidemus, quotiens illas leuis periculi suspicio perculit.

XII

1. “Como, então”, argumenta-se, “um homem bom não deve irar-se ao vir seu pai assassinado, ou a mãe raptada?” Não deve ficar irado, mas vingá-los, defendê-los. Temes que o amor filial, sem a ira, não seja para ele apenas um estímulo? Ou dito de outra forma: “Como, então, o homem bom, ao vir seu pai ou seu filho mortos, não deve chorar nem abater-se?”. Isso vemos acontecer às mulheres quando da suspeita de um leve perigo as toma conta.

2. Officia sua uir bonus exequetur inconfusus, intrepidus; et sic bono uiro digna faciet ut nihil faciat uiro indignum. Pater caedetur: defendam; caesus est: exequar, quia oportet, non quia dolet.

2. O bom homem cumprirá os seus deveres sem perturbação, intrépido. Executará o que é próprio de um homem virtuoso, não fazendo nada de indigno ao homem. Assassinarão ao meu pai, o defenderei; Já o assassinaram, buscarei por justiça, porque é meu dever, não por que dói.

3. 'Irascuntur boni uiri pro suorum iniuriis.' Cum hoc dicis, Theophraste, quaeris inuidiam praeceptis fortioribus et relicto iudice ad coronam uenis: quia unusquisque in eiusmodi suorum casu irascitur, putas iudicaturos homines id fieri debere quod faciunt; fere enim iustum quisque adfectum iudicat quem agnoscit.

3. “Bons homens ficam irados pelas injustiças cometidas aos seus”. Ao dizer isso, Teofrasto, quereis por a maldade sobre preceitos maiores e, abandonando o juiz, a fim de volta-se para os ouvintes: porque todos se enfurecem quando as adversidades recaem sobre os seus, pensas que julgarão ser esse tipo de comportamento a ser adotado. Assim, cada um julga ser justa a paixão que reconhece em si mesmo.

4. Sed idem faciunt, si calda non bene praebetur, si uitreum fractum est, si calceus luto sparsus est. Non pietas illam iram sed infirmitas mouet, sicut pueris, qui tam parentibus amissis flebunt quam nucibus.

4. Mas fazem a mesma coisa quando não é oferecido água quente, quando quebram o vidro, se os sapatos ficam sujos de lama. Não é a piedade que excita aquela ira, mas a fraqueza, assim como nas crianças que choram pela perda dos pais ou de suas nozes.

5. Irasci pro suis non est pii animi sed infirmi: illud pulchrum dignumque, pro parentibus liberis amicis ciuibus prodire defensorem ipso officio ducente, uolentem iudicantem prouidentem, non inpulsum et rabidum. Nullus enim adfectus uindicandi cupidior est quam ira, et ob id ipsum ad uindicandum inhabilis: praerapida et amens, ut omnis fere cupiditas, ipsa sibi in id in quod properat opponitur. Itaque nec in pace nec in bello umquam bono fuit; pacem enim similem belli efficit, in armis uero obliuiscitur Martem esse communem uenitque in alienam potestatem dum in sua non est.

5. Irar-se pelos seus não é da alma piedosa, mas da fraca. É belo e digno sair em defesa dos de seus pais, filhos, amigos, concidadãos, guiado pelo dever, benévolo, cauteloso, prudente, sem impulsividade e não raivoso. De fato, nenhuma paixão deseja mais a vingança do que a ira, por isso ela é inábil a vingar-se. Por ela ser apressada e tola, como em geral toda avidez, serve a si mesmo de obstáculo a tudo que se precipita. Por isso, nem na paz, nem na guerra, ela foi um bem. Ela transforma a paz semelhante à guerra. Ela esquecendo que Marte,[205] no combate, não toma partido, e não possuindo poder sobre si, cai em poder de outros.

[205] Deus romano da guerra, filho de Juno e Júpiter, equivalente ao deus grego Ares.

6. Deinde non ideo uitia in usum recipienda sunt quia aliquando aliquid effecerunt; nam et febres quaedam genera ualetudinis leuant, nec ideo non ex toto illis caruisse melius est: abominandum remedi genus est sanitatem debere morbo. Simili modo ira, etiam si aliquando ut uenenum et praecipitatio et naufragium ex inopinato profuit, non ideo salutaris iudicanda est; saepe enim saluti fuere pestifera.

6. Depois, porque alguma vez os vícios obtiveram resultados, não devem ser admitidos no cotidiano. Pois, como as febres aliviam algumas indisposições, não por isso seja melhor não precisar delas. É abominável a saúde precisar de um remédio que se deva à doença.[206] Do mesmo modo, a ira, se às vezes produziu algum proveito, como o veneno, uma queda, um naufrágio, não por isso deverá ser julgada salutar. Algumas vezes, o que é pestilento, foi tido como salutar.

**XIII**

1. Deinde quae habenda sunt, quo maiora eo meliora et optabiliora sunt. Si iustitia bonum est, nemo dicet meliorem futuram si quid detractum ex ea fuerit;

XIII

1. Depois, as coisas que se deve possuir, quanto maiores e melhores, mais desejáveis são. Se a justiça é um bem, ninguém dirá que será melhor subtraindo alguma parte;

2. si fortitudo bonum est, nemo illam desiderabit ex aliqua parte deminui. Ergo et ira quo maior hoc melior; quis enim ullius boni accessionem recusauerit? Atqui augeri illam inutile est; ergo et esse; non est bonum quod increment malum fit.

2. Se a força é um bem, ninguém desejará que seja diminuído qualquer parte. Portanto, a ira, quanto maior, melhor. Quem recusará a veemência de um bem? Pois, é inútil que sofra um aumento, que também exista. Não é bom aquilo que, crescendo, torna-se um mal.

[206] Na obra é evidente a recorrente ida de Sêneca à tradição estoica ao tratar as paixões como 'doenças', pois sempre ressalta o lógos como a única fonte que deve ser sempre recorrida.

3. 'Vtilis' inquit 'ira est, quia pugnaciores facit.' Isto modo et ebrietas; facit enim proteruos et audaces multique meliores ad ferrum fuere male sobrii; isto modo dic et phrenesin atque insaniam uiribus necessariam, quia saepe ualidiores furor reddit.

3. “Útil”, dizem, “é a ira, porque nos torna mais belicoso. Do mesmo modo é a embriaguez, porque no torna insolente e ousado, e a maioria, levemente sóbrios, manusearam bem o ferro. Da mesma forma dirás que o frenesí e a insânia são necessários às nossas forças, porque, frequentemente o furor dá mais vigor.

4. Quid? non aliquotiens metus ex contrario fecit audacem, et mortis timor etiam inertissimos excitauit in proelium? Sed ira ebrietas metus aliaque eiusmodi foeda et caduca inritamenta sunt nec uirtutem instruunt, quae nihil uitiis eget, sed segnem alioqui animum et ignauum paulum adleuant.

4. O quê? Algumas vezes, ao contrário, o medo não fez uma pessoa audaciosa, e o inerte, pelo temor à morte não excitou a lutar? Mas a ira, a embriaguez, o medo e outras coisas semelhantes são estímulos momentâneos e vis, e não são intrumentos à virtude, que em nada tem necessidade de vícios, mas, às vezes, desperta o ânimo covarde e incapaz.

5. Nemo irascendo fit fortior, nisi qui fortis sine ira non fuisset; ita non in adiutorium uirtutis uenit, sed in uicem. Quid quod si bonum esset ira, perfectissimum quemque sequeretur? Atqui iracundissimi infantes senesque et aegri sunt, et inualidum omne natura querulum est.

5. Ninguém é mais forte ao irar-se, a não ser aquele que não o seria sem a ira. Assim, ela não vem em auxílio à virtude, mas vencê-la. Por que se a ira fosse um bem, ela estaria nos mais perfeitos? Pois, os espíritos mais iracundos são as crianças, os idosos e os doentes, e todo ser fraco é por natureza queixoso.

**XIV**

1. 'Non potest' inquit 'fieri' Theophrastus 'ut non uir bonus irascatur malis.' Isto modo quo melior quisque, hoc iracundior erit: uide ne contra placidior solutusque adfectibus et cui nemo odio sit.

XIV

1. “Não pode”, diz Teofrasto, “acontecer do homem bom não irritar-se contra os maus”. Deste modo, quanto mais valoroso for alguém, mais irascível deve ser: vede, se no entanto, não deve ser mais calmo, livre das paixões e sem odiar alguém.

2. Peccantis uero quid habet cur oderit, cum error illos in eiusmodi delicta conpellat? Non est autem prudentis errantis odisse; alioqui ipse sibi odio erit. Cogitet quam multa contra bonum morem faciat, quam multa ex iis quae egit ueniam desiderent: iam irascetur etiam sibi. Neque enim aequus iudex aliam de sua, aliam de aliena causa sententiam fert.

2. Que motivo tem para odiar os que erram, uma vez que a insânia os compele para tal? Não é do homem prudente odiar os que erram; caso contrário terá ódio a si mesmo. Deve pensar nas ações executadas contra a boa conduta, como também naquilo que fez e merece perdao; assim ficará irado contra si mesmo. Um juiz justo não dá uma sentença acerca de sua causa e outra sobre uma alheia.

3. Nemo, inquam, inuenietur qui se possit absoluere, et innocentem quisque se dicit respiciens testem, non conscientiam. Quanto humanius mitem et patrium animum praestare peccantibus et illos non persequi sed reuocare! Errantem per agros ignorantia uiae melius est ad rectum iter admouere quam expellere.

3. Ninguém, digo, encontra-se capaz de absolver a si mesmo, e cada qual pode se proclamar inocente quando se dá pela testemunha, não pela sua consciência. Seria mais humano mostrar àqueles que erram uma alma suave e paternal, não persegui-los, a fim de trazê-los de volta! Àquele que vagueia pelos campos por não saber o caminho, é melhor encaminhá-lo ao certo do que repelí-lo.

**XV**

1. Corrigendus est itaque qui peccat et admonitione et ui, et molliter et aspere, meliorque tam sibi quam aliis faciendus non sine castigatione, sed sine ira; quis enim cui medetur irascitur? At corrigi nequeunt nihilque in illis lene aut spei bonae capax est: tollantur e coetu mortalium facturi peiora quae contingunt, et quo uno modo possunt desinant mali esse, sed hoc sine odio.

XV

1. Portanto, deve-se corrigir aquele que erra, seja pela advertência, seja pela força, às vezes brando, às vezes com aspereza, para que ele torne-se melhor para si e para os outros, não sem o castigo, mas sem ira. Quem se irrita com aquele que o medica? Mas são incorrigíveis, não há nada neles de bom que dê esperança de mudança. Sejam, então, eliminados da convivência social aqueles que pioram tudo que tem contato, deixando de ser mau como podem, mas isso sem ódio.

2. Quid enim est cur oderim eum cui tum maxime prosum cum illum sibi eripio? Num quis membra sua tunc odit cum abscidit? Non est illa ira, sed misera curatio. Rabidos effligimus canes et trucem atque inmansuetum bouem occidimus et morbidis pecoribus, ne gregem polluant, ferrum demittimus; portentosos fetus extinguimus, liberos quoque, si debiles monstrosique editi sunt, mergimus; nec ira sed ratio est a sanis inutilia secernere.

2. Por que odiar aquele a quem eu dei a maior chance de libertar de si mesmo? Alguém odeia seus membros quando amputados? Isso não é ira, mas uma cura lastimável. Matamos os cães bravos, abatemos o boi selvagem e indomável, com o ferro, deitemos aos animais doentes para que não infectem o rebanho, extinguamos os fetos malformados, afogamos, também nossos filhos se nascem anormais e fracos. Isso não é ira, porém é racional separar o que é são do que é inútil.

3. Nil minus quam irasci punientem decet, cum eo magis ad emendationem poena proficiat, si iudicio lata est. Inde est quod Socrates seruo ait 'caederem te, nisi irascerer'. Admonitionem serui in tempus sanius distulit, illo tempore se admonuit. Cuius erit tandem temperatus adfectus, cum Socrates non sit ausus se irae committere?

3. Àquele que castiga, não é desejável irar-se, porque o castigo torna-se eficaz para corrigir quando ordenado pela razão.[207] Por isso que Sócrates disse ao seu servo: "Açoitar-te-ia se não estivesse irado". Ele adiou a repreensão ao servo para um tempo de calma; naquele momento se advertiu. Será moderada a paixão de qualquer um, quando Sócrates não ousou entregar-se à ira?

## XVI

1. Ergo ad coercitionem errantium sceleratorumque irato castigatore non opus est; nam cum ira delictum animi sit, non oportet peccata corrigere peccantem. 'Quid ergo? non irascar latroni? Quid ergo? non irascar uenefico?' Non; neque enim mihi irascor, cum sanguinem mitto. Omne poenae genus remedi loco admoueo.

## XVI

1. Portanto, para coerção daqueles que cometem crimes e voltam a errar, não é preciso um censor irado. Pois, sendo a ira um delito da alma, não pode aquele que corrige esteja também no erro. "Como? Não devo irar-se com o ladrão? Como? Não devo irar-se com o envenenador?" Não. Não me irrito comigo mesmo quando dreno meu sangue. Aplico todo tipo de punição como um remédio.

[207] Não deve ser um prazer a correção daquele que erra.

2. 'Tu adhuc in prima parte uersaris errorum, nec grauiter laberis sed frequenter: obiurgatio te primum secreta deinde publicata emendare temptabit. Tu longius iam processisti quam ut possis uerbis sanari: ignominia contineberis. Tibi fortius aliquid et quod sentias inurendum est: in exilium et loca ignota mitteris. In te duriora remedia iam solida nequitia desiderat: et uincula publica et carcer adhibebitur.

2. 'Tu ainda estás nos estágios iniciais do erro[208] e não cometestes crimes graves, mas frequentes: em particular, primeiro uma censura, depois em público, para tentar te corrigir. Tu já fostes longe demais para ser curado com palavras: contentarás com ignomínia. Tu deves ser rotulado com algo mais forte para sentires a impressão: serás enviado ao exílio, a lugares desconhecidos.[209] Em ti, a perversidade solidificada exige remédios mais fortes: as cadeias públicas e a prisão te esperam.

3. Tibi insanabilis animus et sceleribus scelera contexens, et iam non causis, quae numquam malo defuturae sunt, inpelleris, sed satis tibi est magna ad peccandum causa peccare; perbibisti nequitiam et ita uisceribus inmiscuisti ut nisi cum ipsis exire non possit; olim miser mori quaeris: bene de te merebimur, auferemus tibi istam qua uexas uexaris insaniam et per tua alienaque uolutato supplicia id quod unum tibi bonum superest repraesentabimus, mortem.' Quare irascar cui cum maxime prosum? interim optimum misericordiae genus est occidere.

3. A tua alma é insanável, emendadas de crimes em crimes, não precisando de pretextos que nunca faltam para relizar o mal, pois o delito em si é motivo suficiente para realizar outros delitos. Tu estas impregnado de iniquidade, penetrando em tuas entranhas de tal modo que não pode sair de ti. Há tempos, oh miserável, desejas a morte. Te beneficiaremos uma boa ajuda. Vamos livrar a ti e aso outros desse tormento, para depois de teres rastejado nos teus suplícios e dos outros, ofereceremos a ti o único bem que pode restar: a morte. Por que irar-se com quem posso ser um bem? Matar pode ser o melhor ato de misericórdia.

---

[208] Quando ainda tem-se um certo controle das paixões, não inserindo-as na alma.
[209] Representava a perda total do direito de cidadania. Muitos não retornavam à cidade porque pereciam nequeles lugares distantes que foram enviados.

4. Si intrassem ualetudinarium exercitus et sciens aut domus diuitis, non idem imperassem omnibus per diuersa aegrotantibus: uaria in tot animis uitia uideo et ciuitati curandae adhibitus sum; pro cuiusque morbo medicina quaeratur, hunc sanet uerecundia, hunc dolor, hunc egestas, hunc ferrum.

4. Se eu adentrasse em um hospital ou na casa de um rico, sendo um terapeuta experiente e instruído, não prescreveria o mesmo a todos por enfermidades diferentes. Percebo diversidade de vícios nas almas e a mim foi dado cuidar da cidade. A cada um, seja dada o remédio de acordo com a sua doença. Este será sanado com a vergonha; este pela dor; a este com a pobreza; aquele pelo ferro.

5. Itaque et, si peruersa induenda magistratui uestis et conuocanda classico contio est, procedam in tribunal non furens nec infestus sed uultu legis et illa sollemnia uerba leni magis grauique quam rabida uoce concipiam et lege agi iubebo non iratus sed seuerus; et cum ceruicem noxio imperabo praecidi et cum parricidas insuam culleo et cum mittam in supplicium militare et cum Tarpeio proditorem hostemue publicum inponam, sine ira eo uultu animoque ero quo serpentes et animalia uenenata percutio.

5. Portanto, se for imprescindível vestir a toga escura de magistrado e chamar a multidão com trombeta, irei ao tribunal, deixando de lado o enfurecimento e a hostilidade, com o a face da lei, formulando solenemente as palavras solenes, com o tom grave e brando, não irascível, a ordenar a execução sem ira, mas severo. Após ordenar que o condenado seja decapitado, ou costurar dentro de um saco um parricida, quando eu enviar qualquer à execução o soldado, ou ao colocar sobre o Tarpeia[210] o traidor e inimigo público, eu deverei estar sem ira e com a face e com aquele ânimo tal qual quando defiro golpes em serpentes ou animais venenosos.

[210] Rocha na qual eram lançados os condenados.

6. 'Iracundia opus est ad puniendum.' Quid? tibi lex uidetur irasci iis quos non nouit, quos non uidit, quos non futuros sperat? Illius itaque sumendus est animus, quae non irascitur sed constituit. Nam si bono uiro ob mala facinora irasci conuenit, et ob secundas res malorum hominum inuidere conueniet. Quid enim est indignius quam florere quosdam et eos indulgentia fortunae abuti quibus nulla potest satis mala inueniri fortuna? Sed tam commoda illorum sine inuidia uidebit quam scelera sine ira; bonus iudex damnat inprobanda, non odit.

6. “A iracúndia é imprescindível para punir”. Por quê? Achas que a lei se irrita com aqueles que não conhece, com aqueles que não viu e que tampouco espera nunca existir? Assim, é preciso assimilar o espírito da lei, que não se irrita, porém sentencia. De fato, se convém ao homem bom irar-se pelas más ações, também o é sentir inveja pelo triunfo dos homens maus. O que poderia ser mais indigno do que ver florescerem alguns e desconsiderarem a indulgência da sorte àqueles para quem a sorte não é suficientemente má? Mas ele olhará para os privilégios de alguns sem odiar, como também sem ira para seus crimes. Um bom juiz condena os atos reprováveis, não os odeia.

7. 'Quid ergo? Non, cum eiusmodi aliquid sapiens habebit in manibus, tangetur animus eius eritque solito commotior?' Fateor: sentiet leuem quendam tenuemque motum; nam, ut dicit Zenon, in sapientis quoque animo, etiam cum uulnus sanatum est, cicatrix manet. Sentiet itaque suspiciones quasdam et umbras adfectuum, ipsis quidem carebit.

7. “Como, então? Quando um sábio tem em suas mãos algo parecido, sua alma não será tocada e ficará mais agitada que o normal?” Admito: sentirá um impulso leve e tênue. Pois, como disse Zenão[211], na alma do sábio, mesmo a ferida sendo curada, a cicatriz permanece. Sentirá, portanto, alguns sintomas e sombras das paixões, mas estará livre delas.

[211] Única menção explicita ao fundador do Estoicismo.

## XVII

1. Aristoteles ait adfectus quosdam, si quis illis bene utatur, pro armis esse. Quod uerum foret, si uelut bellica instrumenta sumi deponique possent induentis arbitrio: haec arma quae Aristoteles uirtuti dat ipsa per se pugnant, non expectant manum, et habent, non habentur.

XVII

1. Diz Aristóteles que algumas paixões, se alguém faz bom uso delas, são como armas. Isso seria verdade se pudessem tê-las e largadas, como instrumentos de guerra, sempre à vontade de quem delas se reveste. Essas armas que Aristóteles fornece à virtude lutam por si só, não esperam o manuseio,[212] são por si, não pelos outros.

2. Nil aliis instrumentis opus est, satis nos instruxit ratione natura. Hoc dedit telum, firmum perpetuum obsequens, nec anceps nec quod in dominum remitti posset. Non ad prouidendum tantum, sed ad res gerendas satis est per se ipsa ratio; et enim quid est stultius quam hanc ab iracundia petere praesidium, rem stabilem ab incerta, fidelem ab infida, sanam ab aegra?

2. Não há necessidade de outros instrumentos, pois a natureza nos proporcionou o suficiente dando-nos a razão. Esta nos deu uma arma sólida, perpétua, obediente, não possue faces opostas, nem se volta contra o seu senhor. Não apenas para nos prevenirmos, mas para gerir as coisas, a razão é autossuficiente. Assim, o que é mais tolo do que pedir a ajuda da ira, desta que é instável, uma vez sendo ela estável, da infiel, sendo ela fiel, da doente, sendo ela saudável?

3. Quid quod ad actiones quoque, in quibus solis opera iracundiae uidetur necessaria, multo per se ratio fortior est? Nam cum iudicauit aliquid faciendum, in eo perseuerat; nihil enim melius inuentura est se ipsa quo mutetur; ideo stat semel constitutis.

3. Por que é que certas ações, nas quais a iracúndia parece necessária, a razão por si só é mais forte? Quando ela julga que se deve fazer algo, naquilo persevera. Não há nada melhor que ela própria se quiser mudar o que proposto. Fixa no que foi decidido, persevera até o fim.

[212] Não cumpre nenhuma ordem.

4. Iram saepe misericordia retro egit; habet enim non solidum robur sed uanum tumorem uiolentisque principiis utitur, non aliter quam qui a terra uenti surgunt et fluminibus paludibusque concepti sine pertinacia uehementes sunt:

4. A ira, muitas vezes, deu lugar à misericórdia. A sua força não é sólida, é apenas um inchaço vazio, semelhante aos ventos que se levantam do chão, intensos ao se colidirem, sem muita constância, sobre rios e pântanos.[213]

5. Incipit magno impetu, deinde deficit ante tempus fatigata, et, quae nihil aliud quam crudelitatem ac noua genera poenarum uersauerat, cum animaduertendum est, iam ira fracta lenisque est. Adfectus cito cadit, aequalis est ratio.

5. Ela inicia com grande ímpeto, depois esfria-se, fatigada antes do tempo, não tendo outra ocupação senão a crueldade e castigos novos, quando se trata de punir, já está esfacelada e suave. A paixão cai rapidamente, a razão é constante.

6. Ceterum etiam ubi perseuerauit ira, nonnumquam, si plures sunt qui perire meruerunt, post duorum triumue sanguinem occidere desinit. Primi eius ictus acres sunt: sic serpentium uenena a cubili erepentium nocent, innoxii dentes sunt cum illos frequens morsus exhausit.

6. Além disso, mesmo quando a ira perseverou, sendo numerosos aqueles que tiveram a morte merecida, às vezes, após o sangue de dois ou três, ela para de matar. Seus primeiros golpes são vigorosos. Assim como o veneno das serpentes é nocivo quando saem do ninho, seus dentes tornam-se inofensivos após frequentes mordidas deixaram exaustas.

[213] Ele faz essa alusão aos ventos das tempestades para mostrar que a ira é essa paixão explosiva, que ela surge, às vezes, de situações fúteis que poderiam ser evitadas se o agente pusesse a razão em tudo que executa.

7. Ergo non paria patiuntur qui paria commiserant, et saepe qui minus commisit plus patitur, quia recentiori obiectus est. Et in totum inaequalis est: modo ultra quam oportet excurrit, modo citerius debito resistit; sibi enim indulget et ex libidine iudicat et audire non uult et patrocinio non relinquit locum et ea tenet quae inuasit et eripi sibi iudicium suum, etiam si prauum est, non sinit.

7. Portanto, aqueles que cometeram o mesmo delito, não recebem a mesma punição, e frequentemente, quem cometeu bem menos sofre mais, porque foi enviado quando ela estava recente. Em tudo é desigual, ou vai além do que convém, ou permanece menos do que devido. Tem condescendência consigo, julga por seu capricho, não quer ouvir, não deixa espaço para defesa, mantém o foco na ideia que se apoderou e não permite anulação de seu julgamento, ainda que errôneo.

**XVIII**

1. Ratio utrique parti tempus dat, deinde aduocationem et sibi petit, ut excutiendae ueritati spatium habeat: ira festinat. Ratio id iudicare uult quod aequum est: ira id aequum uideri uult quod iudicauit.

XVIII

1. A razão concede tempo para ambos, depois pede um tempo para si, com o intuito de filtrar a verdade: a ira tem pressa. A razão quer julgar aquilo que é justo: a ira quer que julgue justo o que ela decide.

2. Ratio nil praeter ipsum de quo agitur spectat: ira uanis et extra causam obuersantibus commouetur. Vultus illam securior, uox clarior, sermo liberior, cultus delicatior, aduocatio ambitiosior, fauor popularis exasperant; saepe infesta patrono reum damnat; etiam si ingeritur oculis ueritas, amat et tuetur errorem; coargui non uult, et in male coeptis honestior illi pertinacia uidetur quam paenitentia.

2. A razão não verifica além daquilo que é discutido: a ira é movida por questões banais e fora daquilo discutido. Exacerbam uma face muito segura, uma voz límpida, um discurso arrojado, uma veste refinada, uma assistência jurídica suntuosa e o apoio popular. Muitas vezes, por ódio ao defensor, condena-se o réu. Ainda que a verdade apareça a seus olhos, ama e protege o erro. Não aceita a coerção. Quando nas más decisões, a pertinácia é mais honrosa que o arrependimento.

3. Cneu Piso fuit memoria nostra uir a multis uitiis integer, sed prauus et cui placebat pro constantia rigor. Is cum iratus duci iussisset eum qui ex commeatu sine commilitone redierat, quasi interfecisset quem non exhibebat, roganti tempus aliquid ad conquirendum non dedit. Damnatus extra uallum productus est et iam ceruicem porrigebat, cum subito apparuit ille commilito qui occisus uidebatur.

3. Cneu Pisão[214] foi, em nossa tempo, um homem isento de muitos vícios, mas maldoso, tendo prazer pela constância em lugar do rigor. Ele, irado, ordenou a execuçao de um soldado que regressou da licença sem o seu companheiro, pensando que o havia matado aquele que não estava a seu lado. O soldado pediupara procurá-lo, não lhe permitiu. O condenado foi conduzido fora das trincheiras e, estendendo o pescoço, eis que aparece aquele que pensava assassinado.

4. Tunc centurio supplicio praepositus condere gladium speculatorem iubet, damnatum ad Pisonem reducit redditurus Pisoni innocentiam; nam militi fortuna reddiderat. Ingenti concursu deducuntur complexi alter alterum cum magno gaudio castrorum commilitones. Conscendit tribunal furens Piso ac iubet duci utrumque, et eum militem qui non occiderat et eum qui non perierat.

4. Então, o centurião encarregado da execução ordenou ao soldado que guardasse a espada na bainha, o reconduziu a Pisão a fim de devolver-lhe a inocência, quando a fortuna já o havia restituído. Uma multidão levava-os, abraçados, com imensa alegria dos companheiros. Pisão, ao tribunal, sobe furioso e ordena a execução dos dois, tanto o soldado que não matou quanto ao que não morreu.

5. Quid hoc indignius? quia unus innocens apparuerat, duo peribant. Piso adiecit et tertium; nam ipsum centurionem qui damnatum reduxerat duci iussit. Constituti sunt in eodem illo loco perituri tres ob unius innocentiam.

5. O que mais injusto? Porque um provou a inocência, dois pereceram. Pisão adicionou um terceiro, porque ordenou a morte o centurião que havia reconduzido o condenado. Assim, no mesmo local, três foram enviados à morte por causa da inocência de um.

---

[214] Governador da Síria em 17 d.C.

6. O quam sollers est iracundia ad fingendas causas furoris! 'Te' inquit 'duci iubeo, quia damnatus es; te, quia causa damnationis commilitoni fuisti; te, quia iussus occidere imperatori non paruisti.' Excogitauit quemadmodum tria crimina faceret, quia nullum inuenerat.

6. Oh, quão agil é a iracúndia para inventar motivos de fúria! “A tu”, disse ele, “ordeno à execução porque foste condenado; a ti, porque foste o motivo de condenação do teu companheiro; a ti, porque recebeste ordem para matar e desobedeceste o teu comandante”. Inventou como realizar três crimes porque não encontrou um só.

**XIX**

1. Habet, inquam, iracundia hoc mali: non uult regi. Irascitur ueritati ipsi, si contra uoluntatem suam apparuit; cum clamore et tumultu et totius corporis iactatione quos destinauit insequitur adiectis conuiciis maledictisque.

XIX

1. Digo, a iracúndia tem este mal: não quer ser governada. Irrita-se com a própria verdade se se mostra contrária à sua vontade. Com gritos, tumulto e todo o corpo agitado, persegue aqueles que se indispôs, com insultos e maldiçoes.

2. Hoc non facit ratio; sed si ita opus est, silens quietaque totas domus funditus tollit et familias rei publicae pestilentes cum coniugibus ac liberis perdit, tecta ipsa diruit et solo exaequat et inimica libertati nomina exstirpat: hoc non frendens nec caput quassans nec quicquam indecorum iudici faciens, cuius tum maxime placidus esse debet et in statu uultus cum magna pronuntiat.

2. A razão não faz isso; mas, se necessário, em silencio e calmamente, ela desaparece completamente com casas e extermina as famílias pestilentas para o Estado, incluindo as esposas e os filhos, destrói prédios e os extingue, elimina os nomes hostis à liberdade. Ela faz tudo isso sem se revoltar nem menear a cabeça, nem realizar algo indecente para o juiz, cuja face deve ser plácida ao empreender uma sentença tão importante.

3. 'Quid opus est' inquit Hieronymus 'cum uelis caedere aliquem, tua prius labra mordere?' Quid si ille uidisset desilientem de tribunali proconsulem et fasces lictori auferentem et suamet uestimenta scindentem, quia tardius scindebantur aliena?

3. “Qual a necessidade”, disse Gerônimo, “quando se quer matar alguém, primeiro morde-se os lábios?”. O que diria ele se tivesse visto um procônsul saltar de sua tribuna, arrancar as varas ao lictor[215] e rasgar suas vestimentas, porque demoraram a rasgar as do réu?

4. Quid opus est mensam euertere? quid pocula adfligere? quid se in columnas inpingere? quid capillos auellere, femur pectusque percutere? Quantam iram putas, quae, quia in alium non tam cito quam uult erumpit, in se reuertitur? Tenentur itaque a proximis et rogantur ut sibi ipsi placentur.

4. Que necessidade em derrubar a mesa? Por que atirar copos? Por que lançar-se contra as colunas? Por que arrancar os cabelos, golpear as coxas e o peito? Quão grande é a ira que, não podendo lançar-se sobre o outro como se deseja, volta-se contra si? Aqueles que lhe são próximos, o acalmam rogando conter o ímpeto contra si.

5. Quorum nil facit quisquis uacuus ira meritam cuique poenam iniungit. Dimittit saepe eum cuius peccatum deprendit: si paenitentia facti spem bonam pollicetur, si intellegit non ex alto uenire nequitiam sed summo, quod aiunt, animo inhaerere, dabit inpunitatem nec accipientibus nocituram nec dantibus;

5. Nada disso realiza aquele que, sem ira, impõe a cada qual o castigo que merece. Às vezes perdoa a quem o erro ele precensiou. Se o arrependimento do fato é uma boa esperança, se ele percebe que o mal não vem das profundezas da alma, mas, como dizem, da superfície, dará uma impunidade que não seja nociva tanto aos que recebem, quanto aos que oferecem.

---

[215] Lictores”, na Roma Antiga, eram funcionários públicos encarregados de ir à frente de um magistrado com feixes de varas denominados *fasces*, abrindo espaço para que esse pudesse passar.

6. Non numquam magna scelera leuius quam minora compescet, si illa lapsu, non crudelitate commissa sunt, his inest latens et operta et inueterata calliditas; idem delictum in duobus non eodem malo adficiet, si alter per neglegentiam admisit, alter curauit ut nocens esset.

6. Não raro, os maiores crimes receberá uma repressão mais branda do que os menores, quando forem praticados por um lapso e não por crueldade. Estes escondem dentro de si uma malícia sutil e inveterada. Ele não punirá por ugual o mesmo delito de duas pessoas, quando uma fez por negligência e a outra por nociva intenção.

7. Hoc semper in omni animaduersione seruabit, ut sciat alteram adhiberi ut emendet malos, alteram ut tollat; in utroque non praeterita sed futura intuebitur - nam, ut Plato ait, nemo prudens punit quia peccatum est, sed ne peccetur; reuocari enim praeterita non possunt, futura prohibentur - et quos uolet nequitiae male cedentis exempla fieri palam occidet, non tantum ut pereant ipsi, sed ut alios pereundo deterreant.

7. Este, sempre em toda punição conservará a consciência de que uma servirá para consertar os maus e a outra para eliminá-los. Em ambos os casos, não levará em conta o passado, mas o futuro – assim, como diz Platão, nenhum sábio pune porque errou, mas para que não erre mais, pois os acontecimentos passados são irrevogáveis, os futuros são proibidos -, e aqueles que querem apresentar-se como exemplo do mal, serão condenados à morte em público, não apenas a morte como fim, mas para servir de exemplos para dissuadir os outros.

8. Haec cui expendenda aestimandaque sunt, uides quam debeat omni perturbatione liber accedere ad rem summa diligentia tractandam, potestatem uitae necisque: male irato ferrum committitur.

8. Vês que o responsável por avaliar e ponderar estas coisas, precisa está livre de inquietações, tratar com muita atenção, pois detém o poder de vida e de morte. É um erro colocar nas mãos de um irado a espada.

**XX**

1. Ne illud quidem iudicandum est, aliquid iram ad magnitudinem animi conferre. Non est enim illa magnitudo: tumor est; nec corporibus copia uitiosi umoris intentis morbus incrementum est sed pestilens abundantia.

XX

1. Também não se julgue que a ira contribuirá em algo para a grandeza da alma. Não há nela grandeza, mas inchaço. Nem mesmo para os corpos inchados pelo mal líquido pode-se falar de crescimento, mas abundância pestilenta.

2. Omnes quos uecors animus supra cogitationes extollit humanas altum quiddam et sublime spirare se credunt; ceterum nil solidi subest, sed in ruinam prona sunt quae sine fundamentis creuere. Non habet ira cui insistat; non ex firmo mansuroque oritur, sed uentosa et inanis est, tantumque abest a magnitudine animi quantum a fortitudine audacia, a fiducia insolentia, ab austeritate tristitia, a seueritate crudelitas.

2. Todos aqueles que a alma delirante eleva muito acima das cogitações humanas, acreditam serem movidos por algo sublime e profundo. Porém, não há nada sólido sobre essas coisas, mastudo que se ergueu sem fundamento está propenso a ruir. A ira não tem no que se apoiar; não é oriunda de algo estável e duradoura, mas é volúvel e oca, estando bem longe da grandeza de alma, como está a bravura da audácia, a confiança da insolência, a parcimônia da tristeza, a severidade da crueldade.

3. Multum, inquam, interest Iracundia nihil amplum decorumque molitur; inter sublimem animum et superbum. contra mihi uidetur ueternosi et infelicis animi, inbecillitatis sibi conscii, saepe indolescere, ut exulcerata et aegra corpora quae ad tactus leuissimos gemunt. Ita ira muliebre maxime ac puerile uitium est. 'At incidit et in uiros.' Nam uiris quoque puerilia ac muliebria ingenia sunt.

3. Há muita diferença, repito, entre o ânimo sublime e o soberbo. A iracúndia não medita nada largo e belo. Ao contrário, parece-me ser de uma alma falecida e infeliz, cônscio de sua debilidade, sofrer de dor constantemente, tal qual os corpos ulcerados e doentes que gemem ao menor toque. Assim, a ira é um vício especialmente da mulher e criança. “Mas isso também acontece aos homens”. De fato, alguns homens tem um temperamento pueril e feminino.

4. 'Quid ergo? non aliquae uoces ab iratis emittuntur quae magno emissae uideantur animo?' Immo ueram ignorantibus magnitudinem, qualis illa dira et abominanda 'oderint, dum metuant'. Sullano scias saeculo scriptam. Nescio utrum sibi peius optauerit ut odio esset an ut timori. 'Oderint.' Occurrit illi futurum ut execrentur insidientur opprimant: quid adiecit? Di illi male faciant, adeo repperit dignum odio remedium. 'Oderint' -- quid? 'dum pareant'? Non. 'dum probent'? Non. Quid ergo? 'dum timeant'. Sic ne amari quidem uellem.

4. “Como, então? Não são pronunciadas pelos irados determinadas palavras que até parecem brotar de uma grande alma?”. Aos que desconhecem a verdadeira grandeza de alma, tal qual naquela famosa e abominável: “Que odeiem, desde que temam”. Ela foi escrita no tempo de Sula. Não sei qual das duas ele desejou para si de pior: se odiado ou temido. “Que odeiem!”. Cogita, então, que irão sentir repulsa, traí-lo e oprimi-lo. Acrescentou o que? Que os deuses te punam, só assim encontrarás, no ódio, remédio tão digno! Que odeiem! Como? Contanto que lhe obedeçam? Não. Contanto que te estimem? Não. Então, para quê? Para que me temam. Assim, não quereria nem se ser amado.

5. Magno hoc dictum spiritu putas? Falleris; nec enim magnitudo ista est sed immanitas. Non est quod credas irascentium uerbis, quorum strepitus magni, minaces sunt, intra mens pauidissima.

5. Pensas que isso foi pronunciado com espírito exaltado? Enganado: não há exaltação, senão crueldade. Não deves acreditar nas palavras dos irados, porque seus ruídos são muitos e ameaçam, mas no seu íntimo, sua alma está apavorada.

6. Nec est quod existimes uerum esse quod apud disertissimum uirum Tito Liuium dicitur: 'uir ingenii magni magis quam boni.' Non potest istud separari: aut et bonum erit aut nec magnum, quia magnitudinem animi inconcussam intellego et introrsus solidam et ab imo parem firmamque, qualis inesse malis ingeniis non potest.

6. Não se deve considerar verdadeiro o que se diz eloquentemente de Tito Lívio: Antes um homem de caráter exaltado do que bom. Não pode ser separado isso. Ou será bom ou não será grande, porque entendo a grandiosidade da alma como inabalável, não apenas sólida por dentro, porém, desde a base, é uniforme e estável, como não pode existir em más índoles.

7. Terribilia enim esse et tumultuosa et exitiosa possunt: magnitudinem quidem, cuius firmamentum roburque bonitas est, non habebunt. Ceterum sermone, conatu et omni extra paratu facient magnitudinis fidem.

7. Podem ser terríveis, turbulentas, perniciosas. Não terão a grandiosidade, quando seu fundamento e força é a bondade, de certo não terão. Assim, por suas palavras e ações e todo aparato externo, dão a acreditar em sua grandeza.

8. Eloquentur aliquid quod tu magni animi putes, sicut C. Caesar, qui iratus caelo quod obstreperetur pantomimis, quos imitabatur studiosius quam spectabat, quodque comessatio sua fulminibus terreretur (prorsus parum certis), ad pugnam uocauit Iouem et quidem sine missione, Homericum illum exclamans uersum: emanaeir ego se.

8. Certamente falarão coisas que julgas de uma alma elevada, assim como Caio César,[216] que, irritado contra o céu, porque os estrondos perturbavam as pantomimas[217] - pois ele imitava com estusiasmo mais do que assistia -, causando susto durante o divertimento, por causa dos raios (pena que não certeiros), chamou a Júpiter a lutar até a morte, exclamando aquele verso de Homero: “Fere-me ou eu te firo!’.

[216] Calígula.
[217] Expressao teatral que consistia numa dança onde um dançarino com máscara executava danças com vários gestos.

9. Quanta dementia fuit! Putauit aut sibi noceri ne ab Ioue quidem posse aut se nocere etiam Ioui posse. Non puto parum momenti hanc eius uocem ad incitandas coniuratorum mentes addidisse; ultimae enim patientiae uisum est eum ferre qui Iouem non ferret.

9. Quanta loucura! Acreditou que nem mesmo Júpiter seria capaz de causa-lo dano, ou ele ser capaz de causar dano até mesmo a Júpiter! Penso que essas palavras tenha contribuído para excitar a mente dos conspiradores. Deve ter parecido o cúmulo da paciência suportar aquele que não podia suportar a Júpiter.

**XXI**

1. Nihil ergo in ira, ne cum uidetur quidem uehemens et deos hominesque despiciens, magnum, nihil nobile est. Aut si uidetur alicui magnum animum ira producere, uideatur et luxuria ebore sustineri uult, purpura uestiri, auro tegi, terras transferre, maria concludere, flumina praecipitare, nemora suspendere.

**XXI**

1. Nada, portanto, na ira, mesmo quando se mostra com veemência para desprezar deuses e homens, há de grandioso e nobre. Ou, se para qualquer um a ira pode produzir uma alma elevada, pense também o amor ao luxo. Quer deitar-se sobre marfim, vestir-se de púrpura, cobrir-se de ouro, transferir terras, cercear os mares, transformar cascatas nos rios, suspender os bosques.

2. Uideatur et auaritia magni animi aceruis auri argentique incubat et prouinciarum nominibus agros colit et sub singulis uilicis latiores habet fines quam quos consules sortiebantur.

2. Que a avareza seja também de uma alma elevada. Ela repousa sobre montes de ouro e prata e cultiva campos que tem nomes de províncias, possuindo vastos territórios, sob cada capataz, mais extensos do que aqueles sorteados aos cônsules.

3. Uideatur et libido magni animi - transnat freta, puerorum greges castrat, sub gladium mariti uenit morte contempta; uideatur et ambitio magni animi - non est contenta honoribus annuis; si fieri potest, uno nomine occupare fastus uult, per omnem orbem titulos disponere.

3. Que a libido seja também de uma alma elevada. Ela atravessa o mar, castra uma grande quantidade de meninos, desafiando a morte sob a espada do marido. Que ambição seja também de uma alma elevada. Ela não se satisfaz com os cargos ocupados, mas, se possível, quer ocupar todo o calendário e dispor por todo o orbe seus títulos.

4. Omnia ista, non refert in quantum procedant extendantque se, angusta sunt, misera depressa; sola sublimis et excelsa uirtus est, nec quicquam magnum est nisi quod simul placidum.

4. Tudo isso, não interessam suas dimensões e êxitos, sao estreitas, miseráveis e abjetas. Só a virtude é elevada e sublime e nada pode ser grandioso se não for ao mesmo tempo plácido.

## LIBER II

### I

1. Primus liber, Nouate, benigniorem habuit materiam; facilis enim in procliui uitiorum decursus est. Nunc ad exiliora ueniendum est; quaerimus enim ira utrum iudicio an impetu incipiat, id est utrum sua sponte moueatur an quemadmodum pleraque quae intra nos non insciis nobis oriuntur.

## Livro II

### I

1. O primeiro livro, Novato, conteve matéria mais gentil. É fácil a descida pela ladeira dos vícios. Agora, iremos a questões mais penetrantes. Questionemos, então, se a ira surge a partir de um juízo ou por impulso, isto é, se ela move-se por espontaneidade ou, como quase tudo que surge dentro de nós, sem que tenhamos ciência dessas coisas.

2. Debet autem in haec se demittere disputatio ut ad illa quoque altiora possit exsurgere; nam et in corpore nostro ossa neruique et articuli, firmamenta totius et uitalia, minime speciosa uisu, prius ordinantur, deinde haec ex quibus omnis in faciem aspectumque decor est; post haec omnia, qui maxime oculos rapit, color ultimus perfecto iam corpore adfunditur.

2. Devemos ir a essas questões menores para que possam ascender outras mais elevadas. De fato, no nosso corpo, os ossos, músculos e as articulações, o artefato dos órgãos vitais, nada atraente à visão, surgem primeiro; depois, é a vez daquilo de quem vem o atrativo do rosto e fisionomia; após tudo feito, por último vem a coloração que saltam aos olhos, concluindo o corpo.

3. Iram quin species oblata iniuriae moueat non est dubium; sed utrum speciem ipsam statim sequatur et non accedente animo excurrat, an illo adsentiente moueatur quaerimus.

3. Não há dúvida de que a ira é movida diante da ideia de uma injúria. Mas, questionemos se ela segue imediatamente e é movida com ou sem o assentimento da alma.

4. Nobis placet nihil illam per se audere sed animo adprobante; nam speciem capere acceptae iniuriae et ultionem eius concupiscere et utrumque coniungere, nec laedi se debuisse et uindicari debere, non est eius impetus qui sine uoluntate nostra concitatur.

4. Entendemos que a ira nada se atreve por si mesma, mas com a aprovação da alma, porque ao aceitar a injúria e desejar a vingança, refletir sobre uma e outra, de que não devemos ser agredidos e que é preciso vingar-se, isso a alma não faz sem a nossa vontade.

5. Ille simplex est, hic compositus et plura continens: intellexit aliquid, indignatus est, damnauit, ulciscitur: haec non possunt fieri, nisi animus eis quibus tangebatur adsensus est.

5. Este é simples, aquele é complexo e contêm mais coisas: perceber algo indigna-se, condenar, punir. Tudo isso não pode acontecer se a alma não tenha consentido aos estímulos recebidos.

**II**

1. 'Quorsus' inquis 'haec quaestio pertinet?' Vt sciamus quid sit ira; nam si inuitis nobis nascitur, numquam rationi succumbet. Omnes enim motus qui non uoluntate nostra fiunt inuicti et ineuitabiles sunt, ut horror frigida adspersis, ad quosdam tactus aspernatio; ad peiores nuntios surriguntur pili et rubor ad inproba uerba suffunditur sequiturque uertigo praerupta cernentis: quorum quia nihil in nostra potestate est, nulla quominus fiant ratio persuadet.

**II**

1. “No que é pertinente”, questiona, “essa indagação?” Para que saibamos o que é a ira, pois se ela nasce contra a nossa vontade, nunca se dobrará à razão. Todos os movimentos sem o consentimento de nossa vontade são invencíveis e inevitáveis, como o arrepiar ao ser aspergido por água fria ou a repulsa a certos contatos; às notícias ruins, arrepiam-se os pelos, o rubor toma conta diante de palavras indecorosas, uma vertigem advém diante do precipício. Nenhuma dessas estão sob nosso poder e a razão não pode persuadir para evitá-los.

2. Ira praeceptis fugatur; est enim uoluntarium animi uitium, non ex his quae condicione quadam humanae sortis eueniunt ideoque etiam sapientissimis accidunt, inter quae et primus ille ictus animi ponendus est qui nos post opinionem iniuriae mouet.

2. A partir de preceitos a ira é evitada. É um vício voluntário da alma, não é daquelas que acontecem pela sorte da condiçao humana, experimentados até pelos mais sábio, ocorrendo  também com eles o primeiro impulso que nos impulsiona logo após a ideia de injúria.

3. Hic subit etiam inter ludicra scaenae spectacula et lectiones rerum uetustarum. Saepe Clodio Ciceronem expellenti et Antonio occidenti uidemur irasci. Quis non contra Mari arma, contra Sullae proscriptionem concitatur? Quis non Theodoto et Achillae et ipsi puero non puerile auso facinus infestus est?

3. Este[218] pode ocorrer até entre as cenas cômicas dos espetáculos e das leituras de coisas antigas. Muitas vezes, ficamos irados conm Clódio que exiliou Cícero, e com Antonio que o matou. Quem não subleva-se contra as armas de Mário e às proscrições de Sula? Quem não fica irado com Teodoro e Aquile, como também pela criança que praticou crime nada pueril?

4. Cantus nos nonnumquam et citata modulatio instigat Martiusque ille tubarum sonus; mouet mentes et atrox pictura et iustissimorum suppliciorum tristis aspectus;

4. Às vezes a modulação de um canto nos instiga, como também o som das trombetas marcial. Nossas mentes movem-se diante de uma pintura repugnante ou diante dos merecidos suplícios.

[218] O primeiro impulso.

5. inde est quod adridemus ridentibus et contristat nos turba maerentium et efferuescimus ad aliena certamina. Quae non sunt irae, non magis quam tristitia est quae ad conspectum mimici naufragii contrahit frontem, non magis quam timor qui Hannibale post Cannas moenia circumsidente lectorum percurrit animos, sed omnia ista motus sunt animorum moueri nolentium, nec adfectus sed principia proludentia adfectibus.

5. É por isso que rimos aos que nos riem e contristamo-nos com a multidão de aflitos, nos enfurecemos diante dos embates dos outros. Estes[219] não são iras, como também não é tristeza quando franzimos o cenho ao naufrágio na cena de teatro, como também não é temor os que os leitores sentem na alma quando Aníbal põe fogo às nossas muralhas após sitiar Canas. Todas elas são movimentos na alma que não são movidas, não sendo paixões; porém são princípios que preparam às paixões.

6. Sic enim militaris uiri in media pace iam togati aures tuba suscitat equosque castrenses erigit crepitus armorum. Alexandrum aiunt Xenophanto canente manum ad arma misisse.

6. Da mesma forma, excita a trombeta aos ouvidos de um soldado, em paz total, em suas roupas civis, e um fragor das armas desperta os cavalos nos campos. Dizem que Alexandre, ouvindo Xenofonte cantar, pôs a mão às armas.

**III**

1. Nihil ex his quae animum fortuito inpellunt adfectus uocari debet: ista, ut ita dicam, patitur magis animus quam facit. Ergo adfectus est non ad oblatas rerum species moueri, sed permittere se illis et hunc fortuitum motum prosequi.

**III**

1. Nada disso que impele a alma fortuitamente deve se chamar de paixão: por essas, por assim dizer, a alma sofre mais do que produz. Portanto, a paixão não é para ser movida pelas aparências das coisas, mas permitir e se entregar ao movimento fortuito.

[219] As reações acima descritas.

2. Nam si quis pallorem et lacrimas procidentis et inritationem umoris obsceni altumue suspirium et oculos subito acriores aut quid his simile indicium adfectus animique signum putat, fallitur nec intellegit corporis hos esse pulsus.

2. De fato, se para alguém a palidez e as lágrimas derramadas, a provocação por um ato obsceno ou fortes suspiros, o olhar mais lancinante ou qualquer coisa similar, são sinais de uma paixão ou sintoma da alma, não compreendem que são impulsos do corpo.

3. Itaque et fortissimus plerumque uir dum armatur expalluit et signo pugnae dato ferocissimo militi paulum genua tremuerunt et magno imperatori antequam inter se acies arietarent cor exiluit et oratori eloquentissimo dum ad dicendum componitur summa riguerunt.

3. Por conseguinte, não apenas o homem mais forte empalideceu quando pegava as armas, assim também, ante o sinal de combate, o soldado mais feroz sente os joelhos tremerem, o coração de um grande bateu mais forte quando os exércitos se colidissem, o orador mas eloquente, quando se dispõe a falar, sente enrijecer as extremidade dos membros.

4. Ira non moueri tantum debet sed excurrere; est enim impetus; numquam autem impetus sine adsensu mentis est, neque enim fieri potest ut de ultione et poena agatur animo nesciente. Putauit se aliquis laesum, uoluit ulcisci, dissuadente aliqua causa statim resedit: hanc iram non uoco, motum animi rationi parentem: illa est ira quae rationem transsilit, quae secum rapit.

4. A ira não apenas move-se, mas prorrompe-se. De fato é um impulso. Porém, nunca há impulso sem o consentimento da mente, porque não é possível que se trate de vingança ou de castigo sem que a alma tome ciência. Alguém que se julgou ofendido e que queira vingar-se, dissuadido por qualquer motivo, o ato é findado: a isso não chamo ira, senão movimento da alma obediente à razão. A ira é o que sobrepõe-se à razão, e que arrasta consigo.

5. Ergo prima illa agitatio animi quam species iniuriae incussit non magis ira est quam ipsa iniuriae species; ille sequens impetus, qui speciem iniuriae non tantum accepit sed adprobauit, ira est, concitatio animi ad ultionem uoluntate et iudicio pergentis. Numquam dubium est quin timor fugam habeat, ira impetum; uide ergo an putes aliquid sine adsensu mentis aut peti posse aut caueri.

5. Assim, a primeira agitação da alma, a partir da ideia que a injúria imprimiu, não é ira, como também não é a ideia de injúria. O impulso sucessivo, que não só recebeu a ideia de injúria, mas a admitiu, é ira, excitaçãoda alma que realiza a vingança deliberadamente e por vontade. Não resta dúvida que o medo provoque a fuga, a ira o impulso. Vede, pois, se é possível buscar ou prevenir algo sem o consentimento da mente.

**IV**

1. Et ut scias quemadmodum incipiant adfectus aut crescant aut efferantur, est primus motus non uoluntarius, quasi praeparatio adfectus et quaedam comminatio; alter cum uoluntate non contumaci, tamquam oporteat me uindicari cum laesus sim, aut oporteat hunc poenas dare cum scelus fecerit; tertius motus est iam inpotens, qui non si oportet ulcisci uult sed utique, qui rationem euicit.

**IV**

1. Para que saibas de que modo começam as paixões, crescem e se desenvolvem, o primeiro movimento não é voluntário, como uma preparação da paixão ou uma ameaça; o outro[220] tem uma vontade não contumaz, como se fizesse necessário vingar-me, uma vez que fui ofendido, ou que preciso fosse castigar uma pessoa porque cometeu um delito. O terceiro movimento é impotente, pois, não querendo vingar-se, caso necessário, mas de qualquer modo, vencendo a razão.

[220] O segundo movimento.

2. Primum illum animi ictum effugere ratione non possumus, sicut ne illa quidem quae diximus accidere corporibus, ne nos oscitatio aliena sollicitet, ne oculi ad intentationem subitam digitorum comprimantur: ista non potest ratio uincere, consuetudo fortasse et adsidua obseruatio extenuat. Alter ille motus, qui iudicio nascitur, iudicio tollitur.

2. O primeiro impacto na alma não podemos evitar com a razão, como também aquilo que falamos acontecer aos corpos, como ao bocejar quando alguém boceja, o fechar os olhos quando subitamente apontam o dedo contra eles. A isso a razão não pode vencê-los; talvez o hábito ou a assídua observação poderão atenuar. O outro movimento, aquele que nasce do juízo, pelo juízo é removido.

**V**

1. Illud etiamnunc quaerendum est, ii qui uulgo saeuiunt et sanguine humano gaudent, an irascantur cum eos occidunt a quibus nec acceperunt iniuriam nec accepisse ipsos existimant: qualis fuit Apollodorus aut Phalaris.

**V**

1. E ainda examinemos se aqueles que habitualmente ficam irados e alegram-se com sangue humano, estão enfurecidos ao matarem aqueles de quem não receberam nenhuma injúria, julgando não ter recebido-a, como aconteceu com Apolodoro e Fálaris.[221]

2. Haec non est ira, feritas est; non enim quia accepit iniuriam nocet, sed parata est dum noceat uel accipere, nec illi uerbera lacerationesque in ultionem petuntur sed in uoluptatem.

2. Isso não é ira, é ferocidade; ela não causa um dano por uma injúria recebida, mas está preparada a recebê-la, para poder fazer o mal. Os açoites e lacerações não são exigidos por vingança, mas pelo prazer.

[221] Rei da Macedônia e de Agrigento, respectivamente.

3. Quid ergo? Origo huius mali ab ira est, quae ubi frequenti exercitatione et satietate in obliuionem clementiae uenit et omne foedus humanum eiecit animo, nouissime in crudelitatem transit; rident itaque gaudentque et uoluptate multa perfruuntur plurimumque ab iratorum uultu absunt, per otium saeui.

3. Como, então? A fonte desse mal é na ira, da sua frequente e satisfação praticadas, chegando ao esquecimento da clemência e anulando da alma todo e qualquer laço humano, transformando-se em crueldade. Riem e gozam, provando grande prazer, distanciando-se do semblante dos irados, praticando a crueldade por diversão.

4. Hannibalem aiunt dixisse, cum fossam sanguine humano plenam uidisset, 'o formosum spectaculum!' Quanto pulchrius illi uisum esset, si flumen aliquod lacumque conplesset! Quid mirum si hoc maxime spectaculo caperis, innatus sanguini et ab infante caedibus admotus? Sequetur te fortuna crudelitati tuae per uiginti annos secunda dabitque oculis tuis gratum ubique spectaculum; uidebis istud et circa Trasumennum et circa Cannas et nouissime circa Carthaginem tuam.

4. Dizem que Aníbal[222] exclamou, ao se deparar com uma fossa repleta de sangue humano: “Que espetáculo formoso!”. Quanto mais bonita lhe teria parecido se tivesse enchido um rio ou um lago! Por que estranhar se tal espetáculo te agrade, pois nasceste no sangue e desde criança te compraz os assassinatos? Por vinte anos a fortuna favorecerá
tua crueldade, proporcionando aos teus olhos um grato espetáculo: o verás em torno do Trasimeno, de Canas, como ao redor de tua Cartago.

[222] General de Cartago envolvido na Primeira Guerra Púnica contra Roma.

5. Volesus nuper, sub diuo Augusto proconsul Asiae, cum trecentos uno die securi percussisset, incedens inter cadauera uultu superbo, quasi magnificum quiddam conspiciendumque fecisset, graece proclamauit 'o rem regiam!' Quid hic rex fecisset? Non fuit haec ira sed maius malum et insanabile.

5. Recentemente, Voleso, procônsul da Ásia sob o divino Augusto, após ter assassinado trezentas pessoas em um só dia, com uma segure,[223] caminhando entre os cadáveres com semblante soberbo, como se tivesse realizado algo extraordinário e digno de contemplação, proclamou em grego: "Que ato de rei!". O que teria feito se fosse rei? Isso não foi ira, mas um mal muito maior e insanável.

**VI**

1. 'Virtus' inquit 'ut honestis rebus propitia est, ita turpibus irata esse debet.' Quid si dicat uirtutem et humilem et magnam esse debere? Atqui hoc dicit qui illam extolli uult et deprimi, quoniam laetitia ob recte factum clara magnificaque est, ira ob alienum peccatum sordida et angusti pectoris est.

**VI**

1. "A virtude," dizem, "Como é complacente com as ações honestas, assim, deve irritar-se com as torpes". E se alguém dissesse que a virtude deve ser tanto baixa quanto o é grandiosa? No entanto, assim o dizem aqueles que querem vê-la exaltada e rebaixada ao mesmo tempo, mesmo que a alegria diante de uma boa ação seja nobre e magnifico.
A ira, pelos erros de outrem, é sórdida e típico de um coração mesquinho.

[223] Espécie de machadinha.

2. Nec umquam committet uirtus ut uitia dum compescit imitetur; iram ipsam castigandam habet, quae nihilo melior est, saepe etiam peior iis delictis quibus irascitur. Gaudere laetarique proprium et naturale uirtutis est: irasci non est ex dignitate eius, non magis quam maerere; atqui iracundiae tristitia comes est et in hanc omnis ira uel post paenitentiam uel post repulsam reuoluitur.

2. A virtude nunca se comportará imitando o vício que está reprimindo. Ela deverá castigar a sua ira, que não é boa se comparado as demais coisas, sendo, na maioria das vezes, pior que os delitos com os quais se irrita. É natural e próprio da virtude a alegria e o regozijo: irar-se não é de acordo com a sua dignidade, não mais que o entristecer. A tristeza é companheira da iracúndia, e nela, toda a ira volta a cair, seja depois do arrependimento ou de um retrocesso.

3. Et si sapientis est peccatis irasci, magis irascetur maioribus et saepe irascetur: sequitur ut non tantum iratus sit sapiens sed iracundus. Atqui si nec magnam iram nec frequentem in animo sapientis locum habere credimus, quid est quare non ex toto illum hoc adfectu liberemus?

3. Se é próprio do sábio irar-se com os erros, muito mais irado ficará com os erros maiores, tornando frequente a irritação. Decorre que o sábio não seria estaria irado, mas seria iracundo. E se não cremos que na alma do sábio exista uma ira profunda ou frequente, por que não liberá-lo totalmente dessa paixão?

4. Modus enim esse non potest, si pro facto cuiusque irascendum est; nam aut iniquus erit, si aequaliter irascetur delictis inaequalibus, aut iracundissimus, si totiens excanduerit quotiens iram scelera meruerint.

4. Assim, não pode existir limite se ele fica irado pelo que cada um faz. De fato, ele será ou iníquo, ao irar-se com diferentes delitos de um mesmo modo, ou estreitamente iracundo, se toda vez se inflamar por cada crime que for merecedor de sua ira.

**VII**

1. Et quid indignius quam sapientis adfectum ex aliena pendere nequitia? Desinet ille Socrates posse eundem uultum domum referre quem domo extulerat? Atqui si irasci sapiens turpiter factis debet et concitari contristarique ob scelera, nihil est aerumnosius sapiente: omnis illi per iracundiam maeroremque uita transibit.

**VII**

1. O que seria mais indigno se o estado de espírito do sábio dependesse da maldade alheia? Sócrates não poderá retornar à sua casa com o mesmo semblante com que saiu dela? Portanto, se o sábio deve irar-se as ações torpes, exartar-se e entristecer-se pelos crimes, nada seria mais miserável que o sábio: a sua vida transcorrerá toda na iracúndia e na tristeza.

2. Quod enim momentum erit quo non inprobanda uideat? Quotiens processerit domo, per sceleratos illi auarosque et prodigos et inpudentis et ob ista felices incedendum erit; nusquam oculi eius flectentur ut non quod indignentur inueniant: deficiet si totiens a se iram quotiens causa poscet exegerit.

2. Haverá momento que não verá ações reprováveis? Quantas vezes ao sair de casa, caminhará por entre celerados e avaros, pródigos e despudorados, todos felizes com seus vícios; nunca olharão ao redor sem encontrar um motivo de indignação. Ficará exausto se, por si mesmo, exigir irar-se toda vez que a situação o exija.

3. Haec tot milia ad forum prima luce properantia, quam turpes lites, quanto turpiores aduocatos habent! Alius iudicia patris accusat, quae non mereri satius fuit, alius cum matre consistit, alius delator uenit eius criminis cuius manifestior reus est; et iudex damnaturus quae fecit eligitur et corona pro mala causa stat bona patroni uoce corrupta.

3. Todos esses milhares que apressadamente vão ao fórum ao amanhecer, com torpes litígios, sendo mais torpes suas testemunhas! Um acusa o rigor de seu pai, cujo não reconhece se merecedor; outro discute com a mãe; outro delata um crime cujo é réu confesso; escolhe-se um juiz para condenar feitos que o próprio cometeu. O público, seduzido pelas belas palavras do corrupto, ficam favorável à causa.

**VIII**

1. Quid singula persequor? Cum uideris forum multitudine Marti refertum et saepta concursu omnis frequentiae plena et illum circum in quo maximam sui partem populus ostendit, hoc scito, istic tantundem esse uitiorum quantum hominum.

**VIII**

1. Por que elenco casos singulares? Quando vires o fórum repleto de gente, o Campo de Marte abarrotado pela multidão, e o circo onde a maioria do povo comparece, saibas de uma coisa: alí há mais vícios quanto homens.

2. Inter istos quos togatos uides nulla pax est: alter in alterius exitium leui compendio ducitur; nulli nisi ex alterius iniuria quaestus est; felicem oderunt, infelicem contemnunt; maiorem grauantur, minori graues sunt; diuersis stimulantur cupiditatibus; omnia perdita ob leuem uoluptatem praedamque cupiunt. Non alia quam in ludo gladiatorio uita est cum isdem uiuentium pugnantiumque.

2. Entre aqueles togados não há paz: um, por algum ganho, trama a destruição do outro; ninguém ganha algo senão por injúrias ao outro; odeiam quem é feliz, desprezam o infeliz; não gostam dos superiores, humilham os pequenos; são impulsionados por vários desejos; desejam que tudo pereça motivados por um leve prazer. A vida desses não difere do ludo de gladiadores, onde o viver com os companheiros é um combate.

3. Ferarum iste conuentus est, nisi quod illae inter se placidae sunt morsuque similium abstinent, hi mutua laceratione satiantur. Hoc uno ab animalibus mutis differunt, quod illa mansuescunt alentibus, horum rabies ipsos a quibus est nutrita depascitur.

3. É um convento de feras, exceto que elas são plácidas entre si e se abstêm em morder seus semelhantes, enquanto eles são saciados pela laceração mútua. Entre eles e os animais há uma diferença: as feras são mansas com quem as alimentam, enquanto a raiva do homem devora quem o nutre.

**IX**

1. Numquam irasci desinet sapiens, si semel coeperit: omnia sceleribus ac uitiis plena sunt; plus committitur quam quod possit coercitione sanari; certatur ingenti quidem nequitiae certamine. Maior cotidie peccandi cupiditas, minor uerecundia est; expulso melioris aequiorisque respectu quocumque uisum est libido se inpingit, nec furtiua iam scelera sunt: praeter oculos eunt, adeoque in publicum missa nequitia est et in omnium pectoribus eualuit ut innocentia non rara sed nulla sit.

**IX**

1. Nunca o sábio ficará livre de sentir ira se a permitiu começar: tudo é cheio de crimes e vícios; comete-os mais do que poderia ser sanados pela coerção. É uma ampla competição num certame de iniquidades. Todos os dias é maior o desejo em errar e menor é a vergonha; expulso o respeito por aquilo que é melhor e justo, onde lhe apetece, a cobiça tomar lugar. Os crimes ja não são furtivos: manifestam diante do olhar, a iniquidade aparece em público, fortalecendo-se no coração de todos,
fazendo com que a inocência não seja rara, mas que seja nula.

2. Numquid enim singuli aut pauci rupere legem? undique uelut signo dato ad fas nefasque miscendum coorti sunt: non hospes ab hospite tutus, non socer a genero; fratrum quoque gratia rara est; imminet exitio uir coniugis, illa mariti; lurida terribiles miscent aconita nouercae, filius ante diem patrios inquirit in anos.

2. Por acaso foram alguns indivíduos ou todos que infringiram a lei? Por toda parte, como se a um sinal dado, insurgem para confundir o lícito e o ilícito: o hóspede não está seguro do anfitrião, como também o sogro do genro; o afeto entre irmãos é raro; o homem ameaça matar a esposa, ela, o marido; madrastas terríveis mesclam acônitos;[224] e o filho inquire a idade do pai antes do tempo.[225]

[224] Planta venenosa cor de anil utilizada em fármacos homeopáticos.
[225] Segunda citação a Ovídio: *Metamorfoses* I, 144.

3. Et quota ista pars scelerum est? Non descripsit castra ex una parte contraria et parentium liberorumque sacramenta diuersa, subiectam patriae ciuis manu flammam et agmina infestorum equitum ad conquirendas proscriptorum latebras circumuolitantia et uiolatos fontes uenenis et pestilentiam manu factam et praeductam obsessis parentibus fossam, plenos carceres et incendia totas urbes concremantia dominationesque funestas et regnorum publicorumque exitiorum clandestina consilia, et pro gloria habita quae, quam diu opprimi possunt, scelera sunt, raptus ac stupra et ne os quidem libidini exceptum.

3. Que pequena parcela de crimes é está? Não descreveu os acampamentos rivais de um mesmo partido, pais e filhos em juramentos de conflitos, das chamas ateadas à pátria por um cidadão, dos cavaleiros hostis que percorrem em busca de esconderijos dos proscritos, das fontes contaminadas pelos venenos, das pestes feitas pelas mãos do homem, das trincheiras abertas em torno dos genitores para sitiá-los, dos cárceres abarrotados, cidades inteiras consumidas pelas chamas, de dominações funestas, e as conjurações clandestinas para abater o poder régio e os bens públicos, de atos glorificados, mesmo sendo crimes, pelo tempo que é possível oprimí-los, os raptos, estupros e até mesmo uma língua que se absteve de indecência.

4. Adde nunc publica periuria gentium et rupta foedera et in praedam ualidioris quidquid non resistebat abductum, circumscriptiones furta fraudes infitiationes quibus trina non sufficiunt fora. Si tantum irasci uis sapientem quantum scelerum indignitas exigit, non irascendum illi sed insaniendum est.

4. Adiciona agora perjúrios públicos de nações, os tratados rompidos e tudo que não sofreu resistência foi adicionado como recompensa ao mais forte. Conspirações, furtos, fraudes, calotes, não cabendo nos nossos três fóruns. Se o sábio irar-se como exige a indignação, ele não haveria de irritar-se, mas de enlouquecer.

## X

1. Illud potius cogitabis, non esse irascendum erroribus. Quid enim si quis irascatur in tenebris parum uestigia certa ponentibus? Quid si quis surdis imperia non exaudientibus? Quid si pueris, quod neglecto dispectu officiorum ad lusus et ineptos aequalium iocos spectent? Quid si illis irasci uelis qui aegrotant senescunt fatigantur? Inter cetera mortalitatis incommoda et hoc est, caligo mentium nec tantum necessitas errandi sed errorum amor.

## X

1. É preferível que penses que não se deve irar-se contra os erros. Por que irritar-se com aquele que anda com passos incertos no escuro? Ou com os surdos que não podem ouvir as ordens? Ou com as crianças porque, esquecendo-se dos deveres, distraem-se com as diversões tolas de seus amigos? Quereis se irritar com os que adoecem, os que envelhecem e os que se cansam? Entre outros inconvenientes da mortalidade, há a obscuridade da mente, e não tanto o erro inevitável, mas amar os erros.

2. Ne singulis irascaris, uniuersis ignoscendum est, generi humano uenia tribuenda est. Si irasceris iuuenibus senibusque quod peccant, irascere infantibus: peccaturi sunt. Numquis irascitur pueris, quorum aetas nondum nouit rerum discrimina? maior est excusatio et iustior hominem esse quam puerum.

2. Para não irar-se contra um indivíduo é necessário perdoar a todos, conceder perdão ao gênero humano. Se te irritam os jovens e os velhos porque erram, irrita-te com as crianças: elas errarão. Alguém se irrita com as crianças que a tenra idade impede o discernimento das coisas? A desculpa é maior e justa sendo um homem do que ser uma criança.

3. Hac condicione nati sumus, animalia obnoxia non paucioribus animi quam corporis morbis, non quidem obtusa nec tarda, sed acumine nostro male utentia, alter alteri uitiorum exempla: quisquis sequitur priores male iter ingressos, quidni habeat excusationem, cum publica uia errauerit?

3. Nós nascemos com essa condição, sujeitos a doenças da alma não em menor número que as do corpo, não por estupidez ou lentidão, mas pelo mau uso do discernimento, sendo exemplos de vícios uns para os outros. Aquele que segue os que tomaram o caminho errado, não tem desculpa uma vez que se perdeu em uma via pública?

4. In singulos seueritas imperatoris destringitur, at necessaria uenia est ubi totus deseruit exercitus. Quid tollit iram sapientis? turba peccantium. Intellegit quam et iniquum sit et periculosum irasci publico uitio.

4. A severidade do general pode ser demonstrada individualmente, mas quando todo o exército deserta, é necessário perdoar. O que tolhe a ira do sábio? A multidão de pecadores. Ele percebe como é injusto e perigoso irar-se pelo vício público.

5. Heraclitus quotiens prodierat et tantum circa se male uiuentium, immo male pereuntium uiderat, flebat, miserebatur omnium qui sibi laeti felicesque occurrebant, miti animo, sed nimis inbecillo: et ipse inter deplorandos erat. Democritum contra aiunt numquam sine risu in publico fuisse; adeo nihil illi uidebatur serium eorum quae serio gerebantur. Vbi istic irae locus est? aut ridenda omnia aut flenda sunt.

5. Heráclito,[226] sempre que saía, via tantos ao seu redor a viver mal, ou melhor, a morrer mal; chorava e se compadecia daqueles que se aproximavam alegres e felizes, amável, mas muito frágil, contando ele dentre aqueles que deviam ser lamentados. Dizem que Demócrito nunca estava sem sorrir em público; por isso, ele não levava a sério tudo que era levado a sério. Onde há lugar para a ira? Ou rir-se de tudo, ou chora-se por tudo.

[226] Dele os Estoicos tomam a teoria do *Lógos* divino, onde todo o universo é corpóreo.

6. Non irascetur sapiens peccantibus. Quare? quia scit neminem nasci sapientem sed fieri, scit paucissimos omni aeuo sapientis euadere, quia condicionem humanae uitae perspectam habet; nemo autem naturae sanus irascitur. Quid enim si mirari uelit non in siluestribus dumis poma pendere? Quid si miretur spineta sentesque non utili aliqua fruge conpleri? Nemo irascitur ubi uitium natura defendit.

6. O sábio não se irritará com os que erram. Por que? Porque ele sabe que ninguém nasce sábio, mas pode tornar-se. Sabe que bem poucos homens tornar-se-ao sábios ao longo da vida, porque ele tem diante de si as circunstâncias da vida humana, e nenhum homem sensato se irrita com a natureza. O que dizer se ficar admirado que não há frutas dependuradas nas matas silvestres? Ou admirar de espinheiras e sarçais repletas de frutas inúteis? Ninguém se irrita quando a natureza defende o vício.

7. Placidus itaque sapiens et aequus erroribus, non hostis sed corrector peccantium, hoc cotidie procedit animo: 'multi mihi occurrent uino dediti, multi libidinosi, multi ingrati, multi auari, multi furiis ambitionis agitati.' Omnia ista tam propitius aspiciet quam aegros suos medicus.

7. Portanto, o homem sábio, sereno e equitativo diante dos erros, não como um inimigo, mas tal qual um censor daqueles que erram, diariamente sai com esta intenção: “Aparecerão muitos viciados em vinho, muitos gananciosos, muitos ingratos, muitos avaros, muitos furiosos pela agitação da ambição”. A tudo isso verá benignamente como um médico a seus pacientes.[227]

[227] A prática da ataraxia.

8. Numquid ille cuius nauigium multam undique laxatis conpagibus aquam trahit nautis ipsique nauigio irascitur? Occurrit potius et aliam excludit undam, aliam egerit, manifesta foramina praecludit, latentibus et ex occulto sentinam ducentibus labore continuo resistit, nec ideo intermittit quia quantum exhaustum est subnascitur. Lento adiutorio opus est contra mala continua et fecunda, non ut desinant, sed ne uincant.

8. Aquele cujo navio, ao ter alguns lados abertos, entrando água por todo lado, irrita-se com os marinheiros ou com o próprio navio? Ao invés disso, impedem a água, retira uma parte da água, fecha todas as aberturas visíveis, e pelo trabalho incessante, combate as infiltrações invisíveis que alagam o convés, e não se cansa, porque a água que ele bombeia para fora se renova rapidamente. Contra os males contínuos e fecundos é preciso um tratamento extenso, não para que desapareçam, mas para que não vençam.

**XI**

1. 'Vtilis est' inquit 'ira, quia contemptum effugit, quia malos terret.' Primum ira, si quantum minatur ualet, ob hoc ipsum quod terribilis est et inuisa est; periculosius est autem timeri quam despici. Si uero sine uiribus est, magis exposita contemptui est et derisum non effugit; quid enimest iracundia in superuacuum tumultuante frigidius?

**XI**

1. “É útil”, dizem, “A ira, porque afugenta o desprezo, porque assusta os maus”. Primeiramente, a ira, se é proporcional às ameaças, pela mesma razão que suscita o terror, é odiosa. É mais perigoso ser temido que ser desprezado. Se é privado de força, é mais exposta ao desprezo e não evita ao ridículo. Há algo mais frígido que uma ira que tumultua no vazio?

2. Deinde non ideo quaedam, quia sunt terribiliora, potiora sunt, nec hoc sapienti dici uelim: 'quod ferae, sapientis quoque telum est, timeri.' Quid? non timetur febris, podagra, ulcus malum? Numquid ideo quicquam in istis boni est? At contra omnia despecta foedaque et turpia ipso quo timentur. Sic ira per se deformis est et minime metuenda, at timetur a pluribus sicut deformis persona ab infantibus.

2. Além disso, o fato de algumas coisas serem mais terríveis, não significa que sejam preferíveis, e não quereria que dissesse ao sábio isto: “Tal arma que pertence as feras também é do sábio: o temor”. O quê? Não se teme a febre, a gota e a úlcera malígna? Há algo de bom nessas coisas? Ao contrário, são todas elas desprezíveis, disformes e repulsivas, e, portanto, temíveis. Assim, a ira em si, é disforme e nada temível, mas é temida por muitos, tal qual uma máscara disforme pelas crianças.

3. Quid quod semper in auctores redundat timor nec quisquam metuitur ipse securus? Occurrat hoc loco tibi Laberianus ille uersus qui medio ciuili bello in theatro dictus totum in se populum non aliter conuertit quam si missa esset uox publici adfectus: ‘necesse est multos timeat quem multi timent’.

3. O que dizer do fato que o temor sempre recai sobre aquele que o causou, e também que ninguém é temido ficando seguro de si? Ocorra-te, aqui, aquele verso de Labério pronunciado no teatro quando da guerra civil, atraindo a atenção de todo o povo como se fosse expressanda o sentimento público: “Muitos hão de temer àquele que é temido por muitos."

4. Ita natura constituit ut quidquid alieno metu magnum est a suo non uacet. Leonum quam pauida sunt ad leuissimos sonos pectora! acerrimas feras umbra et uox et odor insolitus exagitat: quidquid terret et trepidat. Non est ergo quare concupiscat quisquam sapiens timeri, nec ideo iram magnum quiddam putet quia formidini est, quoniam quidem etiam contemptissima timentur, ut uenena et ossa pestifera et morsus.

4. Assim, a natureza constituiu que aquele que se torna grande pelo temor alheio não é livre de seu próprio medo. O coração dos leões se assustam aos ruídos mais leves! Uma sombra, uma voz, um odor insólito agitam as feras selvagens: tudo que causa terror também treme. Não pode haver nenhum motivo para que qualquer sábio deseje ser temido, nem que tome a ira como alguma coisa formidável, uma vez que ela serve para atemorizar, visto que até coisas desprezíveis sao temidas, tais como venenos, os ossos pestilentos e mordidas.

5. Nec mirum est, cum maximos ferarum greges linea pinnis distincta contineat et in insidias agat, ab ipso adfectu dicta formido; uanis enim uana terrori sunt. Curriculi motus rotarumque uersata facies leones redegit in caueam, elephantos porcina uox terret.

5. Não surpreende o fato de que uma manada de animais selvagens seja orientado para a armadilha por penas penduradas em uma corda chamada espantalho. Coisas vãs aterrorizam as criaturas vãs. O movimento de uma biga e a vista de suas rodas girando motivam os leões a voltarem para a jaula; os elefantes se assustam com o grunhido dos porcos.

6. Sic itaque ira metuitur quomodo umbra ab infantibus, a feris rubens pinna. Non ipsa in se quicquam habet firmum aut forte, sed leues animos mouet.

6. Assim, se teme a ira como as crianças temem uma sombra, ou o animal selvagem teme as penas vermelhas. Não há em si nada de sólido ou forte, mas afeta os espíritos fracos.

## XII

1. 'Nequitia' inquit 'de rerum natura tollenda est, si uelis iram tollere; neutrum autem potest fieri.' Primum potest aliquis non algere, quamuis ex rerum natura hiemps sit, et non aestuare, quamuis menses aestiui sint: aut loci beneficio aduersus intemperiem anni tutus est aut patientia corporis sensum utriusque peruicit.

## XII

1. “A maldade”, dizem, “deve ser suprimida da natureza se desejas que a ira seja eliminada; mas nenhuma das duas coisas pode ser feito”. Em primeiro lugar, é possível uma pessoa não sentir frio, ainda que de acordo com a natureza seja inverno, nem sofrer de calor, apesar de estar nos meses de verão: pode estar protegido contra o tempo inclemente, porque do lugar, ou ele tem capacidade física para a resistência suportando ambas estações.

2. Deinde uerte istud: necesse est prius uirtutem ex animo tollas quam iracundiam recipias, quoniam cum uirtutibus uitia non coeunt, nec magis quisquam eodem tempore et iratus potest esse et uir bonus quam aeger et sanus.

2. Em seguida, inverte o argumento: é necessário eliminar da alma a virtude antes de dar entrada à ira, uma vez que não é possível que o vício coexista com as virtudes, como também  ninguém não pode ser virtuoso e irado ao mesmo tempo, como doente e são.

3. 'Non potest' inquit 'omnis ex animo ira tolli, nec hoc hominis natura patitur.' Atqui nihil est tam difficile et arduum quod non humana mens uincat et in familiaritatem perducat adsidua meditatio, nullique sunt tam feri et sui iuris adfectus ut non disciplina perdomentur.

3. "Não é possível", dizem, "remover completamente a ira da alma, a natureza humana não permitiria isso". No entanto, não há nada tão árduo e difícil que a mente humana não possa vencer e uma meditação assídua não familiarize, e nenhuma paixão é muito feroz e superior que não possa ser domada pela disciplina.

4. Quodcumque sibi imperauit animus optinuit: quidam ne umquam riderent consecuti sunt; uino quidam, alii uenere, quidam omni umore interdixere corporibus; alius contentus breui somno uigiliam indefatigabilem extendit; didicerunt tenuissimis et aduersis funibus currere et ingentia uixque humanis toleranda uiribus onera portare et in inmensam altitudinem mergi ac sine ulla respirandi uice perpeti maria. Mille sunt alia in quibus pertinacia inpedimentum omne transcendit ostenditque nihil esse difficile cuius sibi ipsa mens patientiam indiceret.

4. Tudo que ordenou o espírito a si mesmo alcançou: alguns conseguiram nunca mais sorrir; outros proibiram a si mesmos o vinho; outros, relação sexual; outros quaisquer bebida; outro, satisfeito com poucas horas de sono, prologou a sua infatigável vigília; aprendeu-se a correr em cordas finíssimas e traiçoeiras, como também a transportar pesos enormes, quase impossíveis as forças humanas, ou a mergulhar a enormes profundidades e permanecer no fundo do mar sem perder a respiração.

5. Mille sunt alia in quibus pertinacia inpedimentum omne transcendit ostenditque nihil esse difficile cuius sibi ipsa mens patientiam indiceret. Istis quos paulo ante rettuli aut nulla tam pertinacis studii aut non digna merces fuit. Quid enim magnificum consequitur ille qui meditatus est per intentos funes ire, qui sarcinae ingenti ceruices supponere, qui somno non summittere oculos, qui penetrare in imum mare? Et tamen ad finem operis non magno auctoramento labor peruenit:

5. Há milhares de outros casos em que a persistência transcendeu todo obstáculo e provou que nada é difícil quando a mente impôs a suportar. Os casos que eu acabei de mencionar, não havia recompensa ou era inferior ou indigno de tamanha persistência. O que de magnífico recebe aquele que se empenhou a caminhar por cordas, carregar pesos sobre seus ombros, não submeter seus olhos ao sono, a submergir-se ao fundo do mar? E mesmo assim, com o esforço de todo esse trabalho, alcançou uma recompensa insignificante.

6. Nos non aduocabimus patientiam, quos tantum praemium expectat, felicis animi inmota tranquillitas? Quantum est effugere maximum malum, iram, et cum illa rabiem saeuitiam crudelitatem furorem, alios comites eius adfectus!

6. Não invocaremos à paciência, se nos a tranquilidade de uma alma feliz nos espera? Quão bom é fugir do maior dos males, a ira, e ao mesmo tempo da raiva, violência, crueldade, furor e demais companheiras daquela paixão!

**XIII**

1. Non est quod patrocinium nobis quaeramus et excusatam licentiam, dicentes aut utile id esse aut ineuitabile; cui enim tandem uitio aduocatus defuit? Non est quod dicas excidi non posse: sanabilibus aegrotamus malis ipsaque nos in rectum genitos natura, si emendari uelimus, iuuat. Nec, ut quibusdam uisum est, arduum in uirtutes et asperum iter est: plano adeuntur.

**XIII**

1. Não há motivo pelo qual devamos justificar ou nos defender por declarar o assunto útil ou inevitável. A qual vício, de fato, faltou um defensor? Não há razão em dizer que a ira não pode ser erradicada: os males que sofremos são curáveis e nascemos para o bem, a própria natureza nos ajudará se quisermos nos emendar. O caminho para a virtude não é íngreme e áspero, como alguns pensam que seja: aproximamos muito fácil.

2. Non uanae uobis auctor rei uenio. Facilis est ad beatam uitam uia: inite modo bonis auspiciis ipsisque dis bene iuuantibus. Multo difficilius est facere ista quae facitis. Quid est animi quiete otiosius, quid ira laboriosius? Quid clementia remissius, quid crudelitate negotiosius? Vacat pudicitia, libido occupatissima est. Omnium denique uirtutum tutela facilis est, uitia magno coluntur.

2. Como autor de ideias vãs não venho até vocês. O caminho para uma vida feliz é fácil: você a consegue com boa sorte e sob ajuda dos próprios deuses. É muito mais difícil fazer o que você está fazendo. O que é mais tranquilo que o espírito em paz, e mais cansativo do que a ira? O que é mais calmante, a clemência, ou as atribulações da crueldade? A decência descansa, a libido é sempre ocupada. Todas as virtudes são fáceis de conservarem, mas cultivar os vícios custa caro.

3. Debet ira remoueri. Hoc ex parte fatentur etiam qui dicunt esse minuendam: tota dimittatur, nihil profutura est. Sine illa facilius rectiusque scelera tollentur, mali punientur et transducentur in melius. Omnia quae debet sapiens sine ullius malae rei ministerio efficiet nihilque admiscebit cuius modum sollicitius obseruet.

3. A ira deve ser removida. Em parte reconhecem aqueles que dizem que deve ser mantida sob controle. Remova-a por completo, não pode servir para nada. Sem ela, com justiça e com a facilidade poderemos suprimir os crimes, punir os maus e transformá-los para melhor. Tudo que o sábio fizer, fará sem o auxílio de coisas más, e não apelará à ajuda de nada que deva observar os limites.

**XIV**

1. Numquam itaque iracundia admittenda est, aliquando simulanda, si segnes audientium animi concitandi sunt, sicut tarde consurgentis ad cursum equos stimulis facibusque subditis excitamus. Aliquando incutiendus est iis metus apud quos ratio non proficit: irasci quidem non magis utile est quam maerere, quam metuere.

**XIV**

1. Nunca deve ser admitida a ira; às vezes deve ser simulada, quando for para incitar ânimo fraco de quem escuta, tal qual fazemos aos cavalos com aguilhões ou tochas ao ventre. Devemos, às vezes, incutir medo naqueles em que a razão não lhe é profícua. Porém, irritar-se não é mais útil do que estar aflito ou com temor.

2. 'Quid ergo? non incidunt causae quae iram lacessant?' Sed tunc maxime illi opponendae manus sunt. Nec est difficile uincere animum, cum athletae quoque, in uilissima sui parte occupati, tamen ictus doloresque patiantur ut uires caedentis exhauriant, nec cum ira suadet feriunt, sed cum occasio.

2. "O quê, então? Não surgem ocasiões que nos provocam a ira?" Sim, mas acima de tudo esse é o momento de tê-la em nossas mãos. Não é difícil dominar o ânimo, uma vez que os atletas, ao dedicarem toda a atenção para as partes mais vis de si mesmos, são capazes de suportar golpes e dores, exaurindo a força daquele que o ataca, e não os ferem quando a ira ordena, mas a oportunidade.

3. Pyrrhum, maximum praeceptorem certaminis gymnici, solitum aiunt iis quos exercebat praecipere ne irascerentur; ira enim perturbat artem et qua noceat tantum aspicit. Saepe itaque ratio patientiam suadet, ira uindictam, et qui primis defungi malis potuimus in maiora deuoluimur.

3. Pirro, o maior mentor de lutas, alertava seus alunos a não ficarem irritados. A ira, de fato, prejudica a técnica observando apenas onde pode machucar. Por isso que a razão aconselha frequentemente a paciência; a ira, a vingança, e, quando poderíamos evitar os males iniciais, caímos em outros maiores.

4. Quosdam unius uerbi contumelia non aequo animo lata in exilium proiecit, et qui leuem iniuriam silentio ferre noluerant grauissimis malis obruti sunt, indignatique aliquid ex plenissima libertate deminui seruile in sese adtraxerunt iugum.

4. Alguns foram levados ao exílio por palavras contumaz recebidas, e outros por não suportarem em silêncio uma leve injustiça, foram submergidos em grandes desgraças; não contentes pela diminuição sofrida em plena liberdade, conseguiram atrair para si o jugo da escravidão.

## XV

1. 'Vt scias' inquit 'iram habere in se generosi aliquid, liberas uidebis gentes quae iracundissimae sunt, ut Germanos et Scythas.' Quod euenit quia fortia solidaque natura ingenia, antequam disciplina molliantur, prona in iram sunt. Quaedam enim non nisi melioribus innascuntur ingeniis, sicut ualida arbusta et laeta quamuis neglecta tellus creat et alta fecundi soli silua est;

## XV

1. “Para que saibas”, dizem, “que a ira tem em si algo de nobre, observe povos livres que são os mais iracundos, como os germanos e os citas”. Isso acontece porque os gênios fortes e sólidos por natureza, antes de moldados pela disciplina, são propensos à ira. Certas tendências, no entanto, são apenas inatas nos melhores espíritos, tal qual a terra que produz arbustos fortes e exuberantes, ainda que sem cultivo, sendo exuberante a floresta de um solo fecundo.

2. itaque et ingenia natura fortia iracundiam ferunt nihilque tenue et exile capiunt ignea et feruida, sed inperfectus illis uigor est ut omnibus quae sine arte ipsius tantum naturae bono exsurgunt, sed nisi cito domita sunt, quae fortitudini apta erant audaciae temeritatique consuescunt.

2. Da mesma forma, os gênios fortes por natureza padecem por iracúndia, e aqueles ígneos e férvidos não têm nada de pequeno e fraco, sendo imperfeito o seu vigor como todos que crescem sem arte própria, apenas pela natureza. Mas se não são domados de início, aqueles aptos à força, consentem à audácia e à temeridade.

3. Quid? Non mitioribus animis uitia leniora coniuncta sunt, ut misericordia et amor et uerecundia? Itaque saepe tibi bonam indolem malis quoque suis ostendam; sed non ideo uitia non sunt si naturae melioris indicia sunt.

3. O quê? Os de almas leves não portam vícios mais leves como a compaixão, o amor e a timidez? Por isso te mostrarei uma boa índole frequente através dos seus males, mas que não deixam de ser vícios, mesmo que sejam indícios de uma natureza melhor.

4. Deinde omnes istae feritate liberae gentes leonum luporumque ritu ut seruire non possunt, ita nec imperare; non enim humani uim ingenii, sed feri et intractabilis habent; nemo autem regere potest nisi qui et regi.

4. Depois, todos esses povos que são livres por sua ferocidade, como leões e lobos, não podendo servir, também não podem governar. Não existe neles o vigor da natureza humana, mas possuem a ferocidade e a intratabilidade. Ninguém é capaz de governar se não pode ser governado.

5. Fere itaque imperia penes eos fuere populos qui mitiore caelo utuntur: in frigora septemtrionemque uergentibus 'inmansueta ingenia' sunt, ut ait poeta, suoque simillima caelo.

5. Por isso o poder era exercido por nações que se valiam de um clima ameno. As pessoas expostas ao frio do norte sao de ‘índoles ásperas’, como diz o poeta, ‘semelhantes a seu clima’.

**XVI**

1. 'Animalia' inquit 'generosissima habentur quibus multum inest irae.' Errat qui ea in exemplum hominis adducit quibus pro ratione est impetus. Sed ne illis quidem omnibus idem prodest: iracundia leones adiuuat, pauor ceruos, accipitrem impetus, columbam fuga.

**XVI**

1. “Entre os animais”, argumenta-se, “considerados generosos há muita ira.” É um erro dar como exemplo para os homens os seres onde o impulso substitui a razão. Mas não age o mesmo instinto nesses animais: a iracúndia ajuda ao leão; ao cervo, o temor; ao falcão, o ataque; à pomba, a fuga.

2. Quid quod ne illud quidem uerum est, optima animalia esse iracundissima? Feras putem, quibus ex raptu alimenta sunt, meliores quo iratiores: patientiam laudauerim boum et equorum frenos sequentium. Quid est autem cur hominem ad tam infelicia exempla reuoces, cum habeas mundum deumque, quem ex omnibus animalibus, ut solus imitetur, solus intellegit?

2. O que dizer que não é verdade que os melhores animais são os mais iracundos? Tomaria as feras, que se alimentam de caças, quanto mais iradas, melhores; mas eu elogiaria a paciência dos bois e cavalos que obedecem aos freios. Mas por que recorrer a exemplos tão infelizes quando se o cosmos e Deus, que apenas o homem, entre todos os seres vivos, é o único que pode conhecer, e que só ele pode imitá-lo?

3. 'Simplicissimi' inquit 'omnium habentur iracundi.' Fraudulentis enim et uersutis comparantur et simplices uidentur quia expositi sunt. Quos quidem non simplices dixerim sed incautos: stultis luxuriosis nepotibusque hoc nomen inponimus et omnibus uitiis parum callidis.

3. “Os considerados mais sinceros”, dizem, “são os iracundos.” São comparados com os fraudadores e astutos e parecem sinceros porque são francos. No entanto, não os chamariam sinceros, mas incautos: aos tolos, luxuriosos e pródigos impomos essa alcunha e a todos os vícios carente de astúcia.

## XVII

1. 'Orator' inquit 'iratus aliquando melior est.' Immo imitatus iratum; nam et histriones in pronuntiando non irati populum mouent, sed iratum bene agentes; et apud iudices itaque et in contione et ubicumque alieni animi ad nostrum arbitrium agendi sunt, modo iram, modo metum, modo misericordiam, ut aliis incutiamus, ipsi simulabimus, et saepe id quod ueri adfectus non effecissent effect imitatio adfectuum. 'Languidus' inquit 'animus est qui ira caret.'

## XVII

1. “Um orador”, diz-me “irado é às vezes melhor.” Na verdade, melhor imitando o irado; os histriões, com sua energia, comovem o público não porque estão irados, mas pelo fato de imitarem bem o irado. E, diante dos juízes, pariforme, não somente em uma assembleias, e onde queremos manipular a mente dos outros, devemos fingir sentir ora a ira, ora o medo, ora a pena, a fim de incutir isso. Muitas vezes a simulação da paixão vai fazer o que a própria paixão não poderia ter feito. “É lânguida”, dizem, “uma alma que carece da ira”.

2. Verum est, si nihil habeat ira ualentius. Nec latronem oportet esse nec praedam, nec misericordem nec crudelem: illius nimis mollis animus, huius nimis durus est; temperatus sit sapiens et ad res fortius agendas non iram sed uim adhibeat.

2. É verdade se não tem nada mais forte do que a ira. Não precisa ser o ladrão nem sua vítima, ser bondoso nem cruel: um tem a alma mole, o outro muito dura. O sábio deve ser temperado, e se necessário for, aja com energia, usando não a ira, mas o vigor.

**XVIII**

1. Quoniam quae de ira quaeruntur tractauimus, accedamus ad remedia eius. Duo autem, ut opinor, sunt: ne incidamus in iram, et ne in ira peccemus. Vt in corporum cura alia de tuenda ualetudine, alia de restituenda praecepta sunt, ita aliter iram debemus repellere, aliter compescere. Vt uitemus, quaedam ad uniuersam uitam pertinentia praecipientur: ea in educationem et in sequentia tempora diuidentur.

**XVIII**

1. Uma que tratamos das questões sobre a ira, passemos aos remédios. São de dois tipos, na minha opinião: um para não incorrermos na ira e outro para, estando, não errarmos. Como na arte médica as regras relativas à proteção da saúde são diferentes daquelas que se referem a seu restabelecimento, assim também existe um procedimento para afastar a ira, outro para mantê-la sob controle. Para evitar a ira, existem preceitos que afetarão a vida inteira, se dividindo entre a educação e as idades sucessivas.

2. Educatio maximam diligentiam plurimumque profuturam desiderat; facile est enim teneros adhuc animos componere, difficulter reciduntur uitia quae nobiscum creuerunt.

2. A educação exige o máximo cuidado a fim de alcançar o fruto que deseja. É fácil moldar as almas ainda tenras, e extremamente difícil cortar os vícios que cresceram conosco.

## XIX

1. Opportunissima ad iracundiam feruidi animi natura est. Nam cum elementa sint quattuor, ignis aquae aeris terrae, potestates pares his sunt, feruida frigida arida atque umida; et locorum itaque et animalium et corporum et morum uarietates mixtura elementorum facit, et proinde aliquo magis incumbunt ingenia prout alicuius elementi maior uis abundauit. Inde quasdam umidas uocamus aridasque regiones et calidas et frigidas.

## XIX

1. A mais propensa à iracúndia é a alma que por natureza é ardente. Como há quatro elementos: fogo, água, ar e terra, há poderes correspondentes a cada uma delas: quente, frio, árido e úmido. A mistura dos elementos determina as diferenças de lugares, animais, coisas, corpos e comportamentos. Por isso, nossos gênios são mais inclinados de acordo com a prevalência de um elemento. Pelo que designamos certas regiões como úmidas, secas, quentes ou frias.

2. Eadem animalium hominumque discrimina sunt: refert quantum quisque umidi in se calidique contineat; cuius in illo elementi portio praeualebit, inde mores erunt. Iracundos feruida animi natura faciet; est enim actuosus et pertinax ignis: frigidi mixtura timidos facit; pigrum est enim contractumque frigus.

2. As mesmas distinções são igualmente aos animais e homem: importa o quanto cada um tem de úmido e quente. É a quantidade de elemento predominante nele que irá determinar o comportamento. Um temperamento naturalmente quente vai produzir iracundos, porque o fogo é cheio de movimento e pertinaz. Uma mistura de frio fará o tímido, porque o frio adorceme e se contrai.

3. Volunt itaque quidam ex nostris iram in pectore moueri efferuescente circa cor sanguine; causa cur hic potissimum adsignetur irae locus non alia est quam quod in toto corpore calidissimum pectus est.

3. Consequentemente, alguns dos nossos[228] acham que a ira surge em nosso peito pela efervescência do sangue ao redor do coração. Esse lugar é atribuído por outra razão senão porque o peito é a parte mais quente de todo o corpo.

4. Quibus umidi plus inest, eorum paulatim crescit ira, quia non est paratus illis calor sed motu adquiritur; itaque puerorum feminarumque irae acres magis quam graues sunt leuioresque dum incipiunt. Siccis aetatibus uehemens robustaque est ira, sed sine incremento, non multum sibi adiciens, quia inclinaturum calorem frigus insequitur: senes difficiles et queruli sunt, ut aegri et conualescentes et quorum aut lassitudine aut detractione sanguinis exhaustus est calor;

4. Aqueles que domina o úmido, a raiva cresce paulatinamente, porque o calor não está disposto neles, mas adquirem por movimento. Por isso as iras das crianças e das mulheres são mais veementes do que violentas, e menos grave quando no início. Nas idades secas, a ira é veemente e robusta, mas sem crescimento, recebendo pouco ganho, porque o calor, agora em declínio, dá lugar ao frio. Os senis são suscetíveis e ranzinzas, como os enfermos e convalescentes ou aqueles que o calor esgotou pelo cansaço ou diminuição de sangue.

[228] Filósofos estoicos.

5. in eadem causa sunt siti fameque tabidi et quibus exsangue corpus est maligneque alitur et deficit. Vinum incendit iras, quia calorem auget; pro cuiusque natura quidam ebrii efferuescunt, quidam saucii. Neque ulla alia causa est cur iracundissimi sint flaui rubentesque, quibus talis natura color est qualis fieri ceteris inter iram solet; mobilis enim illis agitatusque sanguis est.

5. Na mesma situação se encontram os atormentados pela fome e sede, os que tem o corpo exangue, desnutrido e debilitado. O vinho acende as iras, porque aumenta o calor. Pela natureza de cada um, a embriaguez deixa efusivo; outros, feridos. Não há nenhum outro motivo para que os iracundos sejam os ruivos e os corados, porque a cor, por natureza, se assemelham àqueles possuídos pela, porque seu sangue é móvel e agitado.

**XX**

1. Sed quemadmodum natura quosdam procliues in iram facit, ita multae incidunt causae quae idem possint quod natura: alios morbus aut iniuria corporum in hoc perduxit, alios labor aut continua peruigilia noctesque sollicitae et desideria amoresque; quidquid aliud aut corpori nocuit aut animo, aegram mentem in querellas parat.

**XX**

1. Mas, do mesmo modo que a natureza torna alguns propensos à ira, assim também muitas causas tem o mesmo poder que a natureza: alguns são levados a essa condição por doenças ou lesões corporais; outros pelo trabalho duro ou longas vigílias noturnas, desejos e amores. Qualquer coisa nociva ao corpo ou à alma predispõe a mente doente para os queixumes.

2. Sed omnia ista initia causaeque sunt: plurimum potest consuetudo, quae si grauis est alit uitium. Naturam quidem mutare difficile est, nec licet semel mixta nascentium elementa conuertere; sed in hoc nosse profuerit, ut calentibus ingeniis subtrahas uinum, quod pueris Plato negandum putat et ignem uetat igne incitari. Ne cibis quidem inplendi sunt; distendentur enim corpora et animi cum corpore tumescent.

2. Todos esses fatos são princípios e causas. Muito pode o costume, que, se for persistente, aliementa o vício. Mudar a natureza é muito difícil, porque mesclado os elementos ao nascer, é impossível alterá-los. Mas isso pode ajudar-nos a saber, que aos espíritos mais quentes, seja proibido o vinho, da mesma forma que Platão[229] recomenda não oferecer às crianças, proibindo assim alimentar o fogo com fogo. Tampouco se deve empanturrar-se de alimentos que dilatam o corpo, porque as almas intumescem com eles.

3. Labor illos citra lassitudinem exerceat, ut minuatur, non ut consumatur calor nimiusque ille feruor despumet. Lusus quoque proderunt; modica enim uoluptas laxat animos et temperat.

3. Mantê-los em um trabalho que o exercício não os cansem, para que o calor diminua, não até o cansaço, exaurindo a efervescência. Os jogos também serão úteis. O prazer moderado alivia a alma e traz equilíbrio.

[229] *Leis* II, 666ª.

4. Vmidioribus siccioribusque et frigidis non est ab ira periculum, sed inertiora uitia metuenda sunt, pauor et difficultas et desperatio et suspiciones; mollienda itaque fouendaque talia ingenia et in laetitiam euocanda sunt. Et quia aliis contra iram, aliis contra tristitiam remediis utendum est nec dissimillimis tantum ista sed contrariis curanda sunt, semper ei occurremus quod increuerit.

4. Aos temperamentos úmidos, secos e frios não há perigos da ira, porém hão de temer vícios menos enérgicos: o medo, a teimosia, a desesperança e a desconfiança. Esses espíritos precisam de brandura e doçura que os levem à alegria. Como se empregam para ira remédios diferentes à tristeza, estes defeitos exigem tratamentos não apenas diversos, mas atacar sempre aquele que está sobressaindo.

**XXI**

1. Plurimum, inquam, proderit pueros statim salubriter institui; difficile autem regimen est, quia dare debemus operam ne aut iram in illis nutriamus aut indolem retundamus.

**XXI**

1. Será muito útil, eu diria, que seja imediatamente iniciada, nas crianças, a orientação para uma educação saudável. É difícil, porque devemos ter certeza de não alimentá-los com a ira ou não enfraquecer sua índole.

2. Diligenti obseruatione res indiget; utrumque enim, et quod extollendum et quod deprimendum est, similibus alitur, facile autem etiam adtendentem similia decipiunt.

2. Isso precisa de um empenho cuidadoso para ambas qualidades, tanto as que devem ser incentivadas quanto àquelas que devem ser reprimidas, pois são alimentados pelas mesmas coisas, e até mesmo um observador cuidadoso pode ser enganado por sua semelhança.

3. Crescit licentia spiritus, seruitute comminuitur; adsurgit si laudatur et in spem sui bonam adducitur, sed eadem ista insolentiam et iracundiam generant: itaque sic inter utrumque regendus est ut modo frenis utamur modo stimulis.

3. O espírito cresce na liberdade; na escravidão abate; os elogios o exaltam inspirando nobre confiança em si mesmo, mas ao mesmo tempo geram a insolência e a iracúndia. É preciso, portanto, guiá-lo entre esses dois extremos a fim de poder usar ora os freios, ora as esporas.

4. Nihil humile, nihil seruile patiatur; numquam illi necesse sit rogare suppliciter nec prosit rogasse, potius causae suae et prioribus factis et bonis in futurum promissis donetur.

4. Não se deve permitir nada humilhante nem servil. Nunca deve suplicar, tampouco pedir; ao invés, receba em seu próprio benefício pelo bom comportamento do passado ou por suas promessas de uma boa conduta futura.

5. In certaminibus aequalium nec uinci illum patiamur nec irasci; demus operam ut familiaris sit iis cum quibus contendere solet, ut in certamine adsuescat non nocere uelle sed uincere; quotiens superauerit et dignum aliquid laude fecerit, attolli non gestire patiamur; gaudium enim exultatio, exultationem tumor et nimia aestimatio sui sequitur.

5. Em competições com seus companheiros, não podemos permitir que seja vencido e que não fique irado. Procuremos que mantenha laços com aqueles que costuma competir para não ferir nas lutas, mas vencer. Sempre que triunfar ou realizar algo louvável, não devemos deixar se vangloriar, porque o excesso de alegria leva à exultação, o júbilo leva à arrogância e excesso de auto estima.

6. Dabimus aliquod laxamentum, in desidiam uero otiumque non resoluemus et procul a contactu deliciarum retinebimus; nihil enim magis facit iracundos quam educatio mollis et blanda. Ideo unicis quo plus indulgetur, pupillisque quo plus licet, corruptior animus est. Non resistet offensis cui nihil umquam negatum est, cuius lacrimas sollicita semper mater abstersit, cui de paedagogo satisfactum est.

6. Concedamo-lhes também momentos de repouso, mas não seja permitido que mesmo na inação e no ócio, o prazer seja experienciado. Não há nada melhor para produzir um caráter iracundo do que uma educação débil e branda. Por isso quanto mais permissível com o filho único e permitirmos de tudo aos órfãos, mais corrompida será a alma. Não resistirá a uma ofensa aquele que nunca ouviu um não, que sempre teve uma mãe a enxugar-lhe as lágrimas, ou que obteve satisfação contra seu preceptor.

7. Non uides ut maiorem quamque fortunam maior ira comitetur? In diuitibus et nobilibus et magistratibus praecipue apparet, cum quidquid leue et inane in animo erat secunda se aura sustulit. Felicitas iracundiam nutrit, ubi aures superbas adsentatorum turba circumstetit: 'tibi enim ille respondeat? Non pro fastigio te tuo metiris; ipse te proicis' et alia quibus uix sanae et ab initio bene fundatae mentes restiterunt.

7. Não vês quanto maior a riqueza, a ira que a acompanha é maior? Isto é notável sobretudo nos ricos, nos nobres e nos magistrados, quando tudo de mais leviano e vil havia em sua alma aumentou com a brisa da sorte. A prosperidade nutre a iracúndia quando uma multidão de bajuladores sussura a ouvidos presunçosos: “Deixarás que te responda? Não te medes por alto posto; tu rebaixas”, dentre outras às quais mentes saudáveis e tão cedo estruturadas resistiram com muito trabalho.

8. Longe itaque ab adsentatione pueritia remouenda est: audiat uerum. Et timeat interim, uereatur semper, maioribus adsurgat. Nihil per iracundiam exoret: quod flenti negatum fuerit quieto offeratur. Et diuitias parentium in conspectu habeat, non in usu. Exprobrentur illi perperam facta.

8. A infância deve, portanto, ser mantida longe de bajuladores: ouçam a verdade. A criança deve provar, por vezes, o medo, sempre ser respeitosa, levantar-se diante dos anciãos. Não deve obter nada pela ira: aquilo que foi negado quando chorando, seja oferecido quando calma. Tenha sob seus olhos as riquezas dos pais, mas não poderá dispor delas. Sejam censurados seus maus atos.

9. Pertinebit ad rem praeceptores paedagogosque pueris placidos dari: proximis adplicatur omne quod tenerum est et in eorum similitudinem crescit; nutricum et paedagogorum rettulere mox adulescentium mores.

9. É necessário dar-lhes professores e pedagogos plácidos: todos, quando novo se adapta a tudo ao seu redor e cresce se modelando naquilo; mas, na adolescência, refletem os costumes de seus assistentes e professores.

10. Apud Platonem educatus puer cum ad parentes relatus uociferantem uideret patrem: 'numquam' inquit 'hoc apud Platonem uidi.' Non dubito quin citius patrem imitatus sit quam Platonem.

10. Uma criança educada junto a Platão, quando retornado aos pais, escutou o pai a vociferar. disse: “Nunca”, disse ele, “vi isso junto a Platão”. Tenho certeza que logo imitaria ao pai que a Platão.

11. Tenuis ante omnia uictus sit et non pretiosa uestis et similis cultus cum aequalibus: non irascetur aliquem sibi comparari quem ab initio multis parem feceris.

11. E, antes de tudo, a comida seja comedida, as vestimentas não sejam caras, o nível de vida seja igual aos seus pares. Não irar-se ao ser comparado aos outros, pois desde o início, deve ser colocado em pé de igualdade com os demais

**XXII**

1. Sed haec ad liberos nostros pertinent; in nobis quidem sors nascendi et educatio nec uitii locum nec iam praecepti habet: sequentia ordinanda sunt.

**XXII**

1. Mas isso é relacionado a nossos filhos. Em nós, a condição de nascimento e educação não dão mais espaço para os vícios ou preceitos: é preciso colocar em ordem as fases subsequentes da vida.

2. Contra primas itaque causas pugnare debemus; causa autem iracundiae opinio iniuriae est, cui non facile credendum est. Ne apertis quidem manifestisque statim accedendum; quaedam enim falsa ueri speciem ferunt. Dandum semper est tempus: ueritatem dies aperit.

2. Portanto, devemos lutar contra as causas imediatas. Porque a causa da iracúndia é a impressão da ofensa e é considerada a única coisa que nós não deveríamos acreditar. Nem temos que decidir sobre o local de acordo com a evidência mais clara: há coisas falsas que têm a aparência de verdade.

3. Ne sint aures criminantibus faciles; hoc humanae naturae uitium suspectum notumque nobis sit, quod quae inuiti audimus libenter credimus et antequam iudicemus irascimur.

3. Devemos sempre conceder um tempo: o tempo concede a verdade. Os ouvidos não deveriam estar disponíveis para os acusados: precisamos estar muito atentos e cautelosos com a falta da natureza humana, em virtude da qual estamos dispostos a dar crédito à notícia de que não ouvimos de bom grado e de estar irado antes de formar um juízo.

4. Quid quod non criminationibus tantum sed suspicionibus inpellimur et ex uultu risuque alieno peiora interpretati innocentibus irascimur? Itaque agenda est contra se causa absentis et in suspenso ira retinenda; potest enim poena dilata exigi, non potest exacta reuocari.

4. E sobre o fato de não só reagirmos impulsivamente às alegações, senão pelas suspeitas e, interpretando mal a atitude ou o riso alheios, sentimos ira pelo inocente? Portanto, devemos argumentar a causa da ausência contra nós mesmos e tornar a ira suspensa. A punição pode ser imposta mesmo atrasada, mas, uma vez imposta, não pode ser revogada.

**XXIII**

1. Notus est ille tyrannicida qui, inperfecto opere comprehensus et ab Hippia tortus ut conscios indicaret, circumstantes amicos tyranni nominauit quibusque maxime caram salutem eius sciebat. Et cum ille singulos, ut nominati erant, occidi iussisset, interrogauit ecquis superesset: 'tu' inquit 'solus; neminem enim alium cui carus esses reliqui.' Effecit ira ut tyrannus tyrannicidae manus accommodaret et praesidia sua gladio suo caederet.

**XXIII**

1. É conhecido aquele tiranicida que, sem ter completado a sua obra, foi torturado por Hípias[230] a fim de denunciar seus cúmplices, dando os nomes dos amigos que rodeavam o tirano, que sabia ter a vida do mesmo em grande estima; e havendo ordenado àquele a matar um por um conforme eram denunciados, perguntou se restava mais algum: "Apenas tu", disse, "pois não hei deixado nenhum outro a quem estimasse". A ira induziu ao tirano prestar ajuda ao tiranicida, golpeando aos seus defensores com a sua própria espada.

2. Quanto animosius Alexander! qui cum legisset epistulam matris, qua admonebatur ut a ueneno Philippi medici caueret, acceptam potionem non deterritus bibit: plus sibi de amico suo credidit. Dignus fuit qui innocentem haberet, dignus qui faceret.

2. O mais benevolente foi Alexandre. Lendo a carta de sua mãe que o alertava a ter cuidado com o veneno do médico Felipe, bebeu a porção sem medo: confiou mais no seu critério sobre um amigo.

3. Hoc eo magis in Alexandro laudo quia nemo tam obnoxius irae fuit; quo rarior autem moderatio in regibus, hoc laudanda magis est.

3. Ele foi digno de ter um amigo inocente e julga-lo assim. E é isso que eu louvo em Alexandre, porque ninguém foi igualmente sujeito à ira. Quanto mais rara a moderação num rei, é mais digno de louvor.

[230] Outros parágrafos dedicados aos exemplos. Hípias é irmão de Hiparco, tiranos de Atenas e filhos de Pisístrato.

4. Fecit hoc et C. Caesar ille qui uictoria ciuili clementissime usus est: cum scrinia deprendisset epistularum ad Cn. Pompeium missarum ab iis qui uidebantur aut in diuersis aut in neutris fuisse partibus, combussit. Quamuis moderate soleret irasci, maluit tamen non posse; gratissimum putauit genus ueniae nescire quid quisque peccasset.

4. Assim também fez Caio César, aquele usou tanta clemência após a vitória na guerra civil. Tomando posse dos baús contendo as cartas enviadas a Cneo Pompeu por pessoas que pareciam estarem em outra parte ou neutro, a fez queimar. Apesar de ter sido geralmente moderada sua ira, ele preferiu não ter razão para isso. Pensava-se que o tipo mais agradável de perdão seria não saber qual foi a culpa de cada um.

**XXIV**

1. Plurimum mali credulitas facit. Saepe ne audiendum quidem est, quoniam in quibusdam rebus satius est decipi quam diffidere. Tollenda ex animo suspicio et coniectura, fallacissima inritamenta: 'ille me parum humane salutauit; ille osculo meo non adhaesit; ille inchoatum sermonem cito abrupit; ille ad cenam non uocauit; illius uultus auersior uisus est.'

**XXIV**

1. O mal é produzido pela credulidade. Às vezes é melhor não dar ouvidos, porque há situações em que é melhor errar que desconfiar. Devemos banir suspeitas e conjecturas da alma, que são os incentivos mais enganáveis: "Aquele me saudou com pouca amabilidade; aquele não correspondeu ao meu beijo; aquele interrompeu rapidamente a conversa; aquele não me convidou para o jantar; aquele me mostrou pouco amigável”.

2. Non deerit suspicioni argumentatio: simplicitate opus est et benigna rerum aestimatione. Nihil nisi quod in oculos incurret manifestumque erit credamus, et quotiens suspicio nostra uana apparuerit, obiurgemus credulitatem; haec enim castigatio consuetudinem efficiet non facile credendi.

2. Sempre haverá bons argumentos para suspeita: é preciso ser simples e avaliar os fatos com benevolência. Não devemos acreditar em qualquer coisa, exceto o que vem aos olhos e seja claro e evidente, e sempre que as nossas suspeitas forem evidentemente vãs, repreendamos a credulidade, pois assim aprenderemos a não acreditar facilmente.

**XXV**

1. Inde et illud sequitur, ut minimis sordidissimisque rebus non exacerbemur. Parum agilis est puer aut tepidior aqua poturo aut turbatus torus aut mensa neglegentius posita: ad ista concitari insania est. Aeger et infelicis ualetudinis est quem leuis aura contraxit, adfecti oculi quos candida uestis obturbat, dissolutus deliciis cuius latus alieno labore condoluit.

**XXV**

1. Ao que foi dito, segue que não exasperemos por coisas mínimas e mesquinhas. O escravo não é ágil, a água não está tão fresca, o leito está bagunçado, a mesa está posta de forma descuidada: preocupar-se com coisas assim é insânia. Enfermo ou de pouca saúde é aquele a que uma brisa o encolhe; são fracos os olhos que se incomodam diante de uma veste cândida; dissoluto aquele que sente dores nos quadris pelo esforço dos outros.

2. Mindyriden aiunt fuisse ex Sybaritarum ciuitate qui, cum uidisset fodientem et altius rastrum adleuantem, lassum se fieri questus uetuit illum opus in conspectu suo facere; idem habere se peius questus est, quod foliis rosae duplicatis incubuisset.

2. Dizem que existiu um certo Mindíride, um sibarita,[231] ao ver alguém a trabalhar a terra e levantar a enxada vigorosamente, queixou-se de fadiga e proibiu-o de fazer esse trabalho em sua presença. O mesmo muitas vezes queixou-se passar mal por ter de deitado em pétalas de rosas amassadas.

[231] Povo que foi exterminado durante a Magna Grécia.

3. Vbi animum simul et corpus uoluptates corrupere, nihil tolerabile uidetur, non quia dura sed quia mollis patitur. Quid est enim cur tussis alicuius aut sternutamentum aut musca parum curiose fugata in rabiem agat aut obuersatus canis aut clauis neglegentis serui manibus elapsa?

3. Quando os prazeres hão corrompidos o corpo e a mente, nada parece mais suportável, não porque as situações são difíceis, mas porque é delicado quem sofre. Que razão há, de fato, ficar com raiva de uma tosse de alguém ou espirros, ou uma mosca espantada com pouco cuidado, ou porque um cachorro à frente e o escravo desatento deixar cair as chaves?

4. Feret iste aequo animo ciuile conuicium et ingesta in contione curiaue maledicta cuius aures tracti subsellii stridor offendit? Perpetietur hic famem et aestiuae expeditionis sitim qui puero male diluenti niuem irascitur? Nulla itaque res magis iracundiam alit quam luxuria intemperans et inpatiens: dure tractandus animus est ut ictum non sentiat nisi grauem.

4. Poderá permanecer impassível entre os insultos de um concidadão ou às injúrias lançadas na assembleia, ou na cúria quando o ruído de um banco levando de um canto a outro irritam seus ouvidos? Suportará fome e sede em uma expedição militar de verão, ele que fica irritado se o escravo que não dissolve adequadamente o gelo? Não há nada que alimente mais a iracúndia do que enorme luxo sem medida e intolerante. A alma deve ser tratada com dureza se não desejas sentir golpes se não for pesado.

## XXVI

1. Irascimur aut iis a quibus ne accipere quidem potuimus iniuriam, aut iis a quibus accipere iniuriam potuimus.

## XXVI

1. Ficamos irados com aqueles cujo não é possível receber uma injúria ou com aqueles que poderíamos receber uma injúria.

2. Ex prioribus quaedam sine sensu sunt, ut liber quem minutioribus litteris scriptum saepe proiecimus et mendosum lacerauimus, ut uestimenta quae, quia displicebant, scidimus: his irasci quam stultum est, quae iram nostram nec meruerunt nec sentiunt!

2. Dentre os primeiros, há aqueles desprovidos de senso, como jogar o livro fora porque está escrito com caligrafia pequena ou rasgamos porque está cheio de erros, rasgar as roupas porque não gostamos dela. Quão tolo é estar irado com esses objetos que nem merecem e nem sentem a nossa ira!

3. 'Sed offendunt nos uidelicet qui illa fecerunt.' Primum saepe antequam hoc apud nos distinguamus irascimur. Deinde fortasse ipsi quoque artifices excusationes iustas adferent: alius non potuit melius facere quam fecit, nec ad tuam contumeliam parum didicit; alius non in hoc ut te offenderet fecit. Ad ultimum quid est dementius quam bilem in homines collectam in res effundere?

3. “Mas nos ofendemos com aqueles que as fizeram”. Antes de tudo, frequentemente nos irritamos antes mesmo de distinguir essas coisas. Então, talvez, também os artesãos poderiam receber as aceitáveis desculpas: um não pode fazer melhor do que fez, não fazendo para ofender, o outro não fez assim para te ofender. Enfim, existe coisa menos racional do que verter a bile acumulada sobre os homens?

4. Atqui ut his irasci dementis est quae anima carent, sic mutis animalibus, quae nullam iniuriam nobis faciunt, quia uelle non possunt; non est enim iniuria nisi a consilio profecta. Nocere itaque nobis possunt ut ferrum aut lapis, iniuriam quidem facere non possunt.

4. Assim, como não é racional irar-se com os objetos inanimados, também o é contra os animais que não nos causam qualquer injúria, porque são privados do querer: não pode haver injúria senão com uma decisão. Podem causar um dano a nós igualmente ao ferro ou a pedra, mas eles não podem causar injúria.

5. Atqui contemni se quidam putant, ubi idem equi obsequentes alteri equiti, alteri contumaces sunt, tamquam iudicio, non consuetudine et arte tractandi quaedam quibusdam subiectiora sint.

5. No entanto, há quem acredite ser desprezado se certos cavalos, obedientes a um cavaleiro, recusa-se a outro, como se alguns animais estivessem mais dispostos a submeter-se a certos homens por vontade própria e não por hábito ou pela técnica de equitação.

6. Atqui ut his irasci stultum est, ita pueris et non multum a puerorum prudentia distantibus; omnia enim ista peccata apud aequum iudicem pro innocentia habent inprudentiam.

6. Ora, como é tolo irar-se com esses seres, assim também com as crianças e com aqueles que distam do discernimento pueril, quando todos esses erros, aos olhos de um bom juiz, são desculpáveis pela incapacidade de reflexão.

## XXVII

1. Quaedam sunt quae nocere non possunt nullamque uim nisi beneficam et salutarem habent, ut di inmortales, qui nec uolunt obesse nec possunt; natura enim illis mitis et placida est, tam longe remota ab aliena iniuria quam a sua.

## XXVII

1. Há seres que não podem prejudicar e não tem a força que não seja benéfica e saudável, como os deuses imortais, que não querem e não fazem o mal. Eles têm, de fato, natureza suave e tranquila, livre da ofensa dos outros e da sua.

2. Dementes itaque et ignari ueritatis illis inputant saeuitiam maris, inmodicos imbres, pertinaciam hiemis, cum interim nihil horum quae nobis nocent prosuntque ad nos proprie derigatur. Non enim nos causa mundo sumus hiemem aestatemque referendi: suas ista leges habent, quibus diuina exercentur; nimis nos suspicimus, si digni nobis uidemur propter quos tanta moueantur. Nihil ergo horum in nostram iniuriam fit, immo contra nihil non ad salutem.

2. Agora, são verdadeiramente loucos e ignorantes aqueles que imputam sua fúria ao mar, ao excesso de chuvas, a persistência do inverno, quando, na realidade, nenhum desses fatos que nos prejudicam ou beneficiam são voltados especificamente para nós. Não somos nós o motivo pelo qual o mundo alterna o verão e inverno; esses fenômenos seguem uma lei específica que preside o divino. Estimamo-nos em excesso ao crermos ser o motivo de tão maravilhosos movimentos. Portanto, nada disso é feito para nos injuriar. Pelo contrário, não há nada que não seja feito ao nosso favor.

3. Quaedam esse diximus quae nocere non possint, quaedam quae nolint. In iis erunt boni magistratus parentesque et praeceptores et iudices, quorum castigatio sic accipienda est quomodo scalpellum et abstinentia et alia quae profutura torquent.

3. Dissemos que há seres que não podem prejudicar e outros que não o querem. Entre os últimos estão os bons magistrados, pais, educadores e os juízes, cuja punição deve ser aceita como escalpelo, a dieta e outras coisas que nos fazem sofrer para prover a saúde.

4. Adfecti sumus poena: succurrat non tantum quid patiamur sed quid fecerimus, in consilium de uita nostra mittamur; si modo uerum ipsi nobis dicere uoluerimus, pluris litem nostram aestimabimus.

4. Sofremos uma punição: recordemos não a pena, mas o que fizemos para merecer. Examinemos nossa conduta e, se quisermos confessar a verdade, apreciemos com maior severidade nosso delito.

## XXVIII

1. Si uolumus aequi rerum omnium iudices esse, hoc primum nobis persuadeamus, neminem nostrum esse sine culpa; hinc enim maxima indignatio oritur: 'nihil peccaui' et 'nihil feci'. Immo nihil fateris. Indignamur aliqua admonitione aut coercitione nos castigatos, cum illo ipso tempore peccemus, quod adicimus malefactis adrogantiam et contumaciam.

## XXVIII

1. Se queremos ser juízes equitativos de todas as situações, em primeiro lugar devemos nos convencer que nenhum de nós é isento de culpa. A maior indignação nasce dessa mentalidade: “Não cometi falta” e “Eu não fiz nada”. Na verdade, não quer admitir. Indignamo-nos quando somos castigados ou repreendidos, sendo que, ao mesmo tempo, erramos novamente, acrescentando aos erros nossa arrogância e a contumácia.

2. Quis est iste qui se profitetur omnibus legibus innocentem? Vt hoc ita sit, quam angusta innocentia est ad legem bonum esse! Quanto latius officiorum patet quam iuris regula! Quam multa pietas humanitas liberalitas iustitia fides exigunt, quae omnia extra publicas tabulas sunt!

2. Quem é que pode se declarar inocente diante de todas as leis? E se assim fosse, que pobre inocência ser bom segundo a lei! É mais extensa a regra de nossos deveres que de nossos direitos! Quantas obrigações impõem a devoção, a benevolência, a generosidade, a justiça, a lealdade, exigências que não estão escritas nas tábulas da lei!

3. Sed ne ad illam quidem artissimam innocentiae formulam praestare nos possumus: alia fecimus, alia cogitauimus, alia optauimus, aliis fauimus; in quibusdam innocentes sumus, quia non successit.

3. Mas não podemos seguir essa estreita formula de inocência. Algumas coisas fazemos, outras pensamos, outras optamos, àquela ajudamos. Em determinadas ações somos inocentes, porque não houve sucesso.

4. Hoc cogitantes aequiores simus delinquentibus, credamus obiurgantibus; utique bonis ne irascamur (cui enim non, si bonis quoque?) minime dis; non enim illorum uitio, sed lege mortalitatis patimur quidquid incommodi accidit. 'At morbi doloresque incurrunt.' Vtique aliquo defungendum est domicilium putre sortitis.

4. Pensando assim, seremos mais justo com quem erra, teremos confiança em quem nos reprova. Sobre tudo, não nos irritemos contra os bons (e com quem não deveria irritar-se, se fizermos isso com os bons?) e acima de tudo, com os deuses. As adversidades que sofremos não são por suas faltas, mas  pela lei relativa à nossa condição humana, recai sobre nós. “Mas somo acometidos de doenças e dores.” De alguma forma teremos que abandonar esse domicílio putrefo que nos deram por sorte.

5. Dicetur aliquis male de te locutus: cogita an priorfeceris, cogita de quam multis loquaris. Cogitemus, inquam, alios non facere iniuriam sed reponere, alios pro nobis facere, alios coactos facere, alios ignorantes, etiam eos qui uolentes scientesque faciunt ex iniuria nostra non ipsam iniuriam petere: aut dulcedine urbanitatis prolapsus est, aut fecit aliquid, non ut nobis obesset, sed quia consequi ipse non poterat, nisi nos reppulisset; saepe adulatio dum blanditur offendit.

5. Dirão que falaram mal de ti: pensas se você não foi o primeiro a falar mal, em quantos não deprecias. Pensemos, insisto, que uns não injuriam, apenas devolve, outros o fazem para o nosso bem, outros obrigados, outros por ignorância, até aquele que voluntariamente ao ofender-nos, não o faz por querer: um foi levado pelo prazer de uma brincadeira, outro fez algo não porque queria prejudicar, mas porque não poderia deixar de injuriar. Às vezes a própria bajulação ofende muito mais .

6. Quisquis ad se rettulerit quotiens ipse in suspicionem falsam inciderit, quam multis officiis suis fortuna speciem iniuriae induerit, quam multos post odium amare coeperit, poterit non statim irasci, utique si sibi tacitus ad singula quibus offenditur dixerit 'hoc et ipse commisi'.

6. Qualquer um que recordar quantas vezes esteve exposto em suspeitas infundadas, quantas vezes a sorte lançou danos aparentes aos seus deveres, quantas pessoas começou a amar após ter odiado, será capaz de abster-se de explosões de ira, especialmente se, por tudo que o ofende, dizer para si mesmo: “Isso eu também cometi”.

7. Sed ubi tam aequum iudicem inuenies? Is qui nullius non uxorem concupiscit et satis iustas causas putat amandi quod aliena est, idem uxorem suam aspici non uult; et fidei acerrimus exactor est perfidus, et mendacia persequitur ipse periurus, et litem sibi inferri aegerrime calumniator patitur; pudicitiam seruulorum adtemptari non uult qui non pepercit suae.

7. Mas, onde encontrar um juiz tão equitativo? Aquele que deseja a esposa do outro e pensa que o fato dela pertencer não a ele, é motivo suficiente para amá-la, ele mesmo não deseja que sua esposa seja admirada. O guardião mais fiel é o traidor e perseguidor das mentiras; o caluniador não tolera um processo e o despudorado não tolera que se olhem ao despudor de seus escravos.

8. Aliena uitia in oculis habemus, a tergo nostra sunt: inde est quod tempestiua filii conuiuia pater deterior filio castigat, et nihil alienae luxuriae ignoscit qui nihil suae negauit, et homicidae tyrannus irascitur, et punit furta sacrilegus. Magna pars hominum est quae non peccatis irascitur sed peccantibus. Faciet nos moderatiores respectus nostri, si consuluerimus nos: 'numquid et ipsi aliquid tale commisimus? Numquid sic errauimus? Expeditne nobis ista damnare?'

8. Temos diante de nossos olhos os erros dos outros, os nossos estão às costas. Por isso, um pai desordenado repreende o filho por causa dos inúmeros banquetes, ele que nada nega às suas luxúrias, não permite nada às dos outros. O tirano se irrita contra o homicida e o sacrílego pune os roubos. Há uma abundância de homens que não se irritam contra os erros, mas sim contra os errantes. Tornar-nos-emos moderado se voltarmos nosso olhar para nós mesmos e perguntarmos: “Não fizemos algo parecido? Não erramos de modo semelhante? Convém condenar isso?”.

## XXIX

1. Maximum remedium irae mora est. Hoc ab illa pete initio, non ut ignoscat sed ut iudicet: graues habet impetus primos; desinet, si expectat. Nec uniuersam illam temptaueris tollere: tota uincetur, dum partibus carpitur.

## XXIX

1. O melhor remédio para a ira é o adiar. Ao início, não peças para perdoar, mas julgar. seus primeiros impulsos são graves, mas irão diminuir, se esperar. E não tente eliminar de uma vez, serás derrotado, melhor eliminá-la por partes.

2. Ex iis quae nos offendunt alia renuntiantur nobis, alia ipsi audimus aut uidemus. De iis quae narrata sunt non debemus cito credere: multi mentiuntur ut decipiant, multi quia decepti sunt; alius criminatione gratiam captat et fingit iniuriam ut uideatur doluisse factam; est aliquis malignus et qui amicitias cohaerentis diducere uelit; est suspicax et qui spectare ludos cupiat et ex longinquo tutoque speculetur quos conlisit.

2. Dentre as coisas que nos ofendem, umas estão relacionadas a nós, outras ouvimos e vemos. Àquelas que nos referem, não devemos crer de imediato: muitos mentem para enganar, outros porque estão enganados, há aqueles que tentam ser estimados por ti, portando acusações, inventam injúrias como se você houvessem causado. Há aqueles que trabalham para o mal e querem distanciar seus amigos próximos, e há aqueles que quer ser um espectador, como se fossem assistir os jogos, olhando de longe e seguro, aqueles que incitaram a discórdia.

3. De paruula summa iudicaturo tibi res sine teste non probaretur, testis sine iureiurando non ualeret, utrique parti dares actionem, dares tempus, non semel audires; magis enim ueritas elucet quo saepius ad manum uenit: amicum condemnas de praesentibus? Antequam audias, antequam interroges, antequam illi aut accusatorem suum nosse liceat aut crimen, irasceris? Iam enim, iam utrimque quid diceretur audisti?

3. Se tivesses que julgar em um litígio sobre pequenas quantidades, sem testemunha, nada aceitarias; sem juramento, o testemunho não valeria. Às partes, envie o encaminhamento, não deverás contentar com uma única audiência. A verdade, de fato, aparece quando exposta à mão. E você condena um amigo, no ato, sem ouvi-lo, sem interrogá-lo, antes de ter sido possível saber o seu acusador ou delito, você fica irado? Então, você ouviu as alegações das partes?

4. Hic ipse qui ad te detulit desinet dicere, si probare debuerit: 'non est' inquit 'quod me protrahas; ego productus negabo; alioqui nihil umquam tibi dicam.' Eodem tempore et instigat et ipse se certamini pugnaeque subtrahit. Qui dicere tibi nisi clam non uult, paene non dicit: quid est iniquius quam secreto credere, palam irasci?

4. Aquele mesmo que você se refere, desistirá se tiver que provar alguma coisa. “Não me forçarás”, diz ele, “colocado diante de todos, negarei tudo. Nunca mais te relatarei nada”. Ele se retira da luta, do confronto e do combate. Quem quer falar apenas em segredo, quase não fala. O que é mais iníquo, crer em segredo ou irar-se em público?

## XXX

1. Quorundam ipsi testes sumus: in his naturam excutiemus uoluntatemque facientium. Puer est: aetati donetur, nescit an peccet. Pater est: aut tantum profuit ut illi etiam iniuriae ius sit, aut fortasse ipsum hoc meritum eius est quo offendimur. Mulier est: errat. Iussus est: necessitati quis nisi iniquus suscenset? Laesus est: non est iniuria pati quod prior feceris. Iudex est: plus credas illius sententiae quam tuae. Rex est: si nocentem punit, cede iustitiae, si innocentem, cede fortunae.

## XXX

1. De algumas ofensas somos testemunhas. Neste caso, examinemos a natureza e intenção de quem as comete. É uma criança: não sabe se está errando, releve a idade. É um pai: ele já nos beneficiou que possui o direito de injuriar-nos, ou seja um favor o motivo da ofensa. É uma mulher: ela erra. Recebeu ordens: quem, exceto o injusto, opõe-se contra a necessidade? É um ferido: não chega a ser injúria aquilo feito primeiro. É um juiz: respeite mais a sentença dele que na tua. É um rei: se pune o culpado, aceita a justiça; se é inocente, aceita a fortuna.

2. Mutum animal est aut simile muto: imitaris illud, si irasceris. Morbus est aut calamitas: leuius transiliet sustinentem. Deus est: tam perdis operam cum illi irasceris quam cum illum alteri precaris iratum. Bonus uir est qui iniuriam fecit: noli credere. Malus: noli mirari; dabit poenas alteri quas debet tibi, et iam sibi dedit qui peccauit.

2. É um animal mudo ou semelhante: torna-se igual a ele se te irritas. É uma doença ou uma calamidade: passará rapidamente para quem suportar. É Deus: é um esforço desperdiçado irar-se com ele, quanto o é invocar sua ira contra outro. É um homem bom aquele que te injuriou: não acredite. É mau: não se surpreenda; receberá de outro o que receberia de ti. Quem age mal, já recebe de si mesmo.

## XXXI

1. Duo sunt, ut dixi quae iracundiam concitant: primum, si iniuriam uidemur accepisse - de hoc satis dictum est; deinde, si inique accepisse - de hoc dicendum est. Iniqua quaedam iudicant homines quia pati non debuerint, quaedam quia non sperauerint. Indigna putamus quae inopinata sunt.

## XXXI

1. São dois, como eu disse, os motivos que suscitam a iracúndia: o primeiro é a crença de ter recebido uma injúria - e disso já fora dito o bastante; depois, o de ter recebido injustamente - falemos sobre este. Algumas coisas os homens julgam injustas porque pensam não poder sofrê-las e outras porque não esperavam. Julgamos imerecidas aquelas imprevistas.

2. Itaque maxime commouent quae contra spem expectationemque euenerunt, nec aliud est quare in domesticis minima offendant, in amicis iniuriam uocemus neglegentiam.

2. Portanto, nos agitam especialmente o que acontece contra a nossa esperança e expectativa, não tendo outro motivo para se ofender com os de casa, ou com amigos se sentir injuriado por uma negligência.

3. 'Quomodo ergo' inquit 'inimicorum nos iniuriae mouent?' Quia non expectauimus illas aut certe non tantas. Hoc efficit amor nostri nimius: inuiolatos nos etiam inimicis iudicamus esse debere; regis quisque intra se animum habet, ut licentiam sibi dari uelit, in se nolit.

3. “Mas, então’, diz-me, “de que modo nos agitam as injúrias dos inimigos?” Por que não as esperávamos, ou certamente não esperávamos que fossem tão graves. Isso decorre do amor excessivo que temos por nós: pensamos ser intangível até aos nossos inimigos. Cada um tem em si a alma de rei, querendo plena licença para si e não sobre si.

4. Aut ignorantia itaque nos aut insolentia iracundos facit ignorantia rerum. Quid enim mirum est malos mala facinora edere? Quid noui est, si inimicus nocet, amicus offendit, filius labitur, seruus peccat? Turpissimam aiebat Fabius imperatori excusationem esse 'non putaui', ego turpissimam homini puto. Omnia puta, expecta: etiam in bonis moribus aliquid existet asperius.

4. Por isso, a ignorância sobre as coisas ou a presunção é que nos torna iracundos. Por que admirar que os maus façam maldades? Qual a novidade que um inimigo seja nocivo, um amigo te ofenda, um filho cometa um deslize e um escravo erre? Fabio dizia que, a pior vergonha para um general era: "Como não pensei nisso". Eu considero mais vergonhoso para um homem. Pense em tudo e espere tudo: até mesmo nas pessoas de boa conduta há aspereza.

5. Fert humana natura insidiosos animos, fert ingratos, fert cupidos, fert impios. Cum de unius moribus iudicabis, de publicis cogita. Vbi maxime gaudebis, maxime metues; ubi tranquilla tibi omnia uidentur, ibi nocitura non desunt sed quiescunt. Semper futurum aliquid quod te offendat existima: gubernator numquam ita totos sinus securus explicuit ut non expedite ad contrahendum armamenta disponeret.

5. A natureza humana produz almas insidiosas, produz ingratas, produz gananciosas, produz cruéis. Quando tens que julgar o comportamento de uma pessoa, pensa nos de todos. Onde encontrar maior satisfação, sentirás mais temor, onde tudo parecer tranquilo, lá não falta algo nocivo, estão descansando. Sempre pense que algo vai te ofender: o timoneiro[232] nunca solta as velas ao vento sem possuir os aparatos necessários para reavê-las rapidamente.

[232] Responsável pela navegação, a palavra latina *gubernator* é empregada no sentido daquele que governa a navegação e não dirige, dando maior peso sobre sua responsabilidade.

6. Illud ante omnia cogita, foedam esse et execrabilem uim nocendi et alienissimam homini, cuius beneficio etiam saeua mansuescunt. Aspice elephantorum iugo colla summissa et taurorum pueris pariter ac feminis persultantibus terga inpune calcata et repentis inter pocula sinusque innoxio lapsu dracones et intra domum ursorum leonumque ora placida tractantibus adulantisque dominum feras: pudebit cum animalibus permutasse mores.

6. Antes de tudo pense que o impulso nocivo é execrável e repulsivo, sendo impróprio para o homem que é capaz de até mesmo domar as feras. Veja o pescoço dos elefantes submeter-se ao jugo, aos touros deixando-se pisotear as costas por crianças e mulheres, pulando sobre eles, as serpentes inofensivas deslizando entre as taças e peitos, e, dentro de casas, leões e ursos que são mansos com seus cuidadores e feras adulando seus donos. É vergonho trocar de costumes com os animais.

7. Nefas est nocere patriae; ergo ciui quoque, nam hic pars patriae est - sanctae partes sunt, si uniuersum uenerabile est - ergo et homini, nam hic in maiore tibi urbe ciuis est. Quid si nocere uelint manus pedibus, manibus oculi? Vt omnia inter se membra consentiunt quia singula seruari totius interest, ita homines singulis parcent quia ad coetum geniti sunt, salua autem esse societas nisi custodia et amore partium non potest.

7. Ser nocivo à pátria é um sacrilégio; também a um cidadão, que é parte da pátria (as partes são sagradas se todo o resto é adorável); por isso, também a um homem que é teu concidadão em uma grande cidade. Se as mãos quisessem prejudicar os pés e os olhos às mãos? Como todos os membros estão em harmonia uns com os outros, porque cada um é útil para a conservação de todos, assim também os homens devem ajudar-se mutuamente, porque eles foram criados para viver juntos e, uma sociedade não pode resistir sem respeito e amor mútuos. .

8. Ne uiperas quidem et natrices et si qua morsu aut ictu nocent effligeremus, si in reliquum mansuefacere possemus aut efficere ne nobis aliisue periculo essent; ergo ne homini quidem nocebimus quia peccauit, sed ne peccet, nec umquam ad praeteritum sed ad futurum poena referetur; non enim irascitur sed cauet. Nam si puniendus est cuicumque prauum maleficumque ingenium est, poena neminem excipiet.

8. Nem as víboras e cobras d'água ou outro animal nocivo pela mordida ou ataque, abateríamos se antes pudéssemos domesticá-los, impedindo-os de ser perigosos para nós e para os outros. Assim, até mesmo aos homens não seremos nocivos em consequência do erro, mas para que não erre; o castigo nunca será por causa do passado, mas visando o futuro, uma vez que não há ira, mas uma precaução. De fato, se fôssemos punir aqueles de espírito maléfico e depravado, a pena não exceptuaria ninguém.

## XXXII

1. 'At enim ira habet aliquam uoluptatem et dulce est dolorem reddere.' Minime; non enim ut in beneficiis honestum est merita meritis repensare, ita iniurias iniuriis. Illic uinci turpe est, hic uincere. Inhumanum uerbum est et quidem pro iusto receptum ultio et talio. Non multum differt nisi ordine qui dolorem regerit tantum excusatius peccat.

## XXXII

1. "A ira contém algum prazer pois é dolce devolver uma dor." Não o é, pois se é honroso, em relação aos favores, retribuir os benefícios com benefícios, não o é igualmente as injúrias com injúrias. Lá, é a vergonha de perder; aqui, vencer. A palavra "vingança" é desumana, mesmo que tenha sido aceita como justa, e a retaliação não é muito diferente. Aquele que devolve uma dor também erra, só que mais perdoável.

2. M. Catonem ignorans in balineo quidam percussit inprudens; quis enim illi sciens faceret iniuriam? Postea satis facienti Cato, 'non memini' inquit 'me percussum.'

2. Um que não conhecia Marco Catão o agrediu no banho, enganado (quem o injuriaria conhecendo-o?). Um tempo depois, Catão disse que queria se desculpar: “Eu não me lembro”, disse, “de ser agredido”.

3. Melius putauit non agnoscere quam uindicare. 'Nihil' inquis 'illi post tantam petulantiam mali factum est?' Immo multum boni: coepit Catonem nosse. Magni animi est iniurias despicere; ultionis contumeliosissimum genus est non esse uisum dignum ex quo peteretur ultio. Multi leues iniurias altius sibi demisere dum uindicant: ille magnus et nobilis qui more magnae ferae latratus minutorum canum securus exaudit.

3. Considerou esquecer do que vingar a injúria. “Nada”, perguntas, “ele sofreu depois de tanta petulância?”. Na verdade, não, mas com isso ele começou a conhecer Catão. É grandeza de alma desprezar as injúrias. A forma mais ofensiva de vingança é provar que o infrator não vale a pena para se vingar. Muitos, vingando leves injúrias, fizeram mais profundos em si.  Grande e nobre aquele que, tal qual enorme fera, suportao ladrar de pequenos cães.

## XXXIII

1. 'Minus' inquit 'contemnemur, si uindicauerimus iniuriam.' Si tamquam ad remedium uenimus, sine ira ueniamus, non quasi dulce sit uindicari, sed quasi utile; saepe autem satius fuit dissimulare quam ulcisci. Potentiorum iniuriae hilari uultu, non patienter tantum ferendae sunt: facient iterum, si se fecisse crediderint. Hoc habent pessimum animi magna fortuna insolentes: quos laeserunt et oderunt.

## XXXIII

1. “Menos”, dizem, “nos desprezamos se vingarmos uma injúria.” Se vimos à vingança como um remédio, venhamos sem ira, não porque seja doce se vingar, mas quase útil. Muitas vezes, no entanto, foi melhor dissimular que se vingar. As injúrias recebidas pelos mais poderosos, temos que suportá-las com uma cara feliz, não só com paciência, porque se eles ficarem convencidos de ter conseguido injuriar, terá volta. O mais repugnante no temperamento dos afortunados é odiar a quem feriram.

2. Notissima uox est eius qui in cultu regum consenuerat: cum illum quidam interrogaret quomodo rarissimam rem in aula consecutus esset, senectutem, 'iniurias' inquit 'accipiendo et gratias agendo'. Saepe adeo iniuriam uindicare non expedit ut ne fateri quidem expediat.

2. É bem conhecido o ditado do homem que havia chegado à velhice após uma vida passada junto aos reis. Interpelado, respondeu: “Ao receber injúrias”, disse, “agradecia.” Às vezes é tão inconveniente vingar a injúria que é melhor não conhecê-la.

3. C. Caesar Pastoris splendidi equitis Romani filium cum in custodia habuisset munditiis eius et cultioribus capillis offensus, rogante patre ut salutem sibi filii concederet, quasi de supplicio admonitus duci protinus iussit; ne tamen omnia inhumane faceret aduersum patrem, ad cenam illum eo die inuitauit.

3. Caio César, depois de ter mantido na prisão o filho de Pastor, um ilustre cavaleiro romano, ofendido pela sofisticação e o cabelo bem tratado, após o pai rogar-lhe para salvar o filho, como se ele recordasse o suplício, ordenou que ele fosse imediatamente posto à morte. Mas, para não ser totalmente rude com o pai, o convidou para jantar naquele dia.

4. Venit Pastor uultu nihil exprobrante. Propinauit illi Caesar heminam et posuit illi custodem: perdurauit miser, non aliter quam si fili sanguinem biberet. Vnguentum et coronas misit et obseruare iussit an sumeret: sumpsit. Eo die quo filium extulerat, immo quo non extulerat, iacebat conuiua centesimus et potiones uix honestas natalibus liberorum podagricus senex hauriebat, cum interim non lacrimam emisit, non dolorem aliquo signo erumpere passus est; cenauit tamquam pro filio exorasset. Quaeris quare? habebat alterum.

4. Pastor veio com a face nada reprovável. César ordenou que o vigiasse, erguendo com uma grande taça. O infeliz padeceu porque parecia beber o sangue de seu filho. Fez trazer perfumes e coroas e ordenou observar se as usaria. Usou tudo. No dia do enterro de seu filho, ou melhor, quando não o enterrou, pôs-se à mesa com mais cem convivas, e mesmo velho e com gota, fazia brindes nada próprios até para comemorar o nascimento de filhos, não derramou nenhuma lágrima, não permitiu revelar sua dor em nenhum sinal. Ceou como se estivesse rogando em favor do filho. Quer saber por quê? Ele tinha outro.

5. Quid ille Priamus? Non dissimulauit iram et regis genua complexus est, funestam perfusamque cruore fili manum ad os suum rettulit, cenauit? Sed tamen sine unguento, sine coronis, et illum hostis saeuissimus multis solaciis ut cibum caperet hortatus est, non ut pocula ingentia super caput posito custode siccaret.

5. E Príamo? Não dissimulou sua ira abraçando os joelhos de um rei, levando aos lábios a funesta mão banhada pelo sangue de seu filho e depois não ceou? Sim, sem perfume, coroas, e o inimigo cruel o ordenou, com muitas palavras de conforto, para se servir, para não esvaziar imensos copos sob os olhos de um guarda acima de sua cabeça.

6. Contempsissem Romanum patrem, si sibi timuisset: nunc iram compescuit pietas. Dignus fuit cui permitteretur a conuiuio ad ossa fili legenda discedere; ne hoc quidem permisit benignus interim et comis adulescens: propinationibus senem crebris, ut cura leniretur admonens, lacessebat. Contra ille se laetum et oblitum quid eo actum esset die praestitit; perierat alter filius, si carnifici conuiua non placuisset.

6. Teria desprezado o pai romano, se ele temesse por si, mas foi o amor paternal que reprimiu a ira. Ele foi digno que lhe fosse autorizado retirar-se do banquete para recolher os restos de seu filho; mas o jovem soberano não o permitiu. Continuou a provocar o ancião com repetidos brindes dando conselhos para que aplacasse a dor. Ele mostrou-se alegre e alheio ao que tinha acontecido naquele dia. Morreria o segundo filho se o conviva não agradasse o carrasco.

**XXXIV**

1. Ergo ira abstinendum est, siue par est qui lacessendus est siue superior siue inferior. Cum pare contendere anceps est, cum superiore furiosum, cum inferiore sordidum. Pusilli hominis et miseri est repetere mordentem: mures formicaeque, si manum admoueris, ora conuertunt; inbecillia se laedi putant, si tanguntur.

**XXXIV**

1. Portanto, devemos se abster da ira, seja contra um igual a quem se há de agredir, seja contra um superior ou um inferior. Lutar com um igual é arriscado, com um superior é loucura, com um inferior é vil. É covarde e mesquinho quem retribui a mordida. Os ratos e as formigas, ao virem a mão se aproximar, mordem. Os fracos pensam ser atacados quando tocados.

2. Faciet nos mitiores, si cogitauerimus quid aliquando nobis profuerit ille cui irascimur, et meritis offensa redimetur. Illud quoque occurrat, quantum nobis commendationis allatura sit clementiae fama, quam multos uenia amicos utiles fecerit.

2. Acalma-nos repensar nos benefícios recebidos no passado por quem nos irritamos e, recordando os méritos, redimir-se-á a ofensa. Também nos ocorra que a fama de clemente aumenta a estima, e quantos amigos o perdão já cultivou.

3. Ne irascamur inimicorum et hostium liberis: inter Sullanae crudelitatis exempla est quod ab re publica liberos proscriptorum summouit; nihil est iniquius quam aliquem heredem paterni odii fieri.

3. Não ficar irado com os filhos de nossos inimigos e adversários. Outro exemplo de crueldade de Sula foi a expulsão da república dos filhos dos proscritos. Nada mais injusto para alguém do que herdar o ódio que se tem para com o seu pai .

4. Cogitemus, quotiens ad ignoscendum difficiles erimus, an expediat nobis omnes inexorabiles esse. Quam saepe ueniam qui negauit petit! Quam saepe eius pedibus aduolutus est quem a suis reppulit! Quid est gloriosius quam iram amicitia mutare? Quos populus Romanus fideliores habet socios quam quos habuit pertinacissimos hostes? Quod hodie esset imperium, nisi salubris prouidentia uictos permiscuisset uictoribus?

4. Sempre que tiver dificuldade para perdoar, interrogue se convém a todos nós ser inexoráveis. Quantas vezes se recusou a perdoar quem pede! Quantas vezes alguém prostrou-se ao pés daquele que havia recusado os seus! O que é mais glorioso do que transformar a ira em amizade? Existem aliados do povo romano mais leais do que aqueles que eram seus inimigos mais obstinados? E que Império seria hoje, se uma previsão saudável não tivesse mesclado os vencidos aos vencedores?

5. Irascetur aliquis: tu contra beneficiis prouoca; cadit statim simultas ab altera parte deserta; nisi paria non pugnant. Sed utrimque certabit ira, concurritur: ille est melior qui prior pedem rettulit, uictus est qui uicit. Percussit te: recede; referiendo enim et occasionem saepius feriendi dabis et excusationem; non poteris reuelli, cum uoles.

5. Alguem se irritará: provoca-o com teus favores. Cai a inimizade quando a parte contrária deserta; dois são precisos para a luta. A ira combate nos dois lados. Inicia-se o combate: o melhor é aquele que primeiro recuou; venceu aquele que foi vencido. Ele te golpeou: retira-te; ao devolver os golpes, proporcionarás ocasião de bater mais e com excusa. Não terás oportunidade de escolha depois.

## XXXV

1. Numquid uelit quisquam tam grauiter hostem ferire ut relinquat manum in uulnere et se ab ictu reuocare non possit? Atqui tale ira telum est: uix retrahitur. Arma nobis expedita prospicimus, gladium commodum et habilem: non uitabimus impetus animi hos graues et onerosos et inreuocabiles?

## XXXV

1. Alguém desejaria ferir o inimigo tão profundamente e com tamanha violência a ponto de deixar a mão na ferida e não retirá-la após o golpe? A ira é como um dardo: dificilmente pode largar. Provemo-nos de armas ligeiras, de espada hábil e precisa. Não evitaremos os impulsos da alma, violentos, onerosos e irrevogáveis?

2. Ea demum uelocitas placet quae ubi iussa est uestigium sistit nec ultra destinata procurrit flectique et cursu ad gradum reduci potest; aegros scimus neruos esse, ubi inuitis nobis mouentur; senex aut infirmi corporis est qui cum ambulare uult currit: animi motus eos putemus sanissimos ualidissimosque qui nostro arbitrio ibunt, non suo ferentur.

2. Nos alegra a velocidade que obedece a ordem e não ultrapassa onde foi estabelecido o limite, que não excede e que permite controlar e reduzir os passos. Sabemos que os nervos estão doentes se eles se movem contra a nossa vontade; velho ou doente quando quer andar e corre. Julgamos esses movimentos saudáveis e vigorosos da nossa alma que são de acordo com o nosso arbítrio, e não aqueles que se deixam levar por si.

3. Nihil tamen aeque profuerit quam primum intueri deformitatem rei, deinde periculum. Non est ullius adfectus facies turbatior: pulcherrima ora foedauit, toruos uultus ex tranquillissimis reddit; linquit decor omnis iratos, et siue amictus illis compositus est ad legem, trahent uestem omnemque curam sui effundent, siue capillorum natura uel arte iacentium non informis habitus, cum animo inhorrescunt; tumescunt uenae; concutietur crebro spiritu pectus, rabida uocis eruptio colla distendet; tum artus trepidi, inquietae manus, totius corporis fluctuatio.

3. No entanto, nada será tão útil como observar primeiramente a deformidade, para em seguida, o perigo. Nenhuma paixão tem o rosto mais perturbado. Desfigura o mais belo rosto, a transforma a face mais tranquila em feroz. Todo o decoro abandona os irados, e se as um manto fora colocado com tanta delicadeza, arrastarão a veste esquecendo todo o cuidado. Se o cabelo está penteado naturalmente ou como lhe convém, tendo aspecto gracioso, na ira eriçam-se juntamente com a alma. As veias incham-se, a respiração ofegante agita o peito, a voz raivosa dilata seu pescoço. Seus membros tremem, mãos inquietas, todo o corpo está agitado.

4. Qualem intus putas esse animum cuius extra imago tam foeda est? Quanto illi intra pectus terribilior uultus est, acrior spiritus, intentior impetus, rupturus se nisi eruperit!

4. E como julgas que a alma da pessoa que tem uma aparência exterior é tão feia? Quão terrível a sua face dentro do peito, a respiração veemente, a tensão impetuosa, obrigando a romper se não encontrar alívio!

5. Quales sunt hostium uel ferarum caede madentium aut ad caedem euntium aspectus, qualia poetae inferna monstra finxerunt succincta serpentibus et igneo flatu, quales ad bella excitanda discordiamque in populos diuidendam pacemque lacerandam deae taeterrimae inferum exeunt, talem nobis iram figuremus, flamma lumina ardentia, sibilo mugituque et gemitu et stridore et si qua his inuisior uox est perstrepentem, tela manu utraque quatientem (neque enim illi se tegere curae est), toruam cruentamque et cicatricosam et uerberibus suis liuidam, incessus uesani, offusam multa caligine, incursitantem uastantem fugantemque et omnium odio laborantem, sui maxime, si aliter nocere non possit, terras maria caelum ruere cupientem, infestam pariter inuisamque.

5. Tal qual aspecto dos inimigos ou das feras encharcadas na matança ou indo a elas. Tais quais os poetas representando os monstros infernais, rodeados por serpentes e cuspindo de fogo; assim como as piores divindades do submundo que saem para provocar a guerra, espalhar a discórdia entre os povos e dilacerar a paz; assim podemos representar a ira, com olhos cintilantes de fogo, ecoando sibilos e mugidos, gritos e gemidos, não havendo sons horrendos como esses, agitando armas com ambas as mãos (não se protegendo), desagradável, cruel, coberta de cicatrizes, machucados com golpes infligidos, andar delirante, envolta em nevoeiro espesso, ataca, devastando tudo, põem em fuga, é alvo do ódio de todos, não escapando do seu, ávida para destruir terras, mares e céu se não puder ser nociva de outra forma, hostil e detestável ao mesmo tempo.

6. Vel, si uidetur, sit qualis apud uates nostros est sanguineum quatiens dextra Bellona flagellum aut scissa gaudens uadit Discordia palla aut si qua magis dira facies excogitari diri adfectus potest.

6. Ou, se quiseres, é como as encontramos nos nossos: um flagelo sangrento agita Belona com a destra ou exultante caminha Discórdia com o manto rasgado. Ou imagine uma face mais sinistra que possa ser atribuída a essa paixão.

## XXXVI

1. Quibusdam, ut ait Sextius, iratis profuit aspexisse speculum. Perturbauit illos tanta mutatio sui; uelut in rem praesentem adducti non agnouerunt se: et quantulum ex uera deformitate imago illa speculo repercussa reddebat!

## XXXVI

1. A alguns irados, assim diz Sexto, beneficiou uma olhada no espelho. Perturbou-os aquela tamanha transformação em si. Não se reconheceram quando se viram. Aquela imagem no espelho estava bem longe da deformidade real!

2. Animus si ostendi et si in ulla materia perlucere posset, intuentis confunderet ater maculosusque et aestuans et distortus et tumidus. Nunc quoque tanta deformitas eius est per ossa carnesque et tot inpedimenta effluentis: quid si nudus ostenderetur?

2. Se a alma pudesse ser vista e refletida através de algum material, nosso olhar se confundiria ao vê-la escura e manchada, fervescente, distorcida e inchada. Mesmo agora não vemos sua deformidade porque os ossos e a carne e todos os outros obstáculos a oculta. O que aconteceria se a víssemos nua?

3. Speculo quidem neminem deterritum ab ira credideris. Quid ergo? qui ad speculum uenerat ut se mutaret, iam mutauerat: iratis quidem nulla est formosior effigies quam atrox et horrida qualesque esse etiam uideri uolunt.

3. Não acreditas que ninguém nunca tenha desistido da ira olhando no espelho. Como não? Quem veio ao espelho para mudar, já havia mudado. De fato, ao irado é formoso a imagem atroz e horrível, querendo parecer como tais

4. Magis illud uidendum est, quam multis ira per se nocuerit. Alii nimio feruore rupere uenas et sanguinem supra uires elatus clamor egessit et luminum suffudit aciem in oculos uehementius umor egestus et in morbos aegri reccidere. Nulla celerior ad insaniam uia est.

4. Devemos observar como a ira, por si só, já foi nociva a muitos. Alguns, por fúria excessiva, cortaram as veias, enquanto o grito excessivo além da força fez vazar sangue, e o humor que fluiu muito violento dos olhos ocasiou cegueira momentânea, e os enfermos tiveram recaídas. Não há caminho mais rápido para a insânia.

5. Multi itaque continuauerunt irae furorem nec quam expulerant mentem umquam receperunt: Aiacem in mortem egit furor, in furorem ira. Mortem liberis, egestatem sibi, ruinam domui inprecantur, et irasci se negant non minus quam insanire furiosi. Amicissimis hostes uitandique carissimis, legum nisi qua nocent immemores, ad minima mobiles, non sermone, non officio adiri faciles, per uim omnia gerunt, gladiis et pugnare parati et incumbere.

5. Assim, muitos passaram da fúria à ira não recuperando mais o estado mental. Ájax foi levado à morte pelo furor; sua ira, ao frenesi. Invocam a morte aos seus filhos, a miséria para si, a ruína para sua casa, e não admitem estar irados, como os insanos a sua loucura. Transformam-se em inimigos de seus melhores amigos, evitados pelos entes queridos. Esquecido das leis, exceto aquelas de impor o mal; mutável com vãos motivos, inacessível pelas palavras e pelo dever, faz tudo pela força, pronto para lutar com a espada ou atirar-se sobre ela.

6. Maximum enim illos malum cepit et omnia exsuperans uitia. Alia paulatim intrant, repentina et uniuersa uis huius est. Omnis denique alios adfectus sibi subicit: amorem ardentissimum uincit, transfoderunt itaque amata corpora et in eorum quos occiderant iacuere complexibus; auaritiam, durissimum malum minimeque flexibile, ira calcauit, adactam opes suas spargere et domui rebusque in unum conlatis inicere ignem. Quid? non ambitiosus magno aestimata proiecit insignia honoremque delatum reppulit? Nullus adfectus est in quem non ira dominetur.

6. Foram tomados pelo maior dos males que perpassa todos os vícios. Os outros penetram paulatinamente; a força deste é repentina e envolve tudo. Por isso que submete todas as outras paixões, vence o amor mais ardente, fazendo traspassarem os corpos dos amantes, jazendo nos braços dos que mataram. A avareza, o mal mais endurecido e minimamente flexível, foi pisoteado pela ira, obrigada a espalhar toda a riqueza e a incendiar a casa com os bens. E ao ambicioso não obrigou a jogar as insígnias que tinha por estima e recusou a honra que lhe fora oferecida? Não existe qualquer paixão que a ira não domine.

LIBER III

**I**

1. Quod maxime desiderasti, Nouate, nunc facere temptabimus, iram excidere animis aut certe refrenare et impetus eius inhibere. Id aliquando palam aperteque faciendum est, ubi minor uis mali patitur, aliquando ex occulto, ubi nimium ardet omnique inpedimento exasperatur et crescit; refert quantas uires quamque integras habeat, utrum reuerberanda et agenda retro sit an cedere ei debeamus dum tempestas prima desaeuit, ne remedia ipsa secum ferat.

**LIVRO III**

**I**

1. O que mais desejaste, Novato, agora tentaremos fazer: remover da alma a ira, ou pelo menos contê-la e inibir seu ímpeto. Às vezes se deve fazer às claras e abertamente, quando permitido pela menor força do mal; às vezes ocultamente, quando o cintilar excessivo é exasperado e intensificam-se os obstáculos. É importante contemporizar o quanto tem de forças ou se está em sua plenitude, se é necessário afugentar a ira fazendo que retroceda ou se devamos dar espaço até que acalme a tempestade a fim de evitar que arraste consigo os remédios.

2. Consilium pro moribus cuiusque capiendum erit; quosdam enim preces uincunt, quidam insultant instantque summissis, quosdam terrendo placabimus; alios obiurgatio, alios confessio, alios pudor coepto deiecit, alios mora, lentum praecipitis mali remedium, ad quod nouissime descendendum est.

2. Deve-se adotar um plano a partir do comportamento de cada um, visto que em alguns vencem as preces, alguns insultam e ameaçam os submissos. Outros aplacamos pelo medo; outros, a repressão; outros à sua confissão de culpa; outros se envergonham; outros o tempo. É um remédio lento para um mal precipitoso que devemos apenas recorrer em último caso.

3. Ceteri enim adfectus dilationem recipiunt et curari tardius possunt, huius incitata et se ipsa rapiens uiolentia non paulatim procedit sed dum incipit tota est; nec aliorum more uitiorum sollicitat animos, sed abducit et inpotentes sui cupidosque uel communis mali exagitat, nec in ea tantum in quae destinauit sed in occurrentia obiter furit.

3. As outras paixões admitem dilações e podem ser curadas aos poucos. Diferentemente da violência impetuosa a si mesmo excita, não procedendo por etapas, mas é completa ao surgir; não estimula a alma ao modo dos demais vícios, arrasta-a, tornando-a incapaz de dominar-se e desejosa do mal, e não só enfurece contra alvos pré-determinados, mas a tudo em sua frente.

4. Cetera uitia inpellunt animos, ira praecipitat. Etiam si resistere contra adfectus suos non licet, at certe adfectibus ipsis licet stare: haec, non secus quam fulmina procellaeque et si qua alia inreuocabilia sunt quia non eunt sed cadunt, uim suam magis ac magis tendit.

4. Os outros vícios impelem a alma, a ira precipita-a. Ainda que não seja possível resistir a suas paixões, é possível resistir impondo obstáculos. Esta, parecida aos raios e procelas, e a outros fenômenos que são impossíveis de deter porque caem, intensificam mais e mais sua força.

5. Alia uitia a ratione, hoc a sanitate desciscit; alia accessus lenes habent et incrementa fallentia: in iram deiectus animorum est. Nulla itaque res urget magis attonita et in uires suas prona et siue successit superba, siue frustratur insana; ne repulsa quidem in taedium acta, ubi aduersarium fortuna subduxit, in se ipsa morsus suos uertit. Nec refert quantum sit ex quo surrexerit; ex leuissimis enim in maxima euadit.

5. Os outros vícios afastam-se da razão, esta da sanidade; os outros têm início suave e crescimento imperceptíveis; na ira as almas se lançam. Assim, não há coisa mais insensata e escrava de suas próprias forças, soberba após o triunfo; se frustrada, insana. Tampouco quando perde se desanima. Quando a sorte subtrai um adversário, morde a si mesmo. E não importa quão grande seja o que a despertou, porque os fúteis motivos ela eleva ao mais elevado nível.

**II**

1. Nullam transit aetatem, nullum hominum genus excipit. Quaedam gentes beneficio egestatis non nouere luxuriam; quaedam, quia exercitae et uagae sunt, effugere pigritiam; quibus incultus mos agrestisque uita est, circumscriptio ignota est et fraus et quodcumque in foro malum nascitur: nulla gens est quam non ira instiget, tam inter Graios quam inter barbaros potens, non minus perniciosa leges metuentibus quam quibus iura distinguit modus uirium.

**II**

1. Não lhe escapa qualquer idade, não excetua qualquer etnia. Há civilizações que, devido à pobreza, não conhecem o luxo; outras, devido à vida ativa e errante, se livraram da preguiça; aqueles de costumes primitivos e uma vida agreste, não conhecem o engano, fraude e todos os males que nascem no fórum. Não existem povos que a ira não instiga, poderosa tanto entre os gregos quanto entre os bárbaros, não é menos perniciosa àqueles que vivem de acordo com as leis, como àqueles que medem o direito com suas forças.

2. Denique cetera singulos corripiunt, hic unus adfectus est qui interdum publice concipitur. Numquam populus uniuersus feminae amore flagrauit nec in pecuniam aut lucrum tota ciuitas spem suam misit; ambitio uiritim singulos occupat, inpotentia non est malum publicum; saepe in iram uno agmine itum est.

2. Finalmente, as outras paixões corrompem indivíduos, a ira é a única que por vezes consegue atingir a todos. Nunca uma nação inteira ardeu por amor a uma única mulher, nem uma cidade inteira colocou sua esperança no dinheiro ou no lucro. A ambição domina um a um; a impotência não é um mal público; frequentemente à ira caminharam a massa.

3. Viri feminae, senes pueri, principes uulgusque consensere, et tota multitudo paucissimis uerbis concitata ipsum concitatorem antecessit; ad arma protinus ignesque discursum est et indicta finitimis bella aut gesta cum ciuibus;

3. Homens e mulheres, anciãos e crianças, líderes e pessoas comuns são unânimes, e uma multidão inteira, concitada por pouquíssimas palavras, ao próprio concitador antecederam pegando em armas e chamas a declarar guerra aos povos vizinhos ou combatendo contra seus concidadãos.

4. totae cum stirpe omni crematae domus, et modo eloquio fauorabili habitus in multo honore iram suae contionis excepit; in imperatorem suum legiones pila torserunt; dissedit plebs tota cum patribus; publicum consilium senatus non expectatis dilectibus nec nominato imperatore subitos irae suae duces legit ac per tecta urbis nobiles consectatus uiros supplicium manu sumpsit;

4. Casas inteiras foram queimadas com toda a família, e aquele que, até ontem, por sua cativante eloquência, tido por bastante honra, sofreu a ira de seu discurso. Legiões voltaram seus dardos contra seu comandante; a plebe discorda dos nobres; o senado, que é o conselho estadual, nomeia, sem esperar o exército nem nomear um general, um comandante subitamente a serviço de sua ira e, após autorizar a caça às casas de homens nobres, assimiu em suas mãos o suplício.

5. Uiolatae legationes rupto iure gentium rabiesque infanda ciuitatem tulit, nec datum tempus quo resideret tumor publicus, sed deductae protinus classes et oneratae tumultuario milite; sine more, sine auspiciis populus ductu irae suae egressus fortuita raptaque pro armis gessit, deinde magna clade temeritatem audacis irae luit.

5. Violaram as embaixadas logo após extinguir o direito das nações, e um ódio indescritível inflamou a cidade. Não teve o tempo necessário para frenar a fúria pública, mas foram tomadas frotas marítimas repletas de soldados. Sem disciplina, sem auspícios, o povo seguia sua ira, portando como arma o que subtraia, abatendo corajosamente e com uma grande ira ousada.

6. Hic barbaris forte inruentibus in bella exitus est: cum mobiles animos species iniuriae perculit, aguntur statim et qua dolor traxit ruinae modo legionibus incidunt, incompositi interriti incauti, pericula adpetentes sua; gaudent feriri et instare ferro et tela corpore urgere et per suum uulnus exire.

6. Este é o resultado que obtém os bárbaros que irrompem a guerra ao acaso: tão logo uma aparente injúria afetam suas almas instáveis, sentem-se transportados de imediato e, como a dor os impulsionam, lançam-se sobre as legiões quase que desabando sobre eles, em desordem, sem medo e sem preocupação, desejosos de seu perigo. Regozijam-se de ser feridos, de saltar-se às espadas, forçar o corpo contra os dardos e morrer pelo próprio ferimento.

**III**

1. 'Non est' inquis 'dubium quin magna ista et pestifera sit uis: ideo quemadmodum sanari debeat monstra.' Atqui, ut in prioribus libris dixi, stat Aristoteles defensor irae et uetat illam nobis exsecari: calcar ait esse uirtutis, hac erepta inermem animum et ad conatus magnos pigrum inertemque fieri.

**III**

1. “Não há dúvida’, diz me, “que é grande e possui uma pestífera força; então, mostre-me de que modo deve ser sanada.” De fato, como eu disse nos primeiros livros, Aristóteles defende a ira e nos proíbe de livrar-nos dela. Ele diz que é um incentivo à virtude, e que, quando eliminada, a alma fica desarmada e preguiçosa, inerte às grandes coisas.

2. Necessarium est itaque foeditatem eius ac feritatem coarguere et ante oculis ponere quantum monstri sit homo in hominem furens quantoque impetu ruat non sine pernicie sua perniciosus et ea deprimens quae mergi nisi cum mergente non possunt.

2. Assim, é necessário demonstrar a ferocidade e a feiura, pôr diante dos olhos e mostrar quão monstruoso é um homem furioso contra outro homem, e com que ímpeto arruína a si próprio, não sem seu próprio malefício, submergindo aquilo que leva junto quem o submerge.

3. Quid ergo? sanum hunc aliquis uocat qui uelut tempestate correptus non it sed agitur et furenti malo seruit, nec mandat ultionem suam sed ipse eius exactor animo simul ac manu saeuit, carissimorum eorumque quae mox amissa fleturus est carnifex?

3. O quê, então? Alguém pode chamar de são esse que, agindo como uma tempestade, não age por sim, mas é lançado e torna-se escravo enfurecido do mal, não encarregando outrem de sua vingança, mas se fazendo o próprio executor, com seu ânimo e com a mão, o carrasco de seus entes queridos que brevemente lamentará a perda?

4. Hunc aliquis adfectum uirtuti adiutorem comitemque dat, consilia sine quibus uirtus nihil gerit obturbantem? Caducae sinistraeque sunt uires et in malum suum ualidae in quas aegrum morbus et accessio erexit.

4. Alguém dá à virtude essa paixão, como auxiliadora e companheira, essa que obscurece os conselhos sem a qual a virtude não pode realizar nada? São instáveis e sinistras, capazes ao próprio dano aquelas forças que reanimam o enfermo, se surgem de sua doença ou de seus acessos.

5. Non est ergo quod me putes tempus in superuacuis consumere, quod iram, quasi dubiae apud homines opinionis sit, infamem, cum sit aliquis et quidem de inlustribus philosophis qui illi indicat operas et tamquam utilem ac spiritus subministrantem in proelia, in actus rerum, ad omne quodcumque calore aliquo gerendum est uocet.

5. Não julgues que estou perdendo tempo em discursos supérfluos difamando a ira, informando ser dúbia a opinião de homens sobre ela, como tem um dentre os ilustres filósofos[233] que delega tarefas a ela e a invoca como se fosse útil para gerir o espírito na batalha, na execução de tarefas e a tudo que precise de um pouco de entusiasmo.

6. Ne quem fallat tamquam aliquo tempore, aliquo loco profutura, ostendenda est rabies eius effrenata et attonita apparatusque illi reddendus est suus, eculei et fidiculae et ergastula et cruces et circumdati defossis corporibus ignes et cadauera quoque trahens uncus, uaria uinculorum genera, uaria poenarum, lacerationes membrorum, inscriptiones frontis et bestiarum immanium caueae: inter haec instrumenta conlocetur ira dirum quiddam atque horridum stridens, omnibus per quae furit taetrior.

6. Para que ela não engane ninguém, mostrando-se capaz de ser útil em qualquer lugar ou momento, é preciso mostrar como a própria raiva é desenfreada e atônita, exibir seu aparato de instrumento, os cavaletes, cordas, ergástulos, as cruzes e as chamas ao redor dos corpos semienterrados; o gancho que arrasta os cadáveres e os tipos de grilhões, de suplícios, as lacerações de membros a marca na fronte, as gaiolas de grandes feras. Dentre os instrumentos citados, adicione a ira com seu horrendo grito, sendo ela mais forte do que tudo que executa sua fúria

[233] Aristóteles. Sêneca apenas retoma, brevemente, alguns argumentos contra a fim de recordar, quando, no Livro I, refutou mais a fundo as teorias aristotélicas.

**IV**

1. Vt de ceteris dubium sit, nulli certe adfectui peior est uultus, quem in prioribus libris descripsimus: asperum et acrem et nunc subducto retrorsus sanguine fugatoque pallentem, nunc in os omni calore ac spiritu uerso subrubicundum et similem cruento, uenis tumentibus, oculis nunc trepidis et exilientibus, nunc in uno obtutu defixis et haerentibus;

**IV**

1. Quanto ao resto não há dúvidas, nenhuma outra paixão possui pior aspecto,[234] e já os descrevemos nos primeiros livros: áspero e feroz, pálido por falta de sangue, ora rosado porque todo o calor e vitalidade se concentram em seu rosto, quase sangrento pelo inchaço das veias; os olhos ora tremem ora parecem querer saltar, ora se fixam em uma direção permanecendo imóveis.

2. adice dentium inter se arietatorum ut aliquem esse cupientium non alium sonum quam est apris tela sua adtritu acuentibus; adice articulorum crepitum cum se ipsae manus frangunt et pulsatum saepius pectus, anhelitus crebros tractosque altius gemitus, instabile corpus, incerta uerba subitis exclamationibus, trementia labra interdumque compressa et dirum quiddam exsibilantia.

2. Adicione o ruído dos dentes que se colidem entre si como se quisessem devorar alguém, igual a javalis quando amolam suas presas desgastadas. Adicione o estalar dos dedos quando as mãos se trituram, e o golpe no peito, respiros ofegantes, fortes gemidos arrastados, corpo instável, palavras incertas exclamadas subitamente, lábios trêmulos e comprimidos sussurrando coisas ameaçadoras.

3. Ferarum, me Hercules, siue illas fames agitat siue infixum uisceribus ferrum, minus taetra facies est, etiam cum uenatorem suum semianimes morsu ultimo petunt, quam hominis ira flagrantis. Age, si exaudire uoces ac minas uacet, qualia excarnificati animi uerbasunt!

3. O aspecto das bestas, por Hércules, é menos feio quando atormenta a fome, ou a espada adentra as vísceras, até mesmo quando desfere a última mordida contra o caçador, em comparação a de um homem inflamado pela ira. Se a ocasião permitir ouvir seus gritos ameaçadores, tal qual uma alma em suplício são suas palavras!

---

[234] Demonstrando no rosto a deformidade que a ira causa.

4. Nonne reuocare se quisque ab ira uolet, cum intellexerit illam a suo primum malo incipere? Non uis ergo admoneam eos qui iram in summa potentia exercent et argumentum uirium existimant et in magnis magnae fortunae bonis ponunt paratam ultionem, quam non sit potens, immo ne liber quidem dici possit irae suae captiuus?

4. Quem voltará, ao perceber que a ira inicia, antes, causando um mal a si? Então, não desejo lembrar àqueles que praticam a ira com toda a sua potência e a tem como uma demonstração de força e contam-na dentre os bens e grande fortuna que possui, não querendo vós que eu os advirta que ele não é livre, mas prisioneiro de sua ira?

5. Non uis admoneam, quo diligentior quisque sit et ipse se circumspiciat, alia animi mala ad pessimos quosque pertinere, iracundiam etiam eruditis hominibus et in alia sanis inrepere? adeo ut quidam simplicitatis indicium iracundiam dicant et uulgo credatur facillimus quisque huic maxime obnoxius.

5. Para que cada um seja lembrado e que se autoexamine, não desejas que os advirta que as outras paixões da alma dizem respeito apenas aos maus, enquanto que a iracúndia toca também os homens cultos e sãos, a tal ponto, alguém acredites que a iracúndia seja um sinal de sinceridade, e que comumente acredite que os condescendente são mais propício a ela?

**V**

1. 'Quorsus' inquis 'hoc pertinet?' Vt nemo se iudicet tutum ab illa, cum lenes quoque natura et placidos in saeuitiam ac uiolentiam euocet. Quemadmodum aduersus pestilentiam nihil prodest firmitas corporis et diligens ualetudinis cura promiscue enim inbecilla robustaque inuadit, ita ab ira tam inquietis moribus periculum est quam compositis et remissis, quibus eo turpior ac periculosior est quo plus in illis mutat.

**V**

1. “Para que”, interpelas, “interessa essas coisas?” Para que ninguém se julgue seguro dela, quando até mesmo os meigos e plácidos por natureza ela chama à sevícia e a violência. Do mesmo modo que a pestilência ataca indiscriminadamente, não valendo o corpo forte e os cuidados com a saúde, pois ela ataca o fraco e o robusto, do mesmo modo é exposto ao perigo da ira tanto quem é de índole inquietas quanto as calmas e controladas, deformando por completo e perigosa, quando realiza nelas maior mutação.

2. Sed cum primum sit non irasci, secundum desinere, tertium alienae quoque irae mederi, dicam primum quemadmodum in iram non incidamus, deinde quemadmodum nos ab illa liberemus, nouissime quemadmodum irascentem retineamus placemusque et ad sanitatem reducamus.

2. Mas, em primeiro lugar, não sentir ira, o segundo é interrompê-la, o terceiro é curar a ira alheia; primeiramente, direi, de que modo não incidir na ira, para depois de que modo nos livramos dela, para, enfim, de que modo retemos um irado e o aplacamos, para reconduzi-lo à sanidade.[235]

3. Ne irascamur praestabimus, si omnia uitia irae nobis subinde proposuerimus et illam bene aestimauerimus. Accusanda est apud nos, damnanda; perscrutanda eius mala et in medium protrahenda sunt; ut qualis sit appareat, comparanda cum pessimis est.

3. Para não permitir ficar irado, deveremos observar todos os aspectos negativos da ira e avaliar cada ponto pormenorizadamente. Deveremos acusá-la e condená-la, intimamente, prescrutando seus males e arrastando-os à luz, tornando claro a essência a fim de contrapor com os piores.

[235] Sêneca atribui a responsabilidade da felicidade do outro a cada um.

4. Auaritia adquirit et contrahit, quo aliquis melior utatur: ira inpendit, paucis gratuita est. Iracundus dominus quot in fugam seruos egit, quot in mortem! Quanto plus irascendo quam id erat propter quod irascebatur amisit! Ira patri luctum, marito diuortium attulit, magistratui odium, candidato repulsam.

4. A avareza adquire e acumula para que seja gasto por alguém melhor; a ira é dispendiosa, apenas a pouco é gratuita. Um senhor iracundo a quantos escravos provocou a fuga e a tantos outros à morte! A perda, devido a sua ira, quantas vezes ultrapassou o valor da coisa com a qual estava irado! Para um pai, a ira provocou o luto, a um marido, o divórcio, o ódio derrocou o magistrado diante do candidato.

5. Peior est quam luxuria, quoniam illa sua uoluptate fruitur, haec alieno dolore. Vincit malignitatem et inuidiam; illae enim infelicem fieri uolunt, haec facere; illae fortuitis malis delectantur, haec non potest expectare fortunam: nocere ei quem odit, non noceri uult.

5. É bem pior que a luxúria, porque esta goza de prazer próprio, a ira do sofrimento alheio. Vence a malignidade e a inveja, quando estas desejam que qualquer seja infeliz; aquela torna de fato. Estas gozam de males eventuais; a ira não espera a sorte, deseja fazer sofrer a quem odeia, não quer ver.

6. Nihil est simultatibus grauius: has ira conciliat. Nihil est bello funestius: in hoc potentium ira prorumpit; ceterum etiam illa plebeia ira et priuata inerme et sine uiribus bellum est. Praeterea ira, ut seponamus quae mox secutura sunt, damna insidias perpetuam ex certaminibus mutuis sollicitudinem, dat poenas dum exigit; naturam hominis eiurat: illa in amorem hortatur, haec in odium; illa prodesse iubet, haec nocere.

6. Nada é mais ofensivo que as richas; a ira as provoca. Nada é mais funesto que a guerra; nela, intensifica a ira dos poderosos. A ira da plebe e do cidadão comum é uma guerra desprovida e sem força. Além disso, a ira, logo após o que dela provém, os danos, as armadilhas, a ansiedade constante provocadas pela rivalidade, sofrerá ao mesmo tempo que pune. Da natureza do homem ela abre mão: esta clama por amor; a ira, ao ódio; aquela quer ser útil; a ira, ser nociva.

7. Adice quod, cum indignatio eius a nimio sui suspectu ueniat, ut animosa uideatur, pusilla est et angusta; nemo enim non eo a quo se contemptum iudicat minor est. At ille ingens animus et uerus aestimator sui non uindicat iniuriam, quia non sentit.

7. Acrescentar que, a indignação faz brotar a ira provocado pelo excesso de autoestima, ela parece um sinal de coragem, mas, de fato, é mesquinha e pequena. Ninguém pode se sentir desprezado a não ser por aquele que o julga. Mas aquele de alma grande que se avalia, não vinga uma injúria porque não a sente.

8. Vt tela a duro resiliunt et cum dolore caedentis solida feriuntur, ita nulla magnum animum iniuria ad sensum sui adducit, fragilior eo quod petit. Quanto pulchrius uelut nulli penetrabilem telo omnis iniurias contumeliasque respuere! Vltio doloris confessio est; non est magnus animus quem incuruat iniuria. Aut potentior te aut inbecillior laesit: si inbecillior, parce illi, si potentior, tibi.

8. Como os dardos voltam-se ao atingir um alvo duro e e sente dor quem desfere em objetos sólidos, injúria alguma é capaz de atingir uma grande alma, pois é mais franco do que o alvo. Como é belo desdenhar, como se impenetrável fosse aos dardos, de todas as injúrias e contumélias! A vingança é uma confissão de dor. Não é grande a alma que se deixa dobrar pela injúria. Sofreste injúria de alguém mais forte ou mais fraco: se foi mais fraco, poupe-o; se forte, poupe-se.

**VI**

1. Nullum est argumentum magnitudinis certius quam nihil posse quo instigeris accidere. Pars superior mundi et ordinatior ac propinqua sideribus nec in nubem cogitur nec in tempestatem inpellitur nec uersatur in turbinem; omni tumultu caret: inferiora fulminantur. Eodem modo sublimis animus, quietus semper et in statione tranquilla conlocatus, omnia infra se premens quibus ira contrahitur, modestus et uenerabilis est et dispositus; quorum nihil inuenies in irato.

**VI**

1. Não há prova mais evidente de grandeza que não reagir diante de algo que possa te instigar. A parte superior do mundo, a mais ordenada e vizinha às estrelas, não se adensa em nuvem, nem se lança na tempestade, nem gira em redemoinho. está livre de todo o tumulto. As mais inferiores são atingidas pelos raios. Da mesma forma, uma alma sublime, sempre serena e colocada num lugar tranquilo, abafa sob si tudo que pode contrair a ira, é moderada, venerável, equilibrada. De tudo isso, nada encontrarás no homem irado.

2. Quis enim traditus dolori et furens non primam reiecit uerecundiam? Quis impetu turbidus et in aliquem ruens non quidquid in se uenerandi habuit abiecit? Cui officiorum numerus aut ordo constitit incitato? Quis linguae temperauit? Quis ullam partem corporis tenuit?

2. Quem, de fato, uma vez entregue à dor e furioso, não se conteve por força da modéstia? Quem, perturbado pela impulsividade não se lançou contra o outro, não perdeu todo o respeito por si mesmo? Quem, depois da incitação, é consciente do número e da ordem dos deveres? Quem refreou a língua? Quem controlou qualquer parte do corpo após o ímpeto?

3. Proderit nobis illud Democriti salutare praeceptum, quo monstratur tranquillitas si neque priuatim neque publice multa aut maiora uiribus nostris egerimus. Numquam tam feliciter in multa discurrenti negotia dies transit ut non aut ex homine aut ex re offensa nascatur quae animum in iras paret.

3. Será útil aquela máxima salutar de Demócrito que diz que a serenidade é alcançável se evitarmos atividades, na vida pública ou privada, que estão além de nossas forças. Nunca, àquele que desempenha muitas atividades, o dia passa numa felicidade, porque virá, de um homem ou de coisas, uma ofensa que leve sua alma à ira.

4. Quemadmodum per frequentia urbis loca properanti in multos incursitandum est et aliubi labi necesse est, aliubi retineri, aliubi respergi, ita in hoc uitae actu dissipato et uago multa inpedimenta, multae querellae incidunt: alius spem nostram fefellit, alius distulit, alius intercepit; non ex destinato proposita fluxerunt.

4. Da mesma forma que, quem anda rapidamente numa cidade esbarra em muitas pessoas, pode cair, ser contido por outro, por outro ser molhado. Assim, nos afazeres da vida, diversas e errantes, nos deparamos com obstáculos inconvenientes que despertam os queixumes: um desapontou nossa esperança, o outro a retardou, um outro a subtraiu; os nossos planos não chegaram a termo.

5. Nulli fortuna tam dedita est ut multa temptanti ubique respondeat; sequitur ergo ut is cui contra quam proposuerat aliqua cesserunt inpatiens hominum rerumque sit, ex leuissimis causis irascatur nunc personae, nunc negotio, nunc loco, nunc fortunae, nunc sibi.

5. Então a ninguém a fortuna é muito próxima a fim de responder a vários casos protamente. Segue-se, assim, que aquele que vê resultados contrários ao que foi proposto, fique impaciente com os homens e as coisas, irrite-se com os casos mais leves, ora com pessoas, ora com o negócio, ora com o lugar, ora com a fortuna, ora consigo mesmo.

6. Itaque ut quietus possit esse animus, non est iactandus nec multarum, ut dixi, rerum actu fatigandus nec magnarum supraque uires adpetitarum. Facile est leuia aptare ceruicibus et in hanc aut illam partem transferre sine lapsu, at quae alienis in nos manibus inposita aegre sustinemus, uicti in proximo effundimus; etiam dum stamus sub sarcina, inpares oneri uacillamus.

6. Portanto, para a alma estar tranquila, não pode agitá-la, nem sobrecarregá-la, como eu disse, realizando tarefas ou grandes coisas além de sua força. É fácil por sobre os ombros pequenos pesos e transportá-los de um lado para outro sem escorregar, mas aqueles que foram postas por mãos alheias, sustentamos com dificuldade, deixando cair. Quando sentimos o peso, mesmo se não formos fortes o suficiente, vacilamos.

**VII**

1. Idem accidere in rebus ciuilibus ac domesticis scias. Negotia expedita et habilia sequuntur actorem, ingentia et supra mensuram gerentis nec dant se facile et, si occupata sunt, premunt atque abducunt administrantem tenerique iam uisa cum ipso cadunt: ita fit ut frequenter inrita sit eius uoluntas qui non quae facilia sunt adgreditur, sed uult facilia esse quae adgressus est.

VII

1. Saibas que nas coisas públicas e nas domésticas o mesmo acontece. O negócio rápido e fácil estão à mercê dos habilidosos autores. As superiores e além da força do encarregado, não são fáceis de execução e, começadas, oprimem e levam a pessoa que administra, tombando junto quando esgotam as forças. Frequentemente a vontade daquele se frustra porque não realiza coisas fáceis, mas queria que fáceis fossem as que executa.

2. Quotiens aliquid conaberis, te simul et ea quae paras quibusque pararis ipse metire; faciet enim te asperum paenitentia operis infecti. Hoc interest utrum quis feruidi sit ingenii an frigidi atque humilis: generoso repulsa iram exprimet, languido inertique tristitiam. Ergo actiones nostrae nec paruae sint nec audaces et inprobae, in uicinum spes exeat, nihil conemur quod mox adepti quoque successisse miremur.

2. Toda vez que você tentar algo, meça conjuntamente a ti e o certame e se possuis materiais suficientes para, futuramente, não tornar áspero o peso de algo inacabado. Interessa saber se algum é de espírito ardente, frio ou submisso: no homem valoroso, o fracasso provoca a ira, tristeza no lânguido e inerte. Portanto, nossas ações não sejam pequenas, nem audaciosas e alvitantes. Nossa esperança seja imediata. Nada façamos que nos cause admiração durante e após o sucesso.

**VIII**

1. Demus operam ne accipiamus iniuriam, quia ferre nescimus. Cum placidissimo et facillimo et minime anxio morosoque uiuendum est; sumuntur a conuersantibus mores et ut quaedam in contactos corporis uitia transiliunt, ita animus mala sua proximis tradit:

VIII

1. Façamos de tudo para não receber um injúria, uma vez que não sabemos suportá-la. Tens que viver com pessoas plácidas, fáceis de lidar, de pouca ansiedade ou humor oscilante. Nosso comportamento assume ao de pessoas que convivemos; como algumas doenças do corpo são transmitidas pelo contato, a alma transmite seus males aos que estão próximos.

2. Ebriosus conuictores in amorem vinu meri traxit, inpudicorum coetus fortem quoque et silice natum uirum emolliit, auaritia in proximos uirus suum transtulit. Eadem ex diuerso ratio uirtutum est, ut omne quod secum habent mitigent; nec tam ualetudini profuit utilis regio et salubrius caelum quam animis parum firmis in turba meliore uersari.

2. O bêbado levou consigo convivas para o amor ao vinho, o grupo dos despuporados amoleceu o homem valente e de natureza firme, a avareza transmitiu o seu vírus ao próximo. As virtudes tem a mesma conduta, mas de modo oposto, transformando em amável tudo que há perto. Um lugar tão cômodo não é benéfico à saúde como também não o é a companhia de almas fracas com os melhores.

3. Quae res quantum possit intelleges, si uideris feras quoque conuictu nostro mansuescere nullique etiam immani bestiae uim suam permanere, si hominis contubernium diu passa est: retunditur omnis asperitas paulatimque inter placida dediscitur. Accedit huc quod non tantum exemplo melior fit qui cum quietis hominibus uiuit, sed quod causas irascendi non inuenit nec uitium suum exercet. Fugere itaque debebit omnis quos inritaturos iracundiam sciet. 'Qui sunt' inquis 'isti?'

3. Verás a eficácia desta prática observando que também as bestas são domadas ao conviver conosco, e que nenhum animal feroz conserva a sua violência se coabita com o homem. Toda a sua aspereza é suavizada e paulatinamente esquecida. Adicione a isso que não só melhora pelos exemplos aquele que convive com homens tranquilos, mas que também pelo fato de não encontrar motivos para se irritar, não coloca em ação o seu vício. Deverá, portanto, evitar todos aqueles que são capazes de despertar sua iracúndia.

4. 'Qui sunt' inquis 'isti?' Multi ex uariis causis idem facturi: offendet te superbus contemptu, dicax contumelia, petulans iniuria, liuidus malignitate, pugnax contentione, uentosus et mendax uanitate; non feres a suspicioso timeri, a pertinace uinci, a delicato fastidiri.

4. “Quem são esses?”, interrogas. Muitos provocam o mesmo por diversos motivos: o soberbo te ofenderá com o seu desprezo, o sarcástico com zombaria, o petulante com injúria, o invejoso com maldade, o briguento com provocação, o falastrão e o mentiroso com leviandade. Não suportarás que o suspeitoso te tema, o obstinado te vença e o presunçoso te desdenhe.

5. Elige simplices faciles moderatos, qui iram tuam nec euocent et ferant. Magis adhuc proderunt summissi et humani et dulces, non tamen usque in adulationem, nam iracundos nimia adsentatio offendit: erat certe amicus noster uir bonus sed irae paratioris, cui non magis tutum erat blandiri quam male dicere.

5. Escolha os simples, acessíveis, moderados, que não evoquem tua ira e saibam suportar. Ajudará ainda os humildes, compreensivos, doces, mas não ao ponto de bajular, pois os iracundos se sentem ofendidos pelo excessivo consenso. Um certo amigo era um bom homem, mas um pouco suscetível à ira, onde bajular não era menos perigoso do que injuriá-lo.

6. Caelium oratorem fuisse iracundissimum constat. Cum quo, ut aiunt, cenabat in cubiculo lectae patientiae cliens, sed difficile erat illi in copulam coniecto rixam eius cui cohaerebat effugere; optimum iudicauit quidquid dixisset sequi et secundas agere. Non tulit Caelius adsentientem et exclamauit, 'dic aliquid contra, ut duo simus!' Sed ille quoque, quod non irasceretur iratus, cito sine aduersario desit.

6. Sabe-se que Célio, o orador, foi extremamente iracundo. Dizem que um cliente seu, de muita paciência, jantava com ele na sala, sendo bastante difícil para este a companhia e evitar brigas. Assim, considerou consentir com tudo quanto ele dissesse, assumindo o segundo lugar. Célio, não suportando os assentimentos, exclamou: “Diga algo contra, só assim seremos dois!”. No entanto, irritado por não irar-se e sem adversário, ele próprio desistiu.

7. Eligamus ergo uel hos potius, si conscii nobis iracundiae sumus, qui uultum nostrum ac sermonem sequantur: facient quidem nos delicatos et in malam consuetudinem inducent nihil contra uoluntatem audiendi, sed proderit uitio suo interuallum et quietem dare. Difficiles quoque et indomiti natura blandientem ferent: nihil asperum tetricumque palpanti est.

7. Escolhamos, assim, cônscios de nossa iracúndia, de preferência, companheiros que se adaptam aos nossos rostos e palavras. Eles vão nos tornar hipersensíveis e irão nos levar ao mau hábito de não ser capaz de ouvir qualquer coisa contrária à nossa vontade, sendo úteis para dar intervalo e descanso ao nosso vício. Mesmo os intratáveis e indômitos por natureza aceitam quem os bajula: ninguém é áspera e agressivo numa carícia.

8. Quotiens disputatio longior et pugnacior erit, in prima resistamus, antequam robur accipiat: alit se ipsa contentio et demissos altius tenet; facilius est se a certamine abstinere quam abducere.

8. Toda vez que a disputa será muito longa e disputada, paramos nos estágios iniciais, antes que adquire a força: a disputa se alimenta de si mesma e caça a fundo quem cai. É mais fácil abster-se da luta que emergir.

**IX**

1. Studia quoque grauiora iracundis omittenda sunt aut certe citra lassitudinem exercenda, et animus non inter dura uersandus, sed artibus amoenis tradendus: lectio illum carminum obleniat et historia fabulis detineat; mollius delicatiusque tractetur.

**IX**

1. Os iracundos devem deixar de lado os estudos intensos, ou desenvolvê-los sem atingir o limite da fadiga, e a mente não deve desenvolver coisas maçantes, mas às artes amenas se dedicar: ler poemas traga calma e as narrativas históricas o distraia. É preciso ser tratado com moderação e delicadeza.

2. Pythagoras perturbationes animi lyra componebat; quis autem ignorat lituos et tubas concitamenta esse, sicut quosdam cantus blandimenta quibus mens resoluatur? Confusis oculis prosunt uirentia et quibusdam coloribus infirma acies adquiescit, quorundam splendore praestringitur: sic mentes aegras studia laeta permulcent.

2. Pitágoras[236] apaziguava as perturbações da alma tocando a lira. Quem não sabe que os clarins e trompetes são excitantes, e a música pode acalmar e dissipar nossa mente? Às vistas turvas a cor verde ajuda, noutras cores repousa e o brilho excessivo pode prejudicar. Assim, estudos suaves tranquilizam as mentes doentes.

3. Forum aduocationes iudicia fugere debemus et omnia quae exulcerant uitium, aeque cauere lassitudinem corporis; consumit enim quidquid in nobis mite placidumque est et acria concitat.

3. Devemos evitar o fórum, as defesas e os tribunais e de tudo que pode ulcerar ainda mais o nosso vício; evitar também o esgotamento físico porque nos consome toda a gentileza e tranquilidade e provoca a amargura.

[236] Como explicitado, Sêneca foi educado na escola pitagórica na adolescência.

4. Ideo quibus stomachus suspectus est, processuri ad res agendas maioris negotii bilem cibo temperant, quam maxime mouet fatigatio, siue quia calorem in media conpellit et nocet sanguini cursumque eius uenis laborantibus sistit, siue quia corpus attenuatum et infirmum incumbit animo; certe ob eandem causam iracundiores sunt ualetudine aut aetate fessi. Fames quoque et sitis ex isdem causis uitanda est: exasperat et incendit animos.

4. Portanto, aquele que sabe que não pode confiar em seu estômago, se for para se dedicar a compromissos com um certo empenho, adote uma dieta para moderar a bile, que é especialmente excitada pela fadiga, porque esta empurra o calor para o meio prejudicando a circulação do sangue nas veias fracas, seja porque o corpo, esgotado e enfraquecido pesa sobre a alma. Certamente esta é a razão porque são mais propensos a irascibilidade aqueles debilitados pela doença ou idade. Pelas mesmas razões, também se deve evitar a fome e a sede porque exacerbam e incendeiam a alma.

5. Vetus dictum est a lasso rixam quaeri; aeque autem et ab esuriente et a sitiente et ab omni homine quem aliqua res urit. Nam ut ulcera ad leuem tactum, deinde etiam ad suspicionem tactus condolescunt, ita animus adfectus minimis offenditur, adeo ut quosdam salutatio et epistula et oratio et interrogatio in litem euocent: numquam sine querella aegra tanguntur.

5. Há um velho provérbio que diz que a pessoa cansada procura rixa. O mesmo acontece com o faminto, com o sedento e com todo homemque que algo queima. De fato, como as feridas doem com um leve toque e até mesmo com a insinuação de um toque, do mesmo modo a alma ferida é ofendida pela menor coisa, a ponto de que existem aqueles que sentem provocados  com uma saudação, uma carta, um discurso, uma indagação e partem para a briga. Os doentes nunca deixam de reclamar ao toque.

**X**

1. Optimum est itaque ad primum mali sensum mederi sibi, tum uerbis quoque suis minimum libertatis dare et inhibere impetum.

X

1. A melhor coisa, portanto, é se medicar aos primeiros sintomas do mal, começando a dar o mínimo de liberdade às próprias palavras e conter o ímpeto.

2. Facile est autem adfectus suos, cum primum oriuntur, deprehendere: morborum signa praecurrunt. Quemadmodum tempestatis ac pluuiae ante ipsas notae ueniunt, ita irae amoris omniumque istarum procellarum animos uexantium sunt quaedam praenuntia.

2. É fácil interceptar as próprias paixões tão logo apareçam: os sinais das doenças se antecipam. Do mesmo modo que os presságios da tempestade e da chuva veem antes, assim há prenúncios da ira, do amor e das procelas que atormentam nossa alma.

3. Qui comitiali uitio solent corripi iam aduentare ualetudinem intellegunt, si calor summa deseruit et incertum lumen neruorumque trepidatio est, si memoria sublabitur caputque uersatur; solitis itaque remediis incipientem causam occupant, et odore gustuque quidquid est quod alienat animos repellitur, aut fomentis contra frigus rigoremque pugnatur; aut, si parum medicina profecit, uitauerunt turbam et sine teste ceciderunt.

3. Aqueles que são sujeitos a ataques epilépticos sentem a aproximação do mal quando o calor abandona as extremidades, a vista turva-se e os músculos tremem, a memória é espaça e a cabeça gira. Assim, evita-se a incipiente situação com os remédios habituais, e desse modo repelem o que pelo odor ou sabor, provoca a alma, ou ainda contrasta com o frio e com o enrijecimento; se mesmo assim o remédio não ajudou, retira-se para longe da multidão e se deixam debater.

4. Prodest morbum suum nosse et uires eius antequam spatientur opprimere. Videamus quid sit quod nos maxime concitet: alium uerborum, alium rerum contumeliae mouent; hic uult nobilitati, hic formae suae parci; hic elegantissimus haberi cupit, ille doctissimus; hic superbiae inpatiens est, hic contumaciae; ille seruos non putat dignos quibus irascatur, hic intra domum saeuus est, foris mitis; ille rogari iniuriam iudicat, hic non rogari contumeliam. Non omnes ab eadem parte feriuntur; scire itaque oportet quid in te inbecillum sit, ut id maxime protegas.

4. É benéfico conhecer sua própria doença e sufocar seus efeitos antes que se espalhem. Observemos o que é que nos incita: um por palavras, outro pelos fato. Este deseja que observe sua nobreza, este à sua beleza; este deseja ser considerado o mais refinado, aquele, o mais douto; este não suporta a soberba, aquele, a desobediência; este não considera digno irar-se com os escravos, este é feroz em casa e fora maleável; aquele julga uma injúria um chamado, este, se ofende se não receber. Nem todo mundo é ferido igualmente. Deve-se saber, então, qual é o seu ponto fraco, especialmente para protegê-lo ao máximo.

**XI**

1. Non expedit omnia uidere, omnia audire. Multae nos iniuriae transeant, ex quibus plerasque non accipit qui nescit. Non uis esse iracundus? Ne fueris curiosus. Qui inquirit quid in se dictum sit, qui malignos sermones etiam si secreto habiti sunt eruit, se ipse inquietat. Quaedam interpretatio eo perducit ut uideantur iniuriae; itaque alia differenda sunt, alia deridenda, alia donanda.

XI

1. Não convêm a tudo ver e ouvir. Muitas injúrias passem por nós, mas quem não as conhece, não as sente. Não queres ser iracundo? Não sejas curioso. Aquele que se informa de tudo que é dito contra si, quem desenterra conversas malévolas, mesmo em segredo, se inquieta. Alguma interpretação nos leva a considerar injúrias. Por isso, ser indiferente a algumas, de outras rir, de outras perdoar.

2. Circumscribenda multis modis ira est; pleraque in lusum iocumque uertantur. Socraten aiunt colapho percussum nihil amplius dixisse quam molestum esse quod nescirent homines quando cum galea prodire deberent.

2. A ira pode circunscrever-se de vários modos. Muitas podem ser revolvidas em sagacidade ou piada. Dizem que Sócrates, após um golpe na cabeça, não proferiu nada além de estar aborrecido por não saber quando era preciso sair com capacete.

3. Non quemadmodum facta sit iniuria refert, sed quemadmodum lata; nec uideo quare difficilis sit moderatio, cum sciam tyrannorum quoque tumida et fortuna et licentia ingenia familiarem sibi saeuitiam repressisse.

3. Não importa de que modo a injúria foi infligida, mas como suportada. Não vejo por que é difícil moderá.la, quando sei que o gênio soberbo dos tiranos, inflados pelo sua condição e dominância, foram capazes de suprimir sua crueldade habitual.

4. Pisistratum certe, Atheniensium tyrannum, memoriae proditur, cum multa in crudelitatem eius ebrius conuiua dixisset nec deessent qui uellent manus ei commodare et alius hinc alius illinc faces subderent, placido animo tulisse et hoc inritantibus respondisse, non magis illi se suscensere quam si quis obligatis oculis in se incucurrisset.

4. Pelo menos Pisístrato, tirano de Atenas, é o que dizem, após um conviva embriagado falar acerca de sua crueldade, não faltou quem desejasse oferecer apoio, deste lado, e do outro quem incentivasse. Ele, de ânimo plácido, tolerando, virou-se aos que o irritavam e respondeu que não se zangaria com aquele mais do que se, de olhos vendados, fosse de encontro a ele.

**XII**

1. Magna pars querellas manu fecit aut falsa suspicando aut leuia adgrauando. Saepe ad nos ira uenit, saepius nos ad illam. Quae numquam arcessenda est: etiam cum incidit, reiciatur.

XII

1. Grande parte produz situações para querelas por suspeitar de algo que não existe ou por dar valor ao que não tem importância. Muitas vezes a ira vem até nós; muito mais nós vamos a ela. No entanto, não devemos nunca chamá-la: mesmo quando a encontramos, devemos rejeitá-la.

2. Nemo dicit sibi, 'hoc propter quod irascor aut feci aut fecisse potui'; nemo animum facientis sed ipsum aestimat factum: atqui ille intuendus est, uoluerit an inciderit, coactus sit an deceptus, odium secutus sit an praemium, sibi morem gesserit an manum alteri commodauerit. Aliquid aetas peccantis facit, aliquid fortuna, ut ferre ac pati aut humanum sit aut utile.

2. Ninguém diz a si mesmo: “Isto que me deixa irado, eu mesmo fiz ou teria feito”. Ninguém avalia a intenção daquele que fez, mas a razão de tê-la feito. Mas, é justamente aquela que devemos considerar para saber se agiu deliberadamente ou acidentalmente, por coerção ou engano, se tomado pelo ódio, ou por vantagem, se foi de seu desejo ou se dispôs para outro. O erro é por causa da idade ou a condição de vida, sendo que tolerar e resignar é mais humano e útil.

3. Eo nos loco constituamus quo ille est cui irascimur: nunc facit nos iracundos iniqua nostri aestimatio et quae facere uellemus pati nolumus.

3. Coloquemo-nos na condição daquele que nos irritamos: agora, aquilo que nos faz iracundos é dado pelo julgamento sobre nós, porque aquilo que infligimos não queremos a nós.

4. Nemo se differt; atqui maximum remedium irae dilatio est,ut primus eius feruor relanguescat et caligo quae premit mentem aut residat aut minus densa sit. Quaedam ex his quae te praecipitem ferebant hora, non tantum dies molliet, quaedam ex toto euanescent; si nihil egerit petita aduocatio, apparebit iam iudicium esse, non iram. Quidquid uoles quale sit scire, tempori trade: nihil diligenter in fluctu cernitur.

4. Ninguém dá tempo a si. Ainda assim um adiamento é o maior remédio para a ira, porque permite que o primeiro fervor diminua ou aquela neblina que encerra a mente fique menos densa. Alguns desses impulsos que te arrastavam ao precipício, bastará uma hora, não digo um dia inteiro, para colocá-los sob controle; outras irão desaparecer completamente. Se o adiamento não obteve nenhum efeito, ficará claro que não é ira, mas reflexão. Quando quiseres conhecer a essência de alguma coisa, entrega-a ao tempo: não se pode discernir acerca de algo que flutua.

5. Non potuit inpetrare a se Plato tempus, cum seruo suo irasceretur, sed ponere illum statim tunicam et praebere scapulas uerberibus iussit, sua manu ipse caesurus; postquam intellexit irasci se, sicut sustulerat manum suspensam detinebat et stabat percussuro similis; interrogatus deinde ab amico qui forte interuenerat quid ageret, 'exigo' inquit 'poenas ab homine iracundo.'

5. Platão, irritado com seu escravo, não conseguiu impôr-se um adiamento; ordenou ao escravo para baixar a túnica e oferecer os ombros para o açoitar com a mão. Mas ao perceber que estava irado, ao ter levantado a mão, manteve-a levantada, na iminência de quem está prestes a bater. Perguntando, em seguida, um amigo recém chegado o que ele estava fazendo. Ele disse: “Punindo”, disse ele, “um homem iracundo”.

6. Velut stupens gestum illum saeuituri deformem sapienti uiro seruabat, oblitus iam serui, quia alium quem potius castigaret inuenerat. Itaque abstulit sibi in suos potestatem et ob peccatum quoddam commotior 'tu,' inquit 'Speusippe, seruulum istum uerberibus obiurga; nam ego irascor.'

6. Atordoado, manteve a atitude daquele que está prestes a ferir, impróprio para um homem sábio, sem se lembrar mais do escravo, porque tinha encontrado outro para castigar. Assim, retirou o poder sobre seus escravos, e muito comovido por causa daquela falta, disse: “Tu, Espeusipo, pune com açoite esta criança, eu estou irado”.

7. Ob hoc non cecidit propter quod alius cecidisset. 'Irascor' inquit; 'plus faciam quam oportet, libentius faciam: non sit iste seruus in eius potestate qui in sua non est.' Aliquis uult irato committi ultionem, cum Plato sibi ipse imperium abrogauerit? Nihil tibi liceat dum irasceris. Quare? quia uis omnia licere.

7. Não o bateu pelo mesmo motivo que teria levado outro a bater. “Estou irado”, disse, “eu farei mais que necessário, eu farei com prazer: este escravo não pode estar sob o poder daquele que não tem poder sobre si”. Alguém que queira confiar um castigo a um irado, quando Platão destituiu-se desse poder? Não te é lícito nada enquanto estiver irado. Por quê? Por que desejarás que tudo seja lícito.

## XIII

1. Pugna tecum ipse: si uis uincere iram, non potest te illa. Incipis uincere, si absconditur, si illi exitus non datur. Signa eius obruamus et illam quantum fieri potest occultam secretamque teneamus.

## XIII

1. Luta contigo: se desejas vencer a ira, ela não pode te vencer. O começo para vencê-la é ocultá-la, se não lhe der saída. Seus sinais sejam encobertos; o quanto se pode mantenha-a oculta, em segredo.

2. Cum magna id nostra molestia fiet cupit enim exilire et incendere oculos et mutare faciem, sed si eminere illi extra nos licuit, supra nos est. In imo pectoris secessu recondatur, feraturque, non ferat. Immo in contrarium omnia eius indicia flectamus: uultus remittatur, uox lenior sit, gradus lentior; paulatim cum exterioribus interiora formantur.

2. Com grande incômodo a nós será feito isso, uma vez que ela deseja saltar, reluzir os olhos e mudar a face. Mas, se permitirmos que ela saia, ficará sobre nós. Melhor escondê-la no mais profundo esconderijo do peito, e que obedeça, não ordene. Antes, voltemo-nos ao contrário todos os seus indícios: a face seja relaxada, a voz seja mais branda, o passo lento; o interior, aos poucos, transforma o exterior.

3. In Socrate irae signum erat uocem summittere, loqui parcius; apparebat tunc illum sibi obstare. Deprendebatur itaque a familiaribus et coarguebatur, nec erat illi exprobratio latitantis irae ingrata. Quidni gauderet quod iram suam multi intellegerent, nemo sentiret? Sensissent autem, nisi ius amicis obiurgandi se dedisset, sicut ipse sibi in amicos sumpserat.

3. Em Sócrates, era sinal de ira a voz baixa e falar pouco. É aparente, então, que ele contemporizava a si mesmo. Se os amigos iriam vê-lo e lhes dizia abertamente, não se importava com a censura da ira latente. Por que não deveria estar alegre quando muitos percebiam sua ira, mas ninguém a experimentasse? Haveriam experimentados se ele não houvesse concedido aos amigos o direito de repreendê-lo, como ele era em relação aos seus amigos.

4. Quanto magis hoc nobis faciendum est! Rogemus amicissimum quemque ut tunc maxime libertate aduersus nos utatur cum minime illam pati poterimus, nec adsentiatur irae nostrae; contra nos potens malum et apud nos gratiosum, dum consipimus, dum nostri sumus, aduocemus.

4. Quanto mais nós precisamos fazer isso! Peçamos a todos os mais íntimos que usem conosco a máxima liberdade, no momento cujo somos menos capazes de suportá-la, e de não aprovarem a nossa ira. Busquemos ajuda contra um mal poderoso, porquanto apreciamos e estamos ainda com senso, enquanto somos senhores de nós mesmos.

5. Qui uinum male ferunt et ebrietatis suae temeritatem ac petulantiam metuunt, mandant suis ut e conuiuio auferantur; intemperantiam in morbo suam experti parere ipsis in aduersa ualetudine uetant.

5. Aqueles que não suportam o vinho e temem a sua imprudência e insolência, ordenam seus amigos a levá-los para longe da festa. Quem sabe por experiência de sua intemperança em caso de doença, adverte para que não o obedeça durante a adversidade.

6. Optimum est notis uitiis inpedimenta prospicere et ante omnia ita componere animum ut etiam grauissimis rebus subitisque concussus iram aut non sentiat aut magnitudine inopinatae iniuriae exortam in altum retrahat nec dolorem suum profiteatur.

6. É excelente criar obstáculos para os vícios que sabemos e, antes de tudo, colocar a alma em condição que, mesmo tocada por fatos inesperados e graves, não possa sentir a ira, ou depois que surgiu pela gravidade de uma injúria inesperada, comprima no peito e não deixo externuar sua dor.

7. Id fieri posse apparebit, si pauca ex turba ingenti exempla protulero, ex quibus utrumque discere licet, quantum mali habeat ira ubi hominum praepotentium potestate tota utitur, quantum sibi imperare possit ubi metu maiore compressa est.

7. É evidente que isso é possível após eu apresentar alguns exemplos, dentre os muitos, pelos quais podemos aprender isto: o quão mal produz a ira se dispõem de todo o aparato de pessoas poderosas, e quanto ela consegue se impor, se for suprimida por um temor mais forte.

**XIV**

1. Cambysen regem nimis deditum uino Praexaspes unus ex carissimis monebat ut parcius biberet, turpem esse dicens ebrietatem in rege, quem omnium oculi auresque sequerentur. Ad haec ille 'ut scias' inquit 'quemadmodum numquam excidam mihi, adprobabo iam et oculos post uinum in officio esse et manus.'

XIV

1. O rei Cambises,[237] muito dedicado em vinho, foi advertido por Prexaspes, um de seus mais queridos, a beber menos, e fez observar que é vergonhoso a embriaguez em um rei, pois sempre era acompanhados pelos olhos e os ouvidos de todos. Ao ouvir isso, ele respondeu: "Para que saibas o quanto mantenho o controle de mim mesmo, te provarei que, depois que eu bebo, o olho e a mão estão aptos ao ofício".

2. Bibit deinde liberalius quam alias capacioribus scyphis et iam grauis ac uinolentus obiurgatoris sui filium procedere ultra limen iubet adleuataque super caput sinistra manu stare. Tunc intendit arcum et ipsum cor adulescentis id enim petere se dixerat figit rescissoque pectore haerens in ipso corde spiculum ostendit ac respiciens patrem interrogauit satisne certam haberet manum. At ille negauit Apollinem potuisse certius mittere.

2. Em seguida, bebeu em taças maiores mais do que de costume, e já cansado e vinolento, ele deu ordens para o filho do censor para cruzar o limiar e ficar bem posicionado, tendo a mão esquerda levantada acima da cabeça. Em seguida, ele esticou o arco e perfurou o coração do adolescente. Aberto-lhe o tórax, evidenciou a seta cravada no coração; virando-se para o pai perguntou-lhe se ele tinha a mão firme o suficiente. Ele respondeu que nem mesmo Apolo teria podido atirar tão preciso.

[237] Rei persa (529 e 521 a.C.)

3. Di illum male perdant animo magis quam condicione mancipium! eius rei laudator fuit cuius nimis erat spectatorem fuisse. Occasionem blanditiarum putauit pectus filii in duas partes diductum et cor sub uulnere palpitans: controuersiam illi facere de gloria debuit et reuocare iactum, ut regi liberet in ipso patre certiorem manum ostendere.

3. Os deuses arruinem aquele homem, um escravo mais por sua alma que por condição! Teceu elogio de uma ação que já foi muito ter testemunhado. Inventou motivo de bajulação o peito do filho aberto em duas partes e o coração palpitando pela ferida. Deveria contestar a glória do rei invocá-lo para a segunda lança, ele se alegraria em demostrar, agora no pai, sua mão certeira.

4. O regem cruentum! o dignum in quem omnium suorum arcus uerterentur! Cum execrati fuerimus illum conuiuia suppliciis funeribusque soluentem, tamen sceleratius telum illud laudatum est quam missum. Videbimus quomodo se pater gerere debuerit stans super cadauer fili sui caedemque illam cuius et testis fuerat et causa: id de quo nunc agitur apparet, iram supprimi posse.

4. Oh, rei sanguinário! Oh, digno de que apontasse contra ele todos os seus arcos! Mas uma vez execrado este homem, que concluía o banquete com torturas e mortes, é preciso dizer que o maior crime era de louvar aquela seta mais do que arremessá-la. Vejamos como deveria se comportar aquele pai, que estava junto ao cadáver de seu filho e testemunhou um assassinato do qual foi testemunha e causa. Tudo que falamos está provado: a ira pode ser suprimida.

5. Non male dixit regi, nullum emisit ne calamitosi quidem uerbum, cum aeque cor suum quam fili transfixum uideret. Potest dici merito deuorasse uerba; nam si quid tamquam iratus dixisset, nihil tamquam pater facere potuisset.

5. Não amaldiçoou o rei, nem mesmo proferiu uma palavra, quando sentiu transfixar o seu coração, como o do seu filho. Pode-se dizer que, certamente, devorou as palavras. Com efeito, se falasse como um irado, nada poderia ter feito.

6. Potest, inquam, uideri sapientius se in illo casu gessisse quam cum de potandi modo praeciperet ei quem satius erat uinum quam sanguinem bibere, cuius manus poculis occupari pax erat. Accessit itaque ad numerum eorum qui magnis cladibus ostenderunt quanti constarent regum amicis bona consilia.

6. Pode parecer, digo, que ele se comportou com mais senso nesta circunstância do que quando deu preceitos de moderação em beber a um homem que fazia menos mal quando bebia vinho, do que quando bebia sangue: se ele estava segurando o copo, havia paz. Ele, assim, foi adicionado ao número daqueles que, com a sua grande desgraça, demostrou como custa caro os bons conselhos para os amigos do rei.

**XV**

1. Non dubito quin Harpagus quoque tale aliquid regi suo Persarumque suaserit, quo offensus liberos illi epulandos adposuit et subinde quaesiit an placeret conditura; deinde, ut satis illum plenum malis suis uidit, adferri capita illorum iussit et quomodo esset acceptus interrogauit. Non defuerunt misero uerba, non os concurrit: 'apud regem' inquit 'omnis cena iucunda est.' Quid hac adulatione profecit? ne ad reliquias inuitaretur.

XV

1. Estou certo de que Hárpago deve ter dado esse conselho ao seu rei e ao dos persas, aquele, ofendido, banqueteou as carnes do filho e perguntou-lhe várias vezes se havia gostado dos pratos. Em seguida, quando se viu bastante satisfeito de seus males, trouxe a cabeça e pediu um julgamento sobre a sua hospitalidade. Àquele desgraçado, não faltou palavras: “À mesa do rei”, disse, “todo jantar é grandioso”.

2. Non ueto patrem damnare regis sui factum, non ueto quaerere dignam tam truci portento poenam, sed hoc interim colligo, posse etiam ex ingentibus malis nascentem iram abscondi et ad uerba contraria sibi cogi.

2. O que ganhou com essa adulação? Não ser convidado para comer o resto. Eu não quero proibir um pai para condenar a ação do seu rei, ele não quer tentar proibir um castigo digno de uma monstruosidade tão sombria, mas, no momento, faço esta conclusão: é possível ocultar também a ira causada por males sérios, e é possível forçá-la a proferir palavras contrárias.

3. Necessaria ista est doloris refrenatio, utique hoc sortitis uitae genus et ad regiam adhibitis mensam: sic estur apud illos, sic bibitur, sic respondetur; funeribus suis adridendum est. An tanti sit uita uidebimus: alia ista quaestio est. Non consolabimur tam triste ergastulum, non adhortabimur ferre imperia carnificum: ostendemus in omni seruitute apertam libertati uiam. Is aeger animo et suo uitio miser est, cui miserias finire secum licet.

3. É necessário conter a dor, especialmente naqueles que tiveram a sorte na vida daquele gênero e ser convidado à mesa do rei. Assim se come, bebe e conversa na casa do rei; é necessário sorrir diante de seus mortos. Se a vida é para ser paga por tão alto preço, esta é outra questão. Não só se consola uma prisão tão triste, não exortemos para aceitar a regra dos executores: mostremos um caminho de liberdade aberta a todos os escravos. Se a alma está doente e miserável, por causa de seu sofrimento, ela pode acabar consigo mesmo e com a sua dor.[238]

[238] Cf. Hypnos. Revista do Centro de Estudos da Antiguidade. N. 8. 2002.

4. Dicam et illi qui in regem incidit sagittis pectora amicorum petentem et illi cuius dominus liberorum uisceribus patres saturat: 'quid gemis, demens? Quid expectas ut te aut hostis aliquis per exitium gentis tuae uindicet aut rex a longinquo potens aduolet? quocumque respexeris, ibi malorum finis est. Vides illum praecipitem locum? illac ad libertatem descenditur. Vides illud mare, illud flumen, illum puteum? libertas illic in imo sedet. Vides illam arborem breuem retorridam infelicem? pendet inde libertas. Vides iugulum tuum, guttur tuum, cor tuum? effugia seruitutis sunt. Nimis tibi operosos exitus monstro et multum animi ac roboris exigentes? Quaeris quod sit ad libertatem iter? quaelibet in corpore tuo uena.'

4. Eu vou dizer para aquele que se depara com um rei que fez pontaria com as suas setas os peitos de seus amigos, seja aquele cujo mestre satisfaz os pais com as entranhas dos filhos: "Por que inquietas, louco? Por esperas que qualquer inimigo venha para libertar-lhes, destruindo o seu povo, ou que um rei poderoso retorne de terras distantes? Onde quer que você olhe, há o fim de seus males. Vê aquele precipício? A partir dele, tudo se resume em liberdade. Vê aquele mar, aquele rio, aquele poço? A liberdade está lá, no fundo. Vê aquela árvore, baixa, ressequida, infeliz? A liberdade está pendurada para isso. Vê o seu pescoço, sua garganta, seu coração? Há maneiras de escapar da escravidão. Eu vou te mostrar, talvez, demasiado trabalhosas as saídas que exigem muita coragem e força física? Perguntas qual é o caminho da liberdade? Qualquer veia do seu corpo. "

**XVI**

1. Quam diu quidem nihil tam intolerabile nobis uidetur ut nos expellat e uita, iram, in quocumque erimus statu, remoueamus. Perniciosa est seruientibus; omnis enim indignatio in tormentum suum proficit et imperia grauiora sentit quo contumacius patitur. Sic laqueos fera dum iactat adstringit; sic aues uiscum, dum trepidantes excutiunt, plumis omnibus inlinunt. Nullum tam artum est iugum quod non minus laedat ducentem quam repugnantem: unum est leuamentum malorum ingentium, pati et necessitatibus suis obsequi.

XVI

1. Mas, enquanto nada parece tão intolerável como fazer-nos rejeitar a vida, desviam a ira de qualquer condição que nos encontramos. É nociva para os escravos: a cada indignação torna-se uma tortura a si mesmo e as ordens resultam mais exigentes, quanto menor a resignação com que eles aceitaram. Desta forma, a besta aperta seus laços de afluência e de modo que os pássaros como se apressam para sacudir o visco, se você manchar todas as penas. Não há jugo tão apertado, que dói menos que aqueles que arcar com os rebeldes. Há apenas um remédio para os males graves: suportar e aceitar a sua necessidade.

2. Sed cum utilis sit seruientibus adfectuum suorum et huius praecipue rabidi atque effreni continentia, utilior est regibus: perierunt omnia ubi quantum ira suadet fortuna permittit, nec diu potest quae multorum malo exercetur potentia stare; periclitatur enim ubi eos qui separatim gemunt communis metus iunxit. Plerosque itaque modo singuli mactauerunt, modo uniuersi, cum illos conferre in unum iras publicus dolor coegisset.

2. Mas se deve conter os escravos de suas paixões, e acima de tudo essa, raivosa e desenfreada, ainda mais beneficiar o rei. Tudo está perdido quando a sorte torna possível tudo quanto sugere a ira, mas isso não pode durar muito tempo um poder que é exercido sobre o mal de muitos; vacila, na verdade, não apenas o medo comum reúne os que choram separadamente. Assim, alguns foram mortos por outros indivíduos, por uma multidão, quando o ressentimento geral os reuniu e totalizou em ira.

3. Atqui plerique sic iram quasi insigne regium exercuerunt, sicut Dareus, qui primus post ablatum mago imperium Persas et magnam partem orientis obtinuit. Nam cum bellum Scythis indixisset orientem cingentibus, rogatus ab Oeobazo nobili sene ut ex tribus liberis unum in solacium patri relinqueret, duorum opera uteretur, plus quam rogabatur pollicitus omnis se illi dixit remissurum et occisos in conspectu parentis abiecit, crudelis futurus si omnis abduxisset.

3. No entanto, a ira é mais praticada como se fosse uma marca da realeza, como Dario, o primeiro que retirou o poder de um Mago, tomando posse de grande parte da Pérsia e do Oriente. Depois de declarar guerra contra os citas, que cercavam o Oriente, instigou o nobre velho Ebazo a sair de casa, para o alívio de seu pai, um dos três filhos do serviço e a manter os outros dois. Ele prometeu mais do que o solicitado, o que lhe deu seria enviado a todos; em seguida, matou-os e jogou-os na frente do pai, para não cometer a crueldade de levar embora todos os três.

4. At quanto Xerses facilior! qui Pythio quinque filiorum patri unius uacationem petenti quem uellet eligere permisit, deinde quem elegerat in partes duas distractum ab utroque uiae latere posuit et hac uictima lustrauit exercitum. Habuit itaque quem debuit exitum: uictus et late longeque fusus ac stratam ubique ruinam suam cernens medius inter suorum cadauera incessit.

4. Porém, o mais submisso foi Xerxes! A Pizio, pai de cinco filhos, que lhe pediu a isenção para um, lhe permitiu escolher o que ele preferia. Então esquartejou em duas partes o escolhido, colocando os troncos de cada lado da estrada e, com aquela vítima lustral, purificou o exército. Ele teve o sucesso que merecia: derrotado e posto em fuga em comprimento e largura, vendo em todos os lugares espalhados pelo chão os restos de seu colapso, tinha que ir entre os cadáveres dos seus.

**XVII**

1. Haec barbaris regibus feritas in ira fuit, quos nulla eruditio, nullus litterarum cultus inbuerat: dabo tibi ex Aristotelis sinu regem Alexandrum, qui Clitum carissimum sibi et una educatum inter epulas transfodit manu quidem sua, parum adulantem et pigre ex Macedone ac libero in Persicam seruitutem transeuntem.

XVII

1. Esta foi a ferocidade que teve a ira dos reis bárbaros, não embebidos em instrução, nem cultura literária. Agora irei te apresentar Alexander, educado por Aristóteles nas humanidades. Perfurando sua própria mão em um banquete, Clito, que lhe era mui caro e que foi educado junto com ele, não o lisonjeava suficiente e se esforçava para transformar-se em macedônio e livre, quando na Pérsia, era acostumado à escravidão.

2. Nam Lysimachum aeque familiarem sibi leoni obiecit. Numquid ergo hic Lysimachus felicitate quadam dentibus leonis elapsus ob hoc, cum ipse regnaret, mitior fuit?

2. Ele jogou aos leões Lisímaco, que lhe era tão íntimo. O mesmo Lisímaco, por um feliz acaso, escapou aos dentes dos leões. Depois de se tornar rei, ele foi, talvez, por isso menos cruel?

3. Nam Telesphorum Rhodium amicum suum undique decurtatum, cum aures illi nasumque abscidisset, in cauea uelut nouum aliquod animal et inusitatum diu pauit, cum oris detruncati mutilatique deformitas humanam faciem perdidisset; accedebat fames et squalor et inluuies corporis in stercore suo destituti;

3. Ele manteve por muito tempo em uma gaiola Telésforo, seu amigo Ródio, como se fosse um animal exótico e desconhecido, severamente mutilado, cortando o nariz e as orelhas. Aquela face amputada, deformada e mutilada, tinha perdido o aspecto humano. E no mais, havia a fome, o abandono, a sujeira de um corpo deitado sobre os excrementos.

4. callosis super haec genibus manibusque, quas in usum pedum angustiae loci cogebant, lateribus uero adtritu exulceratis non minus foeda quam terribilis erat forma eius uisentibus, factusque poena sua monstrum misericordiam quoque amiserat. Tamen, cum dissimillimus esset homini qui illa patiebatur, dissimilior erat qui faciebat.

4. Uma vez que o calo se formou na altura dos joelhos e nas mãos, que deveriam ser usados como pés, para mover-se naquela gaiola estreita, tinha os quadris doloridos, por fúria do rastejamento. Quem o via, encontrava aspecto tão repugnante, tanto quanto assustador. Reduzido a um monstro por esee castigo, ele não poderia nem mesmo obter compaixão. No entanto, embora não para qualquer coisa parecida com um homem que sofria aquelas coisas, muito menos alguém que se parecia com aquele que fez.

**XVIII**

1. Vtinam ista saeuitia intra peregrina exempla mansisset nec in Romanos mores cum aliis aduenticiis uitiis etiam suppliciorum irarumque barbaria transisset! M. Mario, cui uicatim populus statuas posuerat, cui ture ac uino supplicabat, L. Sulla praefringi crura, erui oculos, amputari linguam manus iussit, et, quasi totiens occideret quotiens uulnerabat, paulatim et per singulos artus lacerauit.

XVIII

1. Quisera o céu que desta crueldade houvesse meros exemplos estrangeiros e não tivesse acontecido na sociedade romana, junto com outros vícios de fora, também essa barbárie da suplícios e vinganças! Um Marco Mario, a quem o povo havia erguido uma estátua em cada bairro e ofereciam preces com incenso e vinho, Lucio Silla fez quebrarem as pernas, arrancar os olhos, cortando-lhe a língua e as mãos, como se quisesse matá-lo tantas vezes quanto o feria. Ele fez esquartejar lentamente, membro por membro.

2. Quis erat huius imperii minister? quis nisi Catilina iam in omne facinus manus exercens? Is illum ante bustum Quinti Catuli carpebat grauissimus mitissimi uiri cineribus, supra quos uir mali exempli, popularis tamen et non tam inmerito quam nimis amatus, per stilicidia sanguinem dabat. Dignus erat Marius qui illa pateretur, Sulla qui iuberet, Catilina qui faceret, sed indigna res publica quae in corpus suum pariter et hostium et uindicum gladios reciperet.

2. O executor da ordem quem foi? Quem senão Catilina, que já treinava o braço para cada crime? Foi ele quem fez em pedaços na frente do túmulo de Quintus Catulus, profanando as cinzas de um homem tão suave, e fazendo pingar em cima, gota a gota o sangue de um homem que tinha sido um mau exemplo, mas caro para o povo, certamente amava muito, mas não sem mérito. Mario era digno daquela a punição, Silla de ordená-la, Catilina em executá-la, mas a república não merecia sofrer no corpo os golpes de espada daqueles homens, que antes eram seus inimigos e seus vingadores.

3. Quid antiqua perscrutor? modo C. Caesar Sex. Papinium, cui pater erat consularis, Betilienum Bassum quaestorem suum, procuratoris sui filium, aliosque et senatores et equites Romanos uno die flagellis cecidit, torsit, non quaestionis sed animi causa;

3. Mas por que vasculhar fatos antigos? Recentemente Gaius Caesar fez açoitar e torturar, e não por inquérito judicial, mas por malícia, Sexto Papinio, cujo pai tinha sido cônsul, Betilieno Basso, seu questor e o filho de seu advogado, outros senadores e cavaleiros romanos;

4. deinde adeo inpatiens fuit differendae uoluptatis, quam ingentem crudelitas eius sine dilatione poscebat, ut in xysto maternorum hortorum (qui porticum a ripa separat) inambulans quosdam ex illis cum matronis atque aliis senatoribus ad lucernam decollaret. Quid instabat? Quod periculum aut priuatum aut publicum una nox minabatur? Quantulum fuit lucem expectare denique, ne senatores populi Romani soleatus occideret!

4. E assim, foi incapaz de adiar grande prazer que sua crueldade imediatamente exigia que, enquanto caminhava na avenida dos jardins de sua mãe, que divide a varanda à beira do rio, ordenou decapitar alguns pela luz da lanterna, cercado pelas matronas e de outros senadores. O que era tão urgente? Que perigo, público ou privado representava, para executar em uma única noite? Quão pouco custo que, por fim, esperar pelo dia, não em ordenar com sandálias, a execução de senadores do povo romano!

**XIX**

1. Quam superba fuerit crudelitas eius ad rem pertinet scire, quamquam aberrare alicui possimus uideri et in deuium exire; sed hoc ipsum pars erit irae super solita saeuientis. Ceciderat flagellis senatores: ipse effecit ut dici posset 'solet fieri'. Torserat per omnia quae in rerum natura tristissima sunt, fidiculis talaribus, eculeo igne uultu suo.

XIX

1. É importante saber o quanto foi arrogante e cruel esse homem, embora possa parecer que eu discorde um pouco e saia a recobrir. No entanto, a coisa se insere no discurso sobre a ira que encrudesce de uma maneira incomum. Ele fez açoitar os senadores, significando que se poderia dizer, "Acontece!". Tinha infligido tortura com todos os instrumentos refinados que a natureza conhece: com cordas, armadilhas no tornozelo, tripé, fogo e com o seu rosto.

2. Et hoc loco respondebitur: 'magnam rem! si tres senatores quasi nequam mancipia inter uerbera et flammas diuisit homo qui de toto senatu trucidando cogitabat, qui optabat ut populus Romanus unam ceruicem haberet, ut scelera sua tot locis ac temporibus diducta in unum ictum et unum diem cogeret.' Quid tam inauditum quam nocturnum supplicium? Cum latrocinia tenebris abscondi soleant, animaduersiones quo notiores sunt plus in exemplum emendationemque proficiunt.

2. Neste ponto eu vou rebater: "É uma gravidade, na verdade, três senadores esquartejados como escravos rebeldes, proseguidamente dos espancamentos e fogos de um homem que pensou em matar a todo o senado, e que considerava que o povo romano tinha apenas uma única cabeça, para reassumir, de uma só vez e em um dia, os crimes que tinham espalhados em tantos lugares e épocas. O que é tão inaudito, quanto uma execução noturna? Os atos de banditismo se escondem na escuridão, mas o procedimento penal, quanto mais são conhecidos, tanto mais pode ser útil, como exemplo de correção.

3. Et hoc loco respondebitur mihi: 'quod tanto opere admiraris isti beluae cotidianum est; ad hoc uiuit, ad hoc uigilat, ad hoc lucubrat.' Nemo certe inuenietur alius qui imperauerit omnibus iis in quos animaduerti iubebat os inserta spongea includi, ne uocis emittendae haberent facultatem. Cui umquam morituro non est relictum qua gemeret? Timuit ne quam liberiorem uocem extremus dolor mitteret, ne quid quod nollet audiret; sciebat autem innumerabilia esse quae obicere illi nemo nisi periturus auderet.

3. Neste ponto eu vou dizer: "aquilo que tanto te surpreende é usual a esta fera que vive para isso, faz vigília para isso, pensa a noite para isso." Certamente você não vai encontrar um outro que foi condenado a calar todos aqueles contra os quais passaram, introduzindo uma esponja, a fim de evitar que emitisse som. Para qual condenado à morte foi negada a chance de lamentar? Ele temia que a dor extrema fizesse sair algumas palavras soltas, de ter que ouvir o que não queria. Ele sabia que eram incontáveis os crimes que poderiam ser afrontados apenas por um moribundo.

4. Cum spongeae non inuenirentur, scindi uestimenta miserorum et in os farciri pannos imperauit. Quae ista saeuitia est? Liceat ultimum spiritum trahere, da exiturae animae locum, liceat illam non per uulnus emittere.

4. Uma vez que as esponjas não são encontradas, faz-se rasgar as roupas do condenado e enchem a boca com trapos. Que crueldade é essa? Seja permitido exalar seu último suspiro, deixar sair a alma, não forçá-la a sair através da ferida!

5. Adicere his longum est quod patres quoque occisorum eadem nocte dimissis per domos centurionibus confecit, id est, homo misericors luctu liberauit. Non enim Gai saeuitiam sed irae propositum est describere, quae non tantum uiritim furit sed gentes totas lancinat, sed urbes et flumina et tuta ab omni sensu doloris conuerberat.

5. Centuriões enviados para as casas, também os pais dos condenados, que é como dizer que, por compaixão, dispensou-os do luto. Eu, no entanto, não sou proposto para descrever a crueldade de Gaio, mas aquela ira, a qual não só furiosa sobre os indivíduos, mas sobre nações inteiras perfazendo em pedaços e assolando as cidades, os rios e as coisas insensíveis à dor.

**XX**

1. Sic rex Persarum totius populi nares recidit in Syria, unde Rhinocolura loco nomen est. Pepercisse illum iudicas quod non tota capita praecidit? nouo genere poenae delectatus est.

XX

1. Um rei da Pérsia[239], de fato, fez cortar o nariz, na Síria, de todo um povo. A partir disso, o lugar tomou o nome de Rinocolura[240]. Você acha que isso foi indulgente, para não cortar a cabeça inteira? Ele gostava de uma punição sem precedentes.

[239] Horemheb. Último faraó da XVIII Dinastia do Egito.
[240] Estrabão, XVI, ii.

2. Tale aliquid passi forent et Aethiopes, qui ob longissimum uitae spatium Macrobioe appellantur; in hos enim, quia non supinis manibus exceperant seruitutem missisque legatis libera responsa dederant, quae contumeliosa reges uocant, Cambyses fremebat et non prouisis commeatibus, non exploratis itineribus, per inuia, per arentia trahebat omnem bello utilem turbam. Cui intra primum iter deerant necessaria, nec quicquam subministrabat sterilis et inculta humanoque ignota uestigio regio;

2. Um tipo de tortura é dito ter sofrido a população etíope que, devido à sua extraordinária longevidade, é chamada de Macróbia. Contra eles, de fato, Cambises ficou furioso porque eles não haviam aceitado a escravidão estendendo as mãos, palmas ao céu, e havia dado aos embaixadores enviados suas respostas francas que o rei as aceitou como injuriosas. Portanto, sem ter feito o abastecimento de alimentos e sem ter estudado a rota, arrastando atrás de toda a multidão dos seus homens armados, através de terreno inacessível e sem água. Desde o início da marcha, ele não tinha o necessário, e não poderia oferecer-lhe aquela terra estéril, inculta e nunca pisada por pé humano.

3. Sustinebant famem primo tenerrima frondium et cacumina arborum, tum coria igne mollita et quidquid necessitas cibum fecerat; postquam inter harenas radices quoque et herbae defecerant apparuitque inops etiam animalium solitudo, decimum quemque sortiti alimentum habuerunt fame saeuius.

3. No início, enganaram a fome comendo as folhas tenras e os brotos das árvores, depois fervendo a casca. Com a necessidade, tudo se transformou em alimento. Mas quando, em toda aquela areia, viram menos raízes e ervas e o deserto acabou desprovido de animais, sortearam um em cada dez homens para fazer uma comida mais horrível para a fome.

4. Agebat adhuc regem ira praecipitem, cum partem exercitus amisisset, partem comedisset, donec timuit ne et ipse uocaretur ad sortem: tum demum signum receptui dedit. Seruabantur interim generosae illi aues et instrumenta epularum camelis uehebantur, cum sortirentur milites eius quis male periret, quis peius uiueret.

4. A ira arrastava ao precipício o rei, que havia perdido uma parte do seu exército e a outra comido. No final, ele estava com medo de ser sorteado, e só então ordenou uma retirada. Enquanto isso, as aves foram mantidas e os camelos transportavam os utensílios de mesa, enquanto seus soldados sorteavam quem deveria morrer de forma miserável, e aqueles que viveriam uma vida ainda pior.

**XXI**

1. Hic iratus fuit genti et ignotae et inmeritae, sensurae tamen: Cyrus flumini. Nam cum Babylona oppugnaturus festinaret ad bellum, cuius maxima momenta in occasionibus sunt, Gynden late fusum amnem uado transire temptauit, quod uix tutum est etiam cum sensit aestatem et ad minimum deductus est.

XXI

1. Ele estava irado com um povo desconhecido e indigno, mas capaz de se ressentir; Ciro ficou irado com um rio. Ele queria sitiar Babilônia e estava com pressa para se preparar para a guerra, que ofereceu os maiores benefícios àqueles que aproveitam as oportunidades. Ele se esforçou para atravessar o rio Ginde cheio, uma ação deveras perigosa, mesmo quando o rio seca, devido à temporada de verão.

2. Ibi unus ex iis equis qui trahere regium currum albi solebant abreptus uehementer commouit regem; iurauit itaque se amnem illum regis comitatus auferentem eo redacturum ut transiri calcarique etiam a feminis posset.

2. Lá, ele foi atingido por um dos cavalos brancos que puxavam o carro real normalmente, e situação perturbou profundamente o rei. Jurou então que reduzia o rio, levando consigo o séquito, de tal forma que poderia ser atravessado a pé por mulheres.

3. Hoc deinde omnem transtulit belli apparatum et tam diu adsedit operi donec centum et octoginta cuniculis diuisum alueum in trecentos et sexaginta riuos dispergeret et siccum relinqueret in diuersum fluentibus aquis.

3. Ele mudou então todo o aparato bélico para outro tipo de trabalho, até que tivesse subdividido o leito do rio em 180 dutos de água dispersos em 360 córregos, obtendo assim a drenagem da água em diferentes direções.

4. Periit itaque et tempus, magna in magnis rebus iactura, et militum ardor, quem inutilis labor fregit, et occasio adgrediendi inparatos, dum ille bellum indictum hosti cum flumine gerit.

4. Assim perdeu tempo, graves danos em grandes ações, o entusiasmo dos soldados que foram esgotados pelo trabalho inútil, e a oportunidade de atacar um inimigo desprevenido, porque o rei estava lutando uma guerra contra um rio que ele havia declarado inimigo.

5. Hic furor (quid enim aliud uoces?) Romanos quoque contigit. C. enim Caesar uillam in Herculanensi pulcherrimam, quia mater sua aliquando in illa custodita erat, diruit fecitque eius per hoc notabilem fortunam; stantem enim praenauigabamus, nunc causa dirutae quaeritur.

5. Uma loucura igual (com que outro nome poderei chamar?) infectou também os romanos. Gaio Cesar fez destruir uma bela casa perto de Herculano, porque sua mãe, no passado, havia sido mantida em cativeiro. Mas, com isso, ele deu a ela a felicidade de ser lembrada: quando estava de pé, passamos diante pelo mar e seguíamos. Agora, se pergunta por que foi demolida.

**XXII**

1. Et haec cogitanda sunt exempla quae uites, et illa ex contrario quae sequaris, moderata, lenia, quibus nec ad irascendum causa defuit nec ad ulciscendum potestas.

XXII

1. Estes são exemplos para meditar, para evitá-los, mas há outros que, pelo contrário, são para seguir, tais como exemplos de moderação e suavidade, os quais não faltam nem os motivos para se irritar, nem a possibilidade de vingança.

2. Quid enim facilius fuit Antigono quam duos manipulares duci iubere, qui incumbentes regis tabernaculo faciebant quod homines et periculosissime et libentissime faciunt, de rege suo male existimabant? Audierat omnia Antigonus, utpote cum inter dicentes et audientem palla interesset; quam ille leuiter commouit et 'longius' inquit 'discedite, ne uos rex audiat.'

2. O que teria sido mais fácil para Antígono, que enviar à forca dois militares que, apoiando-se na tenda do rei, fazendo a coisa que a maioria dos homens fazem com perigo e prazer, isto é, falando mal de seu soberano? Antígono tinha ouvido tudo, visto que, entre os falantes e o ouvinte, havia apenas metade de um pano. Ele simplesmente levantou e disse: "Afastem-se, que o rei não quer ouvi-los."

3. Idem quadam nocte, cum quosdam ex militibus suis exaudisset omnia mala inprecantis regi, qui ipsos in illud iter et inextricabile lutum deduxisset, accessit ad eos qui maxime laborabant et cum ignorantis a quo adiuuarentur explicuisset, 'nunc' inquit 'male dicite Antigono, cuius uitio in has miserias incidistis; ei autem bene optate qui uos ex hac uoragine eduxit.'

3. O mesmo, uma noite, depois de ouvir alguns de seus soldados amaldiçoando de todo modo contra o rei, que os levou a marchar no pântano sem saída, aproximou-se do grupo em maior dificuldade e, depois de os liberar (embora eles não sabiam quem os ajudava) lhes disse: "Agora, falem mal de Antígono, que cometeu o erro de conduzi-los a confusão, mas alegrai-vos também do bem, porque os retirou desse turbilhão."

4. Idem tam miti animo hostium suorum male dicta quam ciuium tulit. Itaque cum in paruulo quodam castello Graeci obsiderentur et fiducia loci contemnentes hostem multa in deformitatem Antigoni iocarentur et nunc staturam humilem, nunc conlisum nasum deriderent, 'gaudeo' inquit 'et aliquid boni spero, si in castris Silenum habeo.'

4. Ele foi capaz de suportar os insultos, com igual suavidade, dos inimigos e dos concidadãos. Uma vez que estava sitiando os gregos, em um pequeno forte, e aqueles que, confiando no lugar, desprezando o inimigo e escarnecendo a feiura de Antígono, agora rindo de sua baixa estatura, ora do nariz achatado. "Estou muito feliz", disse ele " e eu tenho boas notícias, pois eu tenho Sileno no meu acampamento".

5. Cum hos dicaces fame domuisset, captis sic usus est ut eos qui militiae utiles erant in cohortes discriberet, ceteros praeconi subiceret, idque se negauit facturum fuisse, nisi expediret iis dominum habere qui tam malam haberent linguam.

5. Forçado a se render pela fome, esses impertinentes, tratou assim os prisioneiros: aqueles que estavam aptos para o serviço militar, distribuiu-os em vários grupos, os outros vendeu em leilão. Assim, ele não fez, o que era apropriado, se aquelas fofocas não tivesse um mestre.

**XXIII**

1. Huius nepos fuit Alexander, qui lanceam in conuiuas suos torquebat, qui ex duobus amicis quos paulo ante rettuli alterum ferae obiecit, alterum sibi. Ex his duobus tamen qui leoni obiectus est uixit.

XXIII

1. Seu neto foi Alexandre, aquele que atirou a lança contra seus convidados, e que, os dois amigos que eu mencionei acima, um exposto como uma besta selvagem e o outro para si mesmo. Dos dois, no entanto, sobreviveu aquele que tinha sido atirado ao leão.

2. Non habuit hoc auitum ille uitium, ne paternum quidem; nam si qua alia in Philippo uirtus, fuit et contumeliarum patientia, ingens instrumentum ad tutelam regni. Demochares ad illum Parrhesiastes ob nimiam et procacem linguam appellatus inter alios Atheniensium legatos uenerat. Audita benigne legatione Philippus 'dicite' inquit 'mihi facere quid possim quod sit Atheniensibus gratum.' Excepit Demochares et 'te' inquit 'suspendere.'

2. Ele não tinha herdado de seu avô aquele defeito, tampouco mesmo do seu pai; se não houvesse outras virtudes em Filipe, como também a resistência às injúrias, grande subsídio para permanecer no trono. Ele tinha chegado a ele, entre outros embaixadores de Atenas, a Democare que, por causa de sua linguagem excessiva e provocante, foi chamado Parresiaste. Filipe ouviu os embaixadores gentilmente e respondeu: "Digam-me o que posso fazer em favor dos atenienses". Democare o interrompeu com um "enforcar!".

3. Indignatio circumstantium ad tam inhumanum responsum exorta erat; quos Philippus conticiscere iussit et Thersitam illum saluum incolumemque dimittere. 'At uos' inquit 'ceteri legati, nuntiate Atheniensibus multo superbiores esse qui ista dicunt quam qui inpune dicta audiunt'.

3. Os presentes foram desdenhados com uma resposta tão rude, mas Filipe o fez ficar quieto e deixar que os Tersites fossem embora sãos e salvos. “Mas vós abristes outra embaixada", disse ele, “referindo-se aos atenienses, que são muito mais fortes que aqueles que dizem essas coisas, aqueles que dizem que impunemente”.

4. Multa et diuus Augustus digna memoria fecit dixitque ex quibus appareat iram illi non imperasse. Timagenes historiarum scriptor quaedam in ipsum, quaedam in uxorem eius et in totam domum dixerat, nec perdiderat dicta; magis enim circumfertur et in ore hominum est temeraria urbanitas.

4. Também o divino Augustus é digno de lembrança por ter falado e agido, muitas vezes, a fim de dar provas de não ser dominado pela ira. Os históricos Timágenes haviam falando um pouco mal dele, um pouco de sua esposa e de toda a casa, e não haviam falado com o vento. Os gracejos mais ousadas, de fato, circulam e acabam na boca de todos.

5. Saepe illum Caesar monuit, moderatius lingua uteretur; perseueranti domo sua interdixit. Postea Timagenes in contubernio Pollionis Asini consenuit ac tota ciuitate direptus est: nullum illi limen praeclusa Caesaris domus abstulit.

5. O imperador, muitas vezes, os avisou para moderar a língua. Mas não se corrigiam, excluí-os de sua casa. Em seguida, Timágenes envelheceu na casa de Asínio Pollione, e toda a cidade o disputava. A exclusão da casa imperial não fechou nenhuma outra porta.

6. Historias quas postea scripserat recitauit [et combussit] et libros acta Caesaris Augusti continentis in ignem inposuit; inimicitias gessit cum Caesare: nemo amicitiam eius extimuit, nemo quasi fulguritum refugit, fuit qui praeberet tam alte cadenti sinum.

6. Ele foi capaz de ler publicamente as obras históricas que compôs, resultando em jogar no fogo seus livros que continham as façanhas de César Augusto. Ele teve a capacidade em fazer atos hostis abertamente ao imperador. Ninguém estava com medo de tê-lo como amigo, ninguém escapou como se tivesse sido atingido por um raio, e haviam aqueles que ofereciam hospitalidade a um homem que caiu de certa altura.

7. Tulit hoc, ut dixi, Caesar patienter, ne eo quidem motus quod laudibus suis rebusque gestis manus attulerat; numquam cum hospite inimici sui questus est.

7. Como eu disse, o imperador suportou com paciência a não levá-lo à prisão, porque ele ainda não havia destruído os escritos elogiosos de suas façanhas. Nunca reclamou àquele que abrigava seu inimigo.

8. Hoc dumtaxat Pollioni Asinio dixit, ' theriotropheis'; paranti deinde excusationem obstitit et 'fruere,' inquit 'mi Pollio, fruere!' et cum Pollio diceret 'si iubes, Caesar, statim illi domo mea interdicam', 'hoc me' inquit 'putas facturum, cum ego uos in gratiam reduxerim?' Fuerat enim aliquando Timageni Pollio iratus nec ullam aliam habuerat causam desinendi quam quod Caesar coeperat.

8. Para Asínio Pollione, disse apenas isto: "Alimentas um monstro". Enquanto isso, traçava uma desculpa, não deixando-o falar, e acrescentou: "Aproveite-o, caro Pollione, divirta-se!". Ao que Pollione disse-lhe: "Se lhe agrada, oh César, o mandarei para fora de minha casa". Ao que ele respondeu: "Você pode fazer isso depois de ter reconciliado?". Pollione, de fato, tinha ressentimentos contra Timágenes, e não tinha qualquer outro motivo para romper, mesmo que o imperador começasse a ressentir-se.

**XXIV**

1. Dicat itaque sibi quisque, quotiens lacessitur: 'numquid potentior sum Philippo? illi tamen inpune male dictum est. Numquid in domo mea plus possum quam toto orbe terrarum diuus Augustus potuit? ille tamen contentus fuit a conuiciatore suo secedere.'

XXIV

1. Diga-me, então, qualquer um, quando se sente provocado: "São, talvez, mais fortes do que Filippo? É se deixar ser ofendido impunemente. Eu tenho mais poder, uma vez que só comando a minha casa, do que tinha o divino Augusto em todo o mundo? No entanto, ele se contentou em ser separado do homem que o insultava.

2. Quid est quare ego serui mei clarius responsum et contumaciorem uultum et non peruenientem usque ad me murmurationem flagellis et compedibus expiem? Quis sum, cuius aures laedi nefas sit? Ignouerunt multi hostibus: ego non ignoscam pigris neglegentibus garrulis?

2. Que motivo eu tenho para castigar com chicote e correntes a um meu escravo por uma resposta não muito clara, por um rosto em nada condescendente, um murmúrio que não chega a me provocar? Quem sou eu para que seja um sacrilégio me machucar na orelha? Muitos têm perdoado seus inimigos: eu não sei perdoar os preguiçosos, os desatentos, aos charlatães"?.

3. Puerum aetas excuset, feminam sexus, extraneum libertas, domesticum familiaritas. Nunc primum offendit: cogitemus quam diu placuerit; saepe et alias offendit: feramus quod diu tulimus. Amicus est: fecit quod noluit; inimicus: fecit quod debuit.

3. A criança seja desculpada pela idade, a mulher pelo gênero, ao estrangeiro porque é livre, à pessoa de casa porque é da família. É pela primeira vez que este nos ofende: repensemos as vezes que este foi simpático; nos tem ofendido novamente; suportemos como das outras vezes. É um amigo nosso: o fez sem querer; é nosso inimigo: fez o seu dever.

4. Prudentiori credamus, stultiori remittamus; pro quocumque illud nobis respondeamus, sapientissimos quoque uiros multa delinquere, neminem esse tam circumspectum cuius non diligentia aliquando sibi ipsa excidat, neminem tam maturum cuius non grauitatem in aliquod feruidius factum casus inpingat, neminem tam timidum offensarum qui non in illas dum uitat incidat.

4. Aos mais sábios damos reputação, aos mais tolos perdoamos os erros; com qualquer um, repetimos a nós que mesmo os homens mais sábios cometem muitos erros, e que ninguém é tão cauteloso para nunca deixar de ver a sua própria diligência, ninguém é tão pensativo que a sua ponderação não incorra em ações sempre muito inflamadas aleatoriamente, ninguém é tão cuidadoso para não ofender, não ser ofendido, assim como tentar evitar.

## XXV

1. Quomodo homini pusillo solacium in malis fuit etiam magnorum uirorum titubare fortunam et aequiore animo filium in angulo fleuit qui uidit acerba funera etiam ex regia duci, sic animo aequiore fert ab aliquo laedi, ab aliquo contemni, cuicumque uenit in mentem nullam esse tantam potentiam in quam non occurrat iniuria.

XXV

1. Como para um homem nada é confortante no infortúnio, o pensar que é instável também a sorte dos grandes, e no seu lugar, chorando com mais resignação a morte de um filho que vê a saída dos funerais das crianças também palácio do rei, assim suporta com maior serenidade para ser talvez ofendido, às vezes desprezado. Aquele que pensa tão grande que a ofensa não se atreveria a atacá-lo.

2. Quod si etiam prudentissimi peccant, cuius non error bonam causam habet? Respiciamus quotiens adulescentia nostra in officio parum diligens fuerit, in sermone parum modesta, in uino parum temperans. Si iratus est, demus illi spatium quo dispicere quid fecerit possit: ipse se castigabit. Denique debeat poenas: non est quod cum illo paria faciamus.

2. Se os mais prudentes também erram, há quem tenha errado sem ter a sua boa desculpa? Lembremo-nos de quantas vezes, quando adolescentes, temos sido negligentes no dever, não medindo as palavras e bem pouco parcimonioso no beber. Se alguém está irado, vamos dar-lhe tempo para perceber o que tem feito: tornar-se-á seu próprio punidor. Suponhamos que seja passível de uma punição: não é o momento de colocar as contas em dia com ele.

3. Illud non ueniet in dubium, quin se exemerit turbae et altius steterit quisquis despexit lacessentis: proprium est magnitudinis uerae non sentire percussum. Sic immanis fera ad latratum canum lenta respexit, sic inritus ingenti scopulo fluctus adsultat. Qui non irascitur, inconcussus iniuria perstitit, qui irascitur, motus est.

3. Não será posto em dúvida que seja subtraído do comportamento da massa e que seja elevado um pouco mais, aquele que não foi capaz de ter em conta seus agressores. É característica da verdadeira grandeza não sentir o golpe. Assim, uma besta gigante tarda a voltar ao ouvir o latido dos cães; assim a inundação é em vão contra uma grande rocha. Aquele que não está irado permanece imóvel diante ao insulto; quem está irado, se ressente.

4. At ille quem modo altiorem omni incommodo posui tenet amplexu quodam summum bonum, nec homini tantum sed ipsi fortunae respondet: 'omnia licet facias, minor es quam ut serenitatem meam obducas. Vetat hoc ratio, cui uitam regendam dedi. Plus mihi nocitura est ira quam iniuria. Quidni plus? illius modus certus est, ista quo usque me latura sit dubium est.'

4. Mas o que eu apenas expus sobre cada incidente, tem, por assim dizer, entre os braços, o sumo bem, e corresponde, não apenas para os homens, mas também para o destino. Faça aquilo que desejas: és muito insignificante para ser capaz de ofuscar minha serenidade. Impede-me a razão, a quem confio o governo de minha vida. A ira me faz mais mal do que a injúria, e sabes o por quê: a injúria tem uma medida precisa, a ira não sabe nunca até onde posso leva-la.

**XXVI**

1. 'Non possum' inquis 'pati; graue est iniuriam sustinere.' Mentiris; quis enim iniuriam non potest ferre qui potest iram? Adice nunc quod id agis ut et iram feras et iniuriam. Quare fers aegri rabiem et phrenetici uerba, puerorum proteruas manus? nempe quia uidentur nescire quid faciant. Quid interest quo quisque uitio fiat inprudens? inprudentia par in omnibus patrocinium est.

XVI

1. "Mas eu não posso suportar", diz-me "é difícil tolerar uma injúria". Mentes: aquele que não pode suportar a injuria, pode suportar a ira? Acrescente a isso que, o objetivo deste exercício é chegar a suportar a injúria ou a ira. Porque és compassivo com à ira do doente, com as palavras do delirante, com as mãos insolentes das crianças? Certamente, porque é claro que eles não sabem o que fazem. Para que serve a distinção de qual vício é inconsciente? A inconsciência é desculpa igualmente válidas para todos.

2. 'Quid ergo?' inquis 'inpune illi erit?' Puta uelle te, tamen non erit; maxima est enim factae iniuriae poena fecisse, nec quisquam grauius adficitur quam qui ad supplicium paenitentiae traditur.

2. "Mas então", diz-me "passará suave?". Mesmo se quisesses, não iria acontecer. A maior punição da injuria feita é a consciência de tê-la feito e não sofrer nenhuma punição mais severa do que a que é entregue ao tormento do remorso.

3. Deinde ad condicionem rerum humanarum respiciendum est, ut omnium accidentium aequi iudices simus; iniquus autem est qui commune uitium singulis obiecit. Non est Aethiopis inter suos insignitus color, nec rufus crinis et coactus in nodum apud Germanos uirum dedecet: nihil in uno iudicabis notabile aut foedum quod genti suae publicum est. Et ista quae rettuli unius regionis atque anguli consuetudo defendit: uide nunc quanto in iis iustior uenia sit quae per totum genus humanum uulgata sunt.

3. Em segundo lugar, deve-se ter em conta a situação comum a todos os assuntos humanos, para ter juízos claros de tudo o que acontece. É injusto alegar para um indivíduo os vícios de todos. Um etíope, em meio aos seus, não se diferencia pela cor de sua pele; e entre os alemães, os cabelos loiros e atados, não desculpam-se a um homem. Não julgarás digno de nota ou vergonhosa, em um indivíduo, uma coisa que é de uso comum do seu povo. E esses exemplos que eu mencionei, são defendidos pelos costumes de uma região, de um canto do mundo; olha agora como é mais indulgente perdoar esses defeitos que são comuns em todo o gênero humano.

4. Omnes inconsulti et inprouidi sumus, omnes incerti queruli ambitiosi -- quid lenioribus uerbis ulcus publicum abscondo? -- omnes mali sumus. Quidquid itaque in alio reprenditur, id unusquisque in sinu suo inueniet. Quid illius pallorem, illius maciem notas? pestilentia est. Placidiores itaque inuicem simus: mali inter malos uiuimus. Vna nos res facere quietos potest, mutuae facilitatis conuentio.

4. Estamos todos equivocados e ingênuos, todos indecisos, irritantes, ambiciosos (por que esconder atrás de eufemismos uma público praga pública?). Somos de todo ruim. Tudo que é possível censurar no outro, cada um encontrará em seu alforje. Por que apontas com o dedo a palidez ou a magreza deste ou daquele? Somos todos pestilentos! Por isso, tentamos ser compreendidos entre nós. Somos prisioneiros que vivem em meio aos prisioneiros. Apenas uma coisa que pode conceder a paz: o acordo de mútua condescendência.

5. 'Ille iam mihi nocuit, ego illi nondum.' Sed iam aliquem fortasse laesisti, sed laedes. Noli aestimare hanc horam aut hunc diem, totum inspice mentis tuae habitum: etiam si nihil mali fecisti, potes facere.

5. "Mas aquele já me prejudicou, e eu não o fiz nada." Mas qualquer outro, você talvez já insultou ou ofendeu. Não coloque na balança este momento, ou este dia. Observe o seu comportamento habitual; mesmo que você não tenha feito nada de errado, pode muito bem fazê-lo.

**XXVII**

1. Quanto satius est sanare iniuriam quam ulcisci! Multum temporis ultio absumit, multis se iniuriis obicit dum una dolet; diutius irascimur omnes quam laedimur. Quanto melius est abire in diuersum nec uitia uitiis opponere! Numquis satis constare sibi uideatur, si mulam calcibus repetat et canem morsu?

XVII

1. É melhor perdoar do que vingar uma injúria! A vingança consome muito tempo e está exposta a muitos insultos, enquanto se queixa sobre isso. Nossa ira dura mais do que a nossa ferida. É melhor tomar uma direção diferente e não contrapor vício ao vício. Você parece com aquele que devolve os coices de uma mula ou as mordidas de um cão? “Mas esses seres”, diz-me “não sabem ofender”.

2. 'Ista' inquis 'peccare se nesciunt.' Primum quam iniquus est apud quem hominem esse ad inpetrandam ueniam nocet! Deinde, si cetera animalia hoc irae tuae subducit quod consilio carent, eodem loco tibi sit quisquis consilio caret; quid enim refert an alia mutis dissimilia habeat, si hoc quod in omni peccato muta defendit simile habet, caliginem mentis?

2. Em primeiro lugar, o quão injusto é o homem que cria obstáculos ao perdão! Pois, se todos os outros animais são isentos de tua ira, porque inconsciente, age da mesma forma, qualquer pessoa agindo com pouca consciência. O que importa, de fato, que seja diferente dos outros animais em outros aspectos, assemelhando-se no que faz os animais irresponsáveis por qualquer erro, ou seja, ter a alma obscurecida?

3. Peccauit: hoc enim primum? hoc enim extremum? Non est quod illi credas, etiam si dixerit 'iterum non faciam': et iste peccabit et in istum alius et tota uita inter errores uolutabitur. Mansuete inmansueta tractanda sunt.

3. Ele errou. É a primeira vez? É mais recente? Você não tem motivo para acreditar nele, embora ele diga: “Não farei isso novamente”; ele errará de novo e outros errarão com a sua injúria, e toda a sua vida percorrerá entre os erros. Quem não é bom, deve ser tratado com gentileza.

4. Quod in luctu dici solet efficacissime, et in ira dicetur: utrum aliquando desines an numquam? Si aliquando, quanto satius est iram relinquere quam ab ira relinqui! An semper haec agitatio permanebit? Vides quam inpacatam tibi denunties uitam? qualis enim erit semper tumentis?

4. A única coisa que eles dizem para si mesmos, e com excelentes resultados, com muita dor, também pode ser dita na ira: "Você vai acabar em um momento ou em outro, ou nunca." Se deve parar, quando é mais conveniente abandonar a ira, que ser abandonado! Ou deve durar para sempre aquela agitação? Vês que vida sem perspectiva de paz? E como será a vida de um homem sempre pleno de raiva?

5. Adice nunc quod, cum bene te ipse succenderis et subinde causas quibus stimuleris renouaueris, sua sponte ira discedet et uires illi dies subtrahet: quanto satius est a te illam uinci quam a se!

5. Adicione que, uma vez que estavas bem agitado, e encontrou novos motivos de mágoas, a ira vai-se embora por si só, porque o tempo subtrairá suas forças. Seria melhor se ela fosse derrotada por ti e não por ela mesma!

## XXVIII

1. Huic irasceris, deinde illi; seruis, deinde libertis; parentibus, deinde liberis; notis, deinde ignotis: ubique enim causae supersunt nisi deprecator animus accessit. Hinc te illo furor rapiet, illinc alio, et nouis subinde inritamentis orientibus continuabitur rabies: age, infelix, ecquando amabis? O quam bonum tempus in re mala perdis!

## XXVIII

1. Primeiramente te irritas com um, depois com outro; primeiro com os escravos, depois com os libertos; com os pais, depois com os filhos; com as pessoas que você conhece, depois com as desconhecidas: há motivos em todos os lugares e em abundância, se a alma não se impõem em desconjuro. O furor arrasta-te desta direção para outra, depois daquela para outra, e ainda assim, com o aumento gradual de novas provocações, a ira será contínua. Vamos lá, oh infeliz, verás por ti mesmo a hora de amar? Quanto tempo perdes em uma má ocupação!

2. Quanto nunc erat satius amicos parare, inimicos mitigare, rem publicam administrare, transferre in res domesticas operam, quam circumspicere quid alicui facere possis mali, quod aut dignitati eius aut patrimonio aut corpori uulnus infligas, cum id tibi contingere sine certamine ac periculo non possit, etiam si cum inferiore concurses!

2. Como teria sido melhor, então, procurar os amigos, reconciliar-se com os inimigos, administrar o Estado, dedicar a tua atividade aos afazeres domésticos, ao invés de olhar ao redor como poderia machucar alguém, como ferí-lo no prestígio, nos bens, no corpo, coisas que não se pode obter sem desavença e sem perigo, mesmo que brigasses com quem pouco te tem importância!

3. Vinctum licet accipias et ad arbitrium tuum omni patientiae expositum: saepe nimia uis caedentis aut articulum loco mouit aut neruum in iis quos fregerat dentibus fixit; multos iracundia mancos, multos debiles fecit, etiam ubi patientem est nancta materiam. Adice nunc quod nihil tam inbecille natum est ut sine elidentis periculo pereat: inbecillos ualentissimis alias dolor, alias casus exaequat.

3. Também se te retornasse em cadeias e exposto a sofrer tudo pela tua vontade, a batida muito forte pode produzir o deslocamento de um membro ou laceração de um nervo, preso nos dentes que quebraram; a ira fez mutilar muitos, outros invalidar, mesmo quando encontrou uma matéria passiva. E acrescentar que nada nasce tão fraca a ponto de ser capaz de morrer sem perigo àqueles que esmaga. Às vezes a dor, às vezes o caso, coloca o fraco em pé de igualdade com o mais robustos.

4. Quid quod pleraque eorum propter quae irascimur offendunt nos magis quam laedunt? Multum autem interest utrum aliquis uoluntati meae obstet an desit, eripiat an non det. Atqui in aequo ponimus utrum aliquis auferat an neget, utrum spem nostram praecidat an differat, utrum contra nos faciat an pro se, amore alterius an odio nostri.

4. E o que dizer do fato que as ações que provocam a nossa ira são na maior parte das ofensas, não das feridas? É muito diferente que um se oponha à minha vontade ou não corresponda, que me roube ou não me dê. Mas nós nos colocamos no mesmo nível daqueles que nos roubam e que não nos dá, que esmaga os nossos projetos e daqueles que impedem, que atuam contra nós a seu favor, para o bem de outrem ou ódio em relação a nós.

5. Quidam uero non tantum iustas causas standi contra nos sed etiam honestas habent: alius patrem tuetur, alius fratrem, alius patriam, alius amicum; his tamen non ignoscimus id facientibus quod nisi facerent inprobaremus, immo, quod est incredibile, saepe de facto bene existimamus, de faciente male.

5. Alguns, então, não só têm senso de justiça, mas também de honra para opor-se contra nós; um defende o pai, um outro o irmão, um a pátria, outro um amigo, e ainda não o sabemos perdoar, se temos o que deveríamos censurar por sua omissão. De fato, não é incrível, pois, frequentemente, julgamos bem a ação e mal a pessoa.

6. At mehercules uir magnus ac iustus fortissimum quemque ex hostibus suis et pro libertate ac salute patriae pertinacissimum suspicit et talem sibi ciuem, talem militem contingere optat.

6. Mas, por Hércules, o homem grandioso e justo apenas admira todos seus inimigos que são partidários obstinados da liberdade e da salvação do país, e querem ter cidadãos daquela têmpera, têmpera de soldados.

**XXIX**

1. Turpe est odisse quem laudes; quanto uero turpius ob id aliquem odisse propter quod misericordia dignus est, si captiuus in seruitutem subito depressus reliquias libertatis tenet nec ad sordida ac laboriosa ministeria agilis occurrit, si ex otio piger equum uehiculumque domini cursu non exaequat, si inter cotidiana peruigilia fessum somnus oppressit, si rusticum laborem recusat aut non fortiter obiit a seruitute urbana et feriata translatus ad durum opus!

**XXIX**

1. É vergonhoso odiar a pessoa a quem se deva louvar, ainda mais vergonhoso é odiar alguém por motivos que o tornam digno de compaixão. Um prisioneiro que acaba de sofrer a vergonha da escravidão, preserva os restos de liberdade e não é lícito que assuma tarefas humilhantes e cansativas; um escravo, preguiçoso por descanso, não pode manter-se dentro da carruagem do senhor; um outro, exausto de vários dias de vigília, cai adormecido; recusa-se a trabalhar nos campos, ou não lidar com a devida força, que foi transferido da cidade para a labuta da difícil escravidão!

2. Distinguamus utrum aliquis non possit an nolit: multos absoluemus, si coeperimus ante iudicare quam irasci. Nunc autem primum impetum sequimur, deinde, quamuis uana nos concitauerint, perseueramus, ne uideamur coepisse sine causa, et, quod iniquissimum est, pertinaciores nos facit iniquitas irae; retinemus enim illam et augemus, quasi argumentum sit iuste irascentis grauiter irasci.

2. Diferenciemos aquele que não pode daquele que não quer. Cumprimos muitos se começarmos a dar uma opinião antes de se irritar. Agora, ao invés, seguimos o primeiro impulso, pois os motivos são incompatíveis com as nossas excitações; perseveramos, porque não parece que começamos sem nenhum motivo. Por fim, e aqui está a injustiça mais grave, a pretexto de nossa ira, nos tornamos mais obstinados; se a mantivermos e a alimentamos, como se o estar muito irritado demonstrasse um bom motivo para estar irado.

## XXX

1. Quanto melius est initia ipsa perspicere quam leuia sint, quam innoxia! Quod accidere uides animalibus mutis, idem in homine deprendes: friuolis turbamur et inanibus. Taurum color rubicundus excitat, ad umbram aspis exsurgit, ursos leonesque mappa proritat: omnia quae natura fera ac rabida sunt consternantur ad uana.

XXX

1. É melhor avaliar bem os motivos na sua banalidade, a sua segurança! O que você vê acontecer com os animais irracionais, também verás no homem quando se permite à frivolidade, chateação e ao vazio. O touro se excita pelo vermelho, a cabeça da víbora é alçada, ursos e leões são irritados por um lenço. Tudo aquilo que é feroz e irritadiço por natureza, se aterroriza por nada.

2. Idem inquietis et stolidis ingeniis euenit: rerum suspicione feriuntur, adeo quidem ut interdum iniurias uocent modica beneficia, in quibus frequentissima, certe acerbissima iracundiae materia est. Carissimis enim irascimur quod minora nobis praestiterint quam mente concepimus quamque alii tulerunt, cum utriusque rei paratum remedium sit.

2. Isto acontece igualmente com aqueles que tem o caráter imprudente e inconstante, sentindo-se magoados com a menos suspeita, às vezes ao ponto de chamar de insultos aqueles pequenos benefícios que são frequentes, ou pelo menos mais ásperos, ocasiões de ira. Ficamos irados, de fato, com entes queridos, porque eles nos deram menos do que esperávamos, ou do que deram a outros. Mas, ainda disponhamos de um remédio para ambos os casos.

3. Magis alteri indulsit: nostra nos sine comparatione delectent; numquam erit felix quem torquebit felicior. Minus habeo quam speraui: sed fortasse plus speraui quam debui. Haec pars maxime metuenda est, hinc perniciosissimae irae nascuntur et sanctissima quaeque inuasurae.

3. Ele foi mais que generoso com o outro: satisfaçamos com que poderemos citar, sem confrontar; não será mais feliz quem se deixa atormentar pela felicidade dos outros. Tenho menos do que eu esperava. Esperava mais do que é devido. Esta área é a mais temível, porque nascem aqui as iras mais perniciosas, susceptíveis de afetarem os sentimentos mais sagrados.

4. Diuum Iulium plures amici confecerunt quam inimici, quorum non expleuerat spes inexplebiles. Voluit quidem ille -- neque enim quisquam liberalius uictoria usus est, ex qua nihil sibi uindicauit nisi dispensandi potestatem -- sed quemadmodum sufficere tam inprobis desideriis posset, cum tantum omnes concupiscerent quantum unus poterat?

4. O divino Julius tinha entre seus mortos mais amigos do que inimigos, porque ele não tinha encontrado as aspirações impossíveis. Eu teria gostado também (na verdade ninguém foi mais liberal, depois de uma vitória, da qual não reivindicou para si mais poder do que aquele para dar-se outorgas), mas nunca poderia satisfazer os desejos tão monstruosos, já que todo mundo desejava o inteiro e a única auto outorga.

5. Vidit itaque strictis circa sellam suam gladiis commilitones suos, Cimbrum Tillium, acerrimum paulo ante partium defensorem, aliosque post Pompeium demum Pompeianos. Haec res sua in reges arma conuertit fidissimosque eo conpulit ut de morte eorum cogitarent pro quibus et ante quos mori uotum habuerant.

5. Ele viu então seus companheiros de armas cercarem sua sedia com espadas na mão; viu Tillio Cimbro, até pouco antes de seus outros ardentes partidários, e muitos outros, se tornaram pompeianos ao último momento, quando Pompeu não estava lá mais. É uma paixão que se voltou contra o rei e os seus exércitos, e levou os homens mais confiáveis para planejarem a morte daqueles para quem e diante de quem tinham votado para morrer.

**XXXI**

1. Nulli ad aliena respicienti sua placent: inde dis quoque irascimur quod aliquis nos antecedat, obliti quantum hominum retro sit et paucis inuidentem quantum sequatur a tergo ingentis inuidiae. Tanta tamen inportunitas hominum est ut, quamuis multum acceperint, iniuriae loco sit plus accipere potuisse.

XXXI

1. Ninguém gosta de si, se voltar para olhar os outros. Portanto, se tomarmos também com os deuses, se alguém passa na frente de nós, e nos esquecermos que a multidão para trás e a imensa inveja que temos pelas costas, há pouca coisa para invejar. Mas a ousadia dos homens é tal que, apesar de terem recebido muito, se sentem como ofendidos, porque poderiam receber mais.

2. 'Dedit mihi praeturam, sed consulatum sperauerat; dedit duodecim fasces, sed non fecit ordinarium consulem; a me numerari uoluit annum, sed deest mihi ad sacerdotium; cooptatus in collegium sum, sed cur in unum? consummauit dignitatem meam, sed patrimonio nihil contulit; ea dedit mihi quae debebat alicui dare, de suo nihil protulit.'

2. "Eu recebi a pretura, mas eu estava esperando o consulado; me deu doze pacotes, mas não me consolei com isso; queira que o ano fosse datado com o meu nome, mas eu não tenho um sacerdócio; tenho sido cooptado por uma escola, mas porque somente uma? Foi-me dadas muitas honras, mas não acrescentou nada à minha herança. Deram-me o que tinha que dar a alguém, mas não acrescentou nada".

3. Age potius gratias pro his quae accepisti; reliqua expecta et nondum plenum esse te gaude: inter uoluptates est superesse quod speres. Omnes uicisti: primum esse te in animo amici tui laetare. Multi te uincunt: considera quanto antecedas plures quam sequaris. Quod sit in te uitium maximum quaeris? falsas rationes conficis: data magno aestimas, accepta paruo.

3. Agradeça, no entanto, por aquilo que recebestes. O resto, espera com paciência e seja feliz por não estar satisfeito; entre os prazeres, há também ainda tem algo a esperar. Você ganhou tudo! Alegre-se a ocupar o primeiro lugar na alma do teu amigo. Recebestes muito: considera quanto são mais numerosos aqueles que precedem do que aqueles que seguem. Quer saber qual é o teu maior defeito? Falsifique as contas e dê valor àquilo que doas do que àquilo que recebes.

## XXXII

1. Aliud in alio nos deterreat: quibusdam timeamus irasci, quibusdam uereamur, quibusdam fastidiamus. Magnam rem sine dubio fecerimus, si seruulum infelicem in ergastulum miserimus! Quid properamus uerberare statim, crura protinus frangere? non peribit potestas ista, si differetur.

XXXII

1. De acordo com as pessoas, escolhemos diferentes razões de controlo: com alguns, que não deveriam estar com raiva, com medo, com respeito pelos outros, com os outros para desgosto. Certamente será uma grande empresa para enviar um escravo na prisão que precisamos mal! O que temos que fazê-lo rapidamente chicote imediatamente, deixe imediatamente lhe quebraram as pernas?

2. Sine id tempus ueniat quo ipsi iubeamus: nunc ex imperio irae loquemur; cum illa abierit, tunc uidebimus quanto ista lis aestimanda sit. In hoc enim praecipue fallimur: ad ferrum uenimus, ad capitalia supplicia, et uinculis carcere fame uindicamus rem castigandam flagris leuioribus.

2. Esta possibilidade haverá menos se for repudiada. Deixe que venha o momento que sejamos nós a comandar. Por hora, falamos pelas ordens da ira. Quando esvai-se, vemos, finalmente, quanto vale a contenção. Erramos especialmente nisso, chegando à pena capital, e punimos com correntes, prisão e fome, um fato que deve ser punido apenas com algumas chicotadas.

3. 'Quomodo' inquis 'nos iubes intueri quam omnia per quae laedi uideamur exigua misera puerilia sint!' Ego uero nihil magis suaserim quam sumere ingentem animum et haec propter quae litigamus discurrimus anhelamus uidere quam humilia et abiecta sint, nulli qui altum quiddam aut magnificum cogitat respicienda.

3. "Mas como," diz-me "tu nos dá ordens para observar o quanto somos mesquinhos, miseráveis, infantis, todas as coisas que te parecem ofensivas?". Sim, eu não quero insistir sobre nada mais do que larga visão, ao perceber quanto são vis e desprezíveis essas coisas que nos fazem brigar, correndo ofegante, e que ninguém que tenha qualquer sentimento elevado ou grande, se vire para olhar.

## XXXIII

1. Circa pecuniam plurimum uociferationis est: haec fora defetigat, patres liberosque committit, uenena miscet, gladios tam percussoribus quam legionibus tradit; haec est sanguine nostro dilibuta; propter hanc uxorum maritorumque noctes strepunt litibus et tribunalia magistratuum premit turba, reges saeuiunt rapiuntque et ciuitates longo saeculorum labore constructas euertunt ut aurum argentumque in cinere urbium scrutentur.

## XXXIII

1. O dinheiro é a coisa que te faz chorar mais. Ele cansa os tribunais, faz pais e filhos brigarem, derrama veneno, entrega as espadas para os assassinos e às legiões, é banhado pelo nosso sangue, as noites de maridos e esposas são um barulho de luta, as multidões se pressionam nos assentos dos juízes, os reis, encrudescidos, roubam e destroem a cidade, construída pelo trabalho árduo de gerações para peneirar das cinzas o ouro e prata.

2. Libet intueri fiscos in angulo iacentis: hi sunt propter quos oculi clamore exprimantur, fremitu iudiciorum basilicae resonent, euocati ex longinquis regionibus iudices sedeant iudicaturi utrius iustior auaritia sit.

2. Quer ver os baús de tesouros que estão nos cofres? É para aqueles que choram até que seus olhos saiam das órbitas, que as basílicas ressoam o barulho dos processos e que os juízes, trazidos de regiões mais distantes, sentam-se para decidir de quem é a ganância mais justificada.

3. Quid si ne propter fiscum quidem sed pugnum aeris aut inputatum a seruo denarium senex sine herede moriturus stomacho dirrumpitur? Quid si propter usuram uel milesimam ualetudinarius fenerator distortis pedibus et manibus ad computandum non relictis clamat ac per uadimonia asses suos in ipsis morbi accessionibus uindicat?

3. Quer dizer, se a desavença não é por um baú e nem por um punhado de moeda ou dinheiro contados por um escravo, é por um velho que não deixou herdeiros? E se, por um mísero um por mil de interesse, um usurário paralisado, incapaz com os pés e mãos tortos, chora e reivindica, nos acessos do mal, seus ases, referindo-se aos depósitos?

4. Si totam mihi ex omnibus metallis quae cum maxime deprimimus pecuniam proferas, si in medium proicias quidquid thesauri tegunt, auaritia iterum sub terras referente quae male egesserat, omnem istam congeriem non putem dignam quae frontem uiri boni contrahat. Quanto risu prosequenda sunt quae nobis lacrimas educunt!

4. Se tu me levasse diante de todo dinheiro das minas que sabemos cavar muito profundamente; se tu dispusesse à minha disposição tudo o que está escondido nas tesourarias (os avarentos usam reportar sob o chão aquilo que não poderia sair), eu não considero tudo aquilo capaz de fazer enrugar a testa do homem bom. Com quantas gargalhadas deveremos saudar as coisas que rasgam as lágrimas!

## XXXIV

1. Cedo nunc, persequere cetera, cibos potiones horumque causa paratas in ambitionem munditias, uerba contumeliosa, motus corporum parum honorificos, contumacia iumenta et pigra mancipia, et suspiciones et interpretationes malignas uocis alienae, quibus efficitur ut inter iniurias naturae numeretur sermo homini datus: crede mihi, leuia sunt propter quae non leuiter excandescimus qualiaque pueros in rixam et iurgium concitant.

## XXXIV

1. Agora, passemos em revista outros incentivos para a ira, tais como comer, beber e fazer de conta, para aquelas ocasiões, situação generosa, o requinte e então as palavras ofensivas, os gestos desrespeitosos, os animais relutantes e os escravos preguiçosos e, em seguida, os suspeitos, as interpretações malévolas dos discursos dos outros, em relação com os quais temos de contar dentre os estragos da mãe natureza ter dado a palavra homem. Acredite em mim, eles não ponderam os motivos pelos quais exasperamos, e nem aqueles que excitam as crianças a rirem e a insultarem.

2. Nihil ex iis quae tam tristes agimus serium est, nihil magnum: inde, inquam, uobis ira et insania est, quod exigua magno aestimatis. Auferre hic mihi hereditatem uoluit; hic me diu in spem supremam captato criminatus est; hic scortum meum concupiuit: quod uinculum amoris esse debebat seditionis atque odi causa est, idem uelle.

2. Disso, nós fazemos tantos carrancudos, sendo nada sério, nem importante. A sua ira, te digo, a sua loucura nasce do seu exagerar as coisas a partir do nada. Aquele alí queria levar embora uma herança, aquele outro tem me difamado juntos às pessoas que eu tinha conquistado, tendo em vista o testamento; este foi executado por enamorar minha amada.

3. Iter angustum rixas transeuntium concitat, diffusa et late patens uia ne populos quidem conlidit: ista quae adpetitis, quia exigua sunt nec possunt ad alterum nisi alteri erepta transferri, eadem adfectantibus pugnas et iurgia excitant.

3. E aqui, querendo a mesma coisa, que deveria criar um vínculo de amizade, provoca conflitos e ódio. Uma estrada estreita desperta entre os transeuntes as brigas; uma estrada espaçosa, ampla, aberta não permite que nem mesmo as multidões briguem. As coisas que desejas, porque são de pouco valor e não pode passar de um proprietário para outro, senão por roubo, provocam brigas e discussões entre os seus concorrentes.

## XXXV

1. Respondisse tibi seruum indignaris libertumque et uxorem et clientem: deinde idem de re publica libertatem sublatam quereris quam domi sustulisti. Rursus, si tacuit interrogatus, contumaciam uocas.

XXXV

1. Estais irritado porque teu escravo te respondeu, um liberto teu, tua esposa, teu cliente. Então, você se queixa porque no estado é suprimida a liberdade que você tem em sua casa. Além disso, se a pessoa não responder às tuas perguntas, chama-o de rebelde. Mas falas, ficam em silêncio, riem!

2. Et loquatur et taceat et rideat! 'Coram domino?' inquis. Immo coram patre familiae. Quid clamas? quid uociferaris? quid flagella media cena petis quod serui loquuntur, quod non eodem loco turba contionis est, silentium solitudinis?

2. "O quê? Em frente ao patrão!", Diz-me. De fato, diante do pai de família. Por que choras, gritas, porque, no meio do belo jantar, dás ordens para chicotear os escravos que falam? Talvez porque você não pode ter, no mesmo local, uma multidão e um silêncio do deserto?

3. In hoc habes aures, ut non modulata tantum et mollia et ex dulci tracta compositaque accipiant: et risum audias oportet et fletum, et blanditias et lites, et prospera et tristia, et hominum uoces et fremitus animalium latratusque. Quid miser expauescis ad clamorem serui, ad tinnitum aeris aut ianuae inpulsum? cum tam delicatus fueris, tonitrua audienda sunt.

3. As orelhas não te foram dadas apenas para ouvir música a fim de fazer você se sentir leve e com ares lânguidos, bem compostos e instrumentados. Deves, então, ouvir os risos e as lágrimas, elogios e brigas, boas e más notícias, as vozes de homens, mugidos e latidos de animais. O que te causa medo, miserável, o grito de um escravo, o tilintar de um vaso de bronze, ou bater de uma porta? Se és tão sensível, faz bem ter cuidado com o trovão!

4. Hoc quod de auribus dictum est transfer ad oculos, qui non minus fastidio laborant si male instituti sunt: macula offenduntur et sordibus et argento parum splendido et stagno non ad solum perlucente.

4. Aquilo que eu disse sobre as orelhas, aplique-se aos olhos, que não são menos escrupulosos se foram mal educados. Sofres por uma mancha, pela sujeira, por uma prata mal polida, por uma piscina que não deixa ver o fundo.

5. Hi nempe oculi, qui non ferunt nisi uarium ac recenti cura nitens marmor, qui mensam nisi crebris distinctam uenis, qui nolunt domi nisi auro pretiosiora calcare, aequissimo animo foris et scabras lutosasque semitas spectant et maiorem partem occurrentium squalidam, parietes insularum exesos rimosos inaequales. Quid ergo aliud est quod illos in publico non offendat, domi moueat, quam opinio illic aequa et patiens, domi morosa et querula?

5. E aqueles olhos que não suportam um mármore se não for bem manchado, lustrado e bem fresco, ou uma mesa, se a madeira não tem muitas veias, e em casa, se não aceitam pisos mais caro do que o ouro; fora, olhando em paz estradas irregulares e lamacentas, passando principalmente pelo sujo, muros com isolamentos corroídos, cheios de fendas e saliências. Que outro motivo há para não se sentir perturbado em público e agitado em casa, se não for um critério de avaliação ser equilibrado e paciente fora, e mal-humorado e lunático em casa?

## XXXVI

1. Omnes sensus perducendi sunt ad firmitatem; natura patientes sunt, si animus illos desit corrumpere, qui cotidie ad rationem reddendam uocandus est. Faciebat hoc Sextius, ut consummato die, cum se ad nocturnam quietem recepisset, interrogaret animum suum: 'quod hodie malum tuum sanasti? Cui uitio obstitisti? Qua parte melior es?'

XXXVI

1. Todos os nossos sentidos devem ser dirigidas à firmeza. Por natureza somos pacientes, se a alma guia-los. Todos os dias deve ser convocados para o acerto de contas. Era um hábito de Sestio, ao cair do dia, logo que tinha se retirado para o repouso noturno, interrogava a sua consciência: “De qual mal você se curou hoje? A qual defeito você se opôs? No que você melhorou?”.

2. Desinet ira et moderatior erit quae sciet sibi cotidie ad iudicem esse ueniendum. Quicquam ergo pulchrius hac consuetudine excutiendi totum diem? Qualis ille somnus post recognitionem sui sequitur, quam tranquillus, quam altus ac liber, cum aut laudatus est animus aut admonitus et speculator sui censorque secretus cognouit de moribus suis!

2. A ira cessará, e será o homem mais moderado aquele que sabe apresentar-se à consciência todo dia. Há um costume mais bonito do que esse, examinar um dia inteiro? O sono que segue este exame sobre si mesmo, tanto tranquilo, quanto profundo e livre, depois que a alma foi elogiada ou admoestada e, como observador, e ele próprio censor de si mesmo, concluiu a investigação sobre seus costumes.

3. Vtor hac potestate et cotidie apud me causam dico. Cum sublatum e conspectu lumen est et conticuit uxor moris iam mei conscia, totum diem meum scrutor factaque ac dicta mea remetior; nihil mihi ipse abscondo, nihil transeo. Quare enim quicquam ex erroribus meis timeam, cum possim dicere: 'uide ne istud amplius facias, nunc tibi ignosco.

3. Aproveito-me desta oportunidade, e submeto-me a esse processo todos os dias. Quando apago a lâmpada e minha esposa, que conhece o meu hábito, em silêncio, eu examino o meu dia inteiro e verifico todas as minhas palavras e ações, sem esconder nada, para não esquecer nada. Por que eu deveria ter medo de qualquer um dos meus erros, se assim posso dizer. Isso você sabe que não deve mais fazer.

4. In illa disputatione pugnacius locutus es: noli postea congredi cum imperitis; nolunt discere qui numquam didicerunt. Illum liberius admonuisti quam debebas, itaque non emendasti sed offendisti: de cetero uide, [ne] non tantum an uerum sit quod dicis, sed an ille cui dicitur ueri patiens sit: admoneri bonus gaudet, pessimus quisque rectorem asperrime patitur.

4. Neste momento, eu te perdoo. Naquela discussão você foi muito controverso; aprenda a não lutar mais com os incompetente, eles não querem aprender, porque nunca aprenderam. Você repreendeu a um lá com franqueza excessiva, de modo que não o corrigiu, mas o ofendeu; a partir de agora, não olhe só, se é verdade o que você diz, mas mesmo se a pessoa a quem você fala é capaz de aceitar a verdade. Um bom homem aprecia uma admoestação, mas todos os errantes são extremamente relutantes aos pedagogos.

## XXXVII

1. In conuiuio quorundam te sales et in dolorem tuum iacta uerba tetigerunt: uitare uulgares conuictus memento; solutior est post uinum licentia, quia ne sobriis quidem pudor est.

XXXVII

1. Durante o almoço, você foi tocado pelas sutilezas de algumas palavras jogadas para feri-lo: lembre-se de ficar longe das mesas de pessoas vulgares. Quando bebem, falam com licenciosidade desbocada, mais ainda, há quem não fala francamente, mesmo quando estão sóbrias.

2. Iratum uidisti amicum tuum ostiario causidici alicuius aut diuitis quod intrantem summouerat, et ipse pro illo iratus extremo mancipio fuisti: irasceris ergo catenario cani? et hic, cum multum latrauit, obiecto cibo mansuescit.

2. Você já viu o seu amigo irritado com o zelador de um advogado ou de um homem rico que não o deixou entrar, e você também está irritado com ele, com o último dos escravos. Então, você leva-o com um cão acorrentado? Isso, também, depois de latir muito, se os jatos de comida, você domar.

3. Recede longius et ride! Nunc iste se aliquem putat quod custodit litigatorum turba limen obsessum; nunc ille qui intra iacet felix fortunatusque est et beati hominis iudicat ac potentis indicium difficilem ianuam: nescit durissimum esse ostium carceris. Praesume animo multa tibi esse patienda: numquis se hieme algere miratur, numquis in mari nausiare, in uia concuti? Fortis est animus ad quae praeparatus uenit.

3. Distancie-se e rie! Você está diante de uma pessoa que julga importante porque guarda um portão cercado por uma multidão de briguentos. Dentro, em casa, mente ao outro; feliz e afortunado, ele acredita que é um sinal de riqueza e poder relutar em abrir uma porta, que não sabe que a porta mais difícil de abrir é a da prisão. Tenhas em mente que tem que suportar muitas coisas. Queres saber se, talvez ficará frio no inverno? Para sofrer náuseas viajando por mar e sentir solavancos na estrada? A alma sabe resistir aos males que são preparados para enfrenta-los.

4. Minus honorato loco positus irasci coepisti conuiuatori, uocatori, ipsi qui tibi praeferebatur: demens, quid interest quam lecti premas partem? honestiorem te aut turpiorem potest facere puluinus?

4. Porque te atribuíram um posto menos prestigioso, começas-te a ficar irado com quem tinha oferecido um banquete, com quem tinha feito os convites, com aquele que foi teu favorito. Louco! o que importa em que lado da cama se deita? Um travesseiro pode tornar-te mais honrado ou mais desprezível?

5. Non aequis quendam oculis uidisti, quia de ingenio tuo male locutus est: recipis hanc legem? Ergo te Ennius, quo non delectaris, odisset et Hortensius simultates tibi indiceret et Cicero, si derideres carmina eius, inimicus esset. Vis tu aequo animo pati candidatus suffragia?'

5. Você olhou mal àquele que falou mal de seu talento: aceitar esta lei? Então Ennio, se você não gosta, deve detesta-lo, e Hortênsio declarar-lhe o seu ressentimento, e Cícero retrucar de seus versos, seria seus inimigos. Se você é um candidato, aceita alegremente o resultado da votação.

**XXXVIII**

1. Contumeliam tibi fecit aliquis: numquid maiorem quam Diogeni philosopho Stoico, cui de ira cum maxime disserenti adulescens proteruus inspuit? Tulit hoc ille leniter et sapienter: 'non quidem' inquit 'irascor, sed dubito tamen an oporteat irasci.'

XXXVIII

1. Qualquer um o ofendeu: certamente não é mais grave do que fizeram com o filósofo estoico Diógenes, em que um jovem cuspiu insolente sobre ele, enquanto estava em um discurso fervoroso sobre a ira. Ele suportou o fato com calma e sabiamente disse: “Não irei irritar-me, mas nem sei se seria o caso de ficar irado”.

2. Quanto Cato noster melius! qui, cum agenti causam in frontem mediam quantum poterat adtracta pingui saliua inspuisset Lentulus ille patrum nostrorum memoria factiosus et inpotens, abstersit faciem et 'adfirmabo' inquit 'omnibus, Lentule, falli eos qui te negant os habere.'

2. Quanto melhor se comportou nosso Catone! Ao discutir um processo, de modo que Lentulus, que nossos pais nos recordam como tendencioso e arrogante, pegou muita saliva e cuspiu em sua face. Ele se limpou e disse: “Eu vou declarar na frente de todos, oh Lentulus, que estão errados aqueles que dizem que você não tem boca”.

**XXXIX**

1. Contigit iam nobis, Nouate, bene componere animum: aut non sentit iracundiam aut superior est. Videamus quomodo alienam iram leniamus; nec enim sani esse tantum uolumus, sed sanare.

XXXIX

1. Nós já conseguimos, Novato, dar a compostura correta às nossas almas; ou não adverte a irascibilidade, ou sabe como vence-la. Vamos agora ver como apaziguar a ira dos outros: não só queremos ser saudáveis, mas saber como curar.

2. Primam iram non audebimus oratione mulcere: surda est et amens; dabimus illi spatium. Remedia in remissionibus prosunt; nec oculos tumentis temptamus uim rigentem mouendo incitaturi, nec cetera uitia dum feruent: initia morborum quies curat.

2. Tomaremos a liberdade de palavras para apaziguar a primeira explosão, porque surda e louca, precisaremos dar tempo. Os medicamentos são úteis em períodos de calma. Não tocar os olhos inchados, tentando animar a rigidez com o movimento dele e, até mesmo outras doenças em estado agudo. A doença, em primeiro lugar, se cura com o repouso.

3. 'Quantulum' inquis 'prodest remedium tuum, si sua sponte desinentem iram placat!' Primum, ut citius desinat efficit; deinde custodit, ne reccidat; ipsum quoque impetum, quem non audet lenire, fallet: remouebit omnia ultionis instrumenta, simulabit iram ut tamquam adiutor et doloris comes plus auctoritatis in consiliis habeat, moras nectet et, dum maiorem poenam quaerit, praesentem differet.

3. “É bem pouco útil” diz-me “o seu medicamento. A ira se aplaca quando está esvaindo-se por si”. Primeiro, ele antecipa o fim; em seguida, coloca-o longe da recaída; finalmente, atrairá por engano o primeiro impulso, que não se atreve a placar-se: afastar-se-á de todos os instrumentos de vingança, simulará a ira, por ter maior autoridade em dar conselhos como um assessor que compartilha a dor, inventar referências, fingindo procurar vinganças mais robustas, que irão atrasar o imediato.

4. Omni arte requiem furori dabit: si uehementior erit, aut pudorem illi cui non resistat incutiet aut metum; si infirmior, sermones inferet uel gratos uel nouos et cupiditate cognoscendi auocabit. Medicum aiunt, cum regis filiam curare deberet nec sine ferro posset, dum tumentem mammam leniter fouet, scalpellum spongea tectum induxisse: repugnasset puella remedio palam admoto, eadem, quia non expectauit, dolorem tulit. Quaedam non nisi decepta sanantur.

4. Usará todos os artifícios para dar descanso à fúria. Será muito impetuoso, o infligirá uma vergonha ou medo de não saber o que resistir; se ele vai ser bastante limitado, iniciará conversações prazerosas e novas, e irá distraí-lo com curiosidades. Dizem que um médico, que estava tratando da filha do rei e não poderia fazê-lo sem operá-la, enquanto aplicava um fomento nas ondas da mama, introduziu o bisturi escondido sob uma esponja. A menina seria contra se ele tivesse usado o instrumento a olho nu, mas, como ninguém esperava, ela suportou a dor. Há males que irão curar apenas por engano.

**XL**

1. Alteri dices 'uide ne inimicis iracundia tua uoluptati sit', alteri 'uide ne magnitudo animi tui creditumque apud plerosque robur cadat. [alteri] Indignor mehercules et non inuenio dolendi modum, sed tempus expectandum est; dabit poenas. Serua istud in animo tuo: cum potueris, et pro mora reddes.'

XL

1. A um dirás: “Observa para que a tua irascibilidade não satisfaça teus inimigos”; e outro: “Sê cuidadoso para que não caia a tua paciência e a tua reputação bem conhecida como uma fortaleza. Eu estou com irado também, por Hércules, e eu não posso medir a dor, mas você tem que ter tempo. Serás punidos. Mantenha o teu coração em melancolia: quando for possível, ele retribuirá com interesse”.

2. Castigare uero irascentem et ultro obirasci incitare est: uarie adgredieris blandeque, nisi forte tanta persona eris ut possis iram comminuere, quemadmodum fecit diuus Augustus, cum cenaret apud Vedium Pollionem. Fregerat unus ex seruis eius crustallinum; rapi eum Vedius iussit ne uulgari quidem more periturum: murenis obici iubebatur, quas ingentis in piscina continebat. Quis non hoc illum putaret luxuriae causa facere? saeuitia erat.

2. Mas, repreendendo um irado e com raiva pega-lo pelo peito, isso significa exaspera-lo. Irás abordá-lo de várias maneiras e com doçura, a menos que você não seja um homem de tal prestígio, a fim de poder quebrar a ira, como fez o divino Augusto, um dia que ele jantava na casa Vedio Pollio. Um dos escravos tinha quebrado um copo de cristal. Vedio o prendeu e o enviou a uma morte incomum. Deu ordem para jogá-lo às grandes moreias que detinham no viveiro. Quem teria pensado que ele fez isso por excentricidade? Não, era crueldade.

3. Euasit e manibus puer et confugit ad Caesaris pedes, nihil aliud petiturus quam ut aliter periret, ne esca fieret. Motus est nouitate crudelitatis Caesar et illum quidem mitti, crustallina autem omnia coram se frangi iussit conplerique piscinam.

3. O escravo fugiu daquele que o segurava e refugiou-se aos pés do imperador, não para pedir outro tipo de morte, mas para não ser devorado. O imperador ficou impressionado com a crueldade sem precedentes e ordenou que o escravo foi libertado, e que todas as taças fossem quebradas em sua presença e lançadas no viveiro.

4. Fuit Caesari sic castigandus amicus; bene usus est uiribus suis: 'e conuiuio rapi homines imperas et noui generis poenis lancinari? Si calix tuus fractus est, uiscera hominis distrahentur? Tantum tibi placebis ut ibi aliquem duci iubeas ubi Caesar est?'

4. O imperador tinha que punir, desta forma, o seu amigo, usando seu poder. “Você arrasta um homem para fora de um banquete a fim de tortura-lo com uma nova técnica? Por que quebrou a taça, deverá ser feito em pedaços as entranhas de um homem? Você está tão satisfeito consigo mesmo ao pronunciar uma sentença de morte, onde César está presente”.

5. Sic cui tantum potentiae est ut iram ex superiore loco adgredi possit, male tractet, at talem dumtaxat qualem modo rettuli, feram immanem sanguinariam, quae iam insanabilis est nisi maius aliquid extimuit.

5. É assim que pode maltratar a ira daquele que é poderoso o suficiente para dar ao luxo de atacá-la de cima. Mas, enquanto a ira como a que me referi, feroz, brutal, sangrenta, que já é incurável se não intervir uma ainda mais forte do que ela.

**XLI**

1. Pacem demus animo quam dabit praeceptorum salutarium adsidua meditatio actusque rerum boni et intenta mens ad unius honesti cupiditatem. Conscientiae satis fiat, nil in famam laboremus; sequatur uel mala, dum bene merentis.

XLI

1. Demos paz à nossa alma, aquela paz que vem de longa meditação sobre os ditames saudáveis das boas ações e por uma intenção da alma por único desejo de virtude. Pensemos para satisfazer a nossa consciência sem se preocupar com a fama. Há, talvez, toques ruins, porque merecemos a boa.

2. 'At uulgus animosa miratur et audaces in honore sunt, placidi pro inertibus habentur.' Primo forsitan aspectu; sed simul aequalitas uitae fidem fecit non segnitiem illam animi esse sed pacem, ueneratur illos populus idem colitque.

2. “Mas as pessoas admiram os feitos de bravura e honra o audacioso, os pacíficos julgamos preguiçosos”. À primeira vista, talvez. Mas assim que a coerência de suas vidas tem fé de que aquilo não é preguiça de espírito, mas a paz, que mesmo aquelas pessoas as respeitam, honra-os.

3. Nihil ergo habet in se utile taeter iste et hostilis adfectus, at omnia ex contrario mala, ferrum et ignes. Pudore calcato caedibus inquinauit manus, membra liberorum dispersit, nihil uacuum reliquit a scelere, non gloriae memor, non infamiae metuens, inemendabilis cum ex ira in odium occalluit.

3. Não leva, então, consigo, nada de útil, esta paixão cruel e hostil, mas leva todos os males, a espada e o fogo. Atropelando toda restrição, contamina as mãos pelos massacres, dissipa os membros dos filhos, não deixa nada livre de crime e, sem lembrar a glória, sem medo de infâmia, torna-se incorrigível quando, a ira, foi endurecida em ódio.

**XLII**

1. Careamus hoc malo purgemusque mentem et exstirpemus radicitus quae quamuis tenuia undecumque haeserint renascentur, et iram non temperemus sed ex toto remoueamus -- quod enim malae rei temperamentum est? Poterimus autem, adnitamur modo.

XLII

1. Estamos longe deste mal, limpemos a alma e removamos as raízes desses rebentos que, fina como estão, irão criar raízes onde quer que encontre terreno, e a ira, não modera-la, mas distancia-la de tudo: como pode haver, de fato, um ajuste certo em uma coisa tão ruim?

2. Nec ulla res magis proderit quam cogitatio mortalitatis. Sibi quisque atque alteri dicat: 'quid iuuat tamquam in aeternum genitos iras indicere et breuissimam aetatem dissipare? Quid iuuat dies quos in uoluptatem honestam inpendere licet in dolorem alicuius tormentumque transferre? Non capiunt res istae iacturam nec tempus uacat perdere.

2. Nós vamos conseguir, se fizermos um esforço. Não existe subsídio mais útil do que refletir sobre a nossa condição mortal. Todos digam para si mesmo e para os outros: “ A que serve declarar a nossa ira, como se fossemos nascidos para a eternidade, e estragar uma vida tão breve? A que serve transferir a dor dos outros e tormento daqueles dias que poderemos tomar com prazeres honestos? Estas atividades não suportam perdas, e não tem tempo a perder.

3. Quid ruimus in pugnam? Quid certamina nobis arcessimus? Quid inbecillitatis obliti ingentia odia suscipimus et ad frangendum fragiles consurgimus? Iam istas inimicitias quas inplacabili gerimus animo febris aut aliquod aliud malum corporis uetabit geri; iam par acerrimum media mors dirimet.

3. Por que ter pressa para a batalha? Por que nós estamos indo olhar as lutas? Por que esquecemos de nossas fraquezas, reunimos grandes inimizades e estamos frágeis, fracos? Em breve, uma febre ou alguma doença irá nos impedir de levar a termo estas inimizades implacáveis que abrigamos. Logo, a morte irá colocá-la no meio, separando os dois oponentes.

4. Quid tumultuamur et uitam seditiosi conturbamus? stat supra caput fatum et pereuntis dies inputat propiusque ac propius accedit; istud tempus quod alienae destinas morti fortasse circa tuam est.

4. Por qual motivo fazer tumultos e perturbar a vida com sedições? O destino que paira sobre a nossa cabeça só mantém o controle dos dias que passam, e está cada vez mais perto, e muito mais. Esse tempo que você designa para a morte de outros, talvez coincide com a sua própria.

**XLIII**

1. Quin potius uitam breuem colligis placidamque et tibi et ceteris praestas? Quin potius amabilem te dum uiuis omnibus, desiderabilem cum excesseris reddis? Quid illum nimis ex alto tecum agentem detrahere cupis? Quid illum oblatrantem tibi, humilem quidem et contemptum sed superioribus acidum ac molestum, exterere uiribus tuis temptas? Quid seruo, quid domino, quid regi, quid clienti tuo irasceris? Sustine paulum: uenit ecce mors quae uos pares faciat.

XLIII

1. Por que não repensar sobre sua vida bastante curta, e não a projetar pacífica
para você e para todos os outros? Por que, em vez disso, não se rende ao amor para com todos, ao invés de viver de remorso, quando você partirá? Por que você quer derrubar o homem que vem a você de cima também? Por que você quer acabar com a sua força o outro que brada contra, vil e desprezível, mas ácido e irritante para aqueles acima? Por que te irritas com o teu escravo, teu mestre, teu patrão, o teu cliente? Tenha um pouco de paciência, e eis que a morte virá e colocar-te-á em condição de igualdade.

2. Videre solemus inter matutina harenae spectacula tauri et ursi pugnam inter se conligatorum, quos, cum alter alterum uexarunt, suus confector expectat: idem facimus, aliquem nobiscum adligatum lacessimus, cum uicto uictorique finis et quidem maturus immineat. Quieti potius pacatique quantulumcumque superest exigamus; nulli cadauer nostrum iaceat inuisum.

2. Entre os espetáculos matinais da arena, geralmente vemos a luta de um urso e um touro, amarrados juntos. Quando estão atormentados, eles esperam o abatimento. Nós fazemos o mesmo, atacamos aquele que está relacionado a nós e, enquanto isso, paira sobre a cabeça do vencedor e do vencido o fim, e bem próxima. Transcorramos em tranquilidade e paz nesse curto tempo que nos resta! Que o nosso cadáver não seja detestado por ninguém!

3. Saepe rixam conclamatum in uicinia incendium soluit et interuentus ferae latronem uiatoremque diducit: conluctari cum minoribus malis non uacat, ubi metus maior apparuit. Quid nobis cum dimicatione et insidiis? Numquid amplius isti cui irasceris quam mortem optas? etiam te quiescente morietur. Perdis operam, si facere uis quod futurum est.

3. Às vezes, uma luta é dissolvida porque nas proximidades foi ouvido o gritar fogo. A ocorrência de uma besta separou o viajante do ladrão. Não há tempo para lutar com os males menores quando sugere uma preocupação mais grave. E nós, o que temos a ver com a luta e as emboscadas? A pessoa com quem você está irada, tens, talvez, mais desejos de morte? Mesmo se você ainda ficar, ele vai morrer. É trabalho em vão o que você quer que aconteça.

4. "Nolo" inquis "utique occidere, sed exilio, sed ignominia, sed damno adficere." Magis ignosco ei qui uulnus inimici quam qui pusulam concupiscit; hic enim non tantum mali animi est sed pusilli. Siue de ultimis suppliciis cogitas siue de leuioribus, quantulum est temporis quo aut ille poena sua torqueatur aut tu malum gaudium ex aliena percipias!

4. “Eu não quero” diz-me “matá-lo, mas infligir exílio, a desgraça, um dano”. São mais dispostos a perdoar aqueles que desejam um dano ao seu inimigo, do que aqueles que desejavam uma pústula. Este último não é apenas  mal, mas também covarde. O que você acha que é punição menos severa ou extrema, como curto é o tempo em que será atormentado por sua punição, mas você vai experimentar a alegria da dor amarga dos outros! Nós já estamos exalando respiro!

5. Iam istum spiritum expuemus. Interim, dum trahimus, dum inter homines sumus, colamus humanitatem; non timori cuiquam, non periculo simus; detrimenta iniurias, conuicia uellicationes contemnamus et magno animo breuia feramus incommoda: dum respicimus, quod aiunt, uersamusque nos, iam mortalitas aderit.'

5. Mas, por ora, enquanto permanecermos dentre os homens, somos humanos. Não somos o objeto do medo, uma fonte de perigo para qualquer um! Desprezemos danos, lesões, insultos, provocações, e suportemos, com magnanimidade essas breves inconveniências. Ao olhar para trás, dizem, e voltarmos, a nossa morte chega.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


ARISTÓTELES, *Ética a Nicômacos*, 2ª Edição. Tradução de Mário da Gama Cury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Mari Helena Pires. Filosofando: Introdução à Filosofia. Sao Paulo: Moderna, 4ª Ed., 2009.

AULO GELLIO, *Notti attiche*. Seconda edizione. Introduzione di Cesare Marco Calcante. Traduzione e note di Luigi Rusca. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1994.

AYMARD, A., & AUBOYER, J. *História geral das civilizações: Roma e seu império.* Tradução de Pedro Moacyr Campos. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1994.

BARRETT, A.A., Agrippina, sister of Caligula, wife of Claudius, mother of Nero. London: B. T. Batsford Ltd., 1996.

BOVIS, A., *La sagesse de Sénèque*. Paris: Aubier, 1948.

BRÉHIER, E., *Chrysippe & l'ancien Stoïcisme.* Paris: PUF, 1971.

_____ *Historia de la Filosofia.* 4ª edição. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1956.

_____ La théorie des incorporels dans l'ancien Stoïcisme. Paris: VRIN, 1989.

_____ *Les stoïciens.* Textes traduits par Émile Bréhier, édités sous la direction de Pierre-Maxime Schuhl. Paris: Gallimard, 1990.

BRUN, J., *O estoicismo*. Lisboa: Edições 70, 1986.

BRYANT, J.M., *Moral codes and social structure in ancient Greece.* Albany: State University of New York Press, 1996.

BURNET, J., *O despertar da filosofia grega.* São Paulo: Editora Siciliano, 1994.

CHÂTELET, F., *História da Filosofia.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

CHERVEL, André; COMPÈRE, Marie-Madeleine. As humanidades no ensino. Educação e Pesquisa. FE/USP, São Paulo, v. 25, n. 2, jul.-dez., 1999.

CICÉRON, M.T., *Traité du destin*. Texte établi et traduit par Albert Yon. Paris: Les Belles Lettres, 1991.

CICERONE, M.T. *I doveri*. Con un saggio introduttivo e note di Emanuele Narducci; traduzione di Anna Resta Barrile. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1995.

_____ *Sulla natura degli dei.* A cura di Ubaldo Pizzani. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1997.

CLARKE, M.L., The Roman mind: studies in the history of thought from Cicero to Marcus Aurelius. New York: W.W. Norton & Company, sem data.

CORTE, F.D., *Disegno storico della letteratura latina*. Torino: Loescher Editore, 1984.

DARAKI, M. *Une religiosité sans Dieu.* Essai sur ler stoïciens d'Athènes et saint Augustin. Paris: Éditions La Découverte, 1989.

DIÔGENES LAÊRTIOS, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres.* Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Cury. Brasília: Editora UnB, 1988.

DU VAIR, G., *De la sainte philosophie; philosophie morale des stoïques.* Édition annotée par G. Michaut. Paris: VRIN, 1946.

DUHOT, J-J. La conception stoïcienne de la causalité. Paris: VRIN, 1989.

FILLION-LAHILLE, J. Le De ira de Séneque et La philosophie stoicienne des passions. Paris: Librairie des Méridiens, 1984.

GAFFIOT, F., *Dictionaire Latin-Français.* Paris: Hachette, sem data

GAZOLLA, Rachel. *O ofício do filósofo estóico*. O duplo registro da *Stoa.* São Paulo: Loyola, 1999.

GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Objetiva, 5º Ed, 1996.

GOLDSCHMIDT, V., Le système stoïcien et l'idée de temps, Paris, VRIN, 1989.

GRAVER, Margaret R. *Stoicism and emotion.* Chicago & London: The University of Chicago Press, 2007.

GRIFFIN, M.; BARNES, J., *Philosophia togata I.* Oxford: Clarendon Press, 1997.

GRIFFIN, M., *Seneca, a philosopher in politics*. Oxford: Clarendon Press, 1992.

GRIMAL, P. *Sénèque*, Paris, PUF, 1994.

GRIMAL. P. Sénèque. Sa vie, son oeuvre avec um exposé de sa philosophie. Paris: PUF, 1966.

GRISÉ, Y., *Le Suicide dans la Rome Antique.* Paris: Les Belles Lettres, 1982.

HADOT, P. O que é a filosofia antiga? São Paulo: Edições Loyolas, 1999.

INWOOD, B. The Cambridge companion to the stoics. Traduçao Paul Fiker. Sao Paulo: Odysseus, 2006

KIDD, I. G. et alii. *Aspects de la philosophie hellénistique.* Entretiens preparés et présidés par Hellmut Flashar et Olof Gigon. Genève: Vandœuvres, 1985.

LIDDELL, H.G. and SCOTT, R., *Dizionario illustrato Greco-Italiano*. A cura di Q. Cataudela et alii. Firenze: Le Mounier, 1989.

LONG, A.A. & SEDLEY, D.N., *The hellenistic philosophers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, 2 volumes.

LONG, A.A. et alii, *Problems in Stoicism*. London and Atlantic Highlands: The Athlone Press, 1996.

KOHAN, Walter Omar. Filosofia: caminhos para seu ensino.Sao Paulo: DP&A Editora, 2004.

MARCO AURELIO. *Pensieri.* A cura di Maristella Ceva. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1997.

MAURACH, G., *Seneca, Leben und Werk.* Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1991.

MELLO, Guiomar N. de. Diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio: parecer. Brasília: MEC/CNE, 1998.

MOTTO, A. N.; CLARK, J.R. *Essays on Seneca.* Frankfurt: Peter Lang, 1993.

OLIVEIRA, L. Sêneca, uma vida dedicada a filosofia . São Paulo: Paulus, 2010.

PARATORE, E. *História da literatura latina.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PENA, M, *Le Stoïcisme et l'empire romain. Historicité et permanences*. Aix-en-Provence: Presses Universitaires d'Aix-Marseille, 1990.

PERELLI, L., *Storia della letteratura latina,* Torino, Paravia, 1991.

PETERS, F. E. *Termos Filosóficos Gregos.* Um Léxico Histórico. 2ª edição Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PRICE, A.W. *Mental conflict.* London and New York: Routledge, 1995.

POHLENZ, M. La Stoa. Milano: Bompiano, 2005.

PORTA, Mario Ariel González. A filosofia a partir de seus problemas. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE SAO PAULO: Filosofia/ coord. Maria Inês Fini.- Sao Paulo: SEE, 2008

REALE, G. *História da filosofia antiga.* Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1994, volume III.

REYDAMS-SCHILS, Gretchen. *The Roman Stoics.* Self, responsibility and affections. Chicago & London: The University of Chicago Press, 2005.

REYES, A. *La filosofia hellenistica*. México, D.F.: Editora Fondo De Cultura Económica, 1978.

ROBIN, L. *La morale antique.* Paris: PUF, 1963.

ROSTOVTZEFF, M. *História de Roma.* Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1983.

SAMBURSKY, S. *Physics of the Stoics.* Princeton: Princeton University Press, 1987.

SAUNDERS, J.L. *Greek and Roman philosophy after Aristotle.* New York: The Free Press, 1996.

SÊNECA, L. A. *Sobre a Tranquilidade da Alma; Sobre o Ócio.* Tradução, notas e apresentação de José Rodrigues Seabra Filho. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

_____ Consolação a minha mãe Hélvia; da Tranquilidade da Alma; Medéia, estudo introdutivo e tradução de G. D. Leoni. São Paulo: Atena Editora, 1955.

_____ *Sobre a Brevidade da Vida.* Tradução, notas e introdução de William Li. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

SENECA, L. A. *Ad Lucilium epistulae morales.* With an English translation by Richard M. Gummere. London: Harvard University Press, 1989 (volume I), 1996 (volume II) e 1989 (volume III).

_____ *Cartas morales a Lucilio.* Introducción de Eduardo Sierra Valentí. Traducción y notas de Jaime Bofill Y Ferro. Barcelona: Editorial Planeta, 1985.

_____ *Moral Essays*. With an English translation by John W. Basore. London, Harvard University Press, 1994 (volume I), 1990 (volume II) e 1989 (volume III).

_____ *Naturales Quaestiones*. With an English translation by Thomas H. Corcoran. London: Harvard University Press, 1971 (volume I) e 1989 (volume II).

_____ *Moral and Political Essays.* Edited and translated by John M. Cooper and J. F. Procopé. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

SÉNÈQUE, L.A. *Entretiens; Lettres a Lucilius.* Édition établie par Paul Veyne. Paris: Robert Lafont, 1993.

SHARPLES, R. W. *Stoics, Epicureans and Sceptics*. An introduction to Hellenistic philosophy. New York: Routledge, 1996.

STRYKER, G. *Essays on Hellenistic Epistemology and Ethics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

SUÉTONE. *Vie des Douze Césars.* Texte établi et traduit par Henri Ailloud. Paris: Les Belles Lettres, 1989.

STOICI ANTICHI. *Tutti I frammenti.* Secondo la raccolta di Hans von Arnim. Introduzione, traduzione, note e apparati a cura di Roberto Radice. Presentazione di Giovanni Reale. Testo greco e latino a fronte. Milano: Rusconi, 1999.

TACITO. *Tutte le opere.* Firenze: Sansoni Editore, 1988.

TATAKIS, B. N. *Panétius de Rhodes.* Paris: VRIN, 1931.

VERNANT, J. P. Mito e Pensamento entre os Gregos. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

VOELKE, A-J. L'idée de volonté dans le Stoïcisme, Paris: PUF, 1973.

WERNER, C. *La philosophie grecque.* Paris: Payot, 1972.

WINDELBAND, W.et alii, *História do pensamento filosófico.* Texto revisto, refundido e atualizado por V. de Magalhães Vilhena. Lisboa: Cosmos, 1960.

ZELLER, E. *Outlines of the History of Greek Philosophy.* New York: Dover Publications Inc., 1980.